EPITOME

DA

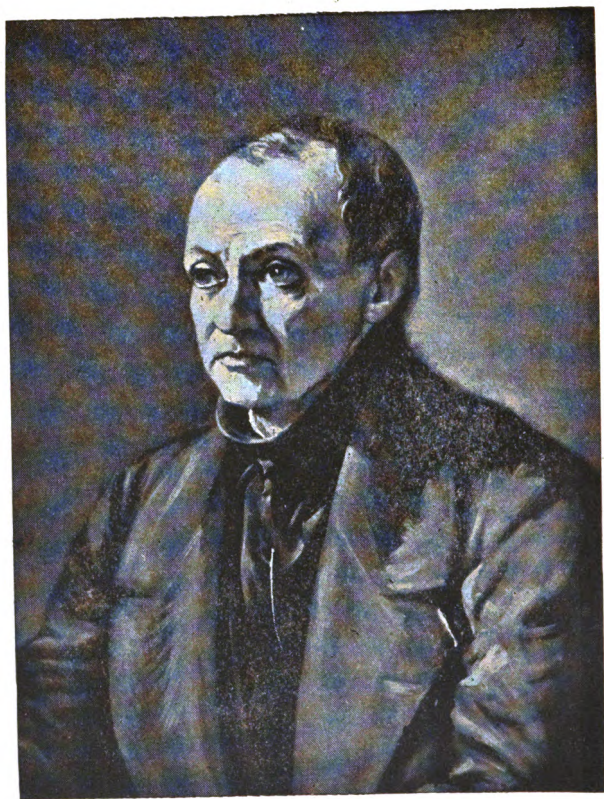
VIDA E DOS ESCRITOS

DE

Augusto Comte

AVIZO

Sobre a ortografia uzada em nossos impressos veja-se o nosso folheto: *Simplificações ortograficas.*

Por motivos sistematicos, explicados nas notas de nossa tradução do *Catecismo Poxitivista* de Augusto Comte, substituimos sempre as denominações uzadas dos cinco primeiros dias da semana pelos seguintes : Lunedia, Martedia, Mercuridia, Jovedia, Venerdia.

L'homme devient de plus en plus religieux.
Auguste Comte.

N. 179
APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver para outrem. *Viver ás claras*

J.^{oseph} LONCHAMPT

EPITOME
DA
VIDA E DOS ESCRITOS
DE
AUGUSTO COMTE

TRADUZIDO E ANOTADO POR MIGUEL LEMOS

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, Rua Benjamin Constant, 30
MAIO DE 1898
ANO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA

Preço: 5.000 rs.

PUBLICAÇÃO COMEMORATIVA

DO

PRIMEIRO CENTENARIO DO NACIMENTO

DE

AUGUSTO COMTE

---

19 DE JANEIRO DE 1898

Advertencia do tradutor

A historia da vida do Fundador do pozitivismo está ainda por fazer, apezar do muito que já se tem publicado sobre tão sublime assunto, tanto por dicipulos como por adversarios. Não queremos com isto diminuir o merito de alguns desses trabalhos, principalmente do mais completo e satisfatorio de todos eles, devido á pena do Dr. Robinet. Mas é incontestavel que tais estudos ainda deixão muito a dezejar, quer pelo lado dos pormenores dessa vida incomparavel, quer pelo ponto de vista normal das apreciações. E esta deficiencia torna-se sobretudo mais saliente em relação a certos epizodios dessa existencia ecepcional, que ainda carecem das luzes definitivas que só podem ser ahi projetadas por um historiador, não só minuciozamente informado de tudo, mas completamente compenetrado, intelectual e sentimentalmente, do espirito do nosso Mestre.

Enquanto não aparece esse trabalho definitivo, publicamos hoje a tradução do facil e atrahente rezumo escrito por Jozé Lonchampt, um dos mais simpaticos dicipulos de Augusto Comte.

Preferimo-lo ao livro do Dr. Robinet, porque á brevidade da narrativa reune uma indole mais singela,

na fórma e no fundo, que o torna mais accessivel á generalidade dos espiritos.

Completamos a narrativa do autor ajuntando algumas notas que nos parecêrão uteis para precizar, retificar, ou particularizar mais as impressões que rezultão da leitura do livro. Ter-se-á assim um esboço geral, abreviado mas carateristico da vida sempar do nosso Fundador.

Havia muitos anos que possuiamos desta obra uma copia do nosso punho, feita em Paris, pelo manuscrito do autor, que a isso acedeu graciozamente. A obra ainda estava inedita, pois só viu a luz, na Revue Occidentale, *durante o ano de 1889, após a morte de Jozé Lonchampt. Seguimos de preferencia, em nossa tradução, o texto publicado nessa revista, por supormos que ele teria sido revisto pelo autor, mas em nossas notas indicamos as principais variantes que oferece a copia manuscrita que possuimos.*

Dadas estas explicações só nos resta solicitar do leitor competente a devida indulgencia para uma versão realizada um pouco apressadamente, e para a redação das notas, onde essa escassez de tempo deve-se tornar patente no descuido do estilo e no dezalinho da fraze.

Pelo Apostolado Pozitivista do Brazil,

MIGUEL LEMOS, Diretor

Templo da Humanidade do Rio de Janeiro, 13 de Cezar de 110 (6 de Maio de 1898)

PRIMEIRA PARTE

Caza onde naceu Augusto Comte.

CAPITULO PRIMEIRO

I

> Parvulus natus est nobis... Cantate canticum novum, quia mirabilia fecit.

Comte (Izidoro - Augusto - Maria - Francisco Xavier) naceu em Montpellier, cidade do sul da França, a 19 de Janeiro de 1798, numa caza que ainda hoje vê-se em frente á igreja de Santa Eulalia: era o filho mais velho de Luiz Comte, tezoureiro na recebedoria geral do departamento do Herault, e de Rozalia Boyer cuja familia produziu alguns medicos distintos. É esta a unica herança intelectual que nos seja dado exhumar; ela basta, porem, para confirmar a grande lei da hereditariedade mental, pela qual um homem superior procede de antepassados que já se fizerão notar pelas mesmas faculdades que ele. Assim, nesta familia, como, em geral, em todas as outras familias de elite, o merito precedeu e preparou o genio.

O pai e a mãi do joven Comte erão catolicos e

sinceramente partidarios da realeza legitimista: por isso, é a uma influencia extranha que cumpre referir a emancipação precoce e o entuziasmo republicano que caraterizárão os primeiros anos da sua adolecencia.

O joven Comte, que então uzava o prenome de Izidoro, foi colocado, desde a idade de nove anos, como aluno interno no Liceu da sua cidade natal. Longe da sua mãi, separado do seu irmão e irman, foi dominado pelo orgulho desde os seus primeiros triunfos. Era muito venerador dos seus professores, docil e laboriozo; mas, por outro lado, com os diretores e superintendentes dos estudos era ele implicante, discutidor, indiciplinado. Enfim, bem cedo ele adquiriu todos os habitos viciozos dos claustros universitarios. A unica vantagem que ele tirou desse deploravel regimen foi dezenvolver, de um modo prodigiozo, a energia natural do seu carater. Suportava os numerozos e severos castigos que as suas revoltas lhe acarretavão, com essa coragem e essa firmeza que ele havia de aplicar nas grandes lutas da sua vida. Cumpre-nos recordar, a este propozito, a atitude impassivel que ele soube guardar, durante a longa e doloroza operação a que o submeteu o cirurgião Delpech para extirpar-lhe um tumor no pescoço. O joven Comte não quiz que o amarrassem nem que lhe segurassem as mãos; suportou com a firmeza de um estoico esta rude prova, sem fazer um movimento, sem soltar um gemido.

As frias homenagens que os voltairianos da Universidade rendião ao Catolicismo, para obedecerem a Bonaparte, indignárão a alma candida do joven aluno; começou ele a dizer em voz alta o que os seus mestres pensavão baixinho; longe de dissimular o desprezo que lhe inspirava esta hipocrizia, ostentava a mais audacioza impiedade, recuzando-se obstinadamente a tomar parte em qualquer ceremonia do culto. Alem disso, já ele julgava sem rezervas esse imperador, cujo olhar bastava para fazer tremer toda a França; e ouzou, até, em plena aula, fazer votos pelo bom exitc da defeza heroica do povo espanhol e pela expulsão dos Francezes.

O joven Comte mostrou nos seus primeiros estudos uma facilidade extraordinaria e uma rara aplicação. Os seus condicipulos narrão ainda as maravilhas da sua portentoza memoria : podia repetir centenas de versos após uma só audição, e recitar de traz para diante todas as palavras de uma pagina lida uma unica vez. No fim de cada ano, conquistava todos os premios; com quatorze anos e meio, terminara ele as suas classes : o diretor do Liceu solicitou e obteve do seu pai autorização para fazer-lhe começar o estudo das siencias. Mas, fossem quais fossem as suas dispozições naturais, deve-se atribuir em parte a sua precocidade sientifica ás lições do pastor protestante Encontre, seu professor de matematica no Liceu de Montpellier. Este homem, tão eminente quanto

modesto, descobriu e cultivou no seu aluno essa faculdade precoce de abstrahir e de coordenar, que um dia lhe havia de conquistar um lugar entre os mais ilustres pensadores. Sob esta direção, o joven Comte provocou a admiração, em pouco tempo, dos seus condicipulos e mestres; substituiu Daniel Encontre em sua cadeira, durante a longa molestia a que este devia sucumbir tão cedo. No fim do ano escolar 1813-1814, foi ele admitido, antes de ter completado 17 anos, na Escola Politecnica, tendo obtido o primeiro lugar na lista do examinador para o centro e o sul da França.

Quando o joven Comte partiu da sua cidade natal, um só sentimento enchia-lhe o coração: a alegria de um primeiro triunfo, o ardente dezejo de conquistar outros em Paris. Foi sómente ao declinar da sua vida que ele consagrou a esses primeiros anos da sua juventude recordações e lagrimas. Essa boa mãi, de quem fôra separado tão criança, e cuja ternura ele não havia assás apreciado, estava destinada a reviver em sua memoria e a retomar sobre a alma do Pensador a sua doce e salutar influencia; o pastor Encontre devia crecer aos seus olhos, no confronto com as celebridades do dia; e foi a ele que dedicou o seu ultimo escrito; enfim, todos os dias da sua triste infancia, votada a estudos precoces, e privada das alegrias do lar, e, até o sol do Meio-dia devião mais tarde despertar-lhe as mais tocantes saudades.

II

Paris! não ha no mundo cidade onde haja mais cortezia e mais gente amavel.

BOCCACIO.

Outubro de 1814 viu chegar o joven Comte a Paris para entrar na Escola Politecnica. Este celebre estabelecimento, fundado pela Convenção Nacional, já estava no morro de Santa Genoveva, não longe do Panteon, nos edificios de um antigo mosteiro. O joven Comte ahi se aperfeiçoou nas siencias matematica e fizica, sob os professores mais distintos, nomeadamente sob o geometra Poinsot. Mas a sua tão facil comprehensão deixava-lhe grandes lazeres: por isso lia ele muito, e era já a politica que fixava a sua atenção. A sua meza de estudo achava-se atopetada de copias anotadas das constituições republicanas da França e dos Estados-Unidos da America, dos discursos e manifestos dos homens da Revolução. Posto que o mais moço pela idade e pelas aparencias de uma natureza infantil e doentia, o joven Comte passava entre os seus condicipulos por ter já a razão e a madureza de um homem: os seus camaradas apelidavão-no o filozofo, e era geralmente considerado por eles, e do mesmo modo pelos professores, como uma natureza ecepcional.

Nesse tempo, a Escola Politecnica conservava

ainda o espirito revolucionario dos seus fundadores, apezar do regimen militar a que Bonaparte a havia submetido. Os alunos transmitião-se, de turma em turma, o amor da liberdade e o odio do velho mundo. O joven Comte salientou-se entre todos pelo seu exaltamento republicano. Era admirador apaixonado da nossa grande Convenção Nacional: fôra ela que abolira a realeza, derradeira instituição do antigo regimen; demais, ela suprimira legalmente a religião de Estado, inaugurando assim a liberdade dos cultos; ela dissolvera as corporações oficiais de sientistas e legistas, para fundar a liberdade de ensino; a ela, enfim, cabia a gloria dessa bela defeza nacional, a mais justa e sublime da Historia.

Quanto mais o joven Comte estudava essa memoravel epoca, mais ele comprehendia as lembranças indeleveis e as profundas saudades que ela deixou nos corações. É que a grande assembléia republicana levantava o povo sem o corromper: dava-lhe uma justa consiencia da sua importancia, mostrando-lhe a Europa atenta e ofegante, com os olhares fixos nele; mas, ao mesmo tempo, ela o purificava pela fraternidade universal, unico e constante movel da Revolução. A sociedade dos Jacobinos agremiava todos os patriotas: na aldeia mais distante, tinha ela uma tribuna; foi assim que ela organizou essa formidavel opinião publica, que, sem pretender ao governo direto da Republica, pezava poderozamente sobre as

suas decizões; era o esboço revolucionario da separação entre o poder espiritual e a autoridade temporal. Mas foi ahi sobretudo que faltou a doutrina; aqueles que só devião guiar pelos seus conselhos quizerão mandar; e, como sempre acontece quando as opiniões são indemonstraveis, para mandar foi necessario oprimir todos os oponentes e suprimir todos os obstaculos. Dahi esses desvarios inevitaveis que merecem a mais severa reprovação, sem diminuirem todavia a admiração pelos grandes rezultados para sempre conquistados por essa geração ecepcional.

A personalidade de Danton rezumia para o joven Comte essa epoca de gigantes. Desprezando as calunias vulgares sobre a pretendida venalidade desse grande homem, reconheceu nele uma natureza admiravel e a estofa de um verdadeiro estadista. Emancipado das pequenices da vaidade, Danton desdenhava as maledicencias e as arremetidas dos invejozos; ele as desprezou demaziado, pois que elas o conduzírão ao cadafalso e empanárão a sua memoria durante a primeira metade deste seculo. Fóra, porem, da esfera estreita das discussões parlamentares, onde a sua poderoza individualidade se eclipsa ante oradores sem idéias e sem coração, ele aparece como o criador e o inspirador do «governo revolucionario». Foi sob a sua influencia que, adiando respeitozamente até o restabelecimento da paz uma van constituição, a assembléia ditatorial concentrou todos os poderes numa

junta diretora; foi o trovão da sua eloquencia que fez brotar das entranhas da França um povo em armas; foi a sua audacia que salvou a Patria em perigo. A esta grande figura, o joven Comte reunia em sua admiração a Carnot, Cambon, Hoche, e todos esses filhos da burguezia septica do XVIII seculo, que no entanto sabião tão nobremente combater e morrer pela França. Reprovava, porem, a Robespierre, por cauza da sua ambição sanguinaria mascarada sob as exterioridades da virtude; exprobrava-lhe a sua covardia, as suas perpetuas calunias, o assassinato de Danton e o morticinio politico de todos os seus adversarios; e enfim essa festa do Ser Supremo, primeiro passo da retrogradação teologica, que devia fazer voltar de novo as gerações seguintes, do deismo de J. J. Rousseau á inteira restauração do catolicismo oficial.

Quanto ao juizo que havia formado sobre Bonaparte, achava-se ele de conformidade com o que emitião então os escritores distintos da epoca. Mas este juizo difere tanto das opiniões de encomenda, da legenda editada pela opozição, nos ultimos anos da Restauração, que não será inutil reproduzi-lo aqui.

O joven Comte odiava o imperador, e não participava de modo algum, quanto á sua inteligencia, do entuziasmo de que os proprios inimigos não se tinhão podido libertar. Reconhecia, nesse homem

extraordinario, uma atividade prodigioza, uma vontade rapida como o relampago, origem dos seus sucessos militares; alem disso a ambição indispensavel para mandar os outros e uma imensa dispozição para o charlatanismo, tão util aos que vizão triunfos imediatos e os aplauzos da multidão.

Mas ele deplorava amargamente a fatalidade que entregou a França nas mãos de um estrangeiro, oriundo de uma população supersticioza e atrazada, e, demais, afastada por natureza e por tradição, das nobres aspirações da nossa grande Revolução. Ah! já não existião os Westermann, os Marceau, os Hoche, os Joubert, os Kleber, os Championnet e tantos outros, nos quais o ardor republicano igualava o talento e a coragem!

O joven aluno da Escola Politecnica não era entretanto injusto com Bonaparte. É assim que não lhe exprobrava nem as campanhas de Italia e do Egito, cujo brilho contribuiu tão deploravelmente para fazer degenerar a nossa admiravel defeza nacional em uma sangrenta orgia, nem mesmo o 18 Brumario que as necessidades irrezistiveis da ordem havião tornado inevitavel. Sobre o Diretorio fazia ele cahir a responsabilidade destas duas faltas.

Mas ele acuzava Bonaparte, chegado ao poder supremo, de ter-se mostrado absolutamente destituido de capacidade politica, desconhecendo a sua epoca. A nossa grande Revolução inspirava ao novo impera-

dor a mesma aversão que aos espiritos vulgares, porque, como estes, ele não via nela sinão a impotencia para construir, sem perceber as suas tendencias para uma regeneração social. A sua alma não era assás elevada para conceber um futuro sem Deus nem Rei ; o medo do castigo ou o engodo das recompensas lhe parecião tão necessarios em moral como em politica. Pôz-se, pois, a sonhar a restauração do Imperio de Carlos-Magno, sem mesmo poder perceber as condições dele ; porquanto nunca ele comprehendeu a separação necessaria entre o poder espiritual e a autoridade temporal, que o neto de Carlos Martel presentira tão claramente e tão admiravelmente esboçara. É o que prova o conjunto da sua conduta em relação ao papa e aos bispos.

O joven Comte exprobrava a Bonaparte as guerras perpetuas mediante as quais ele instalara, no interior, a mais odioza das tiranias, e sublevara, no exterior, toda a Europa contra nós. Foi só, com efeito, absorvendo fóra as riquezas, a atividade e a energia da França, que ele pôde restabelecer sem contestação a hereditariedade monarchica, os previlegios da nobreza e o catolicismo oficial ; que ele pôde extinguir toda lembrança de liberdade, destruir todo vestigio de vida civica, e inaugurar essa centralização formidavel, unica coiza que sobreviveu á sua quéda. Foi sómente depois de ter esgotado a nossa Patria, que ele pôde impôr-lhe o despotismo e a mizeria,

oferecendo-lhe por todo consolo a pueril satisfação de ver, na carta da Europa, o imperio francez extender-se de Roma a Hamburgo.

Enfim, o joven Comte julgava a natureza moral de Bonaparte ainda abaixo da sua capacidade politica, porque ele sempre se esforçou por explorar os defeitos e os vicios dos homens, e de apelar para os seus maus instintos. Com efeito, foi superecitando a vaidade franceza que ele nos transformou no flagelo da Europa.

O joven politecnico encontrou contraditores entre os seus camaradas. Aos que lhe mostravão os sacrificios da Patria resgatados e compensados pela grandeza e pela gloria, ele respondia que a verdadeira gloria não consiste em atirar-se sobre os outros e curvá-los ao jugo, mas em merecer a sua estima e aprovação; apezar das derrotas e das vergonhas do reino de Luiz XV, a França foi grande e glorioza no seculo XVIII: pelos seus escritores e pensadores, ela dominou a Europa inteira, e nunca talvez a sua influencia foi mais eficaz. Aos que pretendião que essas guerras havião propagado ao longe os principios de 1789, ele objetava que essa propaganda á guiza de Mahomet não era mais admissivel no Ocidente, desde o estabelecimento da liberdade de consiencia. Enfim, aos que colocavão Bonaparte entre os grandes legisladores, ele fazia notar que o Codigo Civil, refletindo as opiniões de uma epoca de tranzi-

ção, tinha o defeito de prolongar um estado puramente passageiro, e que, arma terrivel para destruir legalmente o velho mundo, ele se tornaria depois o principal obstaculo á edificação da nova sociedade. Quanto ao genio de organizador, o joven Comte o recuzava a Bonaparte. Sem duvida, ele tudo unificou, tudo regulamentou: aplicou á Igreja, ao ensino, ás provincias, ás comunas, o regimen e a diciplina militares; mas ele nada criou. A sua obra toda retrograda consiste, em ultima analize, em ter reerguido, sobre a igualdade revolucionaria, todas as ruinas do passado; em ter remendado o antigo regimen para gozo dos *parvenus*. Por isso os Bourbons, quando reentrárão em França, respeitárão a armação imperial; eles se instalárão nela pura e simplesmente, atestando assim que Bonaparte lhes tinha prestado, sem querer, o mesmo serviço que Monk havia voluntariamente prestado aos Stuardos. Aventureiro militar como Pirro, rei do Epiro, ou como Carlos XII da Suecia, Bonaparte não teve siquer, em favor da sua tentativa reacionaria, as atenuantes que militão em favor de Filipe II de Espanha. O seu nome, ligado ao de Juliano, o Apostata, será reprovado de seculo em seculo; ele relembrará eternamente o mal que póde fazer, em circunstancias supremas, a insuficiencia intelectual e moral de um só homem.

III

> Dans tous ces sombres jours d'abaissement, de peine,
> Pour tous ces outrages sans nom,
> Je n'ai jamais chargé qu'un être de ma haine,
> Sois maudit, o Napoleon !
>
> A. BARBIER.

Assim julgado pelo joven Comte na Escola Politecnica, Napoleão Bonaparte não reprezentara ainda o ultimo ato da sua cruenta orgia. De repente, a nova espalhou-se entre os alunos que o imperador havia dezembarcado perto de Toulon, e marchava sobre Paris, aclamado pelo exercito e pelo povo. A confuzão tocou ao seu auge: o entuziasmo de Paris apoderou-se da Escola Politecnica. Os espiritos estavão apaixonados pela liberdade e pelo imperador que vinha assegurá-la. Em todos os teatros fazia-se executar pela orchestra os cantos patrioticos da Revolução: a *Marselheza*, o *Canto da Partida*, *Velemos pela salvação do Imperio*, que os espectadores repetião em côro. A maior parte dos cidadãos estava persuadida que o imperador havia mudado inteiramente durante o seu exilio na ilha d'Elba. E até o grande Carnot, esquecendo as faltas de Bonaparte, veiu oferecer-lhe a sua espada para combater a coligação européia e salvar a independencia da Patria. O dever de todos era então repelir a intervenção estrangeira. A França era livre de retomar o seu tirano ; livre de acreditar

na conversão liberal deste. Enquanto ela não atacasse, a coligação deveria contentar-se em ver o que ela fazia, de arma ao braço e pronta a responder á agressão de Bonaparte. Em vez desta conduta, os aliados atacárão a França—então o oprobrio de uma segunda invazão e a vergonha de uma derrota abafárão nos corações francezes a lembrança da tirania e até fizerão nacer saudades dela.

O joven Comte redigiu uma mensagem ao imperador e a fez cobrir com as assinaturas dos seus camaradas : pedião para voar em defeza da Patria. O governo enviou-lhes alguns canhões para exercitá-los no manejo da artilharia, até que eles fossem precizos no exercito do Norte, em comemoração dos serviços que a Escola prestara na defeza de Paris, combatendo heroicamente nas Buttes-Chaumont.

Após os Cem-Dias, a Escola Politecnica foi mantida pela Restauração, mas, em 1816, deu-se um acontecimento que motivou o licenciamento das armas e a excluzão do joven Comte. O cazo foi o seguinte. Um repetidor tendo ofendido pelas suas maneiras impertinentes os alunos do primeiro ano, os *veteranos* tomárão o partido dos *calouros*, e ficou decidido que o referido personagem seria deposto de suas funções. Em consequencia disto, uma intimação redigida em estilo «convencional» * lhe foi logo reme-

* Isto é, lembrando os decretos e moções da Convenção Nacional.
NOTA DO TRADUTOR.

tida. Era assim concebida: «Senhor. Conquanto nos seja penozo tomar similhante medida em relação a um antigo aluno da Escola, nós vos intimamos a que não torneis mais a pôr os pés aqui.» A Escola Politecnica foi licenciada, e o joven Comte, autor e primeiro signatario da carta, foi mandado entregar á familia, por ordem da autoridade superior, e colocado sob a vigilancia da policia.

Imaginai a dôr da sua familia! Tendo entrado um dos quatro primeiros na Escola Politecnica, classificado no nono lugar na lista de passagem para o segundo ano, o joven Comte podia aspirar ás carreiras mais brilhantes, e, por uma cabeçada, via-se para sempre privado de pretender qualquer função oficial.

Durante os poucos mezes que passou em Montpellier, ele seguiu os cursos da celebre escola de medicina desta cidade; mas a rezidencia na provincia não lhe podia convir. Por isso renunciou sem pezar á vida tranquila e facil que ele levava em caza da sua familia; sentia-se atrahido para Paris por uma força irrezistivel. Partiu, pois, em Setembro de 1816, contra a vontade do seu pai, mau grado as lagrimas da sua mãi, sem outros recursos que não fossem o seu saber e a sua energia. Não recuou diante das sombrias perspetivas desta rezolução; considerou com calma as privações de toda natureza que, na capital, encontra a cada passo o mancebo abandonado

dos seus. A sua piedoza mãi chorou sempre essa partida que nada justificava aos seus olhos: temia os escolhos de Paris para esse filho cujo coração entuziasta ela conhecia tão intimamente; por isso não cessou ela de escrever ao exilado e de continuar a dispensar-lhe á distancia os seus conselhos e a sua proteção.

CAPITULO SEGUNDO

> **Então Saulo que se chama tambem Paulo.**
>
> **ATOS, XIII, 9.**

DESDE os fins do seculo XIII, a parte de Paris que tem o nome de bairro latino é a séde do movimento filozofico no Ocidente. Dante veio ele proprio consagrar o coração da nova Roma, da futura metropole intelectual. Foi ahi que o joven Comte instalou-se ao chegar de Montpellier, na rua nova Richelieu, em frente á vetusta Sorbona.

O decreto que reorganizava a Escola Politecnica permitia que os alunos licenciados concorressem para a admissão nos serviços publicos,em 1817. O joven Comte adquiriu a certeza que não consentirião a sua entrada nesse concurso. Ocultando aos seus pais esta excluzão afim de ficar em Paris, dava ele lições de matematica para aliviar os onus que isto fazia pezar sobre aqueles.

Foi nessa epoca que travou conhecimento com o general Bernard, nomeado chefe dos engenheiros militares americanos. Achava-se este em França com o fim de contratar professores para uma Escola Politecnica que se projetava fundar em Washington; ele ofereceu a cadeira de geometria descritiva ao joven Comte que lhe tinha sido apontado como um dos alunos mais distintos da Escola de Paris. Este oferecimento foi aceito com entuziasmo, e o futuro professor, nas horas em que não tinha lições, empenhou-se excluzivamente em aprender o inglez e em fortalecer-se na geometria descritiva e todas as suas aplicações. O projeto malogrou-se, porque o Congresso dos Estados-Unidos, conquanto admitindo em principio a instituição proposta pelo general Bernard, adiou indefinidamente a sua execução. O destino do joven Comte fixou-se assim definitivamente em Paris. Foi com jubilo que renunciou á obrigação de se expatriar, porque ele amava a França, não com esse tolo exagero enxovalhado com um nome ridiculo, e que as almas vulgares extendem da sua vaidoza pessoa á sua familia e ao seu paiz, mas desse pio amor que outrora inflamou o coração dos grandes cidadãos romanos. A historia revelara-lhe a missão da França a partir das cruzadas; ele admirava o seu devotamento cavalheiresco pelas grandes cauzas, a benquerente fraternidade do seu povo, a retidão do seu espirito, a nitidez da sua bela lingua; ele adorava os seus grandes ge-

nios, os seus pensadores, os seus poetas, os seus estadistas; e, si ele estigmatizava severamente a orgia sanguinolenta que acabava de macular a França, facinada por um aventureiro de estranha raça, ele a amava apezar das suas faltas, pois estava certo que ela retomaria em breve o seu caminho e saberia manter-se nele.

Desde a sua chegada a Paris, o joven Comte procurara os seus antigos condicipulos, que havião sido licenciados com ele; como muitos deles, ele pedira ao ensino particular da siencia matematica os recursos necessarios á sua vida. Este necessario era bem parco, porque a leitura absorvia todos os seus instantes; lia durante as suas refeições, na rua e amiudo a noite inteira. Os livros constituião a sua unica despeza, o seu unico luxo, a sua unica cubiça. Graças á proteção do seu antigo professor Poinsot, os alunos não faltárão; entre eles contou, desde 1817, um principe de Carignan. Assim ele viveu na pobreza, mas nessa atmosfera de Paris, que ele sentia ser necessaria á sua vida. Uma voz interior lhe assegurava que seria bem sucedido, repetindo-lhe sem cessar, que a fama levaria um dia o seu nome á Posteridade. Foi nesta convicção intima que abandonou então o prenome de Izidoro, sob o qual ele fôra conhecido durante a infancia, e tomou o de Augusto, como para assinalar o inicio de uma éra nova.

Nesse tempo, os Bourbons instalavão-se no trono

que Bonaparte havia reerguido. A necessidade de paz dominava todos os corações e parecia suavizar a vergonha da invazão.

Em geral, atribuia-se á guerra a quéda do imperio: sem ela, uma nova dinastia teria perpetuado a monarchia sahida da revolução; sem o seu fatal prolongamento, a França teria conservado os seus limites naturais, a sua bandeira vitorioza, a sua gloria e a sua grandeza. Augusto Comte discordava absolutamente desta opinião: segundo ele, fôra a guerra e só a guerra que havia tornado possivel a duração do regimen imperial. Sem a serie continua de invazões e de conquistas, a França do seculo XVIII não teria nunca vergado no interior sob a tirania e a retrogradação; nunca teria ela deixado destruir no seu seio os proprios germens da liberdade; nunca teria ela tolerado a parodia democratica das instituições catolico-feudais. Sem duvida, ao terminar a defeza revolucionaria, ela pôde considerar, numa iluzão perdoavel, a guerra como um meio de extender alem das suas fronteiras, as suas idéias e aspirações; mas sob o imperio, esta iluzão não era mais possivel, ante o espetaculo da Europa entregue ao saque, e dos povos tomados de dezespero recorrendo aos seus reis para repelirem os invazores. A nossa grande Revolução tinha inspirado a todos admiração e simpatia; as conquistas do imperio trocárão estes sentimentos em terror

e odio. A guerra só tinha servido a Bonaparte: o arrastamento insensato das massas havia favorecido os seus começos e permitido a sua continuação; mas o regimen da guerra devia cahir pela guerra. Apenas a França lamentará eternamente de não lhe ter posto fim ela propria pela insurreição e pela expulsão do tirano; ela teria assim evitado o oprobrio da invazão que por tanto tempo e tão pezadamente devia onerar os seus destinos.

Estes ensinos da funesta epoca de Bonaparte conduzião Augusto Comte a procurar o desfecho da nossa grande Revolução; porque esta não podia acabar afinal na restauração do trono e do altar, escorados pela igualdade de todos os Francezes perante a lei. Outras tinhão sido as suas aspirações, outra devia ser a sua obra.

Tal investigação exigiu o estudo dessa memoravel epoca e do seculo encerrado por ela. Augusto Comte não tardou em reconhecer a exatidão das criticas endereçadas pelos reacionarios a Voltaire e a Rousseau. Estes dois grandes escritores não erão sinão vulgarizadores; ele buscou, pois, a fonte das doutrinas que eles difundião. Leu Fontenelle, Maupertuis, Montesquieu, Adam Smith, Fréret, Duclos, e sobretudo Diderot e Hume. Comprehendeu então que estes grandes espiritos não se limitavão a criticar o velho mundo, mas aspiravão todos por uma regeneração total em que o pensamento só se alimen-

taria de verdades demonstraveis, em que a atividade seria consagrada ao bem de todos, em que a moral assentaria sobre motivos puramente humanos. Voltaire queria derrubar o altar conservando o trono; Rousseau proscrevia a realeza, mas bazeava numa teologia vaga os seus sonhos de igualdade social. Ao passo que a grande escola do seculo XVIII, cujos monumentos Augusto Comte acabava de ler, era tão emancipada em religião como em politica; ela queria reorganizar a sociedade sem deus nem rei, por mais confuza que fosse aliás a noção dos meios a empregar.

Condorcet exerceu sobre o joven Comte uma influencia toda particular. A sua tentativa de fundar a politica sobre a historia prendeu-lhe toda a atenção; a pesquiza do Futuro era ahi subordinada á interpretação do Passado. Condorcet, porem, achava-se animado de um odio cego contra esse passado que ele queria explicar; dahi a contradição de reprezentar o progresso como precedido de uma serie de retrogradações.

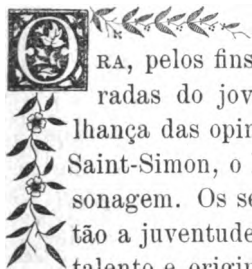
Todos esses robustos pensadores nutrião contra a Idade-Media preconceitos de que Augusto Comte teve a força de se libertar. Aos olhos desses grandes espiritos, o regimen catolico-feudal constituia um imenso recúo; era como um eclipse da civilização, desde a quéda do Imperio Romano até o Renacimento. A leitura assidua de Jozé de Maistre e de Bonald

desvendou ao joven Comte toda a grandeza desses nove seculos e todos os serviços que a Igreja e a Feudalidade prestárão ao dezenvolvimento da sociabilidade. Sem cessar de admirar a Antiguidade, ele aprendeu a admirar igualmente o regimen social que seguiu-se, e a reconhecer que esse regimen é um progresso sobre o anterior; de sorte que a civilização se dezenvolveu sem discontinuidade dos Gregos aos Romanos, dos Romanos ao Catolicismo, do Catolicismo ao Renacimento e aos contemporaneos. O estudo da Idade-Media dirigiu, alem disso, a atenção do joven Comte para o estabelecimento de um poder espiritual, inteiramente independente dos poderes temporais, e sobre o papel dessa instituição no meio das ruinas do Imperio Romano: viu nisso a obra prima do genio politico, pois que, enfim, a inteligencia e o coração podião retomar o grande problema da unidade do Ocidente, cuja solução escapara á força.

Augusto Comte, que tinha começado os seus estudos biologicos em Montpellier, continuou-os em Paris. As obras de Bichat o enchêrão de admiração: apanhou logo a importancia da separação entre a vegetalidade e a animalidade na concepção da vida; assimilou a admiravel teoria dos tecidos: um geral para as funções comuns a todos os seres, os outros especiais para os atributos superiores. Gall extendeu os metodos da biologia até a vida cerebral. O joven

Comte leu com avidez a sua grande obra, em que ele estabelece a pluralidade das faculdades superiores tanto afetivas como mentais, e fixa a sua comum rezidencia no aparelho cerebral.

CAPITULO TERCEIRO

> Crêde-me... Trata-se de uma transformação analoga á que teve lugar ha dezoito seculos; o presentimento disto está por toda parte.
>
> LAMENNAIS.

Ora, pelos fins do ano de 1817, um dos camaradas do joven Comte, admirado da similhança das opiniões deste com as de Henri de Saint-Simon, o levou á caza deste celebre personagem. Os seus escritos entuziasmavão então a juventude inteligente, reproduzindo com talento e originalidade as opiniões correntes do seculo passado, nomeadamente as de Turgot e Condorcet. O desvio retrogrado de Bonaparte fôra tal que essas idéias passavão por novas, e que os filhos dos convencionalistas atribuião com candura a este escritor os pensamentos e as aspirações dos seus pais.

Augusto Comte, sem partilhar desta ingenua iluzão, sentiu-se atrahido para Saint-Simon: este tivera como preceptor a D'Alembert; falava e pensava

como no seculo XVIII. Pareceu ao mancebo um desses filozofos cujas obras ele lia e relia sem descanço; tinha deles as maneiras distintas, o espirito livre e profundo. Foi, pois, facil ao grande fidalgo facinar o joven Comte, ao ponto de ser por este colocado ao lado de Condorcet no seu culto entuziasta, e de tornar-se com ele em breve o suposto inspirador de todas as suas meditações. Eis ahi como Augusto Comte veio a ser o secretario de confiança de Saint-Simon.

Este escritor tinha chamado sobre si a atenção publica repetindo que o sistema catolico-feudal achava-se em decadencia desde o seculo XIV, e que uma nova ordem social estava prestes a substitui-lo em todo o Ocidente; que a industria e a siencia substituirião a guerra e a teologia. Não haveria mais padres, nobres ou soldados; mas engenheiros, chefes industriais e operarios. Associação dos capitais para cultivar a terra, para fabricar, para extender ao longe o comercio, para fazer surgir e manter os sientistas e artistas. Tudo pela industria guiada pela siencia.

Augusto Comte, arrastado por esta corrente de idéias, meditava sobre as relações que devem ligar os sientistas aos industriais. Repassando em sua memoria os serviços prestados á agricultura e á fabricação pela mecanica, a fizica e a chimica, perguntava-se a si mesmo si a politica, a arte de governar as sociedades humanas, não poderia, por seu turno, pe-

dir algumas luzes á siencia. Mas o estudo da historia, tal como tinha sido estabelecido até então, não aprezentava nenhum dos carateres do metodo sientifico; não seria, pois, possivel, seguir nesta ordem de pesquizas o mesmo caminho que nas outras? E si isto fosse possivel, a historia assim estudada não poderia oferecer aos estadistas conselhos similhantes aos que as siencias fizicas dão aos manufatureiros e aos agricultores ?

Em Julho de 1819, Augusto Comte, sob o impulso destes pensamentos, escreveu um artigo destinado ao *Censor*, revista periodica; mas este primeiro ensaio não foi publicado. Nele constatava a necessidade de tornar sientifico o estudo da politica, afim de estabelecer a influencia da siencia sobre os estadistas, até então guiados unicamente pelo empirismo. Ele terminava com esta fraze carateristica: O povo quer, a opinião publica se pronuncia, os publicistas propõe os meios, os governantes executão.

Assim, no seio de uma sociedade inteiramente entregue ao trabalho e á produção, alguns escritores comunicão ao publico o rezultado dos seus estudos historicos; eles haurem no conhecimento do Passado os conselhos que dirigem ao Prezente; oferecem aos praticos da politica processos superiores, como o chimico os descobre para o fabricante.

Entretanto Saint-Simon lançava apelos ao se-

culo XIX ; publicava planos de reorganização, programas de trabalhos sientificos ; revelava á Industria o seu poder e o seu futuro. O joven Comte acreditou associar-se á obra daquele que ele então chamava o seu mestre, aspirando ao papel de publicista, tal como acabava de o definir.

Pôz mãos á obra, portanto, com toda a sua energia ; propunha-se estudar a historia para dela tirar ensinos politicos. Abordou primeiro os tempos modernos, para subir o curso das idades ; procurava ahi as origens da industria e a dos seus diversos agentes : manufatureiros, comerciantes e banqueiros.

Um artigo escrito em Abril de 1820 e publicado no periodico *O Organizador*, retraça fielmente essas investigações e pensamentos. O estudo da historia lhe desvendou a iminencia de uma nova ordem social, sientifica e industrial. Não mais teologia, misterios, revelações : a siencia demonstrada, unico guia de nossas concepções ; não mais reis, guerras, intrigas diplomaticas : o trabalho produtivo, unica ocupação dos homens. Mas a substituição deste regimen novo á ordem antiga que esboroa-se, exige, de um lado, a supremacia popular, porque só o povo é assás audaciozo para destruir o velho mundo ; e, do outro lado, uma moral bazeada em motivos demonstraveis.

Para que as prescrições morais se tornem iniludiveis, é precizo deixar de lhes dar como baze principios contestados. Para que o dever no coração

humano triunfe do interesse e da ambição, é mistér renunciar a prescrevê-lo em nome de um Deus que não existe; é precizo achar-lhe uma sanção diferente dessas penas e recompensas de que já ninguem se importa. Numa palavra, a nova moral carece de uma fonte e de uma sanção humanas: essa fonte, é o cultivo dos bons sentimentos que existem em qualquer alma; essa sanção, é a aprovação das naturezas seletas.

Tal é a força moral que deve ser capaz de dominar as massas modernas entregues aos gozos materiais e atacadas de vertigem, nesse imenso arrastamento do Ocidente para a vida industrial; tal é a doutrina cujo interprete respeitado será o unico interventor possivel entre os ricos, ebrios de prazeres, e os pobres, avidos de gozos, para impôr a todos, pela só persuazão, deveres e obrigações reciprocas.

A Idade-Media tinha ensinado a Augusto Comte as condições necessarias ao estabelecimento de uma autoridade similhante; mas, fóra da fé revelada, qual podia ser a baze de tal edificio? Qual podia ser o principio aceito por todos, sem contestação, sem discussões? Esta indagação obsidiava o espirito do joven pensador.

É a essa epoca que remontão os ecessos de trabalho que devião tão cruelmente destruir a sua saude e abreviar-lhe a vida. Para rezolver esse importante

problema, ele meditava sem treguas; passava dias inteiros sem ler, sem escrever, sem falar, e, á noite, graças ao café, vencia ele o sono; então, de olhos abertos, prolongava durante toda a noite o curso das suas meditações. Tal obstinação devia ser recompensada com o bom exito: o joven pensador, após uma meditação contínua de oitenta horas, durante a qual, como disse o poeta inglez, «o meu adormecimento, quando adormeço — não é um sono —, mas apenas uma continuação do meu pensamento incessante, a que eu não posso rezistir.» (Byron, *Manfredo*, ato 1°, sena 1ª) achou enfin o que procurava. Desde o mez de Maio de 1822, ele fez imprimir cem exemplares do opusculo em que consignava o rezultado dos seus esforços intelectuais. Este ensaio foi reimpresso a mil exemplares em 1824, sob o titulo de *Politica Pozitiva*.

CAPITULO QUARTO

> **Leurs pareils à deux fois ne se font pas connaître,**
> **Et, pour leurs coups d'essai, veulent des coups de maître.**
> **CORNEILLE, *Le Cid*, ato II, sena II.**

REORGANIZAR a sociedade moderna, tal será de ora avante o fito de todos os trabalhos de Augusto Comte; tal é o objeto do seu opusculo. O tempo das demolições acabou; não se trata mais de atacar as instituições do Passado, de criticar-lhe as crenças; trata-se daqui por diante de edificar o Futuro, porque tal é a necessidade da nossa epoca. Chegou enfim o tempo de pôr mãos a esta obra, para a qual cumpre convidar os povos e os reis.

Até o prezente, todos se têm enganado acerca dos meios; povos e reis acreditárão construir a nova sociedade, mediante leis e constituições. Ora, a renovação a operar não é pratica; é essencialmente teorica: são os pensamentos e os sentimentos que é precizo modificar antes de tudo, e as instituições

nacerão em seguida por si mesmas. Ao lado do poder politico que comanda, ha, pois, lugar para uma autoridade que oferece ensinos e conselhos.

De onde vai surgir essa autoridade? de onde vai sahir essa voz anunciando o dogma novo, definindo o verdadeiro e o falso, o bem e o mal?

Da siencia, que operou já nas opiniões humanas um acordo unanime, em matematica, em astronomia, em fizica, em chimica e em fiziologia. Ninguem, com efeito, contesta hoje o duplo movimento da terra ou a circulação do sangue; e, entretanto, no meio dessa multidão que admite estes dogmas sientificos bem poucos conhecem a demonstração que os estabeleceu. Todos, no entanto, os aceitão por confiança, porque sabem que estes dogmas são demonstraveis e que forão demonstrados.

Mas a siencia ainda não transpoz os limites da fizica. Si se trata de acontecimentos politicos, tantas são as opiniões que surgem quantas as pessoas; si se trata de julgar um ato, proclamá-lo bom ou mau, os juizos divergem. Assim, nas siencias de observação, unidade e concordia; na politica e na moral, dissidencia e confuzão.

Pois bem, este dezacordo intelectual, os sientistas devem fazê-lo cessar; devem eles extender o imperio da demonstração e elevar a politica e a moral á categoria das siencias de observação. Tal é o programa do seculo XIX.

Mas, para o preencher, é preciso efetuar previamente trabalhos teoricos. Eu ouzei conceber o plano deles, diz o joven Comte, e o proponho solenemente aos sientistas da Europa.

A historia do espirito humano aprezenta tres maneiras de filozofar que têm sido sucessivamente empregadas em relação a todo genero de assuntos. A primeira, dita teologica, assimila todo acontecimento aos que se passão no homem; por conseguinte, a pesquiza da cauza conduz inevitavelmente á concepção de um ser superior criado á sua imagem e similhança, cujas vontades, caprichos e paixões produzem esses efeitos. A terceira maneira de especular, dita sientifica, renuncia á indagação das cauzas, como de todo inaccessivel á inteligencia humana; limita as suas investigações ao estudo das leis que oferece a observação dos acontecimentos quaisquer; prever é o seu unico fim; ela afasta o *porque* para cingir-se ao *como*. Quanto ao segundo metodo filozofico, chamado metafizico, constitûi a inevitavel tranzição da teologia para a siencia.

Estas tres maneiras de filozofar se encontrão no individuo, como na especie, e se aplicão a todas as ordens de conhecimentos. O espirito humano explica todo acontecimento, primeiro mediante a teologia, depois recorrendo á metafizica, e finalmente pela siencia; renuncia ás duas primeiras logo que póde empregar a terceira. Foi por meio desta que os

pensadores gregos criárão a geometria e a astronomia; os modernos, a mecanica, a fizica e a chimica; os contemporaneos, a fiziologia.

Os eventos politicos e morais são os unicos estudados em nossos dias pelos metodos teologico e metafizico; os homens que não admitem mais que os eclipses ou os cometas obedeção ao capricho dos deuzes ou aos arestos impenetraveis de uma providencia, que não acreditão mais que uma molestia possa ser curada com preces ou reliquias, esses mesmos homens reconhecem o direito divino ou a soberania do povo, isto é, perzistem em aplicar aos estudos sociais a teologia ou a metafizica.

A tarefa da nossa epoca é estudar a politica com o mesmo metodo com que estudamos a fizica, pela observação dos fatos; cumpre conceber a organização da sociedade como ligada ao estado correspondente da civilização, como o orgão se acha ligado á função na vida animal; e enfim, trata-se de estabelecer que o dezenvolvimento da civilização está submetido a uma lei invariavel, como todos os dezenvolvimentos naturais.

Entretanto, a marcha da civilização, fatal quanto á sua direção e ao seu fim, é sucetivel de ser acelerada ou retardada; ela nunca, porem, póde ser desviada do seu caminho: todas as suas modificações consistem, pois, excluzivamente nas variações da sua velocidade, e são devidas á ação dos pensadores e dos

estadistas. A politica pratica tem, portanto, por objeto facilitar a marcha da especie humana, esclarecendo-a e guiando-a, e evitar assim as revoluções violentas. Por conseguinte, antes de tudo é necessario determinar essa marcha. Para isso é mistér abraçar o conjunto do Passado, e formar-se em seguida uma concepção do Porvir; só assim é que se poderá dirigir o Prezente.

A politica sientifica exclûi, pois, o arbitrario, tanto nos reis como nos povos; não se trata mais de querer, seja em nome de Deus, seja em virtude do numero; trata-se de conhecer de onde vimos e para onde vamos, e de virar o leme na direção do Futuro.

Aos sientistas compete constituir a nova siencia; aos artistas o propagá-la; aos industriais o aplicá-la.

O joven Comte termina o seu Ensaio pelo exame das tentativas feitas até então, primeiro por Montesquieu no *Espirito das leis*, depois por Condorcet na *Aplicação do calculo das probabilidades aos acontecimentos sociais*, e sobretudo no seu *Bosquejo historico dos progressos do espirito humano*, e enfim por Cabanis nas suas *Relações do fizico e do moral do homem*.

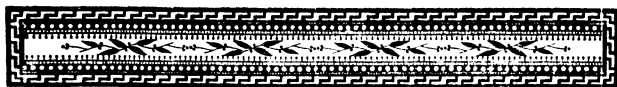
Tal é, em poucas palavras, o rezumo desse admiravel tentamen de um moço de vinte e quatro anos. O opusculo não agradou de modo algum a Saint-Simon. Muito pouco instruido para lhe apanhar o alcance,

não viu nesse escrito sinão uma restauração teocratica, e fez rezervas sobre as opiniões do seu jóven colaborador. Por seu lado, Augusto Comte reconheceu o seu erro; abriu enfim os olhos e reconheceu toda a fraqueza do seu pretendido mestre. Saint-Simon era, sem duvida, um apostolo do futuro, mas ele não era um emulo dos filozofos do seculo XVIII; era incontestavelmente um escritor calorozo e dotado de talento, mas não era nem um sientista nem um pensador. Apezar destas revelações tardias, Augusto Comte permaneceu junto de Saint-Simon, prezo pelo reconhecimento. Foi só em Março de 1824 que ele cortou toda relação com este. Enquanto Saint-Simon se limitou a mostrar a decrepitude do catolicismo e a ruina do regimen feudal, a profetizar a aurora de uma ordem nova, o triunfo da siencia, o reinado da industria; em uma palavra, enquanto ele pediu ao seculo XVIII inspirações para a sua verve, o joven pensador pôde continuar sem perigo a passar por dicipulo de Saint-Simon. Ambos dimanavão dos filozofos e dos enciclopedistas; ambos tendião para o mesmo fim: a substituição da siencia e da industria ao regimen da Idade-Media. Sómente, Saint-Simon acreditava que o surto industrial deveria só bastar para renovar as sociedades modernas; que desse surto havião de decorrer os proprios progressos sientificos. Augusto Comte, pelo contrario, acreditava que o primeiro passo a fazer para o Futuro consistia

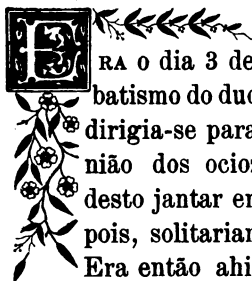
em alargar o circulo da siencia, em fazer surgir uma corporação de sientistas, um novo poder espiritual que tivesse por missão reformar os pensamentos e os sentimentos.

Porem, quando arrastado pela corrente retrograda da Restauração, Saint-Simon falou do seu novo cristianismo, Augusto Comte teve que dezistir de todo comercio com ele; foi então que ele arrependeu-se de ter levianamente, seguindo um impulso do coração, lhe concedido o titulo de mestre. Porque, para ele, como para todos os pensadores do seculo XVIII, a razão humana não devia dahi por diante nutrir-se sinão de verdades demonstraveis bazeadas sobre fatos observados; e porque a idéia de Deus, ainda a mais vaga, parecia-lhe pernicioza, por arrastar o espirito fóra do campo da rigoroza demonstração, e, por conseguinte, expondo este ás divagações e aos erros.

Durante os cinco anos da sua ligação com Saint-Simon (1818-1823) o joven Comte tinha-se izolado completamente. Absorvido pela meditação, a sua vida foi um pensar continuo; ele procurava no seculo XVIII uma tarefa, um trabalho, uma missão. Saint-Simon lhe fez entrever essa missão pelos seus discursos, como Condorcet lh'a tinha revelado pelos seus escritos; ele dividia os seus lazeres entre a conversação do primeiro e a meditação das obras do segundo. O resto do mundo tinha deixado de existir

para ele. Absorção perigoza! izolamento funesto! que devia permitir que ele cometesse a unica falta grave da sua vida, falta expiada por dézesete anos de sofrimentos intimos!

CAPITULO QUINTO

I

> Porque o fundo de minha vida é um romance...
> (*23ª Carta de Augusto Comte a Valat.*)

Era o dia 3 de Maio de 1821, festa oficial do batismo do duque de Bordeaux. O joven Comte dirigia-se para o Palais-Royal, ponto de reunião dos ociozos e estrangeiros. Após modesto jantar em um « restaurant », errava ele, pois, solitariamente, nas *galerias de madeira*. Era então ahi o mercado das cortezans, que mais tarde mudou-se para os boulevards, desde o faubourg Montmartre até a Chaussée d'Antin. Estas mulheres deslizavão entre os grupos dos que conversavão, com toiletes provocantes, passavão e tornavão a passar até achar quem as seguisse. O joven Comte, como tantos outros, tambem provara dos prazeres faceis; como tantos outros, ele não corava mais de acercar-se dessas mulheres, cujos encantos pertencem a todos e o coração a ninguem; e, sem escrupulo, ele

consagrava os seus raros lazeres a essas perdidas, que a sociedade deveria sequestrar como pestilentas nos lazaretos da devassidão.

Augusto Comte achava-se inteiramente izolado em Paris; não frequentava nenhuma familia, não tinha nenhum amigo intimo. Absorvido em suas meditações, só vivia pelo pensamento; o seu coração tão amorozo, tão pronto a entregar-se, dormitava.

Foi só, no seio dessa imensa cidade em festa, que, nesse dia de regozijo nacional, ele encontrou-se, nas *galerias de madeira*, com uma dessas mulheres que o atrahiu para a sua caza. Era na rua Saint-Honoré, em frente ao claustro. Esta mulher tinha apenas 19 anos, e entretanto havia já dois que ela vivia da prostituição, submetida á vigilancia da policia. Qual era a sua historia? a da maior parte destas infelizes. Filha ilegitima de uma comica de provincia, fôra educada pela sua mãi no coquetismo, e vendida desde a puberdade a um rico amazio, que a trazendo para Paris, ahi abandonou-a alguns mezes depois. Muito fraca para trabalhar, muito habituada á dezordem para se envergonhar disso, fez-se inscrever no livro fatal, condenando-se perpetuamente a vender os seus favores ao primeiro tranzeunte.

O joven Comte foi seduzido por essa mulher, que lhe narrava com espirito os incidentes vulgares do seu triste passado; sentiu-se comovido ante a sua juventude, a sua amabilidade, a sua graça, o seu

bonito rosto. Tornou a procurá-la; mas, como amiudo acontece nestas relações do acazo, um dia não a encontrou mais onde ela morava e não pensou mais nisso.

Quatorze mezes depois, passeando só pelo Boulevard do Templo, entrou para descançar num gabinete de leitura. Qual não foi a sua sorpreza, vendo no escritorio o seu conhecimento das *galerias de madeira*. Esta mulher agradara a um homem que lhe tinha comprado este pequeno estabelecimento; era o Sr. Cerclet, que veio a ser mais tarde redator do jornal *Produtor* e membro da Camara dos Deputados. Augusto Comte ficou contentissimo com este encontro fortuito; o interesse que lhe tinha inspirado esta rapariga despertou-se subito e o levou amiudo junto dela.

No começo do ano de 1824, o gabinete de leitura foi vendido; mas as vizitas continuárão na rua Tracy, sob o pretexto de lições de calculo. O joven professor não tardou em reconhecer em sua aluna uma inteligencia que o sorprehendeu a principio, mas que terminou por seduzi-lo. Esta intimidade dezenvolveu em Augusto Comte um apego de que ele não tinha consiencia, e que devia revelar-se bem cedo em toda a sua profundeza. Um novo amante havia prometido a esta rapariga colocá-la como caixeira de uma caza de comercio, pozição que teria garantido a sua sorte. O projeto malogrou-se; vierão depois as dificuldades, as privações. Foi precizo pensar em

voltar ás *galerias de madeira.* Esta perspetiva torturava o coração do joven Comte, e, no entanto, ele proprio sem recursos, como poderia superar essa fatalidade? Cumpria-lhe então, abandonar sem detença essa mulher, cessar de a ver, banir a sua lembrança do pensamento; tal era o dever que a sua energia seria capaz de cumprir. Ah! sem duvida, ele teria conhecido desde então os sofrimentos e dilaceramentos do afeto quebrado. Mas o tempo teria curado o seu coração. Quanto a essa mulher, ela o teria bem depressa esquecido nos braços de novos amantes; sempre requestada, mimada, adulada, adorada, mas afinal abandonada: ora rica, ora na pobreza, ela teria seguido o destino das suas similhantes. Mas entre ela e o joven Comte a separação se teria dado e ficaria irrevogavel pelo olvido. O seu coração não cogitou deste dever. Achava-se inteiramente dominado pelo temor de ver essa mulher recahir na vergonhoza existencia da sua juventude, e procurou um meio de salvá-la desse oprobrio. Pensou consegui-lo aceitando a proposta que ela lhe fez de morarem e viverem juntos. Foi em Março de 1824, epoca da ruptura com Saint-Simon, que eles realizárão este projeto na caza da rua do Oratorio-do-Louvre, n. 6, fronteira ao templo protestante. Augusto Comte que até então tanta dificuldade tivera em prover ás suas necessidades pessoais, tinha daqui por diante que prover a duas existencias.

II

. . . . Eu,
Eu, digo, e é quanto basta.
CORNEILLE, *Medéia*, ato I, sena 5.

Nesse tempo, o joven Comte traçava para a sua vida um vasto plano de trabalho. Desde o seu rompimento com Saint-Simon, reconhecera ele a inanidade dos seus apelos aos sientistas e o vazio dessa publicidade barulhenta. Uma siencia não se funda porque se tenha convocado com enfaze todos os contemporaneos para fundarem-na. Estes processos saint-simonianos têm o seu valor para apanhar acionistas, para apalpar o capital de um negocio que se quer montar; mas são impotentes para exercer qualquer influencia no adiantamento do saber humano.

Augusto Comte, guiado pelo exemplo dos filozofos de todos os seculos, comprehendeu que a ele pertencia fundar essa siencia nova, e que, na realização dessa tarefa, ele não tinha que contar com nenhum colaborador, mas unicamente com a aprovação dos primeiros homens do seu seculo.

A sua vida fixou-se dahi por diante; e o plano dos seus trabalhos ficou definitivamente determinado.

Só, ia ele, pois, emprehender levantar os estudos historicos á categoria de siencia de observação; em seguida, ele se esforçaria por fazer um todo das

diversas siencias reais, isto é, por construir uma filozofia pozitiva; enfim, depois de ter criado a nova siencia e de a ter classificado entre as suas irmans mais velhas, ele procuraria deduzir dela as aplicações praticas ao governo da sociedade, em uma palavra, instituir uma politica racional.

Este vasto plano, Augusto Comte o seguiu ponto por ponto, preenchendo sucessivamente todas as suas partes. Com efeito, dele é que um poeta pôde dizer: «O que é uma grande vida? um pensamento da mocidade realizado na idade madura.»

Sem mais tardar, pôz mãos á obra rezolutamente. Primeiro escreveu dois artigos, destinados a completar o seu opusculo de 1822. No primeiro, expoz os seus trabalhos em fizica social, o metodo que seguiu, os rezultados que obteve. No segundo, demonstrou a necessidade de fundar um novo poder espiritual, distinto e independente do poder temporal; toda a nova politica se rezume nesta fundação, tão necessaria ao regimen industrial como á ultima faze militar das sociedades humanas. Estes dois artigos aparecêrão no *Produtor*, em Novembro de 1825 e Março de 1826.

Assim, a fizica social estava fundada; pelo menos, no seu conjunto. Restava construir um sistema geral dos conhecimentos humanos, erguidos ao grau pozitivo e, por conseguinte, purificados de toda liga teologica ou metafizica. Este sistema compunha-se

das siencias de observação já criadas e classificadas segundo as datas do seu nacimento; comprehendendo a matematica, a astronomia, a fizica e a chimica. Tratava-se de reatar a este sistema a fiziologia, ainda no berço, e finalmente a siencia social que acabava de nacer. Para isto, era mistér retomar primeiro, uma a uma, todas as siencias criadas, e desprender do seu estudo o metodo que lhes dera origem; mostrar em seguida que foi unicamente guiados por similhante metodo que os fiziologistas contemporaneos despojárão a siencia dos corpos vivos das faixas teologico-metafizicas que protegião a sua infancia; enfim, firmar que o joven Comte submeteu-se rigorozamente ele tambem a este metodo, descobrindo nos estados sucessivos da civilização uma lei de sucessão invariavel.

Foi para preencher esta parte da sua obra que Augusto Comte seguiu, desde 1821, o curso de astronomia de Delambre, no Colegio de França. A contemplação desse veterano da siencia inspirou-lhe a maior veneração, pois tinha realmente diante dos olhos um continuador do seculo XVIII. Posto que nas suas relações com Saint-Simon tivesse sido iludido pelo seu entuziasmo, não se esforçou por comprimir-lhe os impetos. No fim de algumas lições, aconteceu que ele ficara o unico ouvinte do velho professor. Tambem Delambre, que tinha notado a sua assiduidade, convidou-o a subir no seu carro e levou-o á sua caza;

o curso terminou assim em coloquio. O joven Comte sentiu-se lizongeado por esta intimidade, porque ele considerava esse ancião, tão benevolente para com ele, como um dos contemporaneos dos ilustres fundadores da astronomia moderna.

Por esse mesmo tempo, tendo lido a *Teoria analitica do calor* de Jozé Fourier, ouzou aprezentar-se ao autor que o recebeu com distinção; desde esse dia, o eminente geometra, que sucedia a Delambre como secretario perpetuo da Academia das Siencias, o substituia igualmente na respeitoza afeição do joven pensador.

Foi ainda para completar o estudo das siencias pozitivas já criadas que ele seguiu na Sorbona o curso de zoologia de Blainville. O celebre professor dispensou em breve a sua amizade a Augusto Comte e lh'a conservou até o seu derradeiro dia.

O opusculo de 1822, por mais desconhecido que ficasse do conjunto do publico, fez sahir o seu joven autor do inteiro izolamento em que vivia e lhe proporcionou algumas relações e simpatias. Em primeiro lugar, valeu-lhe o conhecimento de dois homens que se conservárão seus amigos até a morte, os Srs. Lenoir e Carlos Bonnin. Este ultimo, que Carnot honrava com a sua confiança, foi encarregado pelo grande cidadão de transmitir do fundo do exilio, quazi nos seus ultimos momentos, as suas animações e os seus parabens ao joven pensador. Para esses republicanos,

Augusto Comte era o continuador dos enciclopedistas e dantonianos; pois que, tão afastado da democracia deista de J. J. Rousseau como da realeza constitucional da burguezia voltairiana, como eles procurava reorganizar a sociedade sem deus nem rei, sem altar nem trono.

O Ensaio politico do joven Comte foi acolhido com aplauzo por todas as pessoas a quem foi endereçado. A Academia das Siencias manifestou oficialmente a sua aprovação, conquanto retida pelo receio de se comprometer com o governo. Guizot declarou que se colocava sob a bandeira do joven filozofo. Citemos Delessert, de Laborde, e de Broglie; J. B. Say e Dunoyer. Na Inglaterra, alguns economistas. Na Alemanha, Bucholtz, professor de historia na Universidade de Berlim; a sua carta, de uma amabilidade inecedivel, tinha por todo sobrescrito: *Ao Sr. Augusto Comte, autor do Sistema de Politica Pozitiva, Paris.* Lembra isto a carta de um brama *ao cavalheiro Izac Newton, Europa*, que tambem chegou ao seu destino.

Demais, esse Ensaio atrahiu a atenção dos homens da Restauração. O ministro de Villèle apanhou o alcance desse trabalho; o estadista entreviu nele uma direção nova oferecida ao espirito revolucionario; ele esperava que, dirigido para a reorganização lenta e gradual das opiniões e dos costumes, o revolucionarismo seria talvez desviado enfim dessa sanha de

destruição que tinha coberto a França de ruinas e abalado a sociedade até os seus fundamentos.

O Padre Lamennais acolheu com bondade a homenagem que Augusto Comte lhe fez da sua obra. Este homem celebre tendia tambem a estabelecer um poder espiritual no seio dos povos modernos; ele tambem proclamava os deveres e as condições de existencia desse poder. Sómente, ele acreditava então que o papado rejuvenecido poderia adaptar-se ás novas exigencias; ao passo que o joven filozofo esperava ver surgir esse novo sacerdocio do seio dos sientistas. O ilustre escritor julgava então que a fé catolica seria sucetivel de esclarecer e guiar a nova sociedade; o obscuro pensador, pelo contrario, a considerava como extinta para sempre e não queria, para os modernos, outro facho nem outro guia que não fosse a siencia. Seja como fôr, estabeleceu-se entre o Padre Lamennais e Augusto Comte um laço bazeado na estima e estreitado pela comunhão das aspirações de ambos a um mesmo ideal.

Enfim, o opusculo de 1822 conquistou ao seu autor um poderozo e generozo protetor, o celebre manufatureiro Ternaux. Este Ensaio, que tinha revelado a Jozé Fourier e a Blainville o valor intelectual do seu joven amigo, a de Villèle e a Lamennais o alcance politico da nova siencia, devia inspirar, alem disso, ao grande industrial confiança no futuro. O seu espirito pratico via nesse trabalho os germens

de uma doutrina comum aos patrões e aos operarios, e, por conseguinte, sucetivel de regular as suas obrigações mutuas e os seus deveres reciprocos: ele lia ahi as bazes morais da industria moderna.

III

Qual é o mortal que não tem uma falta a se exprobrar?

RAMAIANA.

Tais forão as relações diversas que Augusto Comte adquiriu com a publicação do seu primeiro trabalho; relações preciozas que o tirárão do seu izolamento e o indenizárão amplamente das decepções experimentadas na intimidade de Saint-Simon. Com efeito, aprendeu a conhecer certos homens que lucravão em ser vistos de perto, e cuja reputação estava abaixo do seu verdadeiro merito: homens que ele pôde admirar, estimar e amar, sem ter nunca que se arrepender disso.

Mas a amizade de tais homens e o sentimento da sua missão fizerão com que o joven Comte voltasse os olhos para a sua vida privada. Já, os seus habitos tinhão a regularidade que distinguiu toda a sua existencia; a uma sobriedade pouco comum ele reunia a ordem mais perfeita. O seu trajar era irreprehensivel, cuidado mas austero: adotára

desde então o vestuario inteiramente preto que não abandonou mais. Vizitado pelos seus ilustres amigos, cumpria recebê-los de uma maneira digna deles, cumpria justificar pelo cazamento a prezença da sua companheira e autorizá-la assim a fazer as honras do seu interior e a comparticipar das invitações exteriores.

Com este fim, Augusto Comte escreveu a Montpellier para obter o consentimento que a lei franceza exige dos pais. O seu pai mandou tomar informações, e respondeu com uma recuza; a sua mãi lhe fez, com brandura, justas admoestações. Entretanto, nenhum dos dois suspeitava a verdade: porque a vida de provincia não comporta a existencia dessa prostituição licenciada, tão universal em Paris. A familia de Montpellier soubera apenas que aquela que se lhe pedia para acolher como nora vivia havia dez mezes em concubinato com o seu filho. Esta noticia bastava para motivar o descontentamento e a rezistencia dos pais. Augusto Comte ficou profundamente magoado; rezolveu quebrar o obstaculo e recorrer aos «atos respeitozos» prescritos pela lei.

Logo que se viu munido das autorizações arrancadas ao seu pai e á sua mãi, tratou de fazer correr os proclamas e de realizar o cazamento. O Sr. Cerclet e um agente de policia forão as testemunhas da noiva, encarregados ambos de fazer efetiva a eliminação do livro fatal, visto como o cazamento resti-

tuia á mulher a liberdade e todos os seus direitos. Tres corações de homem conhecêrão, pois, o horrivel segredo. O empregado da policia mergulhou-o, sem duvida, numa onda de lembranças similhantes; os outros dois voluntariamente o sepultárão por um sentimento cavalheiresco.

Foi a 19 de Fevereiro de 1825 que Augusto Comte efetuou publicamente, na «mairie» da rua Chevalier-du-Guet, este estranho e odiozo cazamento. Unica falta que se lhe possa exprobrar! mas falta bem grave, porque o cazamento é uma instituição social tres vezes santa, sob a qual o homem não deve nunca abrigar sientemente uma indigna. E, entretanto, a mulher que o joven Comte teve a temeridade de reerguer de similhante abatimento tinha um valor pouco comum. Ela possuia em alto grau a graça natural ás parizienses, e essa facilidade com que elas assimilão as maneiras elegantes e distintas; alem disso, ela tinha um gosto ecepcional pelas obras da inteligencia. Nada nela lembrava a quéda da sua juventude; pelo contrario, a sua pessoa e a sua conversação desvendavão um merito raro. Mas ela não tinha tradições de familia, nem regras de educação; alma tão revolucionada como a do seu marido, não pôde nunca exercer sobre ele uma influencia salutar. Seja como fôr, uma tal mulher devia inspirar ao joven Comte, inteiramente izolado em Paris, um apego profundo.

Logo que julgou que o cazamento era indispensavel á dignidade da sua vida, não pensou um só momento noutra; e, sem demora, realizou o seu dezignio, vencendo todos os obices.

Depois do seu cazamento, Augusto Comte quiz aprezentar a sua mulher aos seus pais. Foi em Julho de 1825 que ele partiu com ela para Montpellier. A joven pariziense foi achada encantadora; o seu espirito e o seu bom ton forão notados. Mas a estada na provincia não lhe agradava. O joven pensador esperava muito desta vizita para fazer nacer e fortalecer, de um lado e outro, o dezejo de se reverem. Voltou para Paris com a convicção de que se tinha enganado. Cumpria-lhe, pois, renunciar ao grato projeto de tornar a viver dahi por diante com a sua familia. Com efeito, si a capital fôra indispensavel para inspirar e alimentar a sua atividade intelectual, ela tornava-se inutil para o futuro: o seu plano de trabalho, firmado definitivamente, podia ser executado da mesma fórma em Montpellier; e até melhor pela facilidade da vida e as doçuras da familia. Rezignado a continuar a sua penoza existencia em Paris, instalou-se no n. 13 da rua do Faubourg-Montmartre, em um grande «apartamento». Ahi recebeu os seus amigos e aprezentou-lhes a sua mulher, que foi acolhida por toda parte com ele. Encontrou-se novamente com alguns camaradas cazados, cuja amizade extendeu o circulo de suas relações.

A sua vida estava, pois, assentada: renunciar á publicidade periodica e a toda ação imediata e direta sobre o publico; continuar no retiro o edificio da filozofia pozitiva; viver nas condições normais do seu paiz e do seu tempo, dando lições de matematica; desconhecido do mundo, apreciado apenas por alguns espiritos de elite, esperar com paciencia o momento em que, depois de ter erguido esse monumento intelectual, lhe fosse dado fundar, com a autoridade que a gloria concede ao genio, essa nova organização espiritual que ele reconhecera ser tão necessaria ao estado industrial dos modernos como ás sociedades militares da Idade-Media. Tal era a rota que Augusto Comte traçava á sua existencia, e na qual acabava de entrar definitivamente.

Nesse entretanto, ele completara os seus estudos. Já havia recapitulado todas as aquizições intelectuais da sua mocidade e classificado todos os conhecimentos que acabava de conquistar em fiziologia; os materiais já estavão aparelhados e podia começar o edificio. Antes, porem, de escrever, o joven filozofo queria submeter o conjunto da sua obra á prova do ensino oral; queria professar publicamente um curso antes de dar á estampa um tratado de filozofia pozitiva. Com este propozito, fez imprimir um programa brevissimo e o distribuiu entre os amigos e os antigos camaradas.

Foi a 2 de Abril de 1826 que ele começou

este ensino, na sala de vizitas do seu domicilio do n. 13 da rua Faubourg-Montmartre. Nas primeiras fileiras do auditorio sentavão-se Broussais, Blainville, Poinsot, J. Fourier e Alexandre de Humboldt; em seguida alguns antigos alunos da Escola Politecnica e alguns medicos; um certo numero de curiozos acabavão de encher a peça.

Á vista de tal auditorio, a emoção do joven Comte foi enorme; parecia-lhe comparecer ante o tribunal da Posteridade, e sujeitar ao juizo desta o que devia ser a obra de sua vida. Não tardou em ficar outra vez senhor de si. Calmo e digno, o joven professor pronunciou com segurança essa primeira lição, que nos foi quazi textualmente conservada no primeiro capitulo da *Filozofia Pozitiva;* ele ahi expunha o objetivo do seu ensino e o espirito da nova doutrina. Na segunda lição, firmou o plano do curso e a jerarchia das siencias. Os curiozos tinhão dezaparecido, mas o auditorio de elite permanecia apezar da dificuldade e novidade dessas considerações filozoficas. A terceira lição abarcou o conjunto da siencia matematica. Os ouvintes assiduos, ao voltarem no dia e hora indicados para a quarta sessão, encontrárão a porta fechada; a caza parecia dezerta, os postigos das janelas estavão fechados. Perguntárão o que havia; respondêrão-lhes que o joven professor estava doente.

Augusto Comte esgotado pelo trabalho, supe-

recitado pelo parto da nova filozofia, não pudera suportar os golpes violentos do desgosto. De um conhecimento do acazo, por graus insensiveis, passara á vida em comum e finalmente ao cazamento, com o unico fito de fixar a sua existencia e de assegurar a calma necessaria á sua missão. Nunca um só instante cogitara na audacioza temeridade com que jogara a sua felicidade; na convicção de que o filozofo deve realizar, em sua vida privada, o estado moral mais elevado da epoca e do paiz em que vive, havia-se cazado com a unica mulher que ele conhecia, afim de colocar-se dentro da moralidade comum. Feito o que, com a consiencia de ter cumprido um grande dever, o joven pensador retomou as suas meditações.

A sua mulher, por habito ou por grande precizão de dinheiro, se havia dirigido áquele dos seus ex-amantes que assistira ao seu cazamento: ela escreveu-lhe e aventurou-se mesmo a vizitá-lo. Violava ela por este modo um juramento solene: porque o joven Comte, erguendo-a publicamente á categoria de sua espoza, tinha-lhe imposto a condição de renunciar absolutamente a toda e qualquer relação, mesmo epistolar, com esse moço. Carolina Massin * aceitara esta condição e jurara observá-la. Ao descobrir essa traição, a alma de Augusto Comte afo-

* Este era o nome da mulher de Augusto Comte.

NOTA DO TRADUTOR.

gou-se no fel. Pois que! ele que generozamente havia libertado essa mulher da escravidão do vicio, que a levantara da abjeção para dar-lhe um lar, um futuro, um nome; ela lhe prefere um homem cujo amor nem siquer conseguiu salvá-la para sempre das *galerias de madeira*!

Ao pensar isto,os aguilhões do ciume atravessão -lhe o coração: sente-se menosprezado,atraiçoado por cauza de outro. E entretanto,foi só o receio de ver essa mulher voltar á sua primeira mizeria que lhe inspirou a rezolução de cazar-se com ela, arrostando o seu pai, lançando a sua mãi no dezespero; é por cauza dela, para proporcionar-lhe certa abastança, que ele dá lição sobre lição, tempo preciozo roubado aos seus trabalhos e á sua gloria; e essa mulher rezerva a sua confiança e o seu amor para um homem que diz amá-la e que abandonou a outrem o cuidado da sua existencia!

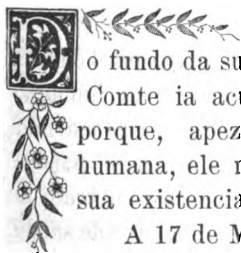
Com a cabeça em fogo, o joven Comte sai á rua; respira a custo, caminha com precipitação para abafar os seus dezesperadores pensamentos. Prosegue ao acazo, passa diante da porta de Lamennais, com quem entretinha relações; entra. O celebre escritor achava-se em companhia do Padre Gerbert; ao ver os dois sacerdotes, Augusto Comte ajoelha -se; sem hezitar, descobre-lhes, sob o sigilo da confissão, o drama interior terminado pelo seu odiozo cazamento. Desvenda-lhes o fatal segredo que deve

salvar a honra do seu nome; expõe-lhes as razões temerarias, mas nobres, que o impelírão a arrostar tudo e a calcar aos pés os preconceitos mais santos; patentêia-lhes toda a negrura da traição, toda a profundeza das feridas que sangrão no seu coração. A narrativa das suas dôres como que as suaviza, e ele derrama uma torrente de lagrimas no seio dos seus piedozos confidentes. Quando sahiu, o seu vasto cerebro que assimilara o conjunto dos pensamentos humanos e que os continha classificados, coordenados á luz de um admiravel sistema, abismou-se de subito nas trevas do mais sombrio caos. E o moço de vintoito anos que, tres dias antes, cativava ainda a atenção das mais fortes cabeças do seculo XIX, era detido a 18 de Abril de 1826, em Montmorency, furiozo, espumante, com os olhos chamejantes; amarrado por uns gendarmes, era nessa mesma noite conduzido delirante, pelo seu amigo Blainville, para uma caza de loucos.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO PRIMEIRO

I

> **O que é que a siencia humana póde fazer para restabelecer a sua razão desvairada ?**
>
> **(SHAKESPEARE, *O Rei Lear,* ato 4, sena 4.)**

Do fundo da sua provincia, a mãi de Augusto Comte ia acudir em socorro do seu filho; porque, apezar da impotencia da siencia humana, ele não devia perecer na aurora da sua existencia.

A 17 de Maio de 1826, isto é, um mez depois do acesso, uma carta anunciou repentinamente á familia de Montpellier a sua loucura e sua recluzão. Tudo leva a crer que essa missiva, assinada pelo pai da sua mulher, foi uma vingança contra esta. Esse homem, ex-comico, estava reduzido a viver de expedientes, e costumava arrancar dinheiro á filha. Foi, sem duvida, um meio de vingar-se de alguma recuza. Seja como fôr, ele a acuzava de abandonar aquele a quem as suas infidelidades acabavão de precipitar no abismo. Os termos dessa carta erão

formais e precizas as indicações, pelo que Rozalia Boyer rezolveu-se a partir sem demora para Paris, a salvar o seu filho, ou pelo menos apertá-lo pela ultima vez junto ao seu coração.

No dia seguinte, sem cuidar das suas enfermidades, dos seus 62 anos, da extensão e das fadigas da viagem, a mãi de Augusto Comte deixou Montpellier. Chegando a Paris, correu, segundo o que indicara a carta, á caza de saude do Dr. Esquirol, onde efetivamente encontrou o seu filho, mas em tal estado de delirio e de furor que a alma se lhe partiu.

Não lhe foi necessario muito tempo para conhecer que o ciume fôra a principal cauza da loucura. Ela assim o escreveu imediatamente ao seu marido, que lhe ordenou empregasse todos os meios conducentes a trazer o filho para junto deles e subtrahi-lo ao seu funesto circulo. Mas o diretor da caza de saude declarou que ele não podia entregar o doente sinão á sua mulher, pois que fôra esta quem o colocara ali. Rozalia Boyer foi, pois, á procura da sua nora: pediu-lhe o seu concurso para tirar o doente da caza do Dr. Esquirol, afim de o pôr em uma caza religioza. A mulher de Augusto Comte recuzou-se a isso energicamente.

Rozalia Boyer rezignou-se. Seis longos mezes se passárão nas angustias, mas sem esperança. Enfim, quando o doente foi declarado incuravel, ela

hauriu no seu coração de mãi uma rezolução heroica: a de reinstalar ouzadamente o filho com a sua mulher, no domicilio conjugal. Ela comunicou este audaciozo projeto á sua nora, que o aceitou prontamente. Antes, porem, de o realizar, a piedoza Rozalia Boyer quiz fazer abençoar pela Igreja uma união que ela havia deplorado, mas que esperava purificar pela virtude do sacramento. Obteve para isso uma autorização do Arcebispo de Paris, graças á intervenção de Lamennais. Então a 2 de Dezembro de 1826, a mãi e a nora forão buscar Augusto Comte e o instalárão no seu domicilio. Um sacerdote catolico os esperava ahi, e celebrou logo este lugubre cazamento. Enquanto ele pronunciava as preces liturgicas, o pobre doido divagava. Rozalia Boyer debulhada em lagrimas, invocou em altos brados a benção do céu, oferecendo-se, em um impeto sublime, como vitima expiatoria; reerguendo-se, em seguida, deu o osculo de paz áquela que a Igreja acabava de tornar sua legitima nora; recomendou-lhe a soluçar o seu desgraçado espozo; enfim, apertou contra o seu coração despedaçado esse filho que tanto amava, e que nunca mais devia tornar a ver.

O tête-à-tête começou. Foi necessario em breve despedir o guarda que devia auxiliar a Carolina Massin, mandar tirar as grades que se tinhão posto nas janelas: o doente acreditava-se ainda na caza de saude. Feito isto, a prezença da sua mulher, a vista

dos seus livros, dos seus manuscritos, dissipárão lentamente as trevas da demencia. Augusto Comte julgou que acordava de um longo e penozo pezadelo. A audacia da sua mãi, secundada pelo devotamento da sua mulher, o tinha salvo.

Mas, em seguida a essa tempestade cerebral, tão violenta e longa, sobreveio um abatimento profundo. Augusto Comte não tinha vivido, durante esses ultimos anos, sinão pelo pensamento. Desde que teve consiencia da sua prostração mental, cahiu na mais sombria melancolia. Não era mais o que antes fôra, e temia não vir a sê-lo outra vez. Alem disso, preza da desconfiança, o seu coração sangrava á menor suspeita. Considerava-se como menosprezado por sua mulher; receiava que outro lhe fosse secretamente preferido. Dahi uma suceptibilidade ciumenta que transformava a minima palavra, a mais ligeira imprudencia em provas de traição. Dahi crueis e profundos sofrimentos. Enfim, no mez de Abril de 1827, um ano após a crize terrivel que tinha eclipsado a sua razão, sentiu a sua desgraça tão pezada e esmagadora que rezolveu acabar com a vida. Precipitou-se no Sena, do alto da Ponte das Artes. Era dia claro; um guarda-real que passava atirou-se em seu socorro, e Augusto Comte foi salvo mais uma vez. Retirado do rio e chamado a si, o seu primeiro pensamento endereçou-se á grande missão que se impuzera a si mesmo; teve vergonha da sua

cobardia. Rezolveu não mais ceder ao dezespero e proseguir dahi por diante sem fraqueza a tarefa que se tinha traçado. O cazamento tornava irrevogavel a união que ele contrahira; quem quer que fosse a mulher associada á sua sorte, ela devia viver sob o seu teto. A ele é que competia tirar desta situação fatal o melhor partido, sem se nutrir de lamentos, sem consumir-se de desgosto. Rezignou-se, pois, a viver sem amor, a pedir á sua companheira apenas o respeito do seu lar; a não exigir dela sinão a salvaguarda da sua honra. O filozofo deve aos outros não só preceitos, mas sobretudo exemplos. Foi sob o imperio deste pensamento que ele rezolveu tratar d'ora avante a sua mulher com bondade, e não deixar transpirar nunca nos seus atos ou palavras, o minimo vestigio de resentimento. Não só perdoou-lhe o passado, mas tornou-lhe facil o fnturo, revestindo o seu coração do sudario glacial da rezignação. Por mais doloroza que seja a certeza e mesmo o simples receio de não ser amado, impoz-se a si mesmo a obrigação de sepultar os seus sofrimentos num segredo impenetravel, e de não deixar escapar nunca do seu peito nem um reproche, nem um grito de dôr.

Porem, outras provações estavão rezervadas ainda á sua coragem. A sua mãi, ao despedir-se, tinha-lhe deixado uma pequena soma de dinheiro; e depois enviava-lhe de tempos a tempos o produto das suas economias, porque o pai de Augusto Comte era ine-

xoravel. No momento do perigo, ele cedera ás lagrimas da sua mulher; mas passado esse momento sentira renacer no seu coração o descontentamento e a severidade. Tão fraco auxilio era insuficiente, pois que Augusto Comte achava-se sem lições. A repentina interrupção do seu ensino privado fôra seguido de uma longa convalecencia, durante a qual todo trabalho lhe foi rigorozamente prohibido. Nessa extremidade, atreveu-se a escrever ao veneravel Ternaux e implorar diretamente a sua assistencia. O grande industrial respondeu enviando ao joven filozofo uma soma dupla da que ele lhe pedira como emprestimo. Esta generozidade permitiu que Augusto Comte pudesse procurar alunos mais ativamente. Encontrou alguns, mas não obstante isso, após as ferias, ficou ainda sem recursos. Animado pela munificencia de Ternaux, recorreu a ele segunda vez. Mas o seu pedido não foi atendido. Ferido a principio por esta recuza que o expunha a um aperto extremo, o joven pensador reconheceu em breve a sabiduria do seu protetor. Contando com as suas dadivas, ter-se-ia talvez dezabituado do trabalho que lhe sustentava a vida, para lançar-se em uma existencia de parazita, sem independencia e sem dignidade. Rezolveu, portanto, não contar sinão com o seu oficio de professor para prover ás despezas da sua caza, e renunciar para sempre a tirar qualquer lucro da sua missão filozofica. Escreveu a Ternaux uma carta de agra-

decimentos e pôz mãos ao trabalho. As lições tornárão a aparecer e o perigo dezapareceu. Em breve, até, a sua situação tornou-se bastante segura para retomar os seus labores, como lhe permitia o inteiro restabelecimento da sua saude.

II

Sofrer e pensar, eis ahi a vida em sua mizeria e em sua grandeza.

Em Agosto de 1828, Augusto Comte manifestou publicamente o reatamento da sua carreira filozofica, por um artigo inserto no *Jornal de Paris.* Era uma noticia sobre o livro de Broussais — *A Irritação e a Loucura.* Esse pequeno trabalho, o ultimo que Augusto Comte escreveu para a imprensa periodica, foi reeditado no tomo 4.° da *Politica Pozitiva.*

A 4 de Janeiro de 1829, ele reabriu, no seu domicilio da rua St. Jacques n° 159, esse curso de filozofia pozitiva que tinha sido interrompido, tres anos antes, por um acesso de loucura. Os homens eminentes que tinhão honrado o primeiro curso com a sua prezença, assistírão todos á abertura do segundo. Atestavão assim que aos seus olhos, a crize, puramente passageira, em nada havia alterado a continuidade das meditações do joven filozofo. Sustentado por este poderozo apoio, Augusto Comte

recomeçou a sua expozição oral com inteira segurança. Desta vez, ele a terminou de todo, professando uma após outra todas as lições indicadas no seu programa. No mez de Dezembro do mesmo ano, refez em publico esta expozição, numa das salas do *Ateneu* de Paris.

Assim, o joven filozofo reentrava completamente no curso primitivo dos seus trabalhos. Poupava, porem, as suas forças. Desde a sua resurreição havia ele renunciado inteiramente ao uzo do café e ás insonias voluntarias. Consagrava regularmente sete ou oito horas ao sono, e todos os dias fatigava o seu corpo com longos passeios solitarios.

III

Eis ahi como surgiu, em França, uma faze vergonhoza e funesta.
Apelo aos Conservadores, Prefacio.

Repentinamente explodiu a revolução de 1830. A quéda dos Bourbons encheu a principio de jubilo o coração republicano de Augusto Comte .A França estava d'ora em diante liberta de todo serio temor de retrogradação. A Revolução que era proclamada um simples acidente no passado monarchico, acidente que tal ou tal medida teria podido prevenir, a Revolução renacia mais vivaz do que nunca, com o seu

eterno programa. A alegria, porem, do joven filozofo foi de curta duração; porque a burguezia vitorioza, mantendo o trono, fez, a seu ver, uma falta que havia de comprometer o futuro por muito tempo. Segundo ele pensava, cumpria restabelecer a Republica, unica fórma politica correspondente ao nosso grau de civilização e na qual o povo podia fazer ouvir as suas justas reclamações.

Por outro lado, o governo republicano existia já de fato, desde a decapitação de Luiz XVI, pois que a monarchia, varias vezes restabelecida oficialmente, não pudera contudo retomar os seus dois carateres essenciais: a inviolabilidade e a hereditariedade. O povo, posto que suportando e mesmo favorecendo os diversos ensaios de restauração, se rezervara o direito de os destruir, e professava abertamente esta pretenção. Augusto Comte sabia, pois, pelo estudo da historia, que a instituição da realeza, fundada á custa de tanto trabalho em França, se achava ahi definitivamente extinta. Pensava que ela devia ser substituida por uma magistratura temporaria; queria, para a nova Republica, um governo forte, capaz de manter a ordem interior, si bem que respeitando a mais inteira liberdade de expozição e de discussão. Ele adotava a diviza da Revolução de Julho: *Liberdade, Ordem publica.* Mas a tribuna parlamentar e o jornalismo parecião-lhe garantias bem fracas para a liberdade: ele queria dar-lhe

raizes mais profundas. Considerava como indispensavel ao seu estabelecimento definitivo a supressão dos orçamentos universitario e ecleziastico, o licenciamento do exercito, e a emancipação das comunas da tutela administrativa. Numa palavra, ele aconselhava a Luiz-Filipe a ditadura, para destruir inteiramente a armação retrograda de Bonaparte e retomar a obra dos nossos pais. O filho de Filipe-Egalité parecia-lhe no cazo de poder tornar-se o primeiro dos prezidentes da Republica franceza. A sua origem, dando garantias á ordem, lhe conciliava os elementos conservadores da nação; o carater liberal do principe, o seu juizo amadurecido na escola da adversidade, a sorte recente do ramo mais velho da sua ilustre familia devião oferecer garantias contra toda tentativa retrograda. Mas, em nossos dias, os chefes andão a reboque daqueles que eles devião guiar. Por isso, vendo o duque de Orleans deixar-se proclamar rei dos Francezes pela burguezia, e substituir-se pura e simplesmente a Carlos X, o joven filozofo comprehendeu, desde o começo, que a revolução de 1830 ia abortar. Essa realeza improvizada, depois de ter produzido uma nova parada na marcha revolucionaria, devia cahir como a monarchia legitima. Em França, o povo quer chefes responsaveis. Tornando-os eletivos, proporcionou-se á nação um processo pacifico de os mandar embora, quando deixão de merecer a sua confiança; mas proclamando o seu cargo

inviolavel e hereditario, o povo vê-se coagido a recorrer á insurreição. Assim, os burguezes, no dia imediato a 1830, tornavão inevitavel, num futuro mais ou menos longinquo, uma nova revolução. Esta falta foi cometida merecendo as aclamações do partido liberal.

Havia muito, aliás, que Augusto Comte tinha julgado a pernicioza influencia dos liberais. Acuzava-os de recorrerem a expedientes para demolir a Restauração; exprobrava-lhes que tivessem sacrificado os principios a manejos partidarios. Assim, quando os legitimistas proclamavão em voz alta a superioridade da monarchia tradicional sobre a uzurpação imperial; quando eles acuzavão o Imperio de ter embriagado a França com uma falsa gloria e de a ter precipitado á sua perda, tornando-a o terror e o flagelo do Ocidente, cumpria reconhecer com lealdade que, si a França tivesse que ficar monarchica, ela nunca teria tanta segurança como sob o setro dos seus reis legitimos. Em vez disso, o partido liberal emprehendeu a rehabilitação de Bonaparte: a quéda deste, considerada pela população franceza como uma libertação, esse partido aprezentou-a como uma afronta nacional; as instituições tiranicas do ex-imperador, de que a Restauração legitimista se aproveitou com tanta vantagem para si, ele as glorificou como sendo a aplicação pratica dos principios de 1789. Ainda mais: os liberais exprobrárão á Revolução o seu

ateismo e o seu materialismo, afim de elogiar em Bonaparte a sua fidelidade a Deus e á alma, o seu apressuramento em tornar a levantar os altares, e a sua piedoza morte. Enfim, este partido erigiu em dogma que, fóra do principio monarchico, só ha dezordem e anarchia, afim de justificar o estabelecimento do imperio hereditario. Em uma palavra, a dar ouvidos aos orgãos do liberalismo, o imperador tinha salvo, consolidado e organizado a Revolução; fôra ele o seu testamenteiro, repelindo o que essa tinha de nocivo, a incredulidade e o republicanismo, realizando o que ela tinha de legitimo, a igualdade. Messias das novas idéias, tinha-as levado com a nossa bandeira vitorioza por toda a Europa. Tal foi a machina de guerra que os liberais dirigírão contra a Restauração para acelerar a perda desta.

Depois dos acontecimentos de 1830, os doutrinarios do partido liberal inventárão uma nova mistificação para legitimar a realeza dos burguezes. Eles tinhão derrubado a Restauração rehabilitando Bonaparte; pensárão consolidar a propria obra glorificando o parlamentarismo inglez. Puzerão-se, pois, a proclamar doutoralmente, como o ideal dos governos e como o termo das revoluções, o regimen estabelecido na Inglaterra desde 1688, quando a caza de Nassau substituiu a familia dos Stuarts. Depois, anunciárão que a França tinha tambem atingido esse grau supremo pela Revolução de Julho: aos

Bourbons, ela tinha substituido os Orleans; á nobreza hereditaria, o pariato vitalicio; aos deputados encarregados de votarem o imposto, uma camara toda poderoza, tendo a iniciativa das leis e impondo ao rei ministros escolhidos por ela. Faltava a esta caricatura do sistema britanico a religião de Estado e a hipocrizia legal. Os filhos de Voltaire não ouzárão, como Bonaparte, remontar até o Catolicismo; si bem que fizessem ensinar o catecismo ao povo, eles pregavão nas catedras universitarias um Deus que, envolvido em sua magestade, abandona a criação ás leis providenciais estabelecidas *ab æterno*, tipo divino de rei constitucional que reina e não governa. Este deismo vago tornou-se o dogma oficial e como que o fundamento da nova ordem de coizas. Um pouco mais de teologia sucitava as chufas ou a comizeração dos modernos doutores; um pouco menos fazia estrondear os trovões da sua eloquencia. Aquem do seu estado mental, eles não vião sinão superstições e carolices; alem, sinão materialismo e imoralidade.

Descobrindo esta nova tatica do partido liberal, o joven filozofo começou a ter saudades amargas dos começos da restauração legitimista. Nesse tempo, ao menos, havia lealdade e coragem nas opiniões. Retrogrados e progressistas, realistas e republicanos, todos erão unanimes em amaldiçoar a orgia militar; os primeiros, como uma uzurpação cheia de perigos; os segundos, como uma traição odioza. A discussão

entre eles versava unicamente sobre a Revolução. Temendo sem cessar a volta ao antigo regimen, a opinião publica procurava com avidez o desfecho do movimento revolucionario; estudava-lhe os acontecimentos e o espirito; esforçava-se por confutar os reacionarios que o pintavão como uma fonte de calamidades, como uma cauza de decadencia social. Mas os campeões da Revolução não fazião então nenhuma das concessões de principios que fôrão peculiares ao partido liberal; aceitavão com orgulho o programa do seculo XVIII e não se envergonhavão de ser chamados ateus, materialistas e republicanos, porque eles pretendião reorganizar a sociedade moderna sem deus nem rei, chamando o povo á vida intelectual e moral, e confiando-lhe a fiscalização suprema do governo do Estado. Nos dois campos, a historia e a politica erão estudadas com igual elevação. Uns, fazião a apologia do Passado, punhão em evidencia os serviços prestados pelo catolicismo e a feudalidade, serviços menosprezados pelo seculo precedente; os outros, em nome do Futuro, descobrião as origens da nossa grande Revolução, e a legitimavão como a aurora de uma éra nova, preparada e anunciada havia seis seculos. Tal havia sido a grande polemica que se dezenrolara magestozamente, de 1821 a 1828, sob os olhares paternais do mais honesto, do mais nobre e do mais liberal de todos os governos.

Augusto Comte, aborrecido da vida publica pela dezerção do partido liberal, conservou-se afastado. Durante cs dezoito anos da ditadura burgueza, ele não tomou parte nem direta nem indiretamente nos acontecimentos politicos: renunciou á imprensa periodica, á qual confiara, sob a Restauração, os seus primeiros ensaios; deixou extinguirem-se todas as relações que ele havia travado então com os principais publicistas desse tempo; izolou-se completamente para consagrar todos os seus lazeres á publicação do seu *Sistema de Filozofia Pozitiva*, cujos seis volumes aparecêrão sucessivamente de 1830 a 1842. Esta obra foi dedicada aos seus dois ilustres amigos Jozé Fourier e Blainville.

Contudo, antes de inaugurar este periodo de retiro e de labor obstinado, Augusto Comte quiz aproveitar o abalo revolucionario de 1830 e o entuziasmo que este havia sucitado na juventude. Para isto, fundou em Paris, com alguns dos seus camaradas, a Associação Politecnica: deu-lhe por destino derramar a instrução sientifica entre os operarios da capital, mediante cursos publicos e gratuitos. Esta fundação do joven filozofo foi o ultimo ato da sua primeira vida publica: essa sociedade ainda subziste, invadida, porem, pelos literatos e advogados; os seus raros cursos sientificos são feitos no ponto de vista da utilidade pratica, por engenheiros de artes e manufaturas.

A nossa grande Revolução chamou á vida politica todos os membros da sociedade; ela fez cidadãos dos que vivem do trabalho das suas mãos, como dos que possuem o capital acumulado durante a serie dos seculos. Importa, pois, pôr tanto aqueles como estes em condições de poderem cumprir os seus novos deveres; e para isto, é precizo torná-los capazes de comprehenderem o fito para o qual avançamos, decendo o curso das idades. Os operarios das cidades têm consiencia da nova missão que lhes compete a partir da éra revolucionaria: eles buscão instrução com avidez: mas, ai! quantos perigos não têm eles que arrostar nesta procura!

Augusto Comte pensou que só a siencia podia guiar as inteligencias populares atravez dos escolhos desses estudos sociais: só a siencia podia conciliar o respeito da ordem com a sêde do progresso; só ela podia afastar o povo dos niveladores e dos utopistas.

Foi com este propozito que o joven filozofo lecionou astronomia aos operarios de Paris. Este ensino não podia ter objeto pratico, pois que não era dado em um porto de mar e não se dirigia a marinheiros. O curso era, pois, inteiramente filozofico, sem nenhuma aparencia de utilidade imediata. O professor expunha nele a serie das observações naturais em que o genio humano bazeou sucessivamente as concepções sientificas, desde Tales e Pitagoras até Newton e seus sucessores; mostrava em seguida

por que modo a siencia, assim constituida, tem modificado o conjunto dos pensamentos humanos. Assinalava, em primeiro lugar, a parte que coube á astronomia, ha vinte seculos atraz, no seio da imortal escola de Alexandria, na substituição do monoteismo á religião greco-romano; em seguida, insistia particularmente sobre a influencia que a doutrina do duplo movimento da Terra exerceu sobre a razão moderna, libertando-a da opressiva concepção de uma providencia extra-humana.

Augusto Comte utilizava estes grandes exemplos para mostrar como é que o progresso rezulta sempre do simples dezenvolvimento da ordem. Por mais imperfeita que seja a economia do nosso mundo solar, ela faz juz aos nossos respeitos; porque a siencia não tem outro fim sinão fornecer-nos uma imagem cada vez mais fiel desse arranjo. Toda critica é, portanto, van, pois que essa ordem exterior não póde ser alterada por nós. Mas o seu estudo, ensinando-nos a conhecê-la melhor, nos permite aproveitarmo-nos dela. Do mesmo modo, devemos respeitar a organização social em que vivemos, por mais defeituoza que ela nos pareça; ela é, com efeito, o produto secular do Passado. Não nos devemos permitir em relação a ela criticas sempre faceis, e aliás bem inuteis, porque ainda neste cazo não depende de nós mudar a natureza das coizas. Póde-se, sem duvida, deplorar a cegueira da Riqueza e lamentar a injusta parciali-

dade das suas dadivas; mas não é possivel evitar que o capital fique concentrado nas mãos de alguns privilegiados e que, sob esses poucos ricos, palpite um oceano de pobres. A siencia, estudando a maneira por que a propriedade se formou e a influencia exercida por esta sobre o dezenvolvimento social, nos ensinará a modificar esta instituição em beneficio dos dezherdados e para gloria dos possuidores. Porem, neste cazo como no da astronomia, o progresso nacerá da ordem; porque ele consistirá, não em destruir, mas em dezenvolver os germens surgidos espontaneamente e a melhorar o que existe.

Havia ainda outra utilidade, na opinião do joven filozofo, em ensinar a siencia ao povo; e vinha a ser a de subtrahi-lo á influencia de chefes anarchicos que explorão o seu ardor revolucionario. Mostrando-lhe a maneira por que as teorias mais abstratas tinhão, com o tempo, modificado as proprias instituições sociais, Augusto Comte se esforçava por persuadir o povo a entrar numa nova senda politica. A questão na ordem do dia era a renovação intelectual. Por conseguinte, os operarios inteligentes devião empenhar-se em tomar parte no movimento das idéias e não mais servirem de degrau a ambiciozos sem alcance. A tarefa deles é formar uma opinião publica, constituir convicções assás universais que sejão a baze de uma interferencia direta no governo da sociedade.

Augusto Comte tinha comprehendido esta missão popular desde 1830, e foi para a instituir que fundou os cursos gratuitos da Associação Politecnica. Abandonou, porem, em 1834, a diretoria dessa sociedade, onde tinha assento como vice-prezidente. Todavia, não descurou o ensino proletario, porque, de 1830 a 1848, isto é, durante dezoito anos, fez gratuitamente todos os anos, na «mairie» dos Petits-Pères (hoje «mairie» da Bolsa), um curso publico de astronomia. Estas lições forão publicadas, em 1845, sob o titulo de *Tratado filozofico de astronomia popular.*

Foi entre os ouvintes deste curso anual que ele adquiriu os seus dicipulos operarios: Fabiano Magnin, marcineiro; Pieton, relojoeiro; Fili, machinista; Lablanche, ensamblador, e outros de profissões diversas.

CAPITULO SEGUNDO

> **Não é a antiguidade, em virtude da qual o segundo sucede ao primeiro; mas a recomendação e o favor fazem hoje as promoções.**
>
> **(SHAKESPEARE, *Otelo*, ato I, sena I.)**

Foi em 1832 que, sob os auspicios de Navier, professor de calculo na Escola Politecnica, Augusto Comte foi nomeado repetidor nesse estabelecimento. Este modesto lugar permitia ao joven filozofo sacrificar menos tempo ao ensino particular e consagrar-se mais completamente á sua grande obra. Demais, este titulo contribuiu indubitavelmente para a propagação das suas obras em França; porque o publico, habituado desde Bonaparte a ver todos os meritos privilegiados, rotulados e decorados pelo governo, não julga os homens sinão pelos seus titulos e pozições. Que autoridade poderia ter sobre o publico francez um pensador que não fosse nem membro do Instituto, nem professor no Colegio de França, nem dignitario da Universidade? Por isso, Augusto Comte ocu-

pando um cargo sientifico na Escola Politecnica, tomou logo lugar na opinião publica. Desde então foi considerado como um sientista; as suas obras encontrárão editores e compradores; e si elas forão pouco lidas e apreciadas, não figurárão menos no catalogo dos escritores oficiais da França.

Este primeiro passo na carreira do ensino publico despertou a ambição da sua mulher. Bastante inteligente para avaliar a superioridade mental do seu marido, cubiçou para este os lugares e as honras que ela via prodigalizar a homens que lhe erão incomparavelmente inferiores; ela comprehendeu com sagacidade que os poucos anos consagrados pelo joven pensador aos começos da *Filozofia Pozitiva* erão a epoca deciziva para o fazer medrar no mundo oficial, porque estes primeiros volumes, abordando apenas as siencias inferiores, não atacavão de frente as idéias correntes em religião e em politica. Foi assim que ela se esforçou de fazer com que Blainville o instigasse a escrever alguma memoria que lhe abrisse as portas do Instituto. Por seu lado, ela não poupou nada para persuadi-lo de que esses titulos oficiais serião de grande pezo para a propagação do seu sistema filozofico. Alem disso, ela fez um apelo a esse coração que ela despedaçara; mostrou-lhe a sua existencia de mulher, tão precaria no passado, completamente sem futuro, mas que ficaria para sempre garantida si o seu espozo entrasse para a Academia

das Siencias. Todos os esforços de Carolina Massin forão baldados ante a rezolução inquebrantavel do joven filozofo. Ele considerava como um dever conservar-se apartado de um mundo que não podia comprehender a sua missão social, e que, por contatos diarios, poderia entravar o seu dezenvolvimento. Augusto Comte só pedia ao ensino publico o pão de cada dia, e aos academicos apenas uma consideração benevola por trabalhos que eles não podião apreciar. Ele não pretendia nem aos elogios nem ás simpatias dos seus contemporaneos; mal ouzava esperar contar, durante a sua vida, alguns raros dicipulos. Muito versado no conhecimento das leis historicas, para iludir-se com chimericas esperanças, sabia que uma renovação do espirito humano, tão profunda como a que ele tentava, não podia ser comprehendida e julgada sinão depois que se tivesse operado em um numero suficiente de espiritos, e que esta conversão exigia um tempo bem superior á duração da sua vida. Rezignado, desde essa epoca, a viver e a morrer desconhecido do publico, não procurava sinão conquistar a estima dos primeiros homens do seu tempo, confiando tão sómente na Posteridade, para que o seu nome obtivesse a gloria e a imortalidade. Apezar de muito inteligente, a sua joven mulher não se conformou com esta sublime rezignação: ela insistiu, deixou-se mesmo arrastar até censurar este afastamento voluntario do sucesso imediato, a taxá

-lo de orgulho e a erigí-lo em confissão de incapacidade. O filozofo sofreu muito no seu intimo com esta nova cauza de tempestades; mas rezolveu suportar tudo sem proferir a minima queixa, e a sua paciencia não o trahiu nunca.

Foi para ceder ás instancias da sua mulher que Augusto Comte fez uma tentativa que não devia dar rezultado. Os seus trabalhos historicos o tinhão relacionado com Guizot, ao qual teve ocazião de expôr especialmente as suas descobertas sobre a evolução sientifica da Humanidade. O celebre escritor, tornado ministro do novo rei, fundou no Colegio de França muitas cadeiras de literatura. Este famozo estabelecimento não depende da Universidade: os seus professores estão imediatamente subordinados ao ministro, sem que o ensino deles esteja submetido ao Conselho superior da Instrução publica. Augusto Comte acreditou, pois, que podia pedir para si a criação de uma cadeira de historia das siencias fizicas; por este meio libertava-se da necessidade de dar lições particulares, e, sem comprometer, a liberdade dos seus pensamentos, assegurava a sua existencia e a da sua mulher. Ele escreveu, a 30 de Março de 1833, uma carta a Guizot que não satisfez o seu pedido.

Foi ainda por condecendencia para com sua joven mulher que ele figurou no celebre processo de Abril de 1835. Ela exprobrava-lhe continuamente

o fugir das honras, o deixar-se esquecer, comprometendo assim até os recursos da sua existencia. Ambicioza, Carolina Massin, depois de se ter visto obrigada a dezistir para o seu marido da Academia das Siencias, sonhava impeli-lo para a politica; ela teria querido dar-lhe um papel no partido republicano, cujos chefes ele conhecia. Foi com este fim que ela conseguiu que Armando Marrast o escolhesse para um dos seus defensores; o segundo defensor era Armando Carrel. Augusto Comte aceitou, sem lembrar-se que comprometia a sua pozição na Escola Politecnica. Era para o joven filozofo uma ocazião de ver de perto os principais orgãos da opinião republicana. Reconheceu em breve que nas suas fileiras não havia lugar para si. Sem duvida, ele era republicano como eles, porque, como eles, acreditava na impossibilidade de restaurar-se em França a hereditariedade monarchica; pensava tambem como eles que a fórma republicana era a mais favoravel ao progresso, permitindo ao povo de caminhar mais rapidamente para a sua incorporação completa na sociedade moderna. Fóra, porem, desta comunidade de fé politica, Augusto Comte reconheceu quanto estava ele separado desses homens. Todos sonhavão com uma insurreição vitorioza que os levasse de subito ao poder; todos querião impôr a Republica á França pela violencia, á Europa pela guerra; todos admiravão a centralização administrativa e contavão com

ela para renovar o Comité de Salvação publica. Mudar o rotulo do governo imperial, mas conservar-lhe todas as instituições, todos os erros, tal era o ideal deles. Muito diferente era a politica do joven filozofo. Ele queria a Republica, mas pela liberdade. Queria a separação inteira do temporal do espiritual; por conseguinte, o governo reduzido á simples policia e encarregado unicamente da manutenção da ordem material, pelo licenciamento do exercito permanente substituido por uma gendarmaria suficiente; por conseguinte, tambem, a liberdade do culto pela supressão do orçamento ecleziastico, a liberdade do ensino pela abolição da Universidade, a liberdade civil pela instituição da comuna e da provincia. Augusto Comte considerava a paz exterior e a calma no interior como as duas condições essenciais do progresso; a liberdade como a sua unica fonte. Ao ver quão profundamente as suas opiniões diferião das dos outros republicanos, comprehendeu que o mundo politico estava-lhe tão fechado quanto o mundo sientifico, e que devia rezignar-se a caminhar só no campo republicano, como no meio dos sientistas. Chamado pela sua vocação a fundar uma nova filozofia, para levantar sobre esta baze uma politica e uma religião, novas, ele devia esperar, enquanto durasse a sua lenta e dificil construção, a ficar sempre só em sua senda, e a contentar-se em pedir aos republicanos, como aos sientistas, uma atenção benevolente. Renunciando,

pois, ás honras sientificas e á ação politica, Augusto Comte voltou os seus olhares para a Escola Politecnica; ahi, ele podia pedir com exito um lugar assás elevado para assegurar a sua existencia e proporcionar-lhe lazeres.

Mas, uma vez no mundo oficial, devia ele esgotar-lhe as decepções e os desgostos. A cadeira de calculo da Escola Politecnica ficou vaga. Animado pelo ilustre Dulong, então diretor dos estudos, o joven filozofo dirigiu uma carta ao prezidente da Academia das Siencias, na qual aprezentava a sua candidatura. Infelizmente, a escolha do sucessor já estava feita. Em compensação, foi nomeado, em Julho de 1837, examinador dos candidatos á Escola Politecnica. Pouco tempo depois, foi chamado pelo regulamento a suprir o professor de calculo de que era repetidor, e o fez durante dois mezes, com uma elevação e clareza que entuziasmárão os alunos e lhe merecêrão da parte destes uma manifestação ecepcional de felicitações. Estes dois lugares na Escola Politecnica, juntamente com outro curso que conseguiu mais tarde em uma escola preparatoria particular de Paris, permitírão então ao filozofo restringir o seu ensino privado.

Foi esta a epoca mais calma da sua vida, perturbada infelizmente pela morte da sua ecelente mãi Rozalia Boyer, que sobreveio a 3 de Março de 1837. Esta dôr, profundamente ressentida, somada a novos

trabalhos, produziu-lhe no ano seguinte uma passageira indispozição, depois da qual Augusto Comte suprimiu irrevogavelmente o uzo do rapé, a que se habituara desde a idade de dezeseis anos. Ia começar a escrever o quarto volume da sua *Filozofia Pozitiva*, relativo á siencia da historia.

A contemplação diaria do conjunto da evolução mental da Humanidade conduziu o filozofo a meditar sobre as belas-artes. Até então quizera ele pensar tudo quanto havião pensado os seus predecessores; quiz ele agora saborear todos os prazeres artisticos que de seculo em seculo tinhão deleitado as gerações passadas. Absorvido desde a sua mais tenra juventude pelas deduções abstratas, a sua vida não fôra sinão um prolongado e constante pensamento. Por isso tambem ficara ele quazi alheio ás artes; quiz preencher esta lacuna.

Pôz-se a ler e a reler diariamente, nos seus idiomas respetivos, Virgilio, Horacio, Plauto, Dante, Ariosto, Tasso, Milton, Shakespeare, Byron, Cervantes, Calderon; tornou-se um dos diletantes mais assiduos da Opera italiana, onde teve a ventura de ouvir as obras-primas de Mozart, de Rossini e de Donizetti, interpretadas por inimitaveis artistas. Frequentou com empenho os concertos do Conservatorio de muzica, onde aprendeu a admirar, sob um novo aspeto, o incomparavel Mozart e seus gloriozos emulos: Haendel, Haydn e Beethoven. Enfim,

devassou os nossos ricos muzeus e se tornou familiar com todos os tezouros da Antiguidade e dos tempos modernos.

Quantas vezes lamentou amargamente o haver atingido a idade madura, sem ter saboreado as doces alegrias da arte! Quantas vezes deplorou não ter sido iniciado, desde a infancia, na muzica, no dezenho, nas linguas vivas! Com efeito, esta educação primeira, que deveria preceder toda instrução sientifica, é quazi indispensavel para apreciar plenamente as belas-artes.

A alma humana manifesta-se sob dois aspetos bem distintos, conforme o predominio do espirito ou do carater: dahi a divizão dos homens em naturezas meditativas e naturezas ativas. Estas ultimas formão a imensa maioria. Mas, entre os espiritos meditativos, existem alem disso duas classes diferentes: uma que busca a verdade, ao passo que a outra a embeleza.

A arte e a siencia são produtos naturais da inteligencia humana: ambas exigem os mesmos esforços de meditação. Todo espirito de elite é igualmente apto para uma como para outra. Apenas, um grande pendor a observar os seres e uma feliz dispozição a exprimir os sentimentos determinão a vocação artistica; ao passo que a vocação filozofica provêm de uma tendencia a abstrahir os acontecimentos deixando de lado os seres que os produzem.

A siencia consiste em observar fatos, em induzir generalizando as suas leis de coexistencia e de sucessão, e em deduzir dessas leis fatos não observados diretamente, que é precizo verificar pela experiencia.

A arte, pelo contrario, observa os proprios seres e concebe tipos idealizados, aos quais refere todas as perfeições observadas diretamente ou deduzidas do estudo direto.

Na idade fetichica, em que a Humanidade nacente adora a materia, dotando-a de inteligencia, de sentimento e de vontade, a arte esforça-se por pintar os proprios seres, animais, plantas, e corpos quaisquer. É o seu tempo de estudo, durante o qual aplica-se a descrever e a copiar.

Nas teocracias, os deuzes são inaccessiveis ao vulgo, só o sacerdocio os conhece e se aproxima deles. A arte tem por missão reprezentá-los: é precizo então, não mais descrever e copiar ,mas idealizar. Dahi, essas sabias teogonias, esses idolos imponentes, esses templos magestozos.

Na Grecia, os deuzes fazem-se homens; a arte idealiza a natureza humana. Na Idade-Media, o catolicismo revela aos artistas a sua grandioza unidade. Dante é seguido de pleiades epicas, e as catedrais se erguem em toda a cristandade. A éra moderna engrandeceu a individualidade humana; a arte idealiza a vida privada pelo

drama, a comedia, o romance e o quadro de costumes.

A arte segue, pois, o dezenvolvimento social; acha-se ligada, como a siencia, aos progressos da civilização. A sua historia confunde-se com a da Humanidade; porque é ahi sobretudo que não póde haver ponto de vista separado: é um conjunto cujas partes todas são solidarias e reagem umas sobre as outras. Por toda parte e sempre, desde que os homens se aproximárão e formárão uma reunião de familias, a arte e a siencia têm surgido, do mesmo modo que a atividade, pois que elas constituem dois produtos distintos mas coexistentes da inteligencia humana.

Raras vezes Augusto Comte tivera bastante lazer para viajar; por isso estimou muito ser nomeado examinador dos candidatos á Escola Politecnica. Esta função fez-lhe conhecer as principais cidades da França e o colocárão em relação com as classes abastadas da sociedade. Dahi essas finas apreciações da burguezia que encontramos em suas obras. Estas viagens tiverão uma feliz influencia sobre a sua saude: arrancavão-no durante mezes inteiros ao trabalho pertinaz com que escrevia os ultimos volumes da sua *Filozofia*. Proporcionárão-lhe, alem disso, o prazer de rever o seu amigo de infancia, Valat, antigo camarada da Escola Politecnica, e de reatar com ele relações

seguidas interrompidas bruscamente pela sua terrivel crize de 1826.

Foi quando voltava de uma dessas excursões de examinador, que lhe foi dado prestar a um dos seus amigos assinalado serviço nas mais dolorozas circunstancias. O Sr. de Montgéry, oficial de marinha, tinha sido encerrado, por ordem superior, numa caza de saude. Apezar dos seus protestos e reclamações, o seu cativeiro continuava. Teve então o pensamento de recorrer a Augusto Comte. A carta, endereçada a Paris, lhe foi reenviada para Grenoble. O estabelecimento de alienados era justamente nos arredores desta cidade. O filozofo, dando apenas ouvidos ao seu coração, transporta-se imediatamente ali; mas á vista desses muros altos, dessas portas engradadas e aferrolhadas, ao escutar o ruido sinistro dos gemidos e dos gritos de raiva que irrompião dessa cidadela da loucura, sentiu-se como que acometido de uma vertigem. Ai dele! era esse o tumulo em que por pouco ficara sepultado aos vint'oito anos; era nessa gehena que ele tambem tinha passado, sem memoria, sem consiencia, mezes, estações, ebrio de furor, espumante, e depois abatido, imovel, morto para a inteligencia, morto para a gloria que já se erguia radiante no horizonte de sua vida, morto para a grande missão que ele ambicionava, e cujo preludio ele realizara ainda tão joven. Mas fôra tambem desse inferno que o anjo do devotamento, que sua

santa Mãi tinha subtrahido o seu corpo; fôra desse abismo que a ternura o havia salvado, apaziguando a tempestade das paixões dezencadeadas, dissipando as trevas do delirio e reacendendo o facho do seu espirito. Ao recordar tudo isto, Augusto Comte não hezita mais: palido, desfeito, bate á porta maldita; revê o seu amigo, conversa largamente com ele. O marinheiro deplora a sua deterção, e confia ao filozofo um projeto de evazão: desvenda-lhe uma formidavel conspiração de que ele é chefe; com notavel lucidez ele lhe expõe o plano, discute as probabilidades de exito; mostra-lhe as armas preparadas em segredo, nomeia-lhe os cumplices prontos a agir a seu sinal. Augusto Comte ficou frio de terror; tratava-se de massacrar numa noite as irmans, os enfermeiros e os guardas, arrombar as portas e fugir. O filozofo despede-se de seu temivel amigo, e corre á caza do diretor. Este, atonito, redobra de vigilancia. Chegando a Paris, Augusto Comte foi comunicar o rezultado de seu inquerito ao ministro da marinha, que ordenou imediatamente a soltura de um louco tão lucido e tão energico como o comandante Montgéry.

Em 1840, uma nova vacancia da cadeira de Calculo na Escola Politecnica reanimou as esperanças de Augusto Comte. Aprezentou a sua candidatura, a 27 de Julho de 1840, em uma segunda carta á Academia das Siencias. Na sua opinião, esta

cadeira pertencia-lhe de direito: os seus longos serviços, o brilho do seu ensino interino, a apreciação dos primeiros volumes da sua grande obra por Sir David Brewster na celebre *Revista de Edimburgo*, pareciāo-lhe titulos suficientes. A Academia não pensou assim. Esta injusta preterição, tão comum na vida oficial, chocou profundamente a Augusto Comte, que até então se conservara estranho ás intrigas do mundo. Exprimiu-se com vivacidade sobre isto e emitiu sobre o seu feliz rival um desses juizos severos que não se perdoão. Ainda mais, ele ouzou, no ultimo tomo da sua *Filozofia Pozitiva*, aprovar inteiramente o decreto da Convenção Nacional que aboliu as academias; motivando este parecer pela funesta influencia exercida pelo regimen academico desde que a reorganização intelectual estava na ordem do dia. Sem duvida, esse regimen tinha favorecido o surto sientifico, enquanto as diversas siencias estavão por criar; mas depois ele tendia a impedir a sua coordenação em um só corpo de doutrina, impelindo para os trabalhos de detalhe, os unicos que as diversas academias erão capazes de apreciar e de recompensar. Augusto Comte, em sua indignação, foi até o ponto de escrever, no prefacio do ultimo volume da sua *Filozofia*, que um dia ele havia de revelar ao publico a historia dessa preterição, estigmatizando nominalmente os seus principais inimigos. Esta ameaça altiva gerou o mais implacavel odio

nos algebristas do Instituto, que, a partir dessa epoca secundárão a invejoza perversidade de um deles, no horrivel conluio que, quatro anos mais tarde, devia perturbar tão gravemente a existencia do filozofo e que quazi pôz em perigo a sua vida.

CAPITULO TERCEIRO

I

> Puz remate a um monumento mais duradouro do que o bronze.
>
> HORACIO.

TAL era a situação de Augusto Comte ao terminar a sua *Filozofia Pozitiva.* Esta obra original foi escrita ao correr da pena; o estilo é descurado, si bem que sempre de uma precizão admiravel: encontrão-se nela algumas repetições, porque o autor pensa em voz alta, sem cuidar do leitor. Por isso tambem é antes uma especie de confissão intelectual do que um tratado. Este livro ha de ficar como o espelho fiel das meditações solitarias de um poderozo genio durante mais de oito anos. A leitura, porem, desta obra não é indispensavel para ser iniciado na nova doutrina; porque, assim como o publico, para ser impressionado pelo conjunto grandiozo de um monumento, não tem necessidade de ver nem os seus esboços nem os seus planos, que só têm valor aos

olhos dos architetos, assim a razão comum modifica -se, sob a influencia de um livre pensador, sem recorrer ás suas obras, que por toda parte e em todos os tempos ficão rezervadas a um pequeno numero de espiritos seletos.

Bacon e Descartes assentárão, no seculo XVII, as bazes da filozofia moderna. O primeiro traçou-lhe o programa; o segundo fixou-lhe o metodo. No seculo XVIII, o impulso dado por estes dois renovadores parece ter seguido duas vias distintas.

A celebre taboa raza de Descartes dirigia as meditações dos pensadores para a certeza, isto é, sobre os meios empregados pela nossa inteligencia para chegar á verdade. É assim que Kant, abordando antes de tudo a fonte mesma dos nossos conhecimentos, fez-lhe a analize critica; ele descobre a natureza puramente relativa de tudo o que nós sabemos, e a nossa impossibilidade de conhecermos qualquer coiza em si mesma; porquanto nós não conhecemos nenhum objeto, nenhum ente, mas apenas os fenomenos que eles aprezentão. A metafizica, dezenvincilhada por Descartes dos entraves escolasticos e fixada por Kant sobre o objeto das nossas pesquizas, tomou um surto gloriozo na Alemanha. Como outrora, ela abraçou o conjunto das concepções do espirito humano, e tornou a encontrar, em Fichte e Hegel, essa altura e essa generalidade de vistas que parecia ter perdido, desde Leibnitz, entre os modernos.

Tal foi um dos movimentos filozoficos do seculo XVIII, oriundos da grande renovação moderna.

O outro tem por teatro a França e a Escossia. Partindo, com Bacon e Descartes, da certeza sientifica, isto é, experimental, o espirito não quer saber de outra, e renuncia á metafizica. Não viza mais a pesquiza das cauzas nem as noções absolutas; em moral, como em fizica, toda propozição, para ser reputada verdadeira, deve ser o enunciado de um fato, mais ou menos geral, mas sempre sucetivel de ser verificado pela observação. Demais, a filozofia deve comprehender o circulo inteiro dos conhecimentos humanos; ela deve coordená-los todos em torno de um centro, deduzi-los todos de um principio. O que os Alemãis tentárão fazer por meio da metafizica, trata-se de fazer agora mediante a siencia, segundo o voto de Bacon e de Descartes.

A escola escosseza e a escola franceza não puderão, no seculo XVIII, sinão preparar materiais para o edificio; porque, tanto a Diderot como a Hume, foi-lhes impossivel criar um sistema. Assim, o segundo movimento filozofico, nacido de Bacon e Descartes, não atingiu o seu alvo no seculo XVIII: isto devia ser a obra do seculo seguinte.

A questão era, pois, esta: com a só certeza sientifica, criar uma filozofia, isto é, um sistema completo dos conhecimentos humanos. E por sistema cumpre entender um conjunto coordenado de todos os nossos

pensamentos. Assim, uma filozofia, para ser digna deste nome, deve comprehender a astronomia, a fizica, a chimica, a fiziologia, a historia e a moral, tanto como a medicina, a politica, as belas-artes e a religião; ela deve religar todas essas siencias e todas essas artes.

Tal foi a obra de Augusto Comte. Bacon e Descartes almejavão por uma filozofia toda sientifica; ele ouzou concebê-la e constitui-la. Partindo da grande lei dos tres estados sucessivos que ele tinha descoberto em todas as concepções da inteligencia, o pensador do seculo XIX rezolveu formar um conjunto de todos os conhecimentos humanos chegados ao estado final ou pozitivo. Assim como tinha havido filozofias teologicas e metafizicas, do mesmo modo devia ser possivel formular uma filozofia inteiramente sientifica: foi o que fez Augusto Comte. Ele classificou as siencias abstratas já criadas, a matematica, a astronomia, a fizica, a chimica, a fiziologia; pôz no alto da escala a historia ou fizica social e a moral. Coordenadas as siencias, as artes ficavão-no tambem; e o que os Alemãis havião feito com a metafizica, o filozofo francez realizou com a siencia.

Mediante a sua grande lei dos tres estados. Augusto Comte reuniu num todo os elementos esparsos da siencia. Ainda mais, ele fez reentrar na filozofia pozitiva a teologia e a metafizica; são estados passageiros e preparatorios, estagios da razão

humana; são metodos provizorios, necessarios para guiar as nossas meditações ao seu verdadeiro objetivo; forão eles que fizerão dezabrochar a filozofia moderna, como a astrologia e a alchimia gerárão respetivamente a astronomia e a chimica.

A *Filozofia Pozitiva* de Augusto Comte é o monumento intelectual mais imponente que sucedeu á obra gigantesca de Aristoteles.

II

> O que carateriza o homem de genio é adiantar-se assás ao seu seculo, para ser por este menosprezado.
>
> (CONDORCET. *Elogio de Turgot.*)

Ao escrever o sexto e ultimo volume da sua obra filozofica, Augusto Comte mediu a extensão dos perigos que esta publicação ia sucitar. Cuidou em conjurá-los, mediante um prefacio pessoal em que desvendaria ao publico a gravidade da sua situação e invocaria o seu apoio contra as perseguições que previa. Esta peça, datada de 19 de Julho de 1842, foi publicada com o ultimo tomo da *Filozofia Pozitiva.*

É uma expozição da sua vida, do dezenvolvimento das suas idéias, e da pozição que lhe vai criar a fundação de uma nova doutrina. Ele profetiza os golpes que vão assaltá-lo, e termina pela rezolução inabalavel de perzistir em sua missão. Os seus inimi-

gos poderão, sem duvida, arrancar-lhe os dois lugares da Escola Politecnica; está rezolvido a retomar o ensino particular. Os seus inimigos o cobrirão de diatribes e calunias; está decidido a não lhes dar resposta, e, até, a não prestar-lhes ouvidos. Publicada a sua obra, confia-a ao publico de elite que a transmitirá á Posteridade. Quanto a ele, reatará com calma as suas meditações solitarias, para erguer sobre essa baze intelectual a Religião do Porvir.

Este prefacio, quando ainda manuscrito, foi comunicado a alguns amigos. Todos se esforçárão por demover Augusto Comte de o publicar. Ele porem, manteve a sua rezolução. Estava cançado da dependencia em que vivia: os seus lugares na Escola Politecnica podião ser-lhe tirados todos os anos, por um voto do Conselho; repugnava-lhe vêr-se obrigado a solicitações perpetuas. Este prefacio devia tirá-lo dessa situação.

III

> Ah! é uma maldição em amor, quando, amando uma mulher, não se póde ser por ela amado.
>
> SHAKESPEARE. (*Os dois fidalgos de Verona*, ato 5, sena 5.)

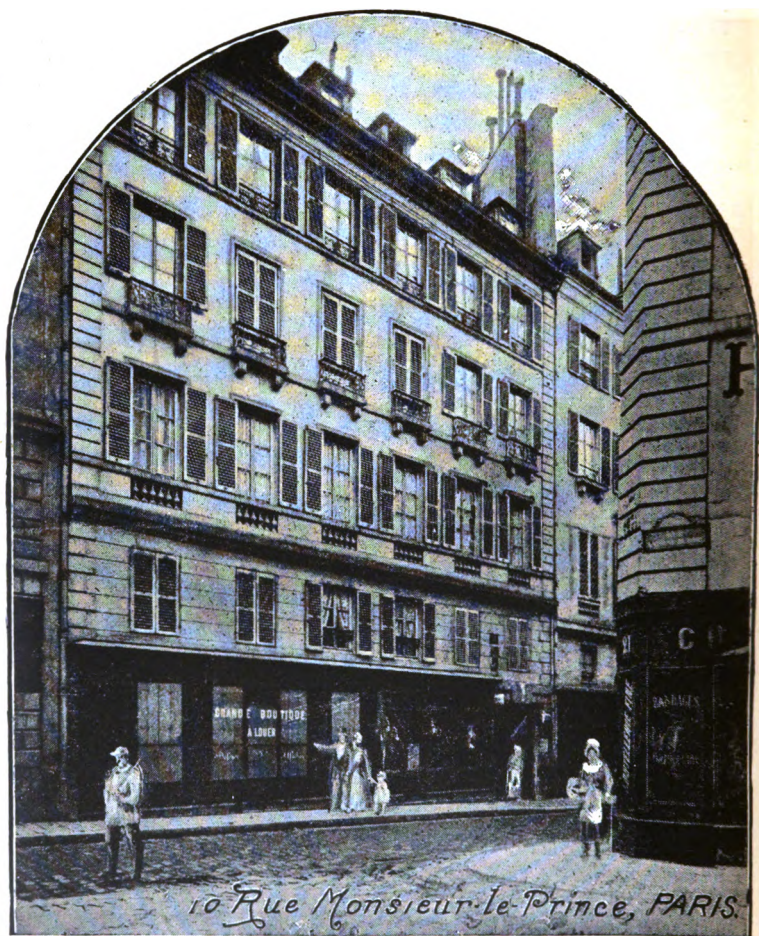
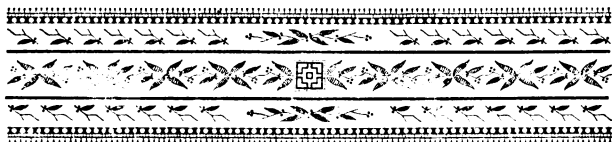
Neste comenos, Carolina Massin pediu para separar-se. Havia muito já que ela ameaçava com este escandalo; porquanto, desde o dia em que ela teve de renunciar ás suas miras ambiciozas, não dissi-

mulou mais o seu despeito. Sonhara, para o seu marido, primeiro a Academia de Siencias e o alto ensino, em seguida um papel e um nome no partido republicano. Para realizar este sonho, ela não poupara passos e intrigas; mas agora cumpria-lhe renunciar a toda esperança. Ela sondara a energia de Augusto Comte e a profundeza da sua rezolução. Sabia-o: daqui por diante ele ia viver retirado, entregue todo inteiro á sua obra de gigante, sem procurar fóra nem aprovação nem recompensa. Ainda mais, ele ia arruinar, ou, quando menos, comprometer gravemente essa pozição, modesta mas suficiente, que a tanto custo ele criara. Carolina Massin via-o muito claramente: a publicação desse ultimo volume, com o seu prefacio ecepcional, era uma declaração de guerra que devia destruir a pozição oficial do filozofo na Escola Politecnica, primeira e inevitavel vingança dos academicos. E por este modo, aos quarenta e quatro anos, Augusto Comte ficaria reduzido á vida necessitoza da sua juventude, á obrigação de pedir a lições particulares o pão quotidiano. Estremeceu ante esta perspectiva, e não se sentiu com coragem para recomeçar uma nova luta. Recapitulou na memoria os tristes começos do seu cazamento, os asperos combates contra a mizeria sempre iminente, a subida para a abastança, tão lenta e eriçada de obstaculos. Então, recordando com saudade a seguridade dos seis ultimos anos, ela rezolveu não assis-

tir á ruina dessa pozição, que ela contribuira para construir e que não podia salvar. Foi com estes sentimentos que Carolina Massin renovou o seu pedido de separação.

O filozofo sentiu-se ferido em pleno coração; porquanto, si renunciara, havia dezesete anos, á felicidade de ser amado, acreditava ao menos na amizade e no apego da sua mulher; contava com ela como com o melhor amigo. Tinha-se habituado a lhe confiar os seus projetos, a iniciá-la em seus trabalhos, a consultá-la, até; porque ele admirava a rara inteligencia com que ela apanhava as altas especulações, inaccessiveis a tantos homens. Por isso a sua alma sentiu-se alquebrada, vendo-a prestes a abandoná-lo no momento em que ele travava uma luta suprema com os seus inimigos. No entanto, fiel á conduta que adotara para com a sua mulher, não proferiu nenhuma queixa ou reproche; apenas rezolveu que esta separação seria irrevogavel, uma vez feita. Comunicou á sua mulher esta rezolução; ela perzistiu no seu projeto. Doente e quazi quebrada pelas privações da sua juventude, ela não se sentia com forças para seguir o seu marido nesta segunda carreira; ela queria ir viver só, nesse bairro socegado de Paris, chamado Batignolles, azilo das mizerias ocultas, refugio dos pobres vergonhozos. De lá, ela assistiria á luta, continuando de longe ao seu espozo os seus conselhos e as suas simpatias. Mas, ao

transpôr o limiar desse domicilio em que ela não devia entrar nunca mais, sentiu-se detida bruscamente pelo remorso: este mostrava-lhe o filozofo no abandono, no izolamento mais completo; fazia-lhe ouvir a voz inexoravel da posteridade, exigindo a justificação da sua fuga e repetindo de geração em geração que Augusto Comte tinha sido abandonado por aquela a quem ele déra o seu nome. Desvairada, pára, torna a penetrar rezolutamente na caza; mas, pensando novamente que o filozofo vai tudo sacrificar, pozição, abastança, bem-estar, e que ela é impotente para impedir esse sacrificio, volta á sua primeira rezolução. Então, para abafar o brado da sua consiencia, ela procurou uma mulher segura a cujos cuidados pudesse confiar aquele a quem abandonava; encontrou para isto a espoza de um proletario, Sofia Bliaux, que ela instalou como criada da caza; recomendou-lhe o marido, pô-la ao corrente dos seus habitos, dos cuidados delicados exigidos pela sua vida de labor; e em seguida afastou-se para sempre do teto conjugal.

TERCEIRA PARTE

CASA DE AUGUSTO COMTE

CAPITULO PRIMEIRO

Vœ soli!

Foi, pois, só, abandonado pela sua mulher, que Augusto Comte esperou o efeito produzido pelo ultimo volume da sua *Filozofia Pozitiva*. O vasto «apartamento» do n. 10 da rua Monsieur-le-Prince, que ele habitava desde 15 de Julho de 1841, parecia-lhe um dezerto; a calma e o silencio que tinhão sucedido ás ultimas tempestades não erão sem encanto para o seu coração: deixavão renacer neste a paz e a rezignação.

O esquecimento da indigna exigiu alguns esforços: o vê-la renovava todas as suas dôres; ouvir falar dela o perturbava profundamente. Era precizo evitar com cuidado todas as ocaziões de encontrá-la, evitar todos os que a conhecião, afastar todos os objetos que a lembrassem. Mas, para destruir na memoria uma imagem penoza, cumpre substitui-la;

só então o esquecimento é completo. Foi o que experimentou o filozofo quando um novo e derradeiro amor subjugou e encheu o seu coração.

Foi esta a epoca mais tranquila, sinão a mais feliz da sua vida. Os seus dois empregos na Escola Politecnica e o curso que ele professava numa instituição particular bastavão fartamente ás suas modestas necessidades. A sua obra filozofica começava a trazer-lhe a gloria a que aspirara desde a sua mais tenra juventude. Dois escritores de renome, John Stuart Mill, na Inglaterra, Emilio Littré, em França, apreciavão dignamente esse edificio colossal. A elevada pozição e a nomeada destes dois juizes oferecião ao filozofo larga compensação do silencio da imprensa franceza. Recebeu tambem as modestas homenagens de alguns moços que se tornárão seus dicipulos e dos quais um deles, o Sr. Pierre Laffitte, foi desde essa epoca admitido em sua intimidade e honrado por ele com o titulo de amigo.

Augusto Comte utilizou os lazeres que lhe proporcionou o acabamento da sua grande obra, escrevendo o seu *Tratado de geometria analitica*, que viu a luz em 1843, e o seu *Tratado de astronomia popular*, que foi impresso o ano seguinte. Fez preceder este ultimo volume do *Discurso sobre o espirito pozitivo*, que ele havia pronunciado em Fevereiro de 1844, na abertura do seu curso anual de astronomia. É uma rapida expozição da filozofia pozitiva e da sua apti-

dão a dirigir a conduta do povo durante a tranzição revolucionaria.

Mas este periodo de calma e de repouzo devia ser de curta duração. O prefacio do 6° volume, altivo e severo para as mediocridades academicas e para o famozo Arago, em torno de quem elas se agrupavão, fez nacer um processo entre o filozofo e o seu editor. Augusto Comte pleiteou ele proprio e ganhou a sua cauza; mas agravou na audiencia o dezafio lançado aos seus poderozos inimigos. O primeiro bote do odio destes não se fez esperar. Tirárão-lhe no dia 27 de Maio de 1844 as funções de examinador que dependião do voto deles e o substituírão pelo joven sobrinho de um deles.

Augusto Comte recebeu o golpe com rezignação, mas sondou com pavor toda a extensão do perigo. Os seus covardes adversarios não se limitarião sem duvida a esta vingança; animado por este primeiro triunfo eles tentarião impôr-lhe silencio reduzindo-o á mizeria. Foi o que eles fizerão com um encarniçamento odiozo.

Para alcançarem o seu fim criminozo, os academicos destruírão um por um todos os meios de existencia do filozofo. Em primeiro lugar, arrebatando-lhe as suas funções de examinador dos candidatos á Escola Politecnica, fizerão parar bruscamente a venda da sua *Geometria Analitica*, cujo sucesso presagiava varias edições; demais, tornárão inevitavel

a perda da cadeira que lhe havia sido confiada pelo diretor de uma escola preparatoria de Paris. Assim Augusto Comte ficou reduzido ao seu modesto ordenado de repetidor de Analize. Foi-lhe, pois, precizo recorrer, como no principio da sua carreira, ás lições particulares. Para isto, procurou os diretores de diferentes instituições ; mas o odio dos seus inimigos o havia precedido ahi. Fazendo pressão sobre os proprietarios desses diversos estabelecimentos pelas pozições que tinhão na Escola Politecnica, os academicos conseguírão fechar todas as portas ao filozofo: assim colocavão-no face á face com a mizeria, esperando por este modo escapar á sua justa vingança. Reduzido a ganhar penozamente o pão de cada dia, Augusto Comte não podia dahi por diante encontrar um editor para apontar o crime dos seus perseguidores e estigmatizar a sua covardia. Esta conspiração, tão habilmente urdida, e tramada com furia, malogrou-se contudo ; porque aquele que os seus carrascos julgavão desconhecido por todos, visto o seu nome não ser mais pronunciado na Academia de Siencias, e que, portanto, eles vião já morrer de dezespero — era felizmente assás celebre e assás ilustre desde então para escapar aos odios deles.

Logo que a penuria de Augusto Comte foi sabida, tres inglezes, os Srs. Grote, Molesworth e Rankes Currie, cedendo ás solicitações de Stuart Mill, lhe endereçárão a importancia do ordenado politecnico que

acabava de lhe ser arrebatado, após sete anos de irreprehensiveis serviços. Este auxilio permitiu-lhe esperar a volta das lições particulares; refez penozamente um nucleo de alunos suficiente para viver; erão jovens estrangeiros, atrahidos pela sua fama, e alguns politecnicos dezejozos de prepararem os seus exames de fim de ano.

Apezar destas rudes provações, a vida do filozofo corria calma e placida. Desfeita a tormenta, ele havia esquecido o perigo e retomado o curso das suas meditações. Por outro lado, o odio de alguns academicos era impotente para perturbar o contentamento profundo que ele hauria na intimidade dos seus amigos e na consiencia do seu genio. Desde que a sua mulher o havia abandonado, Augusto Comte sentia abrandarem-se-lhe os dilaceramentos do coração; não era feliz, sem duvida, pois que a felicidade é o amor; mas ele experimentava como um vago presentimento de que não se achava inteiramente morto para a felicidade. A sua saude, perturbada pela longa gestação da filozofia pozitiva, se revigorava, graças aos cuidados desvelados da ecelente proletaria consagrada ao seu serviço.

Foi então que o filozofo assentou o plano da sua segunda grande obra, a *Politica Pozitiva*.

Desde os seus primeiros ensaios, Augusto Comte havia assinalado á siencia social um destino pratico: tinha ela por fim indicar aos governantes e aos po-

vos quais os acontecimentos que cumpre favorecer, quais os que é precizo combater desde o nacedouro. Para isto, o estudo das leis sociologicas deveria inspirar essas indicações praticas a alguns publicistas izolados que, do fundo do seu gabinete, lançarião ao publico as suas advertencias e conselhos.

Eis ahi a primeira concepção da *Politica Pozitiva*. Mas quando a criação da sociologia fez nacer o plano de uma filozofia, essa concepção inicial tornou-se mais preciza. Augusto Comte não abandonou mais a alguns pensadores surgidos ao acazo a ação espiritual proveniente do conhecimento do passado humano. Pensou que ela devia ser confiada a um corpo constituido, a um poder distinto do poder temporal, como o prova, de um modo peremptorio, o seu opusculo impresso em 1826.

Assim, a criação da siencia social fez surgir a concepção de uma filozofia pozitiva. Depois, quando este novo estado mental se teria tornado comum aos espiritos de elite no Ocidente, surgiria um poder espiritual analogo ao que havia sido na Idade-Media a gloria do catolicismo.

Tal havia sido o programa de Augusto Comte quando concebeu o plano do seu monumento filozofico; tal era ainda quando, após dezeseis anos de labor, depuzera a pena.

Restava-lhe, pois, organizar esta ação da teoria sobre a pratica, cujas condições de existencia lhe ti-

nhão sido reveladas pelo estudo da historia. O passado tinha-lhe ensinado que a religião é um dos elementos da ordem social; que, por toda parte e sempre, ela aparece desde que os homens vivem em sociedade; e que, por toda parte e sempre, ela tem um orgão distinto: um sacerdocio. Assim a *Politica Pozitiva* tinha por objeto imediato a instituição de uma religião.

Ora, a historia dos tempos passados, tanto quanto a observação direta das diversas sociedades que existem na superficie da terra, ensina as condições gerais de toda religião. Por toda parte e sempre, a massa humana reduz o dogma á crença em varios seres mais poderozos que o homem, finalmente subordinados a um só, no qual ela procura um protetor, um juiz e um vingador: ela preciza invocar o auxilio desses entes na desgraça; implorar o perdão deles em seus desfalecimentos; contar com os braços deles para vingar a sua inocencia. É o amor desse poder superior que refreia o egoismo, aproxima o homem dos seus similhantes e prodigaliza a estes os tezouros do seu coração.

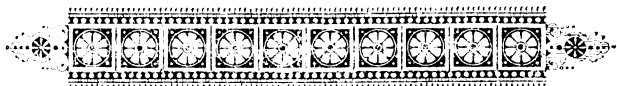
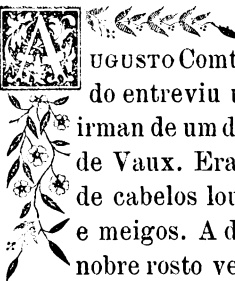
O estudo do catolicismo tinha revelado, alem disso, a Augusto Comte toda a profundeza da alma humana; esse estudo o havia familiarizado com o amor exaltado de Santa Tereza, a abnegação sublime de S. Francisco de Assis, e a placida devoção de Tomaz de Kempis. A religião do futuro de-

via tambem, e a seu modo, corresponder a todas essas aspirações.

Era, portanto, abraçando o campo religiozo, em toda a sua imensidade, que o filozofo pedia á siencia o dogma sobre o qual ele pudesse construir a nova fé. Ele procurava na concepção pozitiva do mundo a revelação de um ente superior ao homem, cujo amor pudesse constituir o novo culto.

Mas esta construção exigia outra coiza que não um esforço intelectual. Não se tratava mais, como para o monumento filozofico, de assentar os alicerces de todo prontos, nem mesmo de afeiçoar materiais brutos. Não se tratava mais de observar fatos, de apanhar por indução as leis de coexistencia e de sucessão e de deduzir dessas leis, por via de consequencia e de encandeamento, fatos novos que houvessem escapado á observação direta, mas que a experiencia verificasse. Completamente diferente era a tarefa que impunha a Augusto Comte a nova obra que ele meditava.

Senhor de todo o saber humano, ele precizava utilizar este tezouro para dar satisfação ás eternas necessidades da alma humana; precizava, com verdades demonstradas, fazer o que antes dele tinhão feito São Paulo e Mahomet, com dogmas indemonstraveis. E para isso era mistér que o seu genio fosse assistido por uma imensa ternura; porque só o amor póde desvendar as secretas aspirações da alma ao ideal e á perfeição.

Ah ! penetrado dessa imperioza exigencia, gemia ele lançando um olhar sobre o seu passado. Tinha chegado á madureza, só no mundo, sem laços, sem afeições, sem familia. Este vazio do coração, suportado com rezignação, enquanto o trabalho do espirito aborvia a sua vida, exigia imperiozamente que fosse preenchido. O filozofo não se contentava mais de atirar um olhar enternecido sobre a felicidade dos outros; mas si, em seus passeios solitarios, os seus olhos divizavão uma suave cabeça de mulher, ele resentia como uma irrezistivel necessidade de amar, e esta doce aspiração mudava as suas meditações em vagos devaneios e perturbava o seu coração.

CAPITULO SEGUNDO

> Donna, se' tanto grande e tanto vali,
> Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
> Sua desianza vuol volar senz'ali.
>
> DANTE, (*Paraizo*, canto 33.)

AUGUSTO Comte achava-se nesta situação quando entreviu um dia, em Outubro de 1844, a irman de um dos seus alunos, a Senhora Clotilde de Vaux. Era uma moça bela, de trinta anos, de cabelos louros e sedozos, de olhos languidos e meigos. A desventura havia impresso no seu nobre rosto vestigios dolorozos, mas não tinha alterado a expressão benevola dos seus traços.

Um relampago revelou ao filozofo o que faltava á sua vida, e o que o detinha, exhausto, na senda glorioza da sua grande missão. Aquele que queria desvendar a maneira por que no futuro haviamos de amar, haviamos de abençoar, nos haviamos de exaltar, devia antes que ninguem amar e abençoar, devia reaquecer o seu coração entorpecido no fóco do puro amor. Os poetas, seus amigos de cada dia, tinhão

Quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement?

Clotilde de Vaux

-lhe pintado sem duvida todas as fazes dessa paixão. Mozart e Bellini tinhão-lhe formulado os seus mais suaves acentos — mas este sentimento nunca ele o havia experimentado, e o seu coração, aos quarenta e sete anos, era novo no amor. Por isso tambem a ferida foi profunda. Perdeu a calma, a assiduidade no trabalho, e mesmo o sono, ficando a sua saude seriamente ameaçada.

E, na verdade, bem digna era de inspirar similhante amor a joven dama que Augusto Comte teve a felicidade de conhecer e de amar. Vitima inocente de um cazamento funesto, Clotilde de Vaux, desde o alvorecer da sua vida, conheceu as mais pungentes dores. Alquebrada pelos sofrimentos, joven, formoza, ela vegetava obscura, pedindo á sua gracioza pena os modicos recursos da sua existencia ; pois que a sua alma, altiva e nobre, repelia até o pensamento de uma situação irregular. Condenada por uma lei barbara a trazer o nome de um homem ferido de morte civil, ela se havia rezignado corajozamente a viver sem amor os poucos anos que ainda a separarião da suprema libertação.

O nacimento de uma criança na familia da sua bem-amada forneceu ao filozofo a ocazião de contrahir com ela um laço publico que, de si para si, ele considerava muito mais intimo. A 28 de Agosto de 1845, na igreja de S. Paulo, á rua de Santo Antonio, ele aprezentava com Clotilde na pia batismal o filho

mais velho de M. Marie, irmão dela: foi durante esta ceremonia que Augusto Comte, com os olhos fixos em sua Clotilde, lhe votou a alma e uniu-se a ela por um cazamento subjetivo que a morte não devia romper, e ao qual a Posteridade havia de conferir a sua infalivel consagração.

A conformidade dos infortunios, a similitude dos gostos esteticos, estabelecêrão breve entre o filozofo e a sua bem-amada a intimidade indispensavel a uma declaração. Clotilde de Vaux não aceitou a principio esta homenagem inesperada: a sua modestia não lhe permitia comprehender o entuziasmo do seu adorador; a sua delicadeza não queria animar uma paixão a que ela não correspondia. Ela temia sobretudo para esse genio, cujo poder ela entrevia, uma diversão fatal ao cumprimento da sua grande missão.

Mas Clotilde de Vaux pôde em breve sondar a profundeza deste amor tardio; o seu retrahimento e rezerva perturbárão por tal modo a alma entuziasta de Augusto Comte que ele teve que interromper todo trabalho, para cuidar da sua saude gravemente comprometida. Então, a nobre moça ofereceu-lhe, não um coração que ela acreditava fechado ao amor, mas uma amizade de irman. Augusto Comte recebeu com alegria essa oferta cheia de graça; ele tinha a intima convicção de vencer os seus temores e de atingir a suprema felicidade de ser amado por ela.

O filozofo entrou então na faze inefavel da sua existencia: colheu, uma a uma, as flores primaverais do amor. O seu coração, pela primeira vez, saboreou a felicidade de viver pelo coração de uma mulher; conheceu enfim todo o enlevo do apego irrezistivel que, de um olhar ou de uma inflexão de voz, transtorna ou arrebata um coração apaixonado, que empresta aos objetos inanimados os mais vulgares um valor inestimavel, e izolando-nos do mundo real, nos transporta sem cessar a um universo de delicias, aos pés do anjo adorado.

Esta felicidade devia ser bem curta para Augusto Comte: apenas um ano e meio se passara e Clotilde de Vaux expirava nos seus braços, abençoando-o pela sua ternura, confessando-lhe nesse instante supremo o amor que até então não ouzara lhe descobrir. A separação foi pungente e mais pungente ainda o dezespero do Pensador. Só a sua grande missão pôde inspirar-lhe rezignação no infortunio. Recobrou coragem e rezolveu viver para aquela que ele não pudera conservar: tornou a achar a sua inabalavel energia, pensando que ele poderia ressucitar e associar á sua imortalidade aquela que não mais vivia sinão no seu coração, e á qual ia ele dever os seus mais intimos aperfeiçoamentos.

CAPITULO TERCEIRO

Incipit vita nuova.
DANTE. (*Vita Nuova.*)

ESTAS palavras podem ser aplicadas a Augusto Comte, porque ele começou na realidade uma vida inteiramente nova. Escreveu entre soluços e lagrimas a dedicatoria da sua *Politica Pozitiva*, em que ele oferece á memoria da sua Clotilde a obra que ele se sente dahi por diante em estado de construir, graças ao seu puro amor; depois, ele votou o resto da sua existencia á Humanidade reprezentada para ele pela imagem sem cessar prezente da sua amante.

O seu grande «apartamento», outrora tão vazio povoou-se das mais ternas recordações: aqui, a porta que a sua Clotilde transpunha ardentemente esperada; ali, a cadeira em que ela costumava descançar; por toda parte, objetos que ela havia tocado com as suas belas mãos ou com o seu meigo olhar. Por isso o filozofo dei-

xou as suas longas excursões solitarias. Não ha muito ele fugia da sua morada e das penozas impressões que o seu izolamento lhe sugeria. Agora procurava-a como a fonte das suas mais doces emoções. O dezerto se transformara em paraizo.

Um dia que, imovel, os olhos fixos sobre as suas santas reliquias, Augusto Comte estava imerso em sua dôr, ele viu de repente a sua Clotilde: ela tinha a palidez da morte e o vestuario da hora suprema; ela estava ahi, deitada tal como ele a tinha visto pela ultima vez, quando, já sem movimento e sem voz, os seus olhos exprimião ainda os sentimentos do seu coração. Cai de joelhos, chama-a e abençôa-a; fala-lhe da sua dôr, do seu dezespero; suplica-lhe que venha em seu socorro; porque só ela póde fazer-lhe suportar a vida; só ela póde restituir-lhe a coragem. O enternecimento do filozofo foi imenso, mas cheio de delicias. Reergue-se enfim mais calmo e mais rezignado; sente-se menos só e menos abandonado. Foi tal o amparo que ele encontrou nessa emoção que rezolveu renová-la. Tentou reevocar a vizão que de subito tinha brilhado aos seus olhos, repleta de recordações da sua amante; quiz produzir voluntariamente o que a imaginação por acazo fizera nacer.

Na hora matinal, em que Paris ainda não sahiu do seu curto sono, em que tudo repouza nas ruas e nas cazas, Augusto Comte levantava-se e vinha ajoelhar-se na sua sala de vizitas diante da poltrona

em que, muito raras vezes, infelizmente, descançara a sua Clotilde; com os olhos fechados, ele evocava em sua poderoza memoria a camara mortuaria da sua amiga; com paciencia relembrava o conjunto, e depois os mais insignificantes detalhes. Quando a vizão se tornava clara e preciza, ele colocava no quadro a agonizante imagem, determinando com cuidado a postura e o vestuario. Então ele via distintamente a sua Clotilde; então rompião os seus soluços; em seguida renovava em voz baixa a sua rezolução de viver para ela e por ela, para a Humanidade.

A invocação da manhan repetiu-se á noite, e depois ao meio-dia: estas efuzões, primeiro espontaneas, tornárão-se depois orações cujos termos erão fixos. Assim surgírão verdadeiras praticas religiozas. A prece revestiu neste cazo todos os carateres que os doutores catolicos lhe tinhão dado.

Foi por este culto intimo e quotidiano que Augusto Comte elevou-se á santidade. Enclauzurado voluntariamente até a sua morte, no seu domicilio da rua Mr.-le-Prince, ele caminhou com passo rapido na senda da perfeição; impoz-se a regra austera das ordens monasticas: a castidade, a abstinencia do vinho, a prece frequente, o madrugar, o trabalho regular, a pobreza. A sua alimentação compunha-se de leite, pela manhan, e, na refeição da tarde, de um pouco de carne e de legumes. Suprimiu toda especie de sobremeza, e terminava o seu jantar co-

mendo um pedaço de pão seco, afim de pensar cada dia no numero demaziado grande de infelizes que não podem siquer saciar a fome por este modo. Lembrava-se assim que todos os esforços devem ter por objetivo final o melhoramento da existencia popular. Adotou a prescrição islamica da esmola, e, todos os anos, destribuia escrupulozamente pelos pobres a decima parte do que ganhava, mesmo no tempo em que a sua penuria era mais ameaçadora: dava, por intermedio de Sofia Bliaux, sua criada, de preferencia aos necessitados da sua vizinhança. Renunciou a toda distração, ás suas caras reprezentações do Teatro Italiano, aos convites para jantar, ás noitadas em caza dos seus amigos, e mesmo a todo passeio. Só sahia nos mercuridias, para ir ao cemiterio do Padre Lachaise, depôr flores no tumulo de Clotilde.

Foi lá que, estando um dia ajoelhado ante a fria louza que cobria os restos da sua amiga, sentiu que alguem apertava-lhe vigorozamente a mão. Era o pai da sua amante. Ao ver Augusto Comte abismado em sua muda dôr, o velho soldado se comovera: comprehendeu então essa santa paixão que ele julgara mal, por não ter-lhe comprehendido o carater; deplorou as suas asperezas para com o filozofo; quiz falar, mas os soluços forão a unica reparação arrancada ao seu orgulho.

CAPITULO QUARTO

Ecce ancilla domini.

Tal foi a revolução interior que reconduziu o filozofo á cultura do sentimento, por ele descurada desde a sua infancia. Comprehendeu desde então qual seria a religião do futuro e todos os recursos do seu culto para os sofrimentos da alma. Meditando, porem, sobre este grave assunto, não tardou em ver que o que fôra acidental para ele, devia ser regular e geral para todos. O acazo lhe fizera conhecer a sua Clotilde; mas o mesmo reconhecimento que o prosternava ante ela, devia ajoelhar todo homem ante a sua mãi, sua verdadeira providencia. Reconheceu, pois, que a mãi é o principal anjo custodio de cada um, e que o culto materno é o unico comum a todas as idades e aos dois sexos. Augusto Comte evocou as suas recordações e em breve uniu Rozalia Boyer á sua Clo-

tilde. Mas a sua gratidão não podia expandir-se assim completamente. Devia ele á sua mãi duas vezes a vida; devia-lhe tambem esse coração afetuozo e delicado, cujos dilaceramentos tanto o havião feito sofrer, mas que constituia a sua gloria ainda mais do que o seu genio. Devia ele á sua bem-amada a sua ressurreição. Mas a quem devia ele essa vida doce e calma, esses cuidados solicitos e inteligentes que tanto encantavão a sua solidão? Á sua nobre domestica, a Sofia Bliaux, cuja piedade filial ia traduzir-se dentro de pouco pelo mais comovente devotamento. Augusto Comte percebeu quanta gratidão cada um de nós deve a esses membros proletarios das nossas familias, que se votão obscuramente ao nosso serviço. Ele juntou essa filha do povo aos seus dois anjos da guarda.

Mas fez mais: apezar da modicidade dos seus recursos, ele quiz aproximar, tanto quanto possivel, a humilde existencia de Sofia do tipo que ele concebia para a domesticidade normal. No futuro, o serviço em caza dos ricos não deverá privar a filha do povo da sua missão e do seu quinhão de felicidade. Ahi ainda, ela deverá ser o centro e a origem de uma familia. Eis porque o filozofo fez vir para junto dela, sob o seu teto, o espozo e o filho de Sofia. Por este modo, sem deixar de continuar os seus cuidados ao seu amo, pôde ela consagrar a vida e o coração á sua familia.

Esta obscura serva possuia uma alma de elite. Augusto Comte reconheceu em breve que, si ela não sabia ler nem escrever, havia observado e refletido muito. Por isso ele conversava com ela todos os dias sobre aquela que ambos choravão; depois ele foi levado a lhe falar da nova religião que as suas meditações procuravão construir, da missão sublime que ela indica á Mulher, missão já tão nobremente exercida pelas filhas do povo: a de ser a consolação, o conselho, a providencia da familia. O filozofo desvendou então á sua humilde Sofia o alvo pratico desse imenso edificio mental, em que ela o via trabalhar obstinadamente todos os dias. Todos esses grossos volumes meditados e escritos com labor só tinhão um fito: agrupar um nucleo de homens dedicados que, assistidos pelas mulheres, interviessem entre os ricos e os pobres, entre os poderozos e os fracos.

Esses interventores dirião aos ricos: Depozitarios da fortuna da Humanidade, gozai dela com liberdade, mas com a condição de assegurardes aos vossos cooperadores do proletariado a vida de familia, de modo que cada operario das cidades e dos campos possa, na sua juventude, consagrar uma porção do seu tempo á cultura do espirito e do coração; na sua madureza, sustentar a sua mulher e os seus filhos; na sua velhice, desfrutar o descanço ao abrigo da mizeria. Em seguida, dirigindo-se ao povo, os mesmos dirião a este:

Operarios, orgãos nutrientes e produtores das sociedades humanas, respeitai nos ricos os administradores da riqueza comum, mas não invejeis a sua sorte; a eles, o poder, a vós, a felicidade; descuidozos e alegres, não cogiteis, afóra as vossas vivas afeições de familia, sinão da acensão triunfal da Humanidade, desde as selvagens abjeções da animalidade até os esplendores do seu sintilante futuro. Foi por estas conversações diarias que Augusto Comte realizou, na unica mulher que dele se aproximava, a primeira conversão á religião da Humanidade.

Mas o filozofo devia mais tarde testemunhar publicamente a sua gratidão: proclamou Sofia Bliaux sua filha adotiva, quando dez anos de cuidados afetuozos lhe derão uma garantia completa do seu devotamento. Assim ele ofereceu em sua vida privada um exemplo solene dessa união do sacerdocio com o povo, dessa liga que, fazendo a força do sacerdote, assegurará a felicidade e a dignidade do proletario. É do seio da burguezia que sahirão os primeiros apostolos; mas eles deverão recorrer á elite proletaria para escolher uma familia e para compôr o novo clero.

Inspirado pelos seus tres anjos da guarda, Augusto Comte encontrou, pois, enfim a fórma que havia de revestir a religião no futuro: ele teve uma vizão clara do seu conjunto e de cada uma das suas partes. A Humanidade se lhe revelou como o ser mais pode-

rozo de todos os seres conhecidos: ser supremo. como sendo o unico da sua especie; fonte da nossa dignidade e da nossa felicidade. A alma humana dezabrochada á afeição pelo culto da Mãi elevar-se-á de grau em grau até o amor desse ente superior cuja existencia se manifesta pelos seus beneficios. Para melhor amar e melhor servir a Humanidade, é precizo aprender a conhecê-la: tal é o objeto do dogma ou da siencia. A glorificação das suas lutas e dos seus triunfos será o objeto do culto ou das belas-artes. O regimen ensinará os deveres que nos competem como filhos e servidores da Humanidade.

Houve um momento em que Augusto Comte fôra detido em sua obra; exhausto pelo parto da sua filozofia, o coração despedaçado pelo abandono e o izolamento, parecia incapaz de continuar a sua missão, incapaz de ler no futuro qual seria para a alma humana o novo manancial das consolações e das alegrias que ela havia durante tanto tempo pedido a Deus. Aos raios, porem, do amor, ele havia reaquecido o seu coração e recobrado a sua força: dahi por diante achava-se pronto para formular o rezultado de cinco anos de tenazes meditações. Foi o que ele fez no mez de Fevereiro de 1848, na abertura do seu curso anual de astronomia popular, consagrando doze sessões a descrever o Futuro tal como o via surgir do conjunto do Passado.

Augusto Comte tinha, pois, rematado a sua obra;

depois de uma Filozofia, ele tinha construido uma Politica e uma Religião; havia assim preenchido o programa da sua mocidade. Restava-lhe agora aprezentar ás almas de elite a parte inedita das suas meditações solitarias e conquistar a sua aprovação.

CAPITULO QUINTO

> **Et verbum caro factum est et habitavit in nobis.**

Comoções sociais ha que não sómente abalão os imperios, mas agitão ainda profundamente as almas: tal foi o estrondo de Fevereiro de 1848. A burguezia teve medo vendo afundar-se de repente o regimen que os seus doutrinarios lhe pintavão como definitivo; um panico sem precedente inaugurou a subita irrupção do Povo na sena politica. Havia anos que Augusto Comte predissera, em termos formais, a quéda do dominio burguez; por conseguinte, não teve com isso nenhuma surpreza; mas não pôde ver sem sobresalto plantar-se em face da Europa a grande questão da propriedade e do trabalho: questão cheia de tempestades, prenhe de revoluções, e cuja solução era, havia vinte e cinco anos, o objetivo final de todas as suas meditações e trabalhos.

Pouco tempo depois de 1830, o filozofo presentira o fim violento da monarchia burgueza; pois que, apezar da ficção constitucional de um rei que reina mas não governa, o povo considerava Luiz Filipe como responsavel pelos atos do seu governo; por isso, logo que ficou descontente, pensou em derrubá-lo como havia derrubado a Restauração legitimista. Desde Luiz XI e Richelieu, a França se habituou, cada vez mais, á ditadura. Enquanto o direito divino foi admitido, essa ditadura, exercida pela realeza, gozou dos privilegios inherentes a esta; mas, depois que, no seculo XVIII, a filozofia arruinou as crenças teologicas sobre as quais repouzava a inviolabilidade real, a opinião publica tornou sempre responsaveis os depozitarios do poder. Por isso, Luiz XV deve ser considerado como o ultimo rei de França; a partir dele só tem havido ditadores amoviveis, apezar dos titulos oficiais com que forão favorecidos. Todos eles têm exercido a autoridade suprema, mas sómente por um certo tempo; porque todos têm sido dezapossados dessa autoridade. E isto foi feito necessariamente pela violencia, pois que a lei estabelecia uma inviolabilidade que a opinião não ratificava mais.

Augusto Comte tinha igualmente predito, havia muito tempo, o mal que a ditadura burgueza faria á França. Chegada ao poder, a burguezia encontrou de pé o edificio imperial, que a Restauração cuidadozamente conservara; instalou-se nele cobrindo-se

de titulos, de comendas, e de dragonas. Os legitimistas tinhão tomado para modelo o regimen parlamentar dos inglezes ; os burguezes fizerão o mesmo, porque eles não tinhão nenhum plano de governo, nenhuma idéia politica, a não ser, todavia, a boa rezolução de respeitar a paz européia que eles efetivamente souberão manter com energia, durante dezoito anos, apezar dos barulhentos clamores da opozição. A burguezia embriagou-se com o seu triunfo. Entrincheirou-se no mundo oficial e pôz o povo fóra da lei ; negou-lhe o direito de votar, a faculdade de reunir-se, e o meio de expôr os seus agravos ; ela respondia a todas as suas queixas, aconselhando-lhe que enriquecesse. A riqueza tornou-se a mira de todos, porquanto era ela a chave do paiz legal, inteiramente fechado aos pobres; só o dinheiro é que tornava eleitor e elegivel. Tal foi a vergonhoza e funesta conduta pela qual sublevavão-se as massas contra a riqueza, enquanto os jornais e a tribuna dezenvolvião nas classes abastadas uma esteril agitação.

Por isso o povo viu sem emoção sumir-se subitamente toda a andaimaria politica dos liberais. Havia muito que ele assistia indiferente aos debates parlamentares, dos quais a burguezia excluia sistematicamente as suas justas reclamações. Que lhe importava essa serie de discursos, de manobras, de coligações, de ordens do dia para derrubar um ministerio ? Não esperava que alguem tomasse em

consideração as suas queixas. O povo queria o que a Revolução lhe tinha prometido: a segurança no trabalho; queria um salario que chegasse para sustentar a sua familia e gozar de descanço na velhice. Era para atingir este fim que ele pedia o direito de reunir-se, de esclarecer-se, e de rezistir, mesmo por meio de gréves, á exploração dos seus chefes industriais; enfim, era por isso que ele queria exercer sobre o governo do paiz a fiscalização constante e por vezes a ação soberana que pertencem aos cidadãos de um estado civilizado.

Foi esta indiferença pela politica dos burguezes que entregou os proletarios das cidades ás seduções das doutrinas socialistas e nomeadamente do comunismo. Essas utopias, por mais grosseiras que fossem, correspondião ás aspirações do povo por um futuro melhor e mantinhão o programa dos nossos pais. Os operarios encontravão nesses sistemas soluções ao grande problema do nosso tempo: os deveres do capital, o governo do Estado por chefes responsaveis, eletivos e revogaveis; eles adotavão essas chimeras, na falta de melhores doutrinas, unicamente porque elas seguião a corrente de idéias que tinha feito brotar a nossa grande Revolução.

Dahi essa divizão profunda entre os republicanos desde o dia seguinte ao da revolução de 1848. Os conservadores querião continuar a monarchia burgueza, substituindo o rei por um prezidente eletivo,

mantendo, porem, o edificio imperial sob o qual se havião abrigado os dois ramos dos Bourbons; sómente a agitação parlamentar, graças ao sufragio universal, decia do balcão á oficina, do castelo á choupana. Os socialistas, pelo contrario, querião destruir a obra retrograda de Bonaparte, suprimindo o exercito, o orçamento dos cultos, e a centralização administrativa; sómente eles pretendião impôr pela lei os seus sistemas de reorganização imediata da sociedade.

Augusto Comte nutria iguais repugnancias por esses dois partidos que devião, no mez de Junho de 1848, dezaparecer numa luta sanguinolenta, provocando uma violenta e longa retrogradação. Nem um nem outro parecião-lhe poder salvar a Republica; o primeiro carecia de idéias, o segundo tinha-as falsas. Entre eles, teria sido necessario um terceiro partido: conservador como o primeiro, não para manter a organização imperial, mas apenas para impedir que se atentasse a golpes de decretos contra as instituições sociais da familia e da propriedade; socialista como o segundo, não para subverter violentamente a sociedade, mas para quebrar os entraves impostos á liberdade por Bonaparte e conservados pela Restauração e pela burguezia de 1830.

Este terceiro partido tinha por missão inaugurar uma politica toda nova. Devia reconhecer, em principio, que as revoluções sociais são, como todos

os fenomenos quaisquer, sujeitos a invariaveis leis naturais, e que, por conseguinte, o futuro humano póde ser determinado sem utopia, pelo conhecimento do Passado. Comprehender a siencia social, é criar a arte politica; porquanto, daqui por diante, não se tratará mais de pretender fundar pelas leis tal ou tal instituição, mas unicamente facilitar o livre dezenvolvimento dos diversos elementos da ordem social, segundo a natureza de cada um deles.

A siencia social nos ensina que o tempo prezente é uma epoca de tranzição, em que o velho mundo desmorona-se e o novo surge. Os antigos laços se rompem, a sociedade corre o risco de dissolver-se; o freio outrora poderozo quebra-se, as paixões se dezencadeião. A primeira necessidade destes dias tempestuozos, é a ordem. Mas, por outro lado, é precizo deixar construir o edificio do futuro; e para isso, é mistér facilitar os ensaios audazes dos seus *pionniers* e respeitar até os seus erros.

Este ensinamento da siencia fixa o programa do novo partido politico: manter a ordem publica, respeitando escrupulozamente o movimento intelectual, por mais desregrado que ele se torne.

Este partido é, pois, antes de tudo, republicano, porque considera como indispensavel á tranquilidade que os depozitarios do poder supremo sejão revogaveis e portanto temporarios, pois que a opinião publica os considera como responsaveis. Demais, este

partido deve favorecer a concentração dos poderes executivo e legislativo numa só mão, porque esta autoridade de um unico magistrado continúa a tradição historica da França onde a realeza dominou a aristocracia. Mas esta ditadura, necessaria á ordem, exige, para que se não torne retrograda e opressiva, a liberdade mais completa.

O ditador deve, pois, renunciar a toda intervenção espiritual; por conseguinte, não deve haver nem religião assalariada nem instrução publica; todos os cultos, antigos ou novos, devem ser igualmente protegidos no seu livre exercicio, e todos os cidadãos devem poder ensinar sob a sua propria responsabilidade. Alem disto, todas as doutrinas quaisquer poderão manifestar-se livremente; elas não devem ter outro juiz sinão a opinião publica.

Manter a ordem publica no meio da confuzão das opiniões individuais, e a paz exterior entre as nações sem freio, até que surja o novo poder espiritual, tal é a dificil e glorioza tarefa dos estadistas modernos; tal é o fito do novo partido politico.

Augusto Comte tentou fundá-lo. Mas um partido não se funda em um dia, ao ruido das discordias civis. Contudo, ele constituiu o nucleo desse partido: a 8 de Março de 1848 criou a Sociedade Pozitivista. Ao seu apelo, vierão grupar-se em torno dele alguns moços das escolas, alguns medicos e alguns proletarios, ouvintes assiduos do seu curso de astronomia popular.

Essa sociedade publicou diversos escritos, entre os quais destacão-se os que erão relativos á triplice reorganização do governo, do ensino e do trabalho. Reunia-se nos mercuridias, á noite, na sala de trabalho do seu fundador, e, até 2 de Dezembro de 1851, ela continuou sem interrupção o estudo de todas as questões na ordem do dia. Depois do golpe de Estado daquela data, varios membros se retirárão, uns por prudencia, outros por divergencias. Augusto Comte que tinha sempre deplorado a introdução em França do regimen parlamentar, aprovava o golpe de Estado e aconselhava os pozitivistas a que adherissem com lealdade á ditadura qualquer que ela fosse, parecendo-lhe a pior preferivel ao governo das assembléias. Sem duvida o nome do ditador, nome maldito, e os dezatinos de Strasburgo e de Boulogne erão um mau agouro. Mas o importante era estabelecer primeiro o governo de um só, e sómente depois tentar dirigi-lo agindo sobre a opinião publica. Este modo de ver politico não foi bem aceito pelo conjunto da Sociedade pozitivista ; mas a retirada de um numero notavel dos seus membros não interrompeu a regularidade das sessões : a calma publica que se seguiu ao golpe de Estado transformou as suas reuniões em simples tertulias. Alguns dicipulos continuárão a ir lá todas as semanas ouvir a voz venerada do Mestre e a expandir nessa intimidade os seus temores e as suas esperanças.

Augusto Comte aproveitou as emoções sociais da revolução de 1848 para aprezentar ao mnndo a Religião que havia elaborado no retiro. O momento parecia-lhe oportuno; porque a atenção publica achava-se fixada sobre a questão do trabalho, sobre as relações entre patrões e operarios, sobre os deveres da riqueza para com os proletarios. Cada qual oferecia a sua solução: os socialistas com alguns decretos prometião a extinção do pauperismo e a felicidade universal; os economistas pregavão a abstenção legal, e, milagre inefavel! eles fazião brotar o progresso do *laisser-faire*, da abstenção mais absoluta. Augusto Comte ia, pois, ele tambem, propôr um remedio aos males da sociedade. E, em primeiro lugar, ele repelia toda interferencia da lei, porque as leis escritas não crião a ordem social; elas não fazem sinão conservá-la uma vez instituida espontaneamente. Em seguida, ele reprovava a doutrina do *laisser-faire*, porque os progressos não nacem por si; rezultão sempre da nossa criterioza e ativa intervenção. Ele pensava, pois, que o mal da nossa sociedade não podia ser curado de um momento para outro e de um modo completo, mas que entretanto podia ser atenuado pelos nossos esforços. Sem duvida não se decreta nem a solicitude dos ricos para com os pobres, nem a veneração dos fracos para com os poderozos; mas é possivel dezenvolver estes sentimentos. Em uma palavra, Augusto Comte acredi-

tava que a questão do capital e do trabalho não podia ser rezolvida por meios legais e imediatos, mas unicamente pela reforma das opiniões e dos sentimentos. Entre os detentores do capital e o proletariado, ele propunha um intermediario, o sacerdocio da Humanidade, enunciando os deveres de todos, em nome de uma fé comum.

Foi para propagar estes pensamentos que ele tornou a entrar na arena politica donde se afastara havia vinte anos. Voltou a ela com o mesmo ardor que outrora. Desconhecido do publico, esquecido dos jornalistas, desde os opúsculos que ele havia publicado sob a Restauração, não pôde achar acesso nem na imprensa quotidiana, nem nas revistas periodicas. Sem deixar-se deter por este obstaculo, ele rezolveu superá-lo, abordando diretamente os espiritos de elite por meio de livros e cursos publicos.

No mez de Julho de 1848, fez ele imprimir o seu *Discurso sobre o conjunto do pozitivismo*, graças á munificiencia dos seus dicipulos de Holanda, os Srs. Conde de Stirum, Capellen e o Barão W. de Constant de Rebecque. O primeiro com a colaboração dos Srs. Kretzer e Van Hasfelt, tinha publicado, em Abril de 1846, uma tradução holandeza das duas primeiras lições da *Filozofia Pozitiva*. A publicação inesperada do *Discurso sobre o conjunto do pozitivismo* foi para Augusto Comte uma grande satisfação, porquanto esse discurso era o unico dos seus

escritos que rezumia as meditações de toda a sua vida: continha em germen a religião da Humanidade; em cazo de morte prematura outros poderião completar a sua obra.

Depois disto, por tres anos consecutivos, em 1849, 1850, e 1851, ele expoz publicamente a religião da Humanidade. Esta expozição tinha lugar, no domingo, ao meio-dia, em uma das salas do Palais-Royal. O auditorio compunha-se de algumas senhoras, de estudantes e de proletarios. Augusto Comte com uma verve arrastadora, passava em revista a historia e construia esse grande drama de quinhentos personagens que rezume o passado. Em seguida, como que inspirado, ele desvendava o quadro do porvir, descobrindo-lhe os esplendores e as venturas. Enfim, decendo dessas alturas, ele considerava o prezente e mostrava o caminho do salvamento. Esta pregação teve uma influencia profunda. Muitos moços abraçárão desde então a religião pozitiva e tornárão-se mais tarde os seus dicipulos mais devotados; outros aprendêrão a estimar um filozofo cujo nome lhes era desconhecido. No entanto toda a imprensa conservou-se silencioza, e esse grande ensino passou despercebido do publico pariziense.

A revolução de Fevereiro de 1848, perturbando profundamente a França, pôz o Fundador do pozitivismo a braços com a mais temivel penuria. Privado, desde 1844, do seu principal ordenado politecnico,

viu com sobresalto extinguirem-se todas as suas lições particulares por cauza do terror que Paris inspirava ás familias da provincia. Foi então que o cazal proletario que vivia á sombra da sua grande existencia, ofereceu-lhe com instancia as suas parcas economias. O valor desta admiravel dedicação era ainda realçado pelas circunstancias; porque um segundo menino acabava de nacer no proprio domicilio do Pensador. Os bons corações não calculão nunca; sentem e dão. Assim, foi do seio do povo que surgírão os primeiros salvadores de Augusto Comte: tocante recompensa do invariavel amor e da constante solicitude que o Fundador da religião da Humanidade havia votado ao proletariado, desde o inicio da sua carreira. O Sr. Bazan, proprietario da caza que o filozofo habitava, teve para com este uma conduta cheia de delicadeza e digna dos maiores elogios. Na impossibilidade de pagar o seu aluguel, Augusto Comte pediu adiamentos que lhe forão sempre concedidos e, até, muitas vezes renovados.

Mas a pozição de Augusto Comte era demaziado critica para poder prolongar-se. No mez de Novembro de 1848, essa pozição era tal que o Sr. E. Littré não hezitou em fazer um apelo direto a todos os admiradores da *Filozofia Pozitiva*: foi a partir desse dia que ficou fundado o subsidio, que em breve devia ser o unico apoio da existencia de Augusto Comte e que devia sobreviver-lhe. Esta subscri-

ção voluntaria é um grande ensino ; ela mostra quanto melhorou em nossos dias a situação do livre pensador. Outrora, atentava-se contra os seus dias : a fogueira ou o cadafalso estancavão a fonte dos novos pensamentos. Hoje, a liberdade de pensar lhe é assegurada, e, si ignobeis intrigas determinão uma perseguição por parte das camarilhas invejozas, o publico de elite o cobre com a sua proteção e salvaguarda a sua precioza existencia. Demais, essa subscrição consola das vergonhas destes tempos. Si é dolorozo ver a França do seculo XIX amaldiçoar a França dos Diderot, dos d'Alembert, dos Fontenelle e dos Voltaire, e preferir a esses ilustres predecessores a escola lacrimejante e sofistica de Rousseau e as nevoas da metafizica aleman ; si é dolorozo ver os filhos dos grandes convencionalistas temerem a Republica e lhe preferirem toda especie de monarchia, contanto que esta encha a sua vaidade de titulos, de fitas, e de penachos, é consolador saber-se que o continuador do seculo XVIII, que o pensador republicano encontrou em nossos dias um numero assás consideravel de almas devotadas para garantirem o dezenvolvimento da sua missão e a dos seus sucessores.

Os primeiros anos que se seguirão á explozão de Fevereiro de 1848 forão muito penozos para o Fundador. Depois da penuria, veio a doloroza aprehensão de ser obrigado a deixar o seu domicilio,

de entregar a outro esse santuario onde tudo lhe lembrava a sua Clotilde e onde a religião da Humanidade havia nacido. Depois, no mez de Maio de 1850, perdeu subitamente o seu velho amigo Blainville. Augusto Comte, rodeado da Sociedade Pozitivista e dos seus dicipulos, pronunciou junto ao tumulo do sientista um discurso, que foi reimpresso no fim do tomo 1.° da *Politica Pozitiva.* Enfim, no mez de Novembro de 1851, os academicos lhe tirárão o modesto lugar de repetidor na Escola Politecnica, que ele exercia havia quazi vinte anos. Posto que prevista desde muito, esta ultima injustiça veio alarmar ainda mais o Mestre, fazendo assentar dahi por diante unicamente sobre o subsidio pozitivista todo o sustento da sua existencia. Todavia, como ele se tinha nobremente reconciliado, em 1848, com o seu principal inimigo, o celebre Arago, então membro do governo provizorio da Republica, rezolveu ele não dezenterrar a historia das suas perseguições, e não tirar da obscuridade, ainda mesmo para os estigmatizar, os nomes desses invejozos academicos : tal devia ser a unica vingança do Fundador do Pozitivismo.

O golpe de Estado de Dezembro de 1851 interrompeu as predicas publicas de Augusto Comte. Esse acontecimento politico foi por ele saudado como um progresso : punha um termo ao parlamentarismo democratico, tão esteril, porem mais anarchico e mais

perturbador ainda do que a realeza constitucional, pois que ele extende as suas devastações até as camadas mais profundas da sociedade. O Pensador considerava a ditadura como necessaria á situação da França. Em 1830 primeiro, depois em 1848, ele aconselhara esta fórma de governo, na qual, por um certo tempo, um povo concentra em uma só mão o que os doutrinarios chamárão os poderes executivo e legislativo. Este conselho foi desprezado por Luiz Filipe e pelos homens do governo provizorio. Por isso, o filozofo aprovou, em 1851, o que ele havia dezejadc e aconselhado, em 1848 e em 1830. Segundo ele, o parlamentarismo desvia os bons espiritos da tradição revolucionaria, engodando-os com uma van imitação do governo inglez, erigido pelos liberais em alvo definitivo do movimento moderno; ao passo que a ditadura, para não degenerar em tirania, preciza da vigilancia da opinião publica, e a conserva sempre alerta. Pelo seu carater notoriamente provizorio, esta fórma de governo põe sem cessar na ordem do dia a determinação de um futuro social; ela levanta, pois, continuamente a grande questão do seculo XIX, e convem sobretudo á França pois que ela está, desde a Idade-Media, investida da iniciativa ocidental. Eis ahi porque o filozofo republicano aprovou francamente o golpe de Estado e perzistiu em preferir a ditadura, qualquer que ela fosse, ao regimen parlamentar.

Mas si Augusto Comte aprovou inteiramente o ato de 1851 e o apelo ao povo, que puzerão um paradeiro á dezordem parlamentar, censurou severamente o plebicito de 1852 e o restabelecimento do Imperio. E nem podia ser de outro modo, pois que o Fundador do Pozitivismo achava-se tão emancipado do dogma metafizico da soberania do povo como do direito divino. Ele comprehendia que num momento de crize, como em Dezembro de 1851, uma nação se pronunciasse, e confiasse por algum tempo, a um só homem o governo do paiz. Neste cazo cada eleitor era competente: queria ou não queria tal personagem. Mas o filozofo não comprehendia que no seculo XIX pudessem existir imperadores hereditarios pela vontade do povo. Este novo direito parecia-lhe tão vão quanto o direito divino. Os camponezes ajuntados por milhões, em Dezembro de 1852, são tão impotentes para restabelecer a hereditariedade monarchica como os seus predecessores em 1804, como os aliados em 1814, como os burguezes em 1830. Porquanto, o estudo da historia tinha ensinado ao Pensador que só os principios é que sustentão as instituições. Si os nossos pais destruírão a realeza em 1793, não foi fazendo cahir a cabeça de Luiz XVI, porem arruinando, durante todo o seculo XVIII, as idéias teologicas, sobre as quais descançava a hereditariedade e a inviolabilidade reais. Para reerguer o trono hereditario dos Bourbons teria sido, pois, precizo ressucitar

as crenças que o escoravão. Do mesmo modo, para criar imperadores hereditarios é necessario fazer aceitar de todos o dogma da soberania popular; é necessario impôr a todos, como um novo artigo de fé, como um misterio revolucionario, que camponezes iletrados e ignorantes, só pelo fato de estarem reunidos por milhões, tornão-se competentes para decidir a fórma de governo que convirá definitiva e eternamente á França. Enquanto estas crenças não forem solidamente estabelecidas, os francezes podem continuar os seus ensaios de restauração monarchica: verão sem cessar os seus tronos incendiados, os seus reis e imperadores expulsos, e os seus pretendentes povoarem as côrtes européias.

O estabelecimento da ditadura em França fechou a vida publica á burguezia. Começou então a decadencia desta classe. Sob a inspiração dos doutores saint-simonianos, ela inaugurou o regimen das companhias financeiras que devião desfechar-lhe um golpe mortal. Os cofres destas tragárão bem cedo todas as economias do paiz, todos os capitais disponiveis do comercio e da industria. Um jogo dezenfreado organizou-se em Paris e nas grandes cidades. Os burguezes afastárão-se do trabalho e das emprezas sérias; entregárão-se ao luxo e á ociozidade, limitando a sua atividade a especular sobre a alta ou a baixa das ações. A agiotagem fez fortunas rapidas e colossais, mas á custa de uma multidão de situações

modestas e laboriozas. Todos os desfavorecidos atirárão-se ás funções oficiais, nas quais, á falta de dinheiro, eles encontravão, pelo menos, a vida ocioza e irresponsavel do acionista. Este regimen fez construir as estradas de ferro; mas desmoralizou a burguezia, tirando-lhe o habito do trabalho e da iniciativa privada. A França teve as suas vias ferreas cincoenta anos mais cedo, sem duvida; mas sacrificando uma classe inteligente e abastada que tinha começado a nossa grande Revolução e que se tornou indigna de a terminar.

Augusto Comte deplorou este novo desvio do programa da politica moderna. Os estadistas podem secundar com prudencia o dezenvolvímento industrial; mas eles não devem surecitá-lo, e sobretudo não devem nunca entregá-lo como privilegio excluzivo a algumas grandes companhias. A liberdade industrial é tão necessaria ao progresso como a liberdade intelectual.

A agonia da classe burgueza alarmou profundamente o Fundador; ele não podia ver sem susto a dissolução dos elementos que poderião ter constituido o patriciado do futuro. Por isso hauria ele grandes consolações no espetaculo que lhe ofereciāo os destroços da aristocracia franceza; retirados em seus castelos, desde 1830, os nobres cultivavão eles proprios as suas terras, esboçando assim espontaneamente o tipo do patriciado agricola: por este modo

eles utilizavão para o futuro a justa influencia que tinhão recebido do passado.

A guerra com a Russia fixou igualmente a atenção de Augusto Comte. Era o primeiro rompimento da paz ocidental, depois da terminação da orgia militar que tinha ensanguentado o começo do seculo. O Fundador fez recahir a responsabilidade dele sobre o tzar Nicolau, que, expiou aliás, esta falta pela morte. Mas si o ataque da Russia fez temer por um momento a reprodução dos horrores do primeiro Imperio, ele teve a vantagem de cimentar a aliança da França e da Inglaterra, e de destruir o prestigio russo no Ocidente. Augusto Comte aprovou, pois, a expedição anglo-franceza, que repeliu os violadores do territorio otomano; condenou, porem, a agressão que se seguiu. No entanto, não exprobrou o longo e ruinozo sitio de Sebastopol a nenhum dos dois governos que lhe suportárão o pezo; porque viu claramente que nessa conjuntura cedião ambos á pressão do jornalismo democratico que, em nome do progresso, pregava o desmembramento da Russia e a guerra universal.

Augusto Comte reprovava a guerra: considerava-a, no prezente, como o principal obstaculo ao progresso e não a sancionava sinão no cazo de legitima defeza. Ele admirava a rezistencia nacional dos nossos pais, mas ele condenava e deplorava todas as suas conquistas. Censurou á Restaura-

ção a tomada de Alger e nunca cessou de fazer, em prol dos Arabes, os votos de libertação que ainda menino ouzara pronunciar no Liceu de Montpellier em favor dos espanhois. Augusto Comte repelia com severidade essa pretenção que têm os Ocidentais de civilizarem pela conquista. O saque e a matança não civilizão; degradão o carrasco tanto como a vitima. É unicamente pelo exemplo que o Ocidente deve extender a sua civilização ás nações menos adiantadas; assim ele iluminará a inteligencia delas merecendo o seu respeito e afeto.

CAPITULO SEXTO

> *Crescit occulto velut arbor aevo;* é a diviza eterna de toda grande criação politica e religioza.
>
> J. DE MAISTRE. *Do Papa*, cap. XIV.

A CALMA politica que se seguiu ao golpe de Estado fez voltar Augusto Comte á vida claustral, de que a revolução de 1848 o havia arrancado um momento. Pôz-se a consignar na sua segunda obra o conjunto da Religião que ele havia publicamente pregado no meio das paixões e das lutas dos partidos.

A Politica Pozitiva compõe-se de quatro volumes, publicados sucessivamente em Julho de 1851, Maio de 1852, Setembro de 1853, e Agosto de 1854. Esta obra, a mais importante de Augusto Comte, foi escrita com esmero e sem precipitação; ela constitûi o seu verdadeiro titulo de gloria. *A Filozofia Pozitiva* tinha sido composta no meio de preocupações e de dificuldades de toda especie: o seu estilo reflete a perturbação do autor e sobretudo a pressa

que ele tinha de acabar esse longo trabalho. Na *Politica*, pelo contrario, a expressão é calma e ma gestoza; cada tomo foi feito com vagar, depois de um periodo de descanço e numa serenidade completa d'alma.

Esta segunda obra abre-se por um discurso de conjunto. Augusto Comte mostra ahi como é que a filozofia pozitiva, regenerando os conhecimentos humanos, devia ter como rezultado uma religião nova, pois que, por toda parte e sempre, as evoluções mentais se têm traduzido em revoluções religiozas. Ele traça em grandes linhas os seus principais carateres. Depois, recapitula o conjunto da siencia, tal como o recebeu dos seus predecessores; a cada parte ele ajunta um aperfeiçoamento ou assinala uma lacuna. Enfim, ele expõe a siencia social construida por todos os seus trabalhos e todas as suas meditações. Esta expozição magistral enche dois volumes: o primeiro, que é o tomo segundo da obra, é consagrado ao estudo da ordem; o outro á teoria do progresso. O quarto e ultimo volume aprezenta o quadro do futuro e expõe a tranzição final do Ocidente. Esta obra manifesta a magestade intelectual de Augusto Comte. O seu genio indutivo brilha no quadro da alma; ele ahi pinta a natureza humana com uma luminoza fidelidade. Em seguida, dezenvolvendo todo o seu poder dedutivo, ele faz decorrer dessa doutrina as leis sociologicas: tira dahi toda a teoria da ordem, depois a do progresso.

Foi pelos fins de 1853, no momento em que ele publicava o seu terceiro volume da *Politica Pozitiva*, que Augusto Comte experimentou a viva satisfação de ver a sua obra fundamental traduzida em inglez. Esse preciozo trabalho foi devido a uma mulher de alto merito, Miss Martineau. Um rico compatriota, o Sr. Lombe, antes de morrer tinha-lhe enviado de Florença quinhentas libras esterlinas, para que ela consagrasse esta soma a mandar traduzir e publicar em inglez a *Filozofia Pozitiva* de Augusto Comte. Miss Martineau ouzou emprehender ela propria esse dificil trabalho, e, não se limitando a traduzir, condensou em dois volumes a longa elaboração do Filozofo, com quem esta nobre senhora quiz partilhar os lucros da publicação.

Durante os cinco anos que Augusto Comte consagrou á sua principal obra e aos opusculos que a completão, ele imprimiu a toda a sua vida o carater sacerdotal, cujo tipo ele queria constituir. Fundador e primeiro sumo-sacerdote da religião da Humanidade, ele esforçou-se por preencher todas as funções respetivas: entregou-se inteiramente á direção espiritual do pequeno rebanho de almas transviadas que ele tão dificilmente havia curado da democracia e das utopias socialistas, ao qual se ajuntárão alguns conservadores e alguns catolicos, todos republicanos convertidos ao Pozitivismo. Então, ele escolheu entre os seus dicipulos os que ele julgou capazes de serem

um dia elevados ao sacerdocio da Humanidade: traçou-lhes um plano de estudos, um sistema de leituras; assegurava-se do progresso deles, vigiava-lhes a vida privada, e lhes pregava com o exemplo o amor da pobreza e do trabalho. Quanto aos seus outros dicipulos, ele os dirigia para a vida industrial; aos que erão proletarios recomendava a instrução universal, não para satisfazerem o vão dezejo de um desclassamento sempre funesto, mas para preencherem a missão social do proletariado. Porquanto, é do vasto seio deste que deve surgir uma opinião publica assás poderoza para terminar pacificamente a revolução ocidental. Augusto Comte revelava aos operarios, seus dicipulos, a verdadeira dignidade da função que exercião; descobria-lhes a fonte viva das verdadeiras alegrias da alma, a vida de familia engrandecida aos explendores do amor da Humanidade. Áqueles de seus dicipulos que dispunhão de um capital, o Fundador inspirava a nobre ambição de influir sobre os destinos comuns com o pezo de uma vasta fortuna, e de aprezentar aos maus ricos o exemplo dos patricios do futuro, detentores responsaveis do capital comum. Accessivel a todos, respondia a todas as cartas que recebia, entretinha longamente todos os vizitantes que a sua fama lhe atrahia, e, como São Paulo, fazia-se tudo para todos.

Mas não devia limitar-se a isso a sua ação como Fundador da religião demonstrada. Por isso,

aplicou-se a preencher todas as obrigações do sacerdote: o ensino, a predica, o conselho privado, a consagração religioza, e enfim o governo espiritual das sociedades humanas. Vimos como, em 1849, 1850 e 1851, Augusto Comte se havia votado á pregação publica, nessas memoraveis sessões do Palais-Royal; e enfim como exercia ele a direção das almas entre os seus dicipulos, primeiro nucleo da Igreja universal. O Fundador pôde, alem disso, celebrar consagrações religiozas. Varios pozitivistas pedírão-lhe o sacramento do Matrimonio, outros o sacramento da Aprezentação para os seus recem-nacidos. Foi nestas tocantes cerimonias que Augusto Comte hauriu a inspiração das mais belas instituições da religião demonstrada: a da viuvez eterna, a do casto e poetico preambulo, colocado entre o cazamento civil e a consagração religioza. Que espetaculo o deste pensador, rodeado de senhoras e crianças, de proletarios, de ricos e de sientistas, anunciando a cada nova consagração um melhoramento, um progresso, nessa via indefinida de aperfeiçoamento da nossa alma, que é ao mesmo tempo o caminho da felicidade! Mas o Fundador devia exercer cada vez mais o governo espiritual, função suprema do sacerdocio: foi o que fez com uma grandeza que lembra os tempos mais brilhantes do papado catolico, em suas cartas ao seu amigo Vieillard, senador da Republica franceza, a Barbès, ao imperador da Russia, a Reschid-Pachá, e

nos conselhos com que termina o seu *Apelo aos Conservadores*. Sem duvida, a influencia de Augusto Comte foi pouco eficaz, e os seus conselhos não puderão prevenir nem as desgraças nem os erros; mas, como chefe do novo poder espiritual, cumpriu publicamente o seu dever, e, como Fundador, legou aos seus sucessores preciozos exemplos.

Augusto Comte havia, pois, preenchido o extenso e dificil programa que, desde a sua mocidade, ele havia assinalado aos trabalhos da sua laborioza existencia. Ele tinha fundado, sobre a siencia criada por todos os seus predecessores e completada por ele, uma filozofia inteiramente pozitiva. O espirito humano ahi considerava todos os fenomenos, todos os acontecimentos quaisquer com o mesmo metodo, desde as mais simples leis geometricas e mecanicas até as revoluções e as operações mais misteriozas da alma. Em seguida, desse ponto culminante, ele descobriu o ente superior, a Humanidade, cujo conhecimento e amor constituem a fé e o culto do futuro. Enfim, entre essa Humanidade, cuja existencia e gloria nos são reveladas pela siencia, e o homem que lhe deve a sua felicidade e dignidade, tornava-se necessario um intermediario: era o poder espiritual, o sacerdocio que Augusto Comte fundou em sua pessoa, votando a sua madureza ao preenchimento de todas as condições intelectuais e morais desse sagrado ministerio.

Esses cinco anos forão os mais felizes da sua vida; forão uma recompensa inesperada dos seus incessantes esforços. A *Filozofia Pozitiva* tinha penetrado no meio inglez, onde já estava universalmente difundida graças á obra de Miss Martineau. Em França, ela infiltrava-se latentemente na corporação medica e no ensino sientifico. Enfim, o coroamento desse edificio, a religião demonstrada, da qual a filozofia constitûi os alicerces intelectuais, acabava de ser publicada na *Politica Pozitiva*; e seguramente obteria d'ahi por diante essa gloria tardia mas certa, que nunca falta ás obras do genio. Demais, o aumento continuo do numero dos seus dicipulos e o incremento do subsidio pozitivista davão a Augusto Comte serenidade e calma. Fundador de uma religião nova, ele tinha a felicidade de instaurar ele proprio o seu culto, entre numerozos fieis surgidos de todas as classes da sociedade, e todos repletos para com ele de devotamento e veneração.

CAPITULO SETIMO

A morte imperecivel e soberana ceifa iguamente todos os seres.
RAMAIANA.

DESDE esse momento Augusto Comte pensou em encerrar essa obra gigantesca por um documento publico. Ele tinha realizado após trinta anos de labor o pensamento da sua mocidade ; ele quiz por um ato solene decer prematuramente ao tumulo, terminar a sua vida mortal, e começar desde então essa segunda e glorioza existencia que, nacida no seio da Posteridade, caminha eterna atravez das idades.

Foi no mez de Dezembro de 1855 que, depois de pôr os seus papeis em ordem e de ter queimado todos os que não destinava á publicidade, ele escreveu o seu testamento. Ele ahi dezenvolveu as suas ultimas vontades e traçou aos seus sucessores a marcha a seguir para continuar a sua obra. Ele lega ao segundo chefe do poder espiritual a biblioteca

precioza que ele proprio formou com esmero, os moveis e tudo quanto encerra o seu domicilio; faz do seu «apartamento» o lugar de reunião da Igreja nacente; confia-o á guarda de Sofia Bliaux, sua filha adotiva. Não dezigna sucessor, mas espera que o seu joven amigo Pierre Laffitte, será o primeiro dicipulo a quem conferirá o sacerdocio da Humanidade: por enquanto nomeia-o prezidente perpetuo dos seus treze executores testamenteiros e guarda do seu testamento.

Fundando o novo clero e proclamando-se o seu chefe Augusto Comte se tinha votado á pobreza; havia-se despojado de tudo quanto possuia e especialmente da propriedade dos seus livros. Por isso, lega ele á Igreja a obrigação de pagar as suas dividas, de continuar á sua viuva a pensão que ele lhe dava em vida, afim de cumprir, mesmo alem do tumulo, o grande preceito: o homem deve sustentar a mulher; alem disso, lega aos fieis o dever de darem uma pensão vitalicia á sua filha adotiva e de conservarem o seu domicilio em toda a sua integridade.

Então Augusto Comte lançou sobre o conjunto da sua vida um olhar cheio de satisfação. Após a carreira de Aristoteles, ele tinha começado a de São Paulo e sentia-se pronto a continuá-la até a morte, instalando no Ocidente a religião que ele fundara sobre a siencia.

Na pratica do seu culto hauria ele progressos

COPY BUT NOT FACSIMILE.

Plan général
d'un Temple de l'Humanité

30 mètres 15 m. 15 m.

Jardin | Presbytère des 7 Philosophes | Cour | Cour | École Positiviste | Jardin

6 m. 15 500 femmes 6 m

escalier escalier

14 13 12 11 10 9 8 — Temple 2000 hommes — 7 6 5 4 3 2 1

Vestibule

30 mètres

Terrain total de 3 hectares.

240 mètres

galerie couverte et terrassée au dessus

Bois sacré ou (2500 tombes)

grand axe partout dirigé vers Paris.

Champ d'incorporation (1000 arbres)

210 mètres

galerie couverte sous terrasse

10 m. 10 m.

6m. escalier Concierge Jardinier escalier 6m

120 mètres

Echelle de $\frac{1}{2000}$

1. Chapelle de Moïse
2. „ d'Homère
3. „ d'Aristote
4. „ d'Archimède
5. „ de César
6. „ de Saint Paul.
7. „ de Charlemagne
8. Chapelle de Dante
9. „ de Gutenberg
10. „ de Shakespeare
11. „ de Descartes
12. „ de Frédéric
13. „ de Bichat
14. „ des 13 Saintes ou d'Héloïse.
15. Statue du vrai Grand Être et chaise sacerdotale.

Dans chaque chapelle le dieu sera entouré de ses 4 héros suivant le calendrier Positiviste

Paris le lundi 1er Gutenberg 61
Auguste Comte
auteur du système de philosophie positive.
10, rue Monsieur le Prince

Ce plan sera annexé au Tome 4me et dernier de mon système de politique positive.

Plano de um Templo da Humanidade.

sem cessar renacentes na senda da perfeição; a calma e a santidade da sua alma refletião-se no seu rosto verdadeiramente transfigurado. Mas o seu culto proporcionava-lhe alem disso sublimes gozos e deliciozos extazis. Habituado havia quazi dez anos a evocar todos os dias os traços queridos da sua Clotilde, o seu prodigiozo cerebro adquiriu um poder de imaginação verdadeiramente extraordinario. Pouco a pouco ele evocou os principais tipos do calendario pozitivista; para o que procurava com diligencia os traços, o trajo e a postura habitual dos personagens; e tal era o vigor do seu espirito que a imagem deles aparecia á vontade no espelho do seu pensamento.

Amiudo ele transformava o Panteon pariziense em primeiro templo da Humanidade. Nele colocava as estatuas, os retratos e as inscrições de todos aqueles cuja memoria a Posteridade ha de abençoar. Sobre o altar central, resplandecia a imagem suprema, uma mulher de trinta anos carregando o seu filho nos braços; diante do altar, a catedra sagrada, em torno, as santas viuvas. Então, os fieis afluião, o orgão gemia, sucedendo a uma orchestra harmonioza; depois, erguia-se a voz grave do oficiante de joelhos: *amem te plus quàm me*, salmodiava ele tres vezes, e, de cada vez, o coro sustentado por todos os instrumentos respondia: *Nec me nisi propter te*. Depois do oficio, o Panteon estava vazio; o silencio reinava sob a abo-

bada altanada ; por traz de uma coluna, uma mulher ajoelhada vertia na penumbra uma torrente de lagrimas ; a sua alma parecia despedaçada pela dôr. Pouco a pouco acalma-se ; em seguida, levantando-se com rezolução, ela diz : Graças, Mestre adorado ; eu me esforçarei por imitar a tua coragem, e eu o conseguirei nutrindo-me dos teus exemplos. Tu tambem viste a tua generozidade e os teus sacrificios mal-apreciados ; mas tu não ficaste por isso menos fiel ao dever. Augusto Comte, nosso Pai, Fundador da nossa santa Igreja, que a tua memoria me guie e me sustente, e me conserve como digna filha da Humanidade, de hoje até a hora de minha morte. Assim seja !

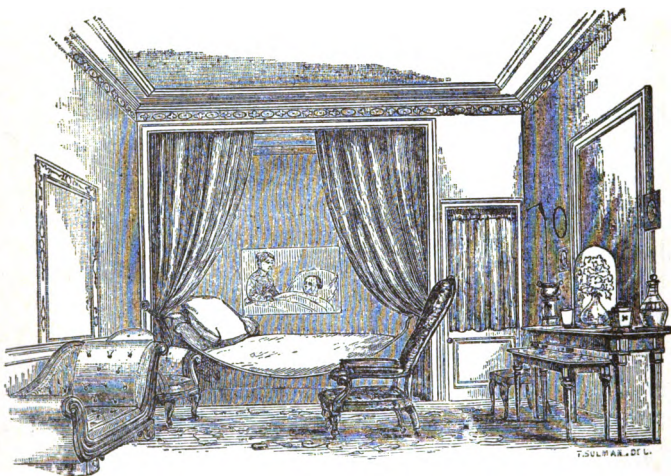
Ao escrever o seu testamento, o Fundador não acreditava o seu fim tão proximo : bem ao contrario, esquecendo os ecessos de trabalho da sua juventude, ele esperava que a sua vida dahi por diante calma, e aliás tão sobria e tão regular, lhe concedesse a longevidade de Fontenelle. Por isso traçou a esta vida de alem-tumulo um longo plano de labor. Ele queria, sob o titulo de *Sinteze Subjetiva* mostrar o modo por que ele comprehendia a siencia no estado normal, e como ele pensava que ela havia de ser ensinada no futuro. No mez de Novembro de 1856 publicou o primeiro tomo dessa terceira obra, consagrado á logica. O volume é dedicado á memoria do pastor Encontre, o seu professor de Montpellier.

O filozofo queria associar á sua gloria esse nome modesto, como Kepler fez viver para sempre o nome do seu velho mestre, Mœstlin. O segundo tomo devia expôr a Moral teorica, ou conhecimento da natureza humana; o terceiro, a Moral pratica instituindo o aperfeiçoamento dessa natureza; o quarto a Industria pozitiva. Este ultimo volume devia ser dedicado á memoria de Ternaux, que o havia animado em sua estreia, com uma munificencia toda cavalheiresca.

Para executar grandes coizas, cumpre viver como si nunca se tivesse de morrer, disse Vauvenargues. Por isso Augusto Comte seguia escrupulozamente este plano de trabalho. Depois de ter escrito o primeiro volume, descançava, pois, esperando o momento determinado de retomar essa terceira obra, quando um vivo desgosto pôz os seus dias em perigo.

Um dos dicipulos, sobre o qual o Fundador perzistia em fundar grandes esperanças, apezar de nossas advertencias reiteradas, descomediu-se ao ponto de não reconhecer mais a autoridade do Mestre. Esta decepção penalizou profundamente a Augusto Comte, que tinha por esse moço um afeto particular. Foi sob o efeito deste desgosto que ele soube de repente, no mez de Maio de 1857, a morte do seu amigo Vieillard. Tinha-o visto poucos dias antes, e nada fazia esperar tal perda. Este golpe abalou profunda e violentamente a saude do Fundador. Uma

crize terrivel, seguida de um restabelecimento momentaneo, consternou os seus dicipulos, que acudírão á primeira noticia do perigo. Mas a inquebrantavel confiança do Fundador dissipou os nossos temores.

Quem compulsar as listas anuais do subsidio pozitivista admirar-se-á de não encontrar nelas uma só vez o nome de Vieillard, que nunca concorreu para esse subsidio, nem diretamente nem sob o véu do anonimo. Entretanto, ele sabia, do modo mais certo, que desde 1848, Augusto Comte não vivia sinão do produto das livres contribuições dos seus adherentes ; ele sabia por que injustiças os academicos o havião despojado das humildes funções didaticas que ele dezempenhava na Escola Politecnica, e, finalmente, por que perseguições o havião reduzido á mizeria. Por outro lado, ele continuou até a sua morte as relações de amizade que entretinha com Augusto Comte, havia mais de trinta anos, e nunca deixou de vizitar o pensador solitario. Alem disso, não se poderia invocar neste cazo um motivo de prudencia ; porquanto o nome de Vieillard foi muitas vezes, e com o seu consentimento, impresso nos prefacios de Augusto Comte, e aliás ele nunca ocultou as suas opiniões. Foi o unico senador que ouzou votar contra o decreto que abolia a Republica para estabelecer o Imperio hereditario, e foi só pelas instancias do novo imperador, de quem fora outrora preceptor, que acedeu em não dar publicamente a

Quarto de dormir de Augusto Comte.

sua demissão. Pela sua morte, a sua vontade expressa repeliu exequias com assistencia de qualquer clero teologico, e fez dezaparecer o seu corpo na cova comum. Foi, pois, de propozito e deliberadamente que Veillard não contribuiu nunca para o subsidio pozitivista. É que ele havia sondado o abismo de perigos que uma proteção oficial cava ao redor do berço de uma religião ; é que ele estava intimamente convencido de que a sua contribuição, mesmo anonima, seria sempre para o publico mal intencionado, não a oferta de um velho amigo, mas a subvenção disfarçada do governo imperial.

Augusto Comte, desde o restabelecimento da sua saude, pensava numa viagem ao sul. Durante as minhas vizitas quotidianas, ele gostava de conversar comigo sobre este projeto. Regozijava-se de rever uma ultima vez o seu velho pai e a sua irman; ele dezejava chorar junto ao tumulo da sua mãi, que havia mais de dez anos ele ressucitara no seu coração. Nas proximidades do momento supremo, ele comprazia-se em voltar-se para as mais longinquas recordações da sua infancia e da sua cidade natal. No entanto, todo perigo iminente parecia afastado, graças aos cuidados tocantes da sua filha adotiva, quando a 5 de Setembro de 1857, uma nova crize o arrebatou de subito : adormecido, expirou sob os meus olhos, na prezença de Sofia Bliaux, de Martin Thomas, seu espozo, e do Dr. Robinet, um dos seus

melhores dicipulos e seu medico. A morte foi para ele um sono sem despertar; ela chegou sem dores, e não alterou a calma serenidade do seu rosto.

Conformemente ao seu dezejo, o seu corpo ficou exposto sessenta horas sobre o seu leito mortuario, velado noite e dia pelos seus dicipulos de França, de Holanda e de Inglaterra. A 8 de Setembro os seus despojos mortais forão conduzidos solenemente, no meio de um concurso numerozo, ao cemiterio do Padre La Chaise onde repouzão num lugar escolhido e dezignado por ele, não longe do tumulo de Eliza Mercœur.

L'AMOUR POUR PRINCIPE ET L'ORDRE POUR BASE
LE PROGRES POUR BUT
AUGUSTE COMTE
ET
SES TROIS ANGES
SOPHIE BLIAUX
T Sulman Del
1877

NOTAS DO TRADUTOR

Notas do Tradutor

1. p. 3. (*naceu em Montpellier, cidade do sul da França, a 19 de Janeiro de 1798)*

Eis aqui o texto do registro civil relativo ao nacimento de Augusto Comte, segundo a copia autentica obtida em Montpellier pelo Sr. Teixeira Mendes:

L'an six de la République et le premier Pluviose s'est présenté au bureau de l'Etat Civil avec un enfant, Louis Auguste Comte, négociant, qui nous a déclaré que le jour d'hier à midi, dans la maison du jardin Salze seis, vis à vis la Merci, est né Isidore Auguste Marie François Xavier, fils légitime du dit Comte et de Félicité Rosalie Boyer, mariés.

Témoins: Laurent Sauvadet, âgé de vingt-huit ans et Pierre Flottes, âgé de quarante-cinq ans, tous deux employés au Département, habitans cette commune.

Signé avec le père et nous:

Comte, *Sauvadet*, *Flottes*.

GOURGUE, adjt.

Na margem lê-se a seguinte declaração: *Nourri par sa mère*.

Este documento já fora publicado pelo Dr. Audiffrent na sua noticia biografica sobre Augusto Comte.

2. p. 3. (*numa caza que ainda hoje vê-se em frente á Igreja de Santa Eulalia*)

Esta caza, sita á rua da Merci, existe ainda, de fato, e continúa a ser conhecida com a denominação de caza Salze ou Salse.

« A caza em que naceu Augusto está situada num grande jardim, tendo este uma habitação em suas duas extremidades. Esse jardim foi dividido em dois, ha uma duzia de anos. Segundo o registro do nacimento, foi na caza que fica em frente á igreja da Merci que veio ao mundo o futuro novador. Esta caza é hoje o curato dessa igreja.» (Dr. Audiffrent, *Noticia sobre a vida e a doutrina de Augusto Comte.*)

3. p. 3. (*era o filho mais velho de Luiz Comte, tezoureiro na recebedoria geral do Departamento do Herault, e de Rozalia Boyer, cuja familia produziu alguns medicos distintos)*

O pai de Augusto Comte naceu em Saint-Hippolyte-du-Fort (Gard) em 1776, sendo filho legitimo de Simão Comte e de Joana Abrie. Ao tempo do nacimento do Filozofo, era negociante, como se declara

no registro civil, acima transcrito, mas em Junho de 1799, isto é, pouco mais de um ano depois, entrou para a repartição da receita geral do Herault, como caixa ou fiel do recebedor geral.[1] Em 1846 foi apozentado antes de tempo, e contra a sua vontade, por intrigas eleitorais. Contra essa violencia publicou ele um memorial, que foi reproduzido na *Revue Occidentale*, nº 4 de 1896. Dele extrahimos os seguintes trechos:

Avant d'énumérer les griefs que M. Roulleaux-Dugage [2] articule contre moi, je crois utile de faire connaître le genre de vie que je menais et que je mène encore, à la seule difference que je ne me rends plus dans les bureaux de la recette génerale.

Je me lève habituellement à cinq heures du matin, je dejeunais à huit, je sortais de chez moi à neuf pour me rendre à mon bureau, où je restais jusqu'après cinq heures du soir, sans jamais sortir un quart d'heure dans le courant de la journée; je rentrais chez moi pour recommencer le lendemain ce que j'avais fait la veille. Je n'apartiens à aucun des nombreux cercles ou réunions qui existent à Montpellier; je ne fais partie d'aucune confrérie ou congrégation; je ne fréquente pas les cafés, et je serais fort en peine de dire s'ils sont bien ou mal décorés; on ne me voit jamais dans les promenades publiques, ni dans aucun rassemblement; dans l'espace de 32 ans, j'ai été une seule fois au spectacle, et il y a environ 23 que je n'ai pas remis les pieds dans la salle. J'abhorre le jeu et n'en connais

1 Funcionario que tinha a seu cargo a cobrança dos impostos gerais.

2 Era o prefeito que determinara a sua apozentadoria forçada.

aucun. Les seules distractions que je me procure se bornent à cultiver quelques fleurs et à élever quelques oiseaux. Si on avait à me parler, on était à peu près sûr de me trouver chez moi ou à mon bureau, voire même le dimanche, car je suis dans l'habitude d'entendre la messe qui se dit à cinq heures du matin; le public jugera si c'est là le genre de vie d'un conspirateur, et je défie tous les mouchards de M. Roulleaux, et qui que ce soit de ses affidés, de me prouver que ce que j'avance n'est pas exact.

Sabendo da injustiça que vitimara seu pai, Augusto Comte escreveu-lhe imediatamente, apezar das queixas que então julgava ter dele, a seguinte carta, digna de ser conhecida:

Paris, le mardi 2 juin 1846.

Mon très-cher père.

Une lettre de ma cousine Victorine Boyer vient de m'apprendre tout-à-l'heure l'iniquité récemment tombée sur toi, et que je n'aurais jamais jugée possible. Quoique je n'en connaisse encore ni les détails ni les pretextes, j'éprouve le besoin, malgré nos pénibles dissentiments, de te témoigner aussitôt, au milieu de mes profonds chagrins et de mes graves embarras propres, combien je suis affligé et indigné de te voir, après quarante-cinq ans d'un irréprochable exercice, privé des fonctions que tu avais toujours honorées, de manière à mériter qu'elles ne cessassent jamais sans toi. Ma cousine m'informe que tu as supporté avec un noble calme ce coup imprévu, et j'espère que la pleine conviction, si généralement partagée autour de toi, d'avoir constamment rempli tous tes devoirs, soutiendra assez ta juste

fermeté pour que cet ébranlement ne porte à ta santé aucune nouvelle atteinte. Une équivalente iniquité m'a privé moi-même, depuis deux ans, comme tu le sais, sans doute, de ma principale position polytechnique, [1] quoique j'aie tout lieu de penser qu'elle me sera prochainement rendue; mais tu croiras, j'espère, sans difficulté que l'indignité dont je viens d'être informé m'affecte beaucoup plus que celle dont je suis momentanément la victime personelle. Je regrette vivement que ma position actuelle, et surtout le douloureux état de nos relations mutuelles, ne me permettent pas de venir bientôt témoigner respectueusement à mon cher et digne père la part filiale que je prends à son malheur et mon vif désir de l'adoucir autant qu'il serait en mon pouvoir.

Ton fils dévoué,

Ate Comte.

Je n'ai pas encore vu M. Captier [2] depuis son retour du midi. Mais j'espère bientôt obtenir de lui tous les renseignements essentiels sur cette énormité imprévue.

Luiz Comte nunca obteve reparação da iniquidade que sofrera, e veio a falecer em Montpellier, a 10 de Junho de 1859. [3]

Rozalia Boyer, mãi do Filozofo, naceu a 28 de

1 Refere-se á perda do lugar de examinador de admissão para a Escola Politecnica, que nunca mais lhe foi restituido.

2 Era, parece, um amigo da familia. No seu testamento, Augusto Comte declara ser-lhe devedor, desde 1846, da quantia de mil francos. É ahi dezignado como reprezentante dos fabricantes de panos de Lodève.

3 No mesmo numero da *Revue Occidentale*, e em seguida ao memorial supra-mencionado, estão reproduzidos os assentamentos do registro civil relativos ao nacimento e á morte do pai de Augusto Comte.

Janeiro de 1764, em Jonquières (Hérault), e faleceu, em Montpellier, a 3 de Março de 1837, com 73 anos de idade. Pelo testemunho do egregio filho [1] e de outras pessoas sabe-se que era uma mulher de qualidades eminentes, tão afetiva como energica. A sua conduta durante a terrivel crize de Augusto Comte, em 1826, não póde deixar nenhuma duvida a este respeito.

Os medicos distintos sahidos de sua familia, e aos quais alude o biografo, são sem duvida Alexis Boyer (1727-1833) e o filho deste, Filipe, Barão de Boyer (1802-1858) Ignoramos, porem, qual o grau de parentesco que existia entre eles e a mãi do Reformador.

Augusto Comte teve um irmão e uma irman, ambos mais moços do que ele. O primeiro, que se chamava Adolfo, tendo-se dezavindo com a familia, embarcou para a America, e ahi morreu, ainda rapaz, vitima da febre amarela. [2] A irman, Mlle. Alice Comte, morreu solteira, em Montpellier, a 21 de Março de 1869, com 68 anos de idade.

Enfim, para completar estes dados concernentes á familia do grande Pensador, não devemos esquecer a sua ama seca, cujo afeto ele sempre retribuiu, como se vê pela carta seguinte. que extrahimos da *Revue Occidentale*, nº 4 de 1896:

1 *Politique Positive*, prefacio do tomo I e *Volume Sagrado*, p. 138.
2 O Dr. Audiffrent julga que foi na Martinica.

A Madame Françoise Jourdan, à Montpellier.

Paris, le mercredi 13 janvier 1847.

Ma chère nourrice,

Je vous remercie beaucoup, ainsi que votre mari, du bon souvenir que vous me gardez encore, et je vous prie d'agréer les vœux que je vous offre en échang de vos souhaits pour la nouvelle année. Puisse-t-elle nous être à tous moins funeste que la précédente!

En vous revoyant à Montpellier, il y a cinq ans, j'ai été très touché de retrouver, après tant de temps, valide et affectueuse celle qui soigna mes prémières années. Si je suis maintenant presqu'inconnu dans ma ville natale, il m'est consolant de penser que quelqu'un s'y souvient cordialement de moi. Quand je serai conduit à y revenir momentanément, je me sentirai toujours heureux de vous y revoir. Cette sorte de liens, si propre à réunir toutes les conditions, mérite, à mes yeux, bien plus de respect qu'on n'a coutume de lui accorder aujourd'hui.

Recevez, ma chère nourrice, l'expression sincère de mon affectueux souvenir.

AUGUSTE COMTE.

Ma santé longtemps troublée par de profonds chagrins [1] commence à se bien rétablir. Quoique je touche à ma cinquantième année, comme vous devez le savoir mieux que personne, je me sens plus de vigueur d'esprit, de cœur, et même de corps, que trente ans auparavant.»

1 Alude sem duvida á morte de Clotilde de Vaux, a 5 de Abril de 1846.

4. p. 4. *(o joven Comte, que então uzava o prenome* [1] *de Izidoro,* [2] *foi colocado, desde a idade de nove anos, como aluno interno, no Liceu de Montpellier)*

Até então ele só recebera, ministrado por um velho professor, o ensino das primeiras letras e de algumas noções de latim. Sobre estes primeiros anos escreve o Dr. Audiffrent, no trabalho já citado:

« O joven Comte, que era familiarmente chamado o *Comtou*, segundo o uzo do paiz, por cauza de sua pequena estatura e da delicadeza de sua constituição, manifestou um espirito muito precoce. Os que vivêrão na sua intimidade puderão verificar que nele a parte superior do corpo era muito dezenvolvida: os braços compridos, mais do que parecia exigir a altura, a bacia exigua e os membros inferiores assás curtos. Um anatomista teria pensado imediatamente, examinando-o, que o dezenvolvimento demaziado rapido da parte superior do corpo e principalmente da

1 Sobre a adoção deste vocabulo em portuguez veja-se a nossa tradução do *Catecismo Pozitivista,* 2ª edição, p. 497.

2 A este propozito contaremos o seguinte incidente. Quando o Sr. Teixeira Mendes, em sua recente viagem á Europa, se aprezentou no Liceu de Montpellier para colher os dados que ahi porventura existissem sobre o nosso Mestre, o diretor do estabelecimento disse-lhe que estava enganado, que Augusto Comte não passara por ali, nunca tendo encontrado nos archivos similhante nome, mas sim o de Izidoro Comte, e que dahi rezultava provavelmente o confundirem este com o fundador do pozitivismo. Não foi dificil ao nosso confrade mostrar-lhe que quem andava enganado no assunto era ele, e não os biografos de Augusto Comte.

cabeça, podia ter feito parar, ou antes, conter o da parte inferior. A mesma observação ocorre diante da estatua do nosso Bichat.

« Bem cedo deu-se ao joven Comte um professor, já velho, que o iniciou rapidamente nas coizas elementares. O velho mestre muitas vezes ainda estava deitado quando o seu aluno se aprezentava á sua porta pela manhan. Mais de uma vez, foi este obrigado a bater muito antes que lhe abrissem.»

5. p. 4. *(Durante a longa e dolorоza operação a que o submeteu o cirurgião Delpech)*

Esta operação devia ter sido feita entre 1812, epoca em que Delpech veio estabelecer-se em Montpellier, e 1814, ano em que Augusto Comte sahiu do Liceu para entrar para a Escola Politecnica.

Extrahimos do *Dicionario Universal* de Larousse, os seguintes dados biograficos sobre o celebre cirurgião de que se trata :

« Delpech (Jacques-Mathieu), chirurgien français, né à Toulouse en 1777, mort en 1832. Il était fils d'un correcteur d'imprimerie très-distingué et sans fortune, qui comptait d'illustres amitiés, entre autres celle de Loménie de Brienne, archevêque de Toulouse, plus tard ministre de Louis XVI. L'archevêque, qui affectionnait le jeune enfant, lui fit donner des leçons de chant, et engagea son père à le faire entrer dans les ordres. Mais un événement particulier en décida autrement.

Le père de Delpech était affecté d'une maladie grave de la jambe qui rendait nécessaire la visite journalière de Larrey, oncle du célèbre chirurgien du premier Empire. Retenu chez lui pendant quelques jours par une indisposition, Larrey fut surpris, en revoyant son malade, de trouver le pansement parfaitement exécuté. C'était le jeune Delpech qui, observant attentivement le chirurgien, avait fait le pansement pendant son absence.

A partir de ce jour sa voie était tracée. Larrey se rendit chez l'archevêque pour s'entendre avec lui sur le sort de l'enfant. Le jeune Delpech se prononça pour Larrey qui dès lors le fixa près de l'hôpital de la Grave à Toulouse. Il n'avait alors que douze ans. Deux ans après il remportait un prix à l'ancienne Ecole de chirurgie de Toulouse, et faisait des cours publics d'anatomie.

A la fin de 1793, la France étant ménacée de toutes parts, Delpech se rendit à l'armèe des Pyrénées-Orientales sous les ordres d'Augereau, qui le mit à la disposition de Ribes. Après un séjour de cinq années sur les frontières de France et d'Espagne, Delpech fut pris d'une fièvre grave, et dut alors renoncer à la chirurgie militaire, à l'âge de vingt et un ans.

Revenu à la santé, il fut attaché à l'hôpital Saint-Jacques de Toulouse. Deux ans plus tard, il subissait à Montpellier, le 9 thermidor an IX (1801), sa thèse inaugurale : *Sur la possibilité et le degré d'utilité de la symphyséotomie.* Il exerça alors, avec de grands succès, la médicine à Toulouse. La fortune lui souriait, mais il rêvait d'autres honneurs et un plus vaste théâtre. Il laissa sa vieille mère dans le Midi, lui remit 60.000 francs, amassés en trois ans, et vint à Paris où il se présenta chez Boyer. Ce grand chirurgien apprécia vite le jeune

Toulousain et le fit attacher à la maison civile de l'empereur, aux appointements de six mille francs. En 1812, la chaire de clinique chirurgicale à la Faculté de Montpellier se trouvant vacante, Delpech l'obtint à la suite d'un brillant concours. (27 septembre)

Delpech était né professeur. A Toulouse, à Montpellier, comme à Paris, il fit des cours publics qui eurent le plus grand succès. C'était le temps des grands maîtres, des Dupuytren, des Boyer, des Corvisart, des Marjolin, etc. La diction de Delpech était claire, sa parole entrainante, imagée, abondante et brillante, sa main d'une adresse remarquable dans l'art d'opérer.

La réputation de Delpech s'était étendue au loin et sa rare activité lui permettait de suffire à tout. Très recherché comme chirurgien, il ne l'était pas moins comme homme du monde. Bien que la fortune lui ait souri, Delpech n'a laissé à ses quatre enfants qu'un nom illustre: sa bourse était ouverte à toutes les infortunes.

Il avait fondé aux portes de Montpellier, pour le traitement des difformités, une maison de santé qui acquit en peu de temps une haute réputation. C'est là qu'il pratiquait avec succès les sections des tendons qui entretenaient ou occasionnaient ces difformités. Il s'y rendait un jour, en voiture, avec son domestique, lorsqu'une double détonation les renversa tous deux sans vie. L'assassin se donna immédiatement la mort. On n'a jamais su le motif reél de cet assassinat. Le meurtrier, Demptos, avait été jadis soigné par Delpech ; il venait de se voir refuser la main d'une jeune fille qu'il recherchait en mariage. On a supposé qu'il y avait peut-être un acte de vengeance de la part de ce misérable, qui aurait cru avoir été desservi par Delpech auprès de la famille à laquelle il voulait s'unir. »

6. p. 6. *(No fim de cada ano conquistava todos os premios)*

O Sr. Teixeira Mendes encontrou nos archivos do Liceu de Montpellier a relação dos premios *(palmarès)* obtidos pelo nosso Mestre, com eceção dos anos 1809 e 1810, sobre os quais nada se achou. Ei-la :

ISIDORE COMTE, PENSIONNAIRE,

1807

6.e classe de Latinité

Prix de Prééminence.
2.e prix de version latine.

1808

4.e Classe de Latinité

1.er accessit de thème latin.

6.e classe de Mathématiques

1.er accessit de Prééminence.

1811

Humanités supérieures

1.er Prix de Prééminence.
1.er Prix de thème latin.
1.er Prix de mémoire.

Mathématiques spéciales

2.e accessit de Prééminence.
1.er accessit d'Algèbre.

1812

Rhétorique

1.er accessit de Prééminence.
1.er prix de discours français [1]
2.e accessit de vers latins.

1813

Prix unique de mathématiques spéciales.

1814

Mathématiques

Hors concours pour avoir eu le prix l'année précédente.

Sobre este periodo inicial da vida do Fundador escreveu Littré, em seu refalsado livro intitulado *Auguste Comte et la philosophie positive :*

« Izidoro - Augusto - Maria - Francisco - Xavier Comte, nacido a 19 de Janeiro de 1898, em Montpellier (Hérault) de Augusto Luiz Comte, tezoureiro na receita geral do Hérault, e de Felicidade Rozalia Boyer, entrou para o colegio de sua vila natal com a idade de nove anos. Pequeno e debil, sem ser doentio, distinguiu-se ahi desde logo. Era inteligente, laboriozo e, no seus estudos, ia sempre alem do que se esperava dele. Apezar de não brincar ou quazi, não era menos amado, respeitado mesmo

1 Augusto Comte, legando no seu testamento, ao conde de Stirum, um exemplar da *Iliada*, tradução de Lebrun, diz que este livro lhe foi dado como premio de eloquencia franceza, no Liceu de Montpellier, em Agosto de 1813, quando terminou o seu curso de retorica. Será este o mesmo premio, acima referido a 1812, ou outro ganho no ano seguinte?

pelos seus camaradas, que ele ajudava ás escondidas; o que lhe acarretou castigos mais de uma vez. Cheio de veneração para com os seus professores e extremamente docil com eles, qualquer outro poder encontrava-o discutidor, indiciplinavel. Os diretores e inspetores de estudos amiudo o castigavão e duramente; mas os professores, satisfeitos e até orgulhozos de seu aluno, intervinhão para encurtar os castigos, ou antes, como dizia Augusto Comte, as vinganças. De resto, as mesmas circunstancias reproduzírão-se na Escola Politecnica: levava a antipatia do regulamento a um ponto extraordinario e não submetia-se sinão a uma superioridade moral ou intelectual.»

Ele proprio, escrevendo muitos anos depois (1839) á sua mulher, durante uma das excursões a que era obrigado anualmente pelo seu cargo de examinador dos candidatos á Escola Politecnica, dizia, a propozito de um joven examinando classificado por ele no primeiro lugar:

«Involuntariamente esse espetaculo lembrou-me um pouco os meus começos, mas devo fazer-me a mim mesmo a justiça que, conquanto sendo tambem uma criança precoce, eu não tinha certamente esse ton peremptorio (tranchant), apezar de minha confiança radical. Quando, pelo contrario, me recordo de minha profunda veneração, de minha perfeita admiração por toda superioridade real, morta ou viva, e que, voltando sobre o passado me lembro muito distintamente quanto este sentimento

continuo, si bem que exagerado talvez, foi indispensavel á minha evolução ulterior, muito receio que esse moço não seja vitima de um ecesso de animação e de confiança. » (*Ibidem*, p. 492.)

7. p. 5. (*Deve-se atribuir em parte a sua precocidade sientifica ás lições do pastor protestante Encontre, seu professor de matematica no Liceu de Montpellier*)

Augusto Comte conservou de seu velho mestre a mais profunda impressão, e, dedicando-lhe o 1° volume de sua *Sinteze Subjetiva*, declara que deveu á tendencia filozofica do ensino de Daniel Encontre o primeiro despertar de sua vocação intelectual e mesmo social.

A medida que o nome de Augusto Comte vai conquistando a esplendoroza imortalidade com que nos ilumina, a memoria de seu genial e modesto professor de matematica vai tambem se tornando o objeto da reverente curiozidade de todos. De modo que daqui por diante será o seu nome indissoluvelmente ligado á gloria do egregio Filozofo.

Poucas são as biografias do emerito professor; alem dos artigos insuficientissimos inseridos nos repozitorios universais mais conhecidos, só conseguimos até agora tres trabalhos sobre a sua personalidade, que são os seguintes, na ordem cronologica:

Notice sur la vie et les écrits de Daniel Encontre,

professeur de dogme à la Faculté de Théologie protestante de Montauban, et Doyen de cette Faculté; par G. F. Juillerat-Chasseur, Ministre au St.-Evangile, et l'un des Pasteurs de l'Eglise Chrétienne Réformée de Paris. Cette Notice a été extraite des *Archives du Christianisme*, d'après le vœu de la Faculté de Montauban. A Paris, de l'Imprimerie de Poulet, Quai des Augustins, nº 9; et se trouve aussi au Bureau des Archives du Christianisme, Rue Neuve Saint-Martin, nº 3. 1821. Brochura in-8º, de 48 paginas, com esta epigrafe:

> Ce flambeau qu'on regrette, au soleil de justice
> Unit sa clarté dans les cieux.
>
> Ode sur la mort de M. Encontre.

Daniel Encontre considéré comme savant, littérateur et théologien, par Philippe Corbière, Pasteur, Président du Consistoire de Montpellier, Membre de l'Académie des Siences et Lettres de la même ville. (Extrait des Mémoires de l'Académie des Siences et Lettres de Montpellier.) Montpellier, Boehm & Fils, Imprimeurs de l'Académie, Place de l'Observatoire. 1870. Brochura in-4º, de 47 paginas.

Daniel Encontre, son rôle dans l'Eglise, sa théologie, d'après des documents pour la plupart inédits, par Daniel Bourchenin. Paris, Grassart, Libraire-éditeur, 2, Rue de la Paix. 1 vol. in-8º, de 252 paginas, com esta epigrafe: *A des talents éminents et va-*

riés, il joignait toutes les vertus chrétiennes. (Biographie Universelle)

Acabamos de traduzir o primeiro destes opusculos, ajuntando-lhe algumas notas complementares ou retificativas extrahidas dos dois ultimos. Para lá remetemos o leitor.

O Dr. Robinet, neste ponto, assim se exprime acerca do sabio e modesto professor:

« É aqui o lugar de render homenagem a uma digna memoria: Augusto Comte teve a felicidade de ficar, nos seus ultimos anos de estudos colegiais, sob a direção de um homem tão eminente pelo coração como pelo espirito, o veneravel Daniel Encontre, mais tarde professor de dogma na Faculdade de teologia protestante de Montauban, e que então ensinava as matematicas no Liceu de Montpellier. Este contato foi decizivo. O pastor Encontre unia a uma natureza moral das mais delicadas um espirito filozofico nutrido de conhecimentos tão extensos quanto profundos, e a rara elevação de seu ensino soube atear no seu aluno a chama de um genio que nunca mais se extinguiu. Foi a ele que Augusto Comte dedicou o primeiro volume de sua ultima obra, a *Sinteze Subjetiva*, e ahi se póde ver que o tempo nada tinha apagado da profunda impressão que esse nobre mestre tinha feito em similhante dicipulo» (*Notice sur la Vie et l' Œuvre d' Auguste Comte*, 3ª edição, p. 101)

8. p. 6 (*No fim do ano escolar 1813-1814, foi ele admitido, antes de ter completado 17 anos, na Escola Politecnica, tendo obtido o primeiro lugar na lista do examinador para o centro e o sul da França)*

Augusto Comte completou os seus estudos no Liceu de Montpellier com 15 anos de idade, tendo-se mostrado habilitado, de acordo com as condições do programa de matematicas desse estabelecimento, [1] *em todas as materias exigidas para a admissão na Escola Politecnica.* Mas só no ano seguinte, por não ter ainda a idade legal, é que se submeteu ao exame necessario para tal admissão. Estes exames erão feitos por quatro funcionarios especiais da Escola Politecnica, que percorrião diversas cidades da França, interrogando os candidatos que se aprezentavão: sabe-se que Augusto Comte ocupou mais tarde um destes cargos, como mais dezenvolvidamente veremos depois. O examinador, nessa ocazião, para o centro e o sul da França, foi Francœur, [2] que

1 O Sr. Teixeira Mendes copiou no Liceu de Montpellier o programa de matematica seguido no tempo em que ahi estudou o nosso Mestre. Nele se declara que no fim do curso os alunos serião examinados sobre todas as materias exigidas para a admissão na Escola Politecnica de Paris.

2 Francœur (Luiz-Benjamin), filho de um distinto muzico francez, naceu em Pariz a 16 de Agosto de 1773 e faleceu nesta cidade a 15 de Dezembro de 1849. Aluno da Escola Politecnica em 1794, foi nomeado repetidor em 1798 e em 1804 examinador de admissão nessa Escola. Em 1805 foi nomeado professor no Liceu de Carlos Magno, e em 1809 professor de algebra superior na Faculdade de siencias de Paris, unica cadeira que lhe dei-

classificou Augusto Comte no primeiro lugar de sua lista. A este propozito escreve o Sr. Jozé Bertrand: [1] «Littré, neste ponto, comete um leve engano. «Nesse tempo, diz ele, não havia entre os «alunos admitidos na Escola Politecnica, um unico

xou o governo da Restauração, a quem foi suspeito pelas suas relações com Carnot e suas idéias adiantadas. Em 1842, a Academia das siencias elegeu-o seu membro livre. «Sientista e filantropo, acrecenta a *Grande Enciclopedie*, consagrou todos os seus lazeres a obras de educação popular, introduziu no ensino primario o dezenho linear e esforçou-se em suas obras por tornar a siencia tão accessivel e tão pratica quanto possivel; alguns de seus tratados são sob este aspeto verdadeiras obras primas.» Suas principais obras são: *Tratado de mecanica elementar*, 1800; *Elementos de estatica*, s. d.; *Curso completo de matematicas puras*, 2 vols. 1809; *Uranografia*, 1812 (a sexta edição (1853) vem precedida de uma noticia biografica); *O dezenho linear*, 1820; *Gonometria*, 1820; *Astronomia Pratica*, 1830; *Elementos da tecnologia*, 1833; *Tratado de geodezia*, 1835; *Teoria do calendario*, 1827 (faz parte da coleção dos Manuais Roret); *Tratado de arimetica pratica*, 1845. Tambem cultivou a botanica e escreveu uma *Flora parizien*se. — Os *Elementos de estatica* erão adotados no Liceu de Montpellier quando Augusto Comte ahi estudava, segundo as notas tomadas pelo Sr. Teixeira Mendes nesse estabelecimento.

1 *Souvenirs Académiques*, artigo publicado na *Revue des Deux Mondes* de 1 de Dezembro de 1896. Este artigo sucitou as seguintes respostas, que indicamos segundo a ordem de tempo em que aparecêrão:

Odios Academicos, por Miguel Lemos, broch. in-8 peq., de 16 paginas. Rio de Janeiro, 1897.

Lettre à M. J. Bertrand, par Luis Lagarrigue, Ingénieur civil. Santiago du Chili, 1897.

Le Positivisme et la Pédantocratie Algébrique. Les Prétendus erreurs mathématiques d'Auguste Comte signalées par M. Joseph Bertrand, par R. Teixeira Mendes, broch. in-8, peq. de 118 paginas. Rio de Janeiro, 1897.

Haines Académiques (Auguste Comte et Joseph Bertrand), par Agustin Aragon. Artigo publicado num jornal do Mexico —*El Universal*— e reproduzido em francez na *Revue Occidentale* de 1 de Julho de 1897.

Auguste Comte et l'Académie des Sciences. Réponse à M. J. Bertrand, ... par le Dr. G. Audiffrent, Ancien élève de l'Ecole Polytechnique, l'un des Exécuteurs testamentaires d'Auguste Comte. Paris. Broch. in-8, de 72 paginas. 1897.

«primeiro, mas quatro primeiros. A admissão per-
«tencia a quatro examinadores, e cada um deles or-
«ganizava sua lista propria.»

«É bem verdade que quatro examinadores diferentes examinavão cada um a quarta parte dos candidatos, e cada um deles recebia o mesmo numero de alunos; mas a lista geral era assentada por uma comissão julgadora. Os primeiros das quatro listas erão cuidadozamente comparados. Para escolher entre eles o chefe da turma, consultavão-se as atas dos exames e as provas escritas. Em 1814, o primeiro candidato admitido chamava-se Guichard, o segundo Duhamel e o terceiro Lamé: a carta de admissão de Comte, assinada pelo general Déjean, lhe anunciou que estava classificado sob o numero 4.» O Sr. Bertrand acrecenta: «O espirito critico (?) de Augusto Comte não deixou de perceber a injustiça radical de uma decizão que classificava os concurrentes sem que estes houvessem passado pelas mesmas provas. O lugar oficial não tendo valor, ele só conservou na memoria o primeiro lugar, judiciozamente concedido por Francœur.» E o mesmo insuspeito academico confessa em seguida: «Augusto Comte era considerado na Escola Politecnica como a cabeça mais forte de sua turma.»

Foi nesse ano de intervalo, enquanto esperava completar a idade legal para submeter-se ao exame de admissão para a Escola Politecnica, com 16 anos

incompletos, portanto, que teve a honra de ser escolhido pelo seu mestre Daniel Encontre para seu substituto durante o impedimento do incomparavel professor.

9 p. 7. Alem da epigrafe que encabeça este capitulo, a cópia manuscrita que possuimos desta biografia traz mais as duas seguintes:

«Sente-se uma satisfação real em viver em Paris, por cauza do grande numero de pessoas cultivadas, polidas, sociaveis, de que esta cidade abunda mais do que qualquer outra no universo. Projetei então estabelecer-me para sempre nessa cidade.» David Hume.

«Paris é a segunda patria de todos os homens.» Jefferson.

10. p. 7. *(Outubro de 1814 viu chegar o joven Comte a Paris para entrar na Escola Politecnica)*

O exame de admissão foi provavelmente em Setembro; no mez seguinte partia Augusto Comte para Paris, e a 1° de Novembro entrou ele na Escola Politecnica, segundo um apontamento oficial colhido nesse estabelecimento pelo Sr. Teixeira Mendes.

Sobre a vida na Escola Politecnica e o espirito que nela reinava quando o nosso Mestre ahi estudou, temos um preciozissimo documento, a seguinte carta a seu amigo e condicipulo Valat:

Ao Sr. Valat, aluno externo no Liceu de Montpellier.
Escola Politecnica, 2 de Janeiro de 1815.

Meu caro amigo.

Tenho muitas coizas a te dizer em resposta á tua ultima carta, que deu-me muito prazer, e ao mesmo tempo afligiu-me muito por cauza das más noticias que me davas nela sobre a tua saude; espero, porem, que agora já estarás completamente curado. Vou começar por dar-te uma idéia da vida que levamos na Escola.

Ás cinco horas da manhan, toca-se á alvorada, e devia a gente levantar-se; mas ninguem se mexe, e, apezar dos capitãis virem gritar nos alojamentos, só nos levantamos ás cinco horas e tres quartos, quando se rufa para decer á chamada nas brigadas (salas de estudo). Trabalha-se assim até as sete horas e meia, e vai-se almoçar até as oito. O almoço consiste num bom pedaço de pão, e ha alem disso um homem que vende leite quente ou manteiga: com pouco dinheiro póde-se almoçar bem, mesmo porque o pão é esplendido e á discreção. As oito horas vamos para o anfiteatro de geometria descritiva ou para as salas até as nove, quando ha anfiteatro; tornamos então a subir para as salas até as duas horas. Algumas vezes, nesse intervalo, ha diferentes cursos. Ás duas janta-se uma sopa, carne cozida e um prato de legumes, tudo isto á discreção; ha uma garrafa de vinho para cinco, e é bastante, porque é tão ruim que muito poucos alunos o bebem. De resto a alimentação é tão boa quanto póde ser num estabelecimento publico: é muito superior á dos liceus. Ás duas horas e meia fechão-se os refeitorios e entramos no recreio até as cinco; nesse intervalo vai-se á biblioteca, que é belissima, ou á sala de diversão ler os jornais. Ás cinco horas tornamos a subir para as salas até as oito, e a esta hora vamos

cear. Depois de cear vamo-nos deitar, ou, si se quer, passeia-se nos corredores dos aquartelamentos. Ás nove horas e um quarto rufa-se para apagarem-se as velas. E todos os dias recomeçamos o mesmo genero de vida.

Quanto aos nossos cursos, temos agora calculo infinitezimal, córte de pedras, fizica, chimica, literatura franceza e dezenho. O curso de córte de pedras começou hoje, e substitúi o de geometria descritiva, que terminamos a 24 de Dezembro de 1814. O nosso curso de calculo diferencial está quazi acabado, e breve começaremos o calculo integral. Eis aqui, por outro lado, a ordem desses cursos: calculo infinitezimal nos martedias, jovedias, sabados, durante hora e meia. Este curso é feito pelo Sr. Poinsot, e é ecelente. Alem disso ha nos lunedias e venerdias interrogação no anfiteatro durante hora e meia, pelo repetidor, que é o Reynaud. [1]

Temos curso de córte de pedras e de analize aplicada, alternativamente, os lunedias, mercuridias, venerdias, durante uma hora. Nos mercuridias temos curso de chimica durante hora e meia, e nos martedias á tarde, das sete ás oito horas, ha interrogação. O curso de fizica tem lugar do mesmo modo todos os sabados durante uma hora e a interrogação no venerdia á tarde. Estes dois cursos são ecelentes; o de chimica é feito pelo celebre Thénard [2] e o de fizica pelo Sr. Petit, [3] ambos antigos alunos da Escola. Estes cursos não são os unicos

1 Naceu em Paris, em 1771, e ahi faleceu, em 1844. Repetidor e examinador de admissão na Escola Politecnica, sendo substituido, em 1837, neste cargo, por Augusto Comte. Reynaud publicou grande numero de compendios de matematica, adotados por toda parte no seu tempo, e que o nosso Mestre achava detestaveis (*V. Cartas a Valat*, p. 82.)— M. L.

2 Este «celebre» Thénard foi depois uns dos inimigos e perseguidores de Augusto Comte, por ter este lhe reprovado um filho.— M. L.

3 Cujas pesquizas em fizica ligárão para sempre o seu nome ao do ilustre Dulong. Morreu com 29 anos.— M. L.

que devemos ter este ano: quando o curso de calculo infinitezimal fôr terminado, teremos o de mecanica pelo Sr. Poisson. [1] Já vês por ahi que temos muito que fazer, sobretudo por cauza das epuras que aborrecem e tomão um tempo preciozo. Aconselho-te que aprendas este ano, si puderes, a geometria descritiva e o calculo diferencial: ainda que não venhas a ter sinão algumas noções ligeiras destes cursos, contanto que sejão boas, elas muito te servirão para o ano proximo, si perzistes em entrar como eu te induzo com empenho a que o faças.

Penso ter-te dito em minha ultima carta que eu me aborrecia na Escola, mas isso não durou muito tempo, e, pelo contrario, estou aqui muito satisfeito desde que fiz algumas relações estreitas; seria muito mais feliz si tu tivesses sido admitido comigo, porque estariamos ambos aqui no paraizo. Não imaginas que bom espirito reina entre os alunos da Escola; a união mais perfeita existe entre nós, e ela foi cimentada fortemente pela cessação das marombas [2] efeituada solenemente a 31 de Dezembro. Cada sala de *novatos* enviou deputações ás salas dos *veteranos*, que estavão perfeitamente ornamentadas e reprezentavão quazi todas o senado de um povo livre: os *veteranos* respondêrão aos discursos proclamando a mais perfeita igualdade entre todos os alunos e jurando união e fraternidade, de que nos derão o penhor abraçando os nossos oradores. Em varias salas tinhão-se erguido altares á amizade; entre outros um tinha estas palavras: *A' amizade*, e sobre o frontão lia-se: *União e força.* Asseguro-te que estas ce-

1 Poisson naceu em Pittiviers, em 1791, e faleceu em 1840. Substituiu a Fourier, em 1806, na Escola Politecnica. A sua obra principal é um *Tratado de mecanica*. Foi tambem um dos inimigos do nosso Mestre.— M. L.

2 O texto diz *bascules*. Provavelmente refere-se ás caçoadas uzadas na Escola contra os calouros.— M. L.

remonias comovem muito ; é belo ouvir-se assim falar de liberdade e de igualdade no momento em que todos os nossos concidadãos precipitão-se na escravidão e no despotismo. Á noite houve baile geral para cimentar a nova união. Desde então não ha mais distinção de *veteranos* e *caloiros*, só se reproduzirão no ano proximo quando os novamente admitidos chegarem. Vês pelo pouco que te digo que todos os nossos atos solenes cheirão muito á republica, pelo menos não ha um só de nós que não seja um ardente amigo da liberdade, que sabemos muito bem distinguir da anarchia. Aliás, todas as nossas decizões revelão esse espirito: não ha nenhuma, por menos importante que seja, que deixe de ser tomada por maioria de votos, e muito amiudo levantão-se discussões vivissimas e muito aprofundadas, em nossas salas, sobre varios pontos de economia politica. Isto não incomoda, por outro lado, os que estão trabalhando, porque estamos agora habituados a estudar no meio do barulho, e não é raro ver em nossas salas alguns alunos rezolverem um problema muito dificil enquanto os seus vizinhos cantão, assobião, riem, discutem.

Acredito, á vista da simpatia que sempre reconheci existir entre nós dois, que tu te amoldarás bem a este ecelente espirito, que produz as maiores vantagens, e que faz com que em todas as circunstancias sacrifiquemos sem vacilar o nosso interesse particular ao interesse geral. Vemos os bons efeitos disto nas nossas relações com os paizanos (pekins) : hontem por exemplo, tinhamos uma licença geral (sahida) desde as sete horas e meia da manhan até as nove horas e meia da noite. Pois bem, por acordo unanime, rezolvemos não voltar para a Escola sinão ás onze horas e fomos ao espetaculo. Havia pelo menos cem alunos no Feydeau

e cincoenta no Teatro Francez; eu pertencia a estes ultimos, e, apezar de ter chegado muito tarde, penetrei no meio da platéia onde estavão os outros alunos: os burguezes estavão apertados, e nós tinhamos cada um dois lugares amplos, um para nós e outro para o nosso *shako* [1], de maneira que si tivessem vindo mais cincoenta alunos haveria ainda lugares.

Adeus, meu caro amigo, julgo que ficarás satisfeito com estes pormenores, e que eles te tornarão mais firme na rezolução em que estás de entrar para a Escola.

Teu melhor amigo que te abraça

COMTE.

P. S.— O que me informaste sobre os bilhetes de confissão no liceu não me fez rir como pensavas. Outro sentimento, a mais viva indignação, se apoderou de mim; acudiu-me a triste reflexão que a mesma coiza se faz em todos os liceus. A geração que se está formando será ainda mais embrutecida que a geração atual; depois disto não ha mais esperança, a liberdade de minha patria está perdida irrevogavelmente; o despotismo real renacerá tal como era antes da sublime insurreição de 1789, e talvez pior!!! Pobre França! desgraçados amigos da liberdade! Os nobres esforços que fizestes com risco de vossa vida para dar aos meus concidadãos a posse de seus legitimos direitos ficarão sendo inuteis, e talvez morrereis vitimas de vosso devotamento á cauza da razão e da Humanidade! Ah! si o espirito fosse por toda parte como na Escola!...

1 Barretina muito uzada então no exercito francez. Sobre o uniforme dos estudantes da Escola Politecnica de Paris, na epoca em que Augusto Comte foi aluno desse estabelecimento, veja-se um artigo publicado na *Nature* de 27 de Janeiro de 1894.— M. L.

Quanto á conta em que Augusto Comte era tido pelos seus camaradas e professores, já citamos o testemunho insuspeito de Jozé Bertrand, encarniçado inimigo da memoria do nosso Mestre.

Eis aqui tambem o depoimento de um condicipulo, recolhido pelo Sr. Laffitte: « Na Escola Politecnica, cujos cursos seguia com tanta eficacia e consiencia, Comte mesclou sempre os estudos sientificos ás preocupações sociais e politicas. Esta dupla proposição é incontestavel. Possuimos a redação feita por ele proprio dos principais cursos dessa escola, e o Sr. Gondinet, que foi seu camarada de sala, muitas vezes contou-me que ele redigia imediatamente a lição do professor e ocupava-se em se guida de estudos politicos, sobretudo da historia das constituições; estava sempre pronto, aliás, a dar aos seus camaradas, com a madureza de um professor, todas as explicações sientificas que eles pudessem dezejar.» [1]

12. p. 7. *(O joven Comte ahi se aperfeiçoou nas siencias matematica e fizica, sob os professores mais distintos, nomeadamente sob o geometra Poinsot)*

O nome de Poinsot está para sempre ligado á historia de Augusto Comte. Alem de ter sido seu

1 *Revue Occidentale*, n. 3 de 1882.

professor muito estimado na Escola Politecnica, foi um dos protetores e apreciadores mais constantes de Augusto Comte, enquanto durou a carreira didatica do nosso Mestre naquele estabelecimento. Essas relações parecem ter cessado em 1848, tendo estado interrompidas anteriormente, durante algum tempo, por cauza da atitude inesperada de Poinsot numa das sessões da Academia das Siencias, em que se tratou da candidatura de Augusto Comte á cadeira de analize da Escola Politecnica.

Poinsot naceu em Paris no ano de 1712, e ahi faleceu em 1859. Tendo sido um dos alunos da fundação da Escola Politecnica, sahiu desta com vinte anos, como aluno-engenheiro de pontes e calçadas. Não tardou, porem, em abandonar a carreira da engenharia para dedicar-se ao professorado, sendo nomeado, em 1804, professor de matematicas especiais no Liceu Bonaparte de Paris; anos depois examinador de admissão; em 1809, professor de analize da Escola Politecnica, e membro do conselho de aperfeiçoamento dessa escola. Renunciou mais tarde esses diversos cargos, mas em 1840 o governo de Luiz Filipe o nomeou membro do Conselho Real da Universidade. Em 1813 entrara para a Academia das Siencias, sucedendo nessa corporação a Lagrange. Em 1843 fez parte do *Bureau des Longitudes;* e em 1852 foi nomeado senador do segundo Imperio.

Alem dos seus famozos *Elementos de Estatica* (1804), muitas vezes reeditados, Poinsot publicou grande numero de memorias, especialmente sobre questões de geometria. Estas e os *Elementos de Estatica* forão incluidos por Augusto Comte na Biblioteca Pozitivista.

13. p. 15. Na copia manuscrita que possuimos desta biografia, este capitulo tem por unica epigrafe a seguinte fraze de Tacito: *Habet aliquid ex iniquo omne magnun exemplum.*

14. p. 16. Na mesma copia manuscrita, o segundo periodo desta pagina está redigido um pouco diversamente:

« O joven Comte deplorou o erro dos aliados, mas seguiu o exemplo de Carnot; redigiu uma mensagem ao general da Escola Politecnica e a fez cobrir com as assinaturas de seus camaradas; pedião nela para marchar contra o inimigo, como o havião feito no ano anterior, os alunos que á frente dos operarios de Paris tinhão heiroicamente canhoneado nas Buttes-Chaumont. »

15. p. 16. (. . . *mas em 1816, deu-se um acontecimento que motivou o licenciamento dos alunos* [1] *e a excluzão do joven Comte*)

1 Por engano sahiu impresso no texto *armas*, em vez de *alunos*.

Eis aqui como o Sr. J. Bertrand conta este incidente:

«... ele (A. Comte) deu ocazião voluntaria ao licenciamento de 1816. Littré não foi bem informado da importancia do papel que ele reprezentou nesse incidente. Um de seus camaradas me narrou o fato. A impolidez de um repetidor para com os alunos foi a cauza da crize. Esse repetidor chamava-se Lefebvre; o seu nome tornou-se mais tarde Lefébure, ao qual ajuntou de Fourcy. Lefebvre, homem ecelente no fundo e ecelente professor, não via nos alunos da Escola Politecnica sinão colegiais com uniforme mudado. Durante as suas interrogações, estirado numa poltrona muito baixa, achava comodo colocar os pés sobre a meza, quazi á altura da cabeça. Comte foi encarregado ou talvez ele proprio se encarregasse disso, de dar uma lição a esse mestre pouco respeitozo; procurou tomar durante a interrogação, sem deixar de responder com a sua superioridade habitual, uma postura menos comoda talvez, mas não menos inconveniente do que a doprofessor. «Meu menino, disse-lhe Lefebvre, V. está-se portando bem mal.» Comte tinha preparado a sua resposta: «Senhor, respondeu ele, pensei que fazia bem seguindo o vosso exemplo.» Lefebvre o poz fóra da sala e pediu que ele ficasse impedido na proxima sahida. Tal foi o começo da crize.» [1]

1 Artigo da *Revue des Deux Mondes*, 1º de Dez. de 1896.

16. p. 19. (... *instalou-se ao chegar de Montpellier na rua nova de Richelieu, em frente á vetusta Sorbona*)

Sobre as diversas cazas habitadas por Augusto Comte em Paris, desde esta epoca até a sua morte, veja-se um artigo do Sr. Laffitte, publicado na *Revue Occidentale* de Janeiro de 1898.

17. p. 20. (*Foi nessa epoca que travou conhecimento com o general Bernard, nomeado chefe dos engenheiros americanos)*

Sobre este projeto de estabelecimento nos Estados Unidos, vejão-se as cartas IV, V, VI, e VIII a Valat.

O general Simão Bernard, naceu em Dôle, no ano de 1779. Com 15 anos entrou para a Escola Politecnica, de onde sahiu como oficial de engenheiros. Em 1805, Napoleão o escolheu para seu ajubante de campo, e nesta qualidade tomou parte na batalha de Waterloo, não sendo depois atendido no pedido que fez de acompanhar o ex-imperador a Santa-Helena. Emigrou para os Estados Unidos, onde realizou grande numero de trabalhos de engenharia. Regressando definitivamente á França, em 1830, foi nomeado por Luiz Filipe tenente-general e um de seus ajudantes de campo. Em 1826, ocupou o cargo de ministro da guerra.— Para maiores pormenores

biograficos veja-se o tomo 2° do *Livro do Centenario da Escola Politecnica*, publicado recentemente.

18. p. 28. (*Eis ahi como Augusto Comte veio a ser o secretario de confiança de Saint-Simon*)

As relações de Augusto Comte com Saint-Simon achão-se hoje completamente elucidadas, e dissipado de todo o equivoco que via em nosso Mestre um dicipulo do famozo jornalista. A quem quizer inteirar-se do assunto bastará ler as seguintes obras: *Filozofia Pozitiva*, tomo 6°, prefacio, p. VII (1ª edição); *Politica Pozitiva*, tomo 3°, p. XV; *Cartas a Valat*, p. 36, 37, 51, 75, 106 e 107, e sobretudo a carta XVI, p. 112; a *Noticia biografica sobre Augusto Comte pelo Dr. Robinet* (1ª, 2ª e 3ª edições); a brochura do Dr. Sémérie: *A Lei dos Tres Estados*, e a *Revue Occidentale*, tomos 8° e 9°.

Apezar da inapelavel concluzão que rezulta de tão largo debate, ainda ha escritores que repetem a afirmativa de que Augusto Comte foi dicipulo de Saint-Simon e de que o pozitivismo é uma derivação do saint-simonismo. Entretanto, a verdade é inteiramente o inverso dessa dupla propozição. Não só foi Augusto Comte quem de fato revelou a Saint-Simon vistas inteiramente novas, que este afinal regeitou; mas o que se chamou o saint-simonismo, nacido e criado *depois da morte de Saint-Simon*, não foi justamente sinão uma parodia prematura e abortada do poziti-

vismo, bazeada nos trabalhos até então publicados por Augusto Comte, e que os saint-simonistas afetavão considerar produtos comuns de sua escola.

Ha muito que assinalo a oportunidade de um trabalho demonstrativo desta teze, a unica que está de acordo com os fatos e o conjunto de documentos.

Sobre o saint-simonismo, as duas obras mais recentes são: Sebastien Charléty, *Histoire du Saint Simonisme* (1825-1864). Paris. Lib. Hachette et C.ie, 1896; Georges Weill, *L'Ecole Saint-Simonienne, son histoire, son influence jusqu'à nos jours*. Paris. Félix Alcan, 1896.

19. p. 42. *(Foi só, no seio dessa imensa cidade em festa, que, nesse dia de regozijo nacional, ele encontrou-se, nas «galerias de madeira», com uma dessas mulheres, que o atrahiu para a sua caza)*

Sobre os antecedentes infelizes daquela que foi depois Madame Comte, temos hoje o proprio testemunho do nosso Mestre, exarado numa adição secreta ao seu testamento- Essa peça só foi publicada recentemente pelos testamenteiros de Augusto Comte, na 2ª edição do volume sagrado, [1] mas dele possuiamos uma copia desde 1881, feita por mim em Paris, com autorizacão do Sr. Laffitte.

1 *Testament d'Auguste Comte avec les documents qui s'y rapportent*, etc., publié par ses Exécuteurs Testamentaires, conformément à ses dernières volontés. Seconde édition. Paris. Novembre 1896.

19 *a.* p. 47. *(Foi para preencher esta parte da sua obra que Augusto Comte seguiu, desde 1821, o curso de astronomia de Delambre, no Colegio de França)*

Delambre, um dos grandes sientistas deste seculo e do passado, o reivindicador da gloria de Hiparco contra a uzurpação secular de Tolomeu, naceu em Amiens no ano de 1749 e faleceu em Paris em 1822. Começou a consagrar se ao estudo da astronomia com 36 anos, sendo dicipulo de Lalande, que costumava dizer ser ele a melhor de suas obras. Foi admitido, em 1792, na Academia das Siencias, da qual foi eleito secretario perpetuo, para as siencias matematicas, em 1803. Quando se decretou o novo sistema de medidas, ele foi encarreado, com Méchain, de medir a meridiana de França. Membro do *Bureau des Longitudes* em 1795, inspetor geral dos estudos em 1802, sucedeu, em 1807, a Lalande, na cadeira do Colegio de França.

As suas principais obras são: *Metodo analitico para a determinação de um arco do meridiano*, 1799; *Baze do sistema metrico*, 1806-1810, 3 vol.; *Taboas do Sol*, 1806; *Relatorio sobre* o *progresso das siencias matematicas desde 1789*, 1810; *Compendio de astronomia*, 1813 (recomendado por Augusto Comte em sua *Astronomia Popular*); *Tratado completo de astronomia teorica e pratica*, 1814, 2 vol.; *Historia*

na astronomia antiga, 1817, 2 vol.; *Historia da astronomia da idade-media*, 1819; *Historia da astronomia moderna*, 1821; 2 vol.; *Historia da astronomia do decimo-oitavo seculo*, 1827.

20. p. 48. (*Por esse mesmo tempo, tendo lido a* Teoria analitica do calor *de Jozé Fourier, ouzou aprezentar-se ao autor, que o recebeu com distinção*)

Jozé Fourier, «o principal geometra do seculo XIX», na opinião de Augusto Comte,[1] naceu em Auxerre no ano de 1768 e faleceu em Paris em 1830. Transcrevemos do *Dic. de historia* de Dezobry e Bachelet os seguintes dados biograficos:

«Orfão aos 8 anos, foi posto na escola militar de Auxerre, dirigida por beneditinos. Começou com ardor o estudo das matematicas; não sendo, porem, admitido como oficial de artilheria por não ser nobre, tomou o habito beneditino em São-Bento-sobre-o-Loira, e conservou-o durante dois anos. Quando explodiu a Revolução, renunciou á carreira ecleziastica, em que ainda não fizera votos, e tornou-se professor de matematicas na escola em que tinha sido aluno. Quando se organizou pela primeira vez a Escola Normal, Fourier foi a ela enviado pelo seu departamento; os seus brilhantes triunfos lhe conquistárão em seguida um lugar na Escola Politec-

1 V. a dedicatoria a Daniel Encontre do tomo I da *Sinteze Subjetiva*.

nica, onde permaneceu pouco tempo. Partiu com os sientistas da expedição do Egito, tomou parte nos trabalhos destes, e foi secretario do Instituto do Cairo; o general Bonaparte o nomeou comissario junto ao divan formado dos primeiros ulemas, função delicada e dificil que ele dezempenhou com o maior exito. Voltando para a França, induziu o governo a corporificar numa unica obra todos os trabalhos dos sientistas do Instituto do Egito, e ele proprio compoz a Introdução geral desse magnifico repozitorio. O primeiro consul deu-lhe, em 1802, a prefeitura do Isère: neste cargo, Fourier soube grangear as simpatias de todos os partidos. Sem deixar de exercer com zelo as suas funções, compoz ele, em 1807, duas memorias, que formárão as bazes de uma obra publicada mais tarde (*Teoria analitica do calor*). Era ainda prefeito, em 1815, quando Napoleão, depois do seu dezembarque em Cannes, aprezentou-se em Grenoble; Fourier retirou-se, mas o imperador deu-lhe a prefeitura do Rhone, em que ele ficou apenas dois mezes, pedindo a sua demissão. A partir desse momento, Fourier entregou-se excluzivamente aos seus trabalhos sientificos. Em 1816 foi eleito membro livre da Academia das Siencias; Luiz XVIII não quiz sancionar esta nomeação, e só cedeu em 1817, quando a Academia, perzistindo em sua primeira escolha, indicou unanimemente o geometra para um lugar vago na secção de fizica. Pouco depois substi-

tuiu a Delambre, como secretario perpetuo, e entrou em 1827 na Academia Franceza, no lugar de Lémontey. Possuimos dele: *Discurso preliminar* da grande obra sobre o Egito, 1810; *Memorias* sobre diversas questões de fizica geral e de matematicas, insertas no repozitorio da Academia das Siencias; *Parecer sobre as tontinas*, 1801; *Teoria analitica do calor*, 1822, o seu principal titulo de gloria, obra notabilissima, em que se propoz descobrir a lei dos fatos (termicos), e que é um primor de expozição; *Relatarios sobre os progressos das siencias matematicas*, 1822-1829; *Elogios de Delambre*, 1823, *de W. Herschell*, 1824, *de Breguet*, 1826. Em fins de 1789, Fourier leu perante a Academia das Siencias uma memoria sobre a rezolução das equações numericas de todos os graus; esta parte das matematicas ocupou-o quazi toda a sua vida. Quando a morte o surprehendeu, estava imprimindo as suas pesquizas na obra intitulada: *Analize das equações determinadas*, 1831.» [1]

Este eminente geometra, cuja apreciação sintetica por Augusto Comte se encontra na Dedicatoria já citada, era tão bem dotado de coração como de espirito. A este propozito, Augusto Comte cos-

1 O artigo que acabamos de transcrever termina aludindo ao *teorema de Fourier*, repetindo que a prioridade dele pertence a Budan. O Sr. Teixeira Mendes informou-me que Navier demonstrou exuberantemente que similhante teorema pertence inteiramente a Fourier, mesmo quanto á prioridade.— M. L.

tumava contar a seguinte anedota. Discutião uma vez Laplace e Fourier sobre qual seria o mais absurdo dos dogmas catolicos. O primeiro, mais preocupado do ponto de vista intelectual, opinava pelo misterio da trindade, em que 1+1+1=1; Fourier, porem, obedecendo á sua delicadeza de sentimentos, sustentava que, para ele, o dogma mais absurdo do catolicismo era o do pecado original, em que um Deus onipotente e onisiente condenava a decendencia inteira dos nossos primeiros pais por uma falta que eles cometêrão, mas que podia ser prevista e evitada pelo proprio Deus.

20 *a.* p. 48. *Foi ainda para completar o estudo das siencias pozitivas já criadas que ele seguiu na Sorbona o curso de zoologia de Blainville*)

O nome de Blainville acha-se para sempre ligado e da maneira mais estreita, á historia de Augusto Comte. Quando o nosso Mestre o conheceu, o grande biologista já estava na culminancia de sua carreira, mas apezar das divergencias filozoficas e politicas (Blainville era realista e catolico), ele soube apreciar os extraordinarios dotes intelectuais de Augusto Comte e animá-lo em seus estudos e trabalhos.

Mais tarde, quando a nova filozofia levantou contra o seu fundador o odio dos sientistas, foi sobretudo Blainville quem o defendeu e sustentou nas

lutas determinadas pelas candidaturas de Augusto Comte á cadeira de analize da Escola Politecnica.

Blainville é o ultimo dos grandes biologistas, e entre as muitas obras que publicou, algumas redigidas por outrem, segundo os seus cursos, mencionaremos o tratado sobre a *Organização dos animais*, que, infelizmente, não passou do 1° volume, e que foi incluido por Augusto Comte na Biblioteca Pozitivista.

O nosso Mestre pronunciou junto ao seu tumulo, após o seu enterramento, um admiravel discurso, apreciando sob todos os seus aspetos a personalidade de Blainville. Esta peça magistral acha-se apensa ao primeiro tomo do *Sistema de Politica Pozitiva.*

Blainville naceu em Arques, perto de Dieppe, no ano de 1777 e faleceu em Paris em 1850.

O Sr. Pol Nicard publicou, em 1890, uma biografia [1] do eminente biologista, adornada com um belissimo retrato, que se póde ver em nossa sala Daniel Encontre.

21. p. 50. *(Enfim, o opusculo de 1822 conquistou ao seu autor um poderozo e generozo protetor, o celebre manufatureiro Ternaux)*

Ternaux merece, com efeito, o reconhecimento da posteridade, pela proteção concedida a Augusto

1 *Etude sur la vie et les travaux de M. Ducrotay de Blainville*, por Pol Nicard, Lauréat de l'Institut. Paris. Librairie Baillière et Fils. 1 vol. in-8.

Comte, então no principio de sua carreira, alem dos seus serviços industriais. Era a ele que Augusto Comte tencionava dedicar o ultimo tratado que havia projetado escrever, consagrado á sistematização da industria pozitiva. Pela nossa parte, quando inauguramos o nosso templo e suas dependencias, demos a uma das salas do edificio o nome de Ternaux.

Eis aqui alguns traços biograficos do grande industrial, extrahidos do dicionario já citado :

« Ternaux (Guilherme Luiz, Barão), celebre manufatureiro, nacido em Sedan em 1765, morreu em 1833. Chefe aos 16 anos de uma fabrica de panos, em que seu pai sofrera prejuizos, ele reparou o mal a força de talento e de atividade. Oficial municipal em Sédan, em 1792, ficou comprometido por ocazião da fuga de La Fayette, emigrando para a Alemanha. Regressando a França após a queda de Roberpierre, ocupou-se com a tecelagem de lans e fabricação de panos, criou grandes estabelecimentos em Sédan e Louviers, dotou a industria franceza com cachemiras chamadas cachemiras Ternaux, introduziu em França as cabras do Tibet, e fez em Saint-Ouen, perto de Paris, experiencias, que não forão bem sucedidas, para a conservação dos trigos nos silos. Foi deputado de Paris em 1818 e em 1827. A sua fortuna comprometida, em 1823, por uma lei que tributava as materias primas vindas do estran-

geiro, sofreu ainda grandes golpes na revolução de 1830, e morreu depois de ter perdido toda a sua opulencia. »

22. p. 52. (*cumpria justificar pelo cazamento a prezença da sua companheira)*

A copia manuscrita que possuimos desta biografia, aos motivos aqui expostos que levárão Augusto Comte a realizar tão fatal união, acrecenta o que rezultou do seguinte incidente, suprimido, não sabemos porque, na publicação deste trabalho na *Revue Occidentale*:

« Tais erão os vagos projetos do joven Comte, quando uma sena imprevista precipitou a realização deles. Um domingo que, sentado num restaurant com a sua companheira e um amigo, gozava um pouco de descanço, um homem apareceu de subito no lumiar da sala: com gesto imperiozo fez sinal á joven mulher que o seguisse: palida, atonita, ela dirige-se titubeante para a porta. Augusto Comte precipita-se no seu encalço, ameaçador, com os olhos chamejantes: ela suplica-lhe de voltar ao seu lugar, de não intervir entre ela e esse homem. Era este um agente da policia, que tendo reconhecido a infratora [1], queria conduzi-la á prefeitura para ser ali con-

1 Para se comprehender isto e o mais que se segue é necessario saber que em Paris a prostituição acha-se regulamentada: as pobres mulheres que vivem disso são matriculadas num registro especial, e sujeitas a uma severa inspeção policial e sanitaria. As que infringem estas condições

denada a 15 dias de recluzão na caza de detenção de São Lazaro; visto como as mulheres inscritas são obrigadas a se submeter cada 15 dias a uma vizita sanitaria: em cazo de infração, elas são ativamente procuradas e punidas severamente. Esse homem cedeu aos rogos e ás lagrimas da moça, mas sómente depois que foi informado do seu domicilio e de ter recebido a promessa que na manhan seguinte, ela se aprezentaria á repartição de costumes. [1] Grande foi a confuzão da joven mulher quando o agente se afastou; Augusto Comte sahiu com a rezolução de evitar por todos os meios senas similhantes.

« Logo no dia seguinte a joven mulher apressou-se em ir falar ao chefe na prefeitura da policia, e não hezitou em lhe descobrir a sua situação. Ficou compadecido dela, perdoou-lhe a pena em que incorrera, e lhe explicou que só o cazamento poderia riscá-la imediatamente do livro fatal, restituindo-lhe a liberdade.

« Ao saber disto, Augusto Comte escreveu sem demora a Montpellier, » etc. O resto como se acha no texto.

Chegando a este ponto da vida do nosso Mestre, eis como se exprime o Dr. Robinet, em seu trabalho biografico já citado (p. 167, 3ª ed.):

são perseguidas e castigadas. Tão abominavel sistema ainda vigora hoje, dando cauza aos maiores escandalos e ás mais revoltantes violencias.—M. L.

1 Chama-se assim a secção policial que tem a seu cargo o que concerne á prostituição.— M. L.

« Antes, porem, de contar os trabalhos a que devemos a fundação da filozofia pozitiva, é precizo ainda decer mais profundamente na intimidade de uma vida recheada havia muito de amargura e de dificuldades.

« Uma das mais tristes fatalidades do nosso tempo é essa emancipação de espirito que deixa tantas almas novas sem freio e sem direção. Os inconvenientes dessa anarchia moral não são tão salientes nas naturezas vulgares, amiudo retidas pelo interesse mesmo, ou por uma atividade mediocre das paixões : mas as almas ardentes experimentão, pelo contrario, os seus mais funestos efeitos. Ora, mais do que qualquer outro, Augusto Comte devia passar por essa temeroza emancipação, que a sua missão renovadora lhe impunha como uma necessidade inevitavel. Para que melhor sentisse a urgencia da reconstrução, devia ele experimentar todcs os perigos do negativismo; e esta obrigação foi para ele bem pezada! Si para ouzar reconstruir, cumpria, por algum tempo, romper todo laço no prezente como no passado, esta revolta sistematica contra as prescrições da sabiduria vulgar e da tradição era perigoza ; porquanto o desprezo dos *preconceitos*, isto é, das regras morais espontaneamente estabelecidas e empiricamente aceitas, que são amiudo tão respeitaveis, acarreta por vezes sobre aqueles que as infringem, as mais deploraveis calamidades.

«Na idade de vinte e sete anos, no auge do seu impulso renovador, mas antes que ele houvesse podido reconstituir a moral sobre bazes pozitivas, o joven e infeliz filozofo veio, pois, quebrar-se contra um dos mais perigozos escolhos da vida; a despeito da familia, que reclama a deferencia e a subordinação filiais, a despeito da sociedade que recomenda a conveniencia das uniões, a honestidade dos laços conjugais, ele contrahiu o triste cazamento que encheu de tormentos e de pezares todo o resto da sua existencia. Foi no dia 19 de Fevereiro de 1825: sem outra consagração sinão o registro municipal, sem outra assistencia alem das testemunhas oficiais, ele despozava, contra a vontade de seu pais e de sua mãi, a mulher, por sua vez sem familia, sem domicilio, e sem estado confessaveis, que um arrastamento fatal o impelia a associar á sua sorte... Ecessiva confiança no poder do coração, e ecessivo rigor contra preconceitos veneraveis, o conduzírão a este desvario funesto, que foi a unica falta verdadeiramente grave de toda a sua vida, e cujas terriveis consequencias o perseguírão até alem do tumulo.

«É necessario ver tambem, em nossa opinião, nesta união deploravel, alem do paroxismo do estado revolucionario numa natureza absoluta e inteiriça, alem da afronta feita ás idéias recebidas, a detestavel influencia, mas bastante real neste cazo, da impudicicia intelectual e moral de Saint-Simon.»

23. p. 52. (*O Sr. Cerclet e um agente de policia forão as testemunhas da noiva*)

Cumpre aqui advertir, para evitar um equivoco, que o oficial de policia (e não agente de policia, como diz o autor), a que o texto alude, não figurou como testemunha da noiva no ato civil do cazamento; mas apenas assistiu A. Comte na diligencia junto á policia, após o cazamento, afim de tornar efetiva a eliminação do nome de Carolina Massin do infamante registro.

O Dr. Robinet cahiu na mesma confuzão.

Eis aqui como está redigido este topico na copia manuscrita que possuimos desta biografia:

«Logo que ficou munido das autorizações arrancadas ao seu pai e á sua mãi, tratou de fazer correr os proclamas e de realizar o cazamento. Em seguida, levou sua mulher á repartição dos costumes, assistido de um agente de policia e do Sr. Cerclet. Estes dois corações de homens, juntamente com o seu, erão os unicos que devião conhecer o horrivel segredo. O primeiro, em sua indiferença, o mergulhou sem duvida sob uma onda de recordações similhantes; o segundo sepultou-o tambem, mas voluntariamente, por um sentimento cavalheiresco.

«Todos quatro penetrárão no sombrio gabinete do chefe: de teto baixo e tendo apenas uma estreita janela engradada que olhava para o Sena. Este funcionario da policia mandou trazer o volumozo livro em

que se achão inscritos os nomes das prostitutas; depois de ter verificado a união contrahida pela suplicante e a identidade do espozo, garantida pelas duas testemunhas, fez ler por um continuo os castigos infligidos em cazo de reincidencia; depois, com solenidade, riscou o nome da suplicante e declarou que pelo seu cazamento ela recuperava todos os seus direitos de mulher livre.»

24. p. 53. (*Foi a 19 de Fevereiro de 1825 que Augusto Comte efetuou publicamente, na «mairie» da rua Chevalier-du-Guet, este estranho e odiozo cazamento*)

Eis aqui a ata do cazamento, extrahida do registro civil:

Extrait des minutes des actes de mariage reconstitués en vertu de la loi du 12 février 1872. 4e Arrondissement de Paris. Année de 1825.

Du dix-neuvième jour de février de l'an mil huit cent vingt cinq à l'heure du midi.

Acte de mariage de Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier-Comte, professeur de mathématiques, agé de vingt-sept ans passés, né en la ville de Montpellier, département de l'Hérault, le trente nivôse an six, correspondant au dix-neuf janvier mil sept cent quatre-vingt-dix-huit, suivant son acte de naissance étant aux registres de ladite ville à la date du lendemain; demeurant à Paris, rue de l'Oratoire n. 6, quatrième arrondissement, fils majeur de Louis-Auguste Comte, chef de bureau à

la recette générale des finances du département de l'Hérault, et de Félicité-Rosalie Boyer, son épouse, demeurants en ladite ville de Montpellier, consentant tous deux audit mariage par acte passé devant maître Anduze et son collègue, notaires royaux à la résidence de la même ville de Montpellier, le huit novembre mil huit cent vingt-quatre, dûment enregistré et légalisé. Le contractant déclarant et affirmant à serment que quoique dans son acte de naissance susénoncé, il soit prénommé Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier et qu'il ait été prénommé Marie-Auguste-Isidore-François-Xavier dans le consentement précité, il est bien néamoins la même personne, ce qui est également certifié à serment par les quatre témoins du présent mariage ;

Et de Anne-Caroline Massin, ouvrière en linge, agée de vingt-deux ans passés, née en la ville de Châtillon-sur-Seine, département de la Côte-d'Or, le treize messidor an dix, correspondant au deux juillet mil huit cent deux, demeurante à Paris, chez sa mère, rue Saint-Honoré, n. 193, quatrième arrondissement, fille majeure naturelle de Louis-Hilaire Massin-Chambreuil, comédien, absent sans nouvelles, et de Anne Baudelot, ouvrière en linge. L'absence du père de la contractante constatée par un acte de notoriété, reçu en conformité de la loi par Monsieur le juge de paix de cet arrondissiment, sur attestation de témoins, le dix-huit janvier dernier, dûment enregistré, dont expédition nous a été remise. La mère de la dite contractante présente et consentant audit mariage.

Les actes préliminaires sont: 1º Extrait du registre des publications du mariage faites à Paris, en cet arrondissement les dimanches six et treize février présent mois, affiché sans opposition ; 2º Les actes de naissance des

époux ; 3º Le consentement précité; 4º L'acte de notorieté susrelaté, le sont en forme, dequels actes ainsi que du chapitre six du titre du Code civil, intitulé du Mariage, lecture a été faite par nous Officier public, aux termes de la loi.

Les époux ont déclaré à haute voix prendre en mariage, l'un Anne-Caroline Massin, l'autre Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier-Comte ; après quoi, nous, Georges Champion, Notaire royal, adjoint au Maire du quatrième arrondissement de Paris, Officier public de l'Etat civil, avons prononcé que, au nom de la loi, lesdits époux sont unis en mariage; le tout en presence de Messieurs Jean-Marie Duhamel, âgé de vingt-huit ans, professeur de mathématiques, demeurant rue Saint-Jacques, n. 169, douzième arrondissement ; Benjamin Olinde Rodrigues, âgé de trente ans, docteur ès-sciences, demeurant rue de l'Echiquier, n. 26, troisième arrondissement ; Louis Oudan, âgé de cinquante-huit ans, négociant, demeurant rue Neuve-Saint-Eustache, n. 32, même arrondissement, et Antoine Cerclet, âgé de vingt-huit ans, avocat, demeurant rue Bourbon-Villeneuve, n. 16, cinquième arrondissement, tous amis des époux.

Et après lecture faite du présent acte, nous avons signé avec les contractants, la mère de l'épouse et les témoins. *Signé* : I.-A.-M.-F.-X.-Comte, A.-C. Massin, Anne Baudelot, J.-M.-C. Duhamel, B.-O. Rodrigues, Oudan, A. Cerclet et Champion.

Este documento foi publicado pela primeira vez por Charles Norroy, no seu periodico *Le Curieux* (1º ano, nº 14), e reproduzido depois na *Revue Occidentale* (nº 1 de 1893). O Sr. Teixeira Mendes trouxe recentemente de Paris uma publica-fórma do

mesmo documento ; é por esta que para aqui o trasladámos, verificando que o texto inserto na *Revue Occidentale* contem omissões e trocas de palavras, leitura errada de um nome, e está sem data. Esta ultima particularidade leva o Sr. Laffitte a dizer que «talvez naquela época os oficiais do estado civil, e o do 4° *arrondissement* de Paris, em particular, tivessem uma insuficiente precizão. » Entretanto era muito mais simples admitir no cazo uma omissão do copista do que o absurdo de atos do registro civil sem data, por menos *precizos* que fossem então os tais funcionarios !

25. p. 59. (*Quando sahiu, o seu vasto cerebro que assimilara o conjunto dos pensamentos humanos... abismou-se de subito nas trevas do mais sombrio caos*)

Eis o que escreve o Dr. Robinet sobre a loucura de Augusto Comte (*loc. cit.* p. 395):

«... Foi, com efeito, logo depois que a sua mulher abandonou pela primeira vez o teto conjugal, quatorze mezes após o fatal cazamento, que Augusto Comte teve o seu acesso de loucura (Abril de 1826); não póde haver a minima duvida que foi o desgosto que lhe cauzou esta traição a cauza determinante dessa loucura. Alem de o ter ele escrito e impresso varias vezes depois disso, nomeadamente

a Littré a 29 de Abril de 1851, ele o repetiu expressamente em publico, ao menos na reunião ecepcional da Sociedade pozitivista, que teve lugar a 17 de Abril desse mesmo ano.

«E entretanto Littré, no livro dezhonesto que compoz de parceria com Mme. Comte, contra o marido desta, e que ele publicou depois da morte do filozofo, [1] negou, apezar de todas essas declarações, essa doloroza situação domestica, e deu como cauza do acesso de mania aguda ou de loucura que Comte experimentou no mez de Abril de 1826, *o medo de um duelo com o saint-simonista Bazard*! a propozito de um artigo de jornal no qual Comte lhe exprobrava a ele, e á sua seita, de se apropriarem de suas ideias sem lhes declarar a origem [2] ...

«Similhante sahida seria apenas inepta, absolutamente tola, si não fosse antes de tudo odioza e inventada, si ela não fizesse manifestamente parte do sistema artificiozo de contra-verdades e de difamações propozitais, arranjado por Mme. Comte, após a sua separação do marido, sobretudo depois da morte deste, *em proveito de sua propria justificação*, e do qual o livro de Littré não é sinão o éco servil.

1 «*Auguste Comte et la philosophie positive*, in-8. de 687 pags. Paris. Hachette, 1863.

«O Sr. Littré foi tambem «subjugado» duas vezes em sua vida: uma vez pela filozofia pozitiva, uma outra vez por Mme. Comte. A segunda conquista anulou a primeira.»

2 Littré ajunta a esta cauza: um mau estomago e ecessos de trabalho intelectual.— M. L.

«O mais revoltante e ouzado exemplo deste mascaramento da verdade, rezulta, com efeito, da versão que Mme. Augusto Comte forneceu ao seu ilustre protetor sobre os fatos relativos a este terrivel epizodio, que ele qualifica de molestia mental (houve tambem ahi um pouco de dezarranjo moral!)

«Ora, «a indigna espoza», que abandonara delinquentemente o seu marido antes de cahir ele doente, e que só tornou a aparecer para preencher a formalidade de sua admissão na caza de saude do Dr. Esquirol, por iniciativa de Blainville, esqueceu-o completamente logo que ele ahi foi recebido [1], e só tornou ao domicilio conjugal quando ele proprio voltou.

«A seguinte carta de Blainville a Lamennais, publicada pelo Sr. Laffitte na *Revue Occidentale* (3º ano, nº 5, p. 249) estabelece com precizão o fato da admissão de Augusto Comte na caza de saude:

Ao Sr. Padre de Lamennais, rua da Arbalete n. 21, faubourg Saint-Marcel, Paris.

Sr. Padre, fui a Montmorency ver o infeliz Sr. Comte por quem vos interessais. Encontrei-o num tal estado de alienação mental, que fui obrigado a tomar a medida rigoroza de o colocar numa caza de saude apropriada ao tratamento deste genero de molestias. Muito felizmente,

1 Isto não parece inteiramente exato, pois existem cartas de Mme. Comte a Blainville dando noticias do doente, poucos dias depois de ter sido este colocado na caza de saude. (V. estes documentos no artigo publicado pelo Dr. G. Dumas, na *Revue de Paris* de 16 de Setembro de 1897, sob o titulo: *A loucura de Augusto Comte*.— M. L.

o Sr. Esquirol, á vista de minha recomendação, consentiu em encarregar-se dele, de sorte que não estou de todo sem esperança de o ver curado, tanto mais que os sintomas parecem-me ter sido consideravelmente agravados por uma opozição amiudo inconsiderada aos seus dezejos....

Vosso humilissimo servo
H. D. de BLAINVILLE.

Paris, 19 de Abril de 1826

....

«Augusto Comte achava-se, pois, havia um mez, em tratamento na caza de saude, quando a sua familia foi disso informada, a 17 de Maio de 1826, por uma pessoa estranha e não pela sua nora.

«Essa terceira pessoa não era outra sinão o pai natural de Mlle. Massin, o artista dramatico, que, apertado sempre por dinheiro, atormentava a sua filha para lhe arrancar auxilios, e quiz vingar-se de uma recuza informando de um só golpe aos pais do marido a internação deste, o abandono em que o deixara a sua joven mulher e o mau procedimento provado desta.

« Ora, a mãi de Augusto Comte, apezar de valetudinaria, partira para Paris no dia seguinte mesmo áquele em que a triste nova havia chegado a Montpellier, e foi então, 21 de Maio de 1826, « que a familia Comte recebeu uma carta de Madame Augusto Comte dizendo-lhe que o seu marido achava-se doente havia muito, *mas que ele não precizava*

dos seus cuidados e que ela ia pôr-se a caminho para Montpellier.

« No dia em que esta carta chegou ao seu des-
« tino, o pai de Augusto Comte estava auzente por
« motivo de serviço e a irman do nosso Mestre, em sua
« indignação contra aquela que trazia um nome que
« deshonrava, julgou dever não esperar a volta de
« seu pai para escrever á sua cunhada que era in-
« digno abandonar o seu marido, e que não seria re-
« cebida pela sua familia si ahi se aprezentasse ; que
« a mãi de A. Comte tinha partido para ir ver o seu
« filho, apezar de sua idade (ela tinha mais de se-
« ssenta anos).

« O Sr. Comte, ao chegar, escreveu como pai
« honrado.

« Mme. A. Comte, informada de chegada da
« sua sogra (a Paris) fez tudo quanto pôde para ver
« seu marido, que ela queria abandonar; fez tudo
« tambem para ver a sua sogra, que, habituada ás
« doçuras da familia, achando-se longe dos seus, *não*
« *tardou em acreditar nas adulações de sua nora e a*
« *julgá-la bem infeliz.* [1]

« Mais tarde, porem, ela viu as coizas clara-
« mente.» [2]

« Chegando a Paris a 24 de Maio de 1826, a mãi

1 «Sempre a mesma tatica e a mesma diplomacia.— R.»

2 «*Declaração de Mlle. Alice Comte.* Montpellier, 19 de Maio 1868.— R.» Esta declaração acha-se publicada na *Revue Occidentale*, n. 3 de 1895.— M. L.

de A. Comte foi logo para Montmorency, afim de estar mais perto de seu filho e acompanhar a sua molestia; ficou com ele mais de sete mezes.

«Foi ela, e só ela, alem do pessoal medico, que o tratou, e muito certamente, que concorreu para a sua cura; porquanto ela permaneceu não só até o tempo em que o doente sahiu, quazi restabelecido da caza de saude, mas tambem em caza dele, até a sua inteira volta á razão.» [1]

« Ora, Mme. A. Comte, que havia determinado a loucura de seu marido afastando-se do domicilio conjugal e que o havia inteiramente abandonado a si mesmo antes da chegada de sua mãi, atribuiu-se a si excluzivamente, descaradamente, desde então e sempre, *perante o seu marido e todos quantos ele conhecia*, o merito de o ter conservado! Foi á sua virtude, aos seus assiduos cuidados, ao seu devotamento que se deveu a salvação do autor da filozofia pozitiva. . . . Ela explorou durante toda a sua vida esta repelente mentira e aproveitou-se dela para se cobrir de heroismo ao mesmo tempo que acuzava o seu marido da mais negra ingratidão, exprobando-lhe de a expulsar de caza para *introduzir nesta uma amante!*—

1 Aqui e no mais que se segue o Dr. Robinet empenha-se em demonstrar que Mme. Comte nenhuma parte teve no restabelecimento do marido. Alem de que as provas por ele aprezentadas não têm força concludente, tudo isso é contrario ao *testemunho constante do proprio Augusto Comte*, que sempre afirmou a dedicação da mulher neste restabelecimento, sem nunca desconhecer tambem a responsabilidade que cabia a ela na origem da molestia. V. a carta a Littré anexa ao *Testamento*, adiante reproduzida.— M. L.

foi assim que ela o malquistou com muitos dos seus amigos.

« Sem emitir aqui nenhum parecer sobre a questão do tratamento adotado em relação ao joven doente, e que entretanto o conduziu á cura, sem julgar os seus bons fundamentos, ou a sua inoportunidade, mas sem crer tampouco em sua ineficacia nem sobretudo em sua influencia funesta [1], diremos que o mal tinha chegado ao seu auge quando a pobre mãi foi posta em prezença de seu filho, que nem siquer a reconheceu. Instalou-se perto dele, não cessou nunca de o vizitar assiduamente, e assim que ele melhorou, isto é, a 30 de novembro de 1826, ela o tirou do estabelecimento Esquirol [2] e o teve em sua companhia, em um novo apozento, rua do Faubourg-Saint-Jacques, n. 159 [3], onde ela foi assistida por um

1 Lembramos ao leitor que tudo isto é oposto á opinião invariavel do nosso Mestre, que julgou sempre absurdo e funestissimo o tratamento a que foi submetido em caza de Esquirol; e que sempre afirmou ter sido declarado afinal *incuravel* pelo famozo alienista. Seja como for, o conjunto dos documentos prova hoje, sem contestação possivel, que *ele não melhorou enquanto esteve na caza de saude*, e que de lá sahiu *não curado*, como está escrito pelo punho do proprio Esquirol, no registro da sahida. V. o artigo já citado do Dr. Dumas. — M. L.

2 A versão de Mme. Comte é outra. Segundo ela, perdidas as esperanças de melhoria na caza de saude, o pai do nosso Mestre escreveu á mãi deste, dizendo-lhe que trouxesse o filho para Montpellier. Esquirol opinou contrariamente, e Mme. Comte propoz então fazer primeiro uma experiencia de quinze dias, levando consigo o doente para caza. V. o livro já citado de Littré. — M. L.

3 Ha dois enganos aqui: 1. foi a 2 de Dezembro e não a 30 de Novembro que A. Comte sahiu da caza de saude; 2. conforme se vê da certidão do cazamento religiozo, adiante transcrita, a primeira moradia de Augusto

enfermeiro até o tempo em que, em virtude de uma melhora assás estavel, ela pôde regressar a Montpellier, a 26 de Dezembro do mesmo ano, entregando o seu filho convalecente aos cuidados da mulher.

« Diversos papeis, entre outros as contas e apontamentos de despezas conservadas pelo pai de A. Comte, *que pagou todos os gastos ocazionados pela molestia do filho e os emprestimos anteriormente contrahidos por ele proprio ou sua mulher*, firmão os fatos importantes que acabamos de referir, com as datas correspondentes. [1] Devemos o conhecimento exato deles a um inquerito escrupulozo feito em Montpellier, junto á familia de Augusto Comte, após a sua morte, pelo Dr. Audiffrent, e ás declarações escritas, apoiadas por provas testemunhais obtidas ulteriormente de Mlle. Alice Comte.

« O pai de A. Comte despendeu com a molestia do filho, estada na caza Esquirol e despezas varias	fr. 2.112.75 c.
« Viagem e estada de Mme. Comte mãi em Paris, e somas pagas por conta de A. Comte e sua mulher	fr. 1.890.25 c.
	fr. 4.003.00 c.

Comte, depois de retirado do estabelecimento de Esquirol, foi no n. 36 da rua Faubourg-Saint-Denis. — M. L.

1 Estas contas nada podem provar quanto á questão de saber-se si Mme. Comte cuidou ou não cuidou do marido, depois que este foi tirado da caza de saude. E aos testemunhos da irman de nosso Mestre opomos o deste. — M. L.

« Só restava a Augusto Comte, quando sua mãi o deixou, uma extrema irritabilidade.

« Depois da partida de Rozalia Boyer, a sua mulher retomou a tutela de que ele ainda precizava; mas como ele *não queria mais absolutamente vê-la* [1] e que ela se impunha, A. Comte cahiu em tal melancolia e dezespero, que tentou pôr termo aos seus dias. Precipitou-se da ponte das Artes no Sena (Abril de 1827), de onde foi tirado por um guarda real que lançou-se corajozamente ao rio e conseguiu trazê-lo vivo. Este abalo violento, em vez de ser nocivo ao pobre doente, foi o ponto de partida de sua cura definitiva.

« Foi durante o tempo que passara junto de seu filho, depois de ter sido este retirado da caza de saude, que a mãi de A. Comte, muito cristan, como é sabido, obteve do seu desvario e fraqueza que ele se sujeitasse ao cazamento catolico, a 2 de Dezembro de 1826 (V. Lonchampt, *Précis de la vie et des écrits d'Auguste Comte*), mas no que o nosso confrade (Lonchampt) está muito mal informado e engana-se evidentemente, é, repetimo-lo, quando fala, a propozito da molestia do nosso Mestre, do *devotamento* de sua mulher e da energia com que ela recuzou que o fizessem sahir da caza Esquirol para o colocarem numa caza religioza. [2] NUNCA SE TRATOU DISTO.

1 Não temos a prova disto e tudo parece demonstrar o contrario.—M.L.

2 Uma coiza é o concurso que Mme. Comte prestou ao restabeleci-

« Tão prolixas e dramaticas são as afirmações de Mme. Comte sobre este ponto — *o que lhe valeu o perdão do marido, que não queria mais absolutamente aproximar-se dela* (ela fez-lhe crer que no auge de sua loucura, a sua familia, e á frente dela, a pobre mãi, de combinação com os padres Gerber e Lamennais, tinha querido subtrahi-lo de Paris e encerrá-lo em Normandia, num convento de Trapistas, onde se terião feito dezaparecer este adversario da teologia!) — quanto as negativas energicas, indignadas e precizas da familia Comte se erguem contra essa versão inventada [1], que foi sempre qualificada por ela de abominavel mentira, *a que o proprio Augusto Comte deu credito até o fim de sua vida.* [2]

mento da razão do marido, e outra coiza é o tal *complot* para sepultá-lo numa caza religioza. A favor do primeiro temos o testemunho insuspeito do nosso proprio Mestre, e quanto ao segundo parece que, de fato, se tramou alguma coiza neste sentido, pois uma carta de Blainville, publicada por Littré, prova que a familia paterna de Augusto Comte iniciou um processo de interdição do doente, tentativa que falhou pela intervenção de Mme. Comte, a quem Esquirol avizou do processo.— M. L.

1 Sobre este *complot* de sequestro veja-se a *Noticia biografica de A. Comte* pelo Dr. Audiffrent, p. 21. Na resposta do mesmo autor ao Sr. Bertrand, p. 42, lê-se: « Por mais indigna que seja esta mulher, dizia-me um dia Augusto Comte, ela prestou-me um serviço pelo qual lhe devo ficar eternamente reconhecido. Pela sua firmeza e coragem, prezervou-me de ir morrer em Normandia, num hospicio de S. João de Deus, onde me querião enviar o Sr. de Lamennais e o padre Gerbert, mais tarde bispo de Perpignan . . . Podia eu atirar á rua aquela que trazia o meu nome, cujos antecedentes eu conhecia e que, fatalmente, voltou aos seus antigos costumes? »— M. L.

2 «Parece entretanto ter abrigado algumas duvidas: provão-no as deligencias que mandou fazer tardiamente junto do padre Gerber por um de

« Esta patranha serviu, como tantas outras sugestões igualmente perversas e destituidas de realidade, a malquistar para sempre o pobre convalecente com a sua familia e a separá-lo dos seus quazi até a sua morte, apezar da amargura crecente que ele resentia por isso. [1] Foi assim que essa mulher tão profundamente malvada e artificioza pôde retomar, durante quinze anos, sobre o seu marido, *e no detrimento maximo dele*, o dominio que a sua notoria irregularidade de conduta havia abalado um momento.

« Mas tendo sobrevindo, por culpa dela, uma separação irrevogavel, no fim desse tempo, ela aproveitou-se de novas contemplações e da autorização que ele lhe outorgara de se corresponder com ele, assim como de alguns pedidos por ele feito a alguns amigos para que continuassem a recebê-la, ela aproveitou-se disto, digo, como ele o devia esperar, para o caluniar impudentemente e lançar-lhe todas as culpas, enfim, para o malquistar com todas as pessoas a que ele a recomendara.

« Ainda mais, é nessa correspondencia que parecia dever ficar fóra da questão, que Littré ou antes, o par encarniçado contra A. Comte, não se

seus dicipulos.— Nessa época, e *por cauza da mulher*, as suas relações com os pais erão muito frias.»

1 «Correspondencia Valat, cartas XXIII a LIV, *passin*. É indispensavel comparar esta parte de nossa narrativa com a de Lonchampt e sobretudo com o livro de Littré.»

peja, por um abuzo cinico, de ir procurar textos, pedaços de frazes, palavras, para contradizer e enegrecer os seus menores atos. »

26. p. 64. (*Rozalia Boyer foi, pois, á procura da sua nora; pediu-lhe o seu concurso para tirar o doente da caza do Dr. Esquirol, afim de o pôr em uma caza religioza. A mulher de Augusto Comte recuzou-se a isso energicamente*)

Já vimos na precedente nota, que o Dr. Robinet julga este projeto de colocação numa caza religioza, uma fabula inventada por Carolina Massin para conquistar a benevolencia do seu marido. Tambem vimos que é essa a opinião do Dr. Audiffrent; mas este como aquele se fundão nas afirmações contrarias da irman de Augusto Comte. Julgamos Carolina Massin capaz desta mentira, e até de outras piores, como com efeito está demonstrado, mas, por outro lado, devemos confessar que não nos basta o testemunho da irman do nosso Mestre.

O que parece, porem, incontestavel é que houve uma tentativa de interdição judicial, promovida pela familia de A. Comte, com menoscabo dos direitos legais de sua mulher. A carta de Blainville sobre este processo, publicada por Littré, e que não é possivel considerar como um documento falso, prova que essa tentativa se deu, e que Carolina Massin conseguiu anulá-la.

Hoje é quazi impossivel encontrar as peças oficiais relativas a este assunto, porque, como verificou o Sr. Teixeira Mendes, na sua recente viagem a Paris, ninguem sabe onde jazem esses papeis.

27. p. 65. *Um sacerdote catolico os esperava ahi, e celebrou logo este lugubre cazamento*)

Littré, bazeando-se naturalmente em informações fornecidas por sua socia Carolina Massin, dá muitos pormenores concernentes a esta consagração catolica. Entre outros, narra que A. Comte, que delirava nesse momento, assinou o ato do cazamento do seguinte modo: *Bruto Bonaparte Comte.* Os dois primeiros nomes, apezar de riscados depois, podem ser ainda lidos, dizem, no documento em questão.

Eis aqui o teor do registro do referido cazamento, segundo a certidão trazida pelo nosso confrade Sr. Teixeira Mendes:

Paroisse de Saint-Laurent. Extrait du Registre des Actes de Mariage. L'an mil huit cent vingt-six, le deux décembre, vu le certificat de l'officier de l'état civil du 4e arrondissement. Je soussigné, ai reçu à domicile le mutuel consentement que se sont donné pour le mariage M. Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, demeurant rue du Fauboug Saint-Denis n. 36, fils majeur de Louis Auguste Comte et de Félicité Rosalie Boyer, faubourg Saint-Denis, 36, d'une part ; et Mademoiselle

Anne Caroline Massin, fille, demeurant Faubourg Saint-Denis n. 36, fille majeure naturelle de Louis Hilaire Massin, absent, et de Anne Baudelot, faubourg Saint-Denis 36, d'autre part; et leur ai donné la Bénédiction nuptiale en présence des temoins qui ont signé avec les époux. *Signé*: Sallet, vicaire prêtre.

28. p. 67. (. . . *porque o pai de Augusto Comte era inexoravel. No momento de perigo, ele cedera ás lagrimas de sua mulher, mas passado esse momento sentira renacer no seu coração o descontentamento e a severidade*)

Isto não é inteiramente exato. Mesmo depois de curado, Augusto Comte recebeu de seu pai auxilios pecuniarios, como o provão os documentos hoje publicados. (V. *Revue Occidentale* n. 3 de 1895.)

29. p. 69. (*A 14 de Janeiro de 1829 ele reabriu, no seu domicilio da rua Saint-Jacques n. 159, esse curso de filozofia pozitiva* . . .)

Entre os ouvintes deste segundo curso estavão Fourier, Blainville, Poinsot, Navier, Broussais, e Esquirol; este ultimo ouviu sem duvida, diz o Dr. G. Dumas, com alguma curiozidade, a lição do seu ex-pensionista.

O Dr. Robinet, em seu trabalho biografico, não faz menção deste segundo curso, realizado no domicilio do autor, e só se refere á expozição publica rea-

lizada no *Ateneu*, em Dezembro de 1829. Entretanto, o fato é atestado pelo proprio A. Comte na advertencia do *Curso de filozofia pozitiva.*

30. p. 85. (*Foi para ceder ás instancias de sua mulher que Augusto Comte fez uma tentativa que não devia dar rezultado*)

Alem da tentativa aqui referida e concernente á criação de uma cadeira no Colegio de França, Augusto Comte, cedendo ás instancias de sua mulher, vizou tambem um momento a Academia das Siencias. «Mme. Comte, escreve Littré, dezejava que o seu marido dirigisse suas vistas para a Academia das Siencias. Uma vez ali, a pozição ficaria segura, e o professorado, que ele ambicionava, lhe teria chegado ás mãos. Foi devido a este impulso que ele compoz a memoria sobre a cosmogonia de Laplace, memoria em que ele se propõe demonstrar pelo calculo que os periodos das revoluções dos planetas em torno do sol podem ser empregados como argumentos em favor do resfriamento e da separação das zonas solares condensadas em planetas e em satelites. Esta memoria é notabilissima; ignoro, porem, o juizo dos astronomos sobre ela; não era aliás sinão a precursora de uma segunda memoria que nunca apareceu; e desde então ficou evidente que Comte não se abriria caminho por esse lado.» (Loc. cit. p. 236.)

Respondendo a uma carta de Stuart-Mill em que este lhe comunicava os ataques que alguns sientistas inglezes dirigião contra a parte do *Curso de filozofia pozitiva* que aprecia a hipoteze cosmogonica de Laplace e contra a *memoria* enviada ao Instituto sobre este assunto, o nosso Mestre escrevia:

«Quanto á discussão de que se trata, eis aqui os principais motivos que me determinárão logo a não aceitá-la de modo algum, e que, após quinze dias, me fazem perseverar nessa avizada rezolução inicial.

«Sabeis, em primeiro lugar, que este cazo está implicitamente comprehendido na declaração geral de silencio sistematico que termina o meu famozo *prefacio*. [1] Desde que formulei essa regra constante de minha conduta filozofica, tudo me tem confirmado o seu pleno acerto, afim de não dar aos malevolos ou aos indiscretos a faculdade de me roubarem uma parte de um tempo já demaziado breve para tudo quanto emprehendi. Si alguma vez tiver de abrir uma eceção a este respeito, só o poderá ser por cauza de um elevado interesse publico, e sómente em relação a um ponto fundamental de doutrina geral, mas, em cazo algum, acerca de um assunto izolado de discussão sientifica.

«Em segundo lugar, o assunto sientifico de que se trata me parece merecer menos do que qualquer outro uma tal derogação ecepcional ao meu util re-

1 Do sexto volume do *Curso de Filozofia Pozitiva*. — M. L.

gimen literario. Porque posso anunciar-vos confidencialmente que estou decidido a suprimi-lo inteiramente em cazo de segunda edição, como não sendo suficientemente pozitivo. Ha já cinco ou seis anos que cessei de o mencionar em meu curso anual de astronomia, e vistes que, com efeito, não se fala absolutamente nele no meu pequeno tratado [1] do ano passado. Estou convencidissimo agora que similhante pesquiza é realmente inaccessivel, como eu o havia declarado, mas com muito pouca energia, mesmo quando fiz essa tentativa, já antiga. Esse esforço é uma concessão vicioza aos derradeiros habitos de ateismo metafizico que continuão a tratar, a seu modo, questões que a san filozofia deve finalmente afastar. Com efeito, foi só a titulo de concessão tranzitoria que esse trabalho, oral ou escrito, ocupou me, mas reconheci depois que era preferivel não ter tais complacencias mentais, que alimentão os vicios logicos em vez de extirpá-los. Pelo menos, um espirito que, como o meu, quer ficar sempre colocado, tanto quanto possivel, no verdadeiro ponto de vista final da sabiduria humana, não deve ter similhantes fraquezas sientificas; posto que um regimen menos severo possa ainda ser util hoje aos que, por não terem emprehendido diretamente a grande sistematização, podem comparticipar mais, sem nenhuma deploravel inconsequencia, das dispozições passageiras dos

1 *Astronomia Popular.* — M. L.

nossos contemporaneos.» (Carta de 8 de Agosto de 1845).

Seja como fôr, tanto a tentativa de entrar para a Academia das Siencias, como o projeto de conseguir uma cadeira no Colegio de França, correspondem a uma situação ainda não irrevogavelmente sistematizada pelo pozitivismo completo. V. o opusculo de Jorge Lagarrigue: *Le vrai et le faux pozitivisme.*

31. p. 42. Capitulo 3° da Segunda Parte.

Alem da epigrafe que se lê aqui, a copia manuscrita tem mais a seguinte:

Jamque opus exegi, quod nec Jovis ira, nec ignis,
Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas.

OVIDIO.

32. p. 102. *(Neste comenos Carolina Massin pediu para separar-se)*

Em toda esta narrativa da separação definitiva de Mme. Comte, a atitude desta é aprezentada pelo autor de um modo inteiramente falso. Os sentimentos que então, como de outras vezes, animavão essa mulher, erão de puro despeito e a sua atitude para com o marido agressiva e intoleravel. Havia muito que, conquanto habitando a mesma caza, não vivião mais

como cazados. Mme. Comte pediu para separar-se, certa de que breve voltaria a rogo do proprio marido. Mas desta vez este repetiu-lhe que a separação agora seria definitiva. A transformação moral do nosso Mestre, graças á sua paixão por Clotilde de Vaux, tornou para sempre impossivel a reconciliação com similhante mulher. Então esta foi incançavel em perseguir o nosso Mestre com as suas perversas intrigas e as suas infames calunias, que ela assoalhava por toda parte. É precizo saber-se disto para se comprehender a repulsão crecente que o nosso Mestre sentia por essa desgraçada e as precauções a que foi obrigado para salvaguardar a sua memoria e a dos seus entes queridos. E todos sabem que, depois de sua irreparavel morte, essa mulher, associada a um triste lexicografo (Littré), emprehendeu mistificar a opinião publica contra o nosso Mestre, atacando perante a justiça o seu Testamento, como produto de um louco, e fazendo a propria apologia e defeza á custa da memoria veneravel daquele que fôra sua vitima, em um livro tão hipocrita quanto infame.

Entretanto foi a esse mesmo Littré, quando ainda o supunha honesto e amigo, que o nosso Mestre endereçou a seguinte carta, em que ele se viu obrigado a abrir-se acerca de sua mulher, sem contudo *revelar ainda tudo*; e onde o leitor encontrará a verdadeira atitude e os verdadeiros sentimentos de Mme. Comte, por ocazião de separar-se em 1842:

Paris, lunedia, 6 de Cezar de 63. [1]

Meu caro Sr. Littré

Eis aqui o recibo que vos devo em troca do de Madame Comte. Eu bem prezumira que este se continha numa carta que recambiei sem abri-la, como de hoje em diante tratarei todas quantas me vierem da mesma fonte. Devia, porem, esperar que o recibo me voltasse por vosso intermedio. As nossas contas respetivas estão agora em regra.

Muito penhorado pelos nobres sentimentos que me exprimis, e cuja plena sinceridade me é tão provada, eu não podia de modo algum sentir-me melindrado pelas cordiais admoestações de vossa carta ecepcional. O que elas encerrão de involuntariamente injusto oferece-me um rezultado natural do generozo silencio que sempre guardei para convosco acerca de uma mulher culpada, cujos vicios, posto que muito graves, só se tornão sensiveis numa completa intimidade. A natureza de vossas relações com ela lhe permite deixar-vos ver apenas as suas qualidades. Esclarecendo-vos mais cedo sobre as suas culpas fundamentais, eu temia privar-vos de uma conversação que vos é agradavel e fazer-lhe perder um nobre e salutar contato. Mas, á vista de vossa carta, devo enfim renunciar a uma rezerva que se tem explorado contra mim. Contudo, limitarei minhas explicações, como na sessão ecepcional do penultimo Mercuridia, ao que exige estritamente a suficiente retificação de vossas conjeturas naturais sobre a pretendida severidade de uma conduta sempre caraterizada por um ecesso de indulgencia.

É precizo primeiro tranquilizar-vos acerca da pensão. Mme. Comte é uma habil comica, quazi sempre em

1 28 de Abril de 1851.— M. L.

sena, sobretudo em relação a vós. Ela entendeu que o escandalo que acaba de dar-se [1] prescrevia-lhe essa demonstração. Mas, no fundo, estou convencido, segundo um conhecimento muito caramente adquirido, que não ha nada de serio nisso. Si essa comedia durar até o novo trimestre, aceitarei provizoriamente toda restituição anormal, salvo o tê-la sempre disponivel para o fim dessa comedia.

A minha carta deciziva de 10 de janeiro de 1847, da qual vos comuniquei então copia, declarava-lhe que, havia muito tempo, o conjunto de sua conduta conjugal não me deixava a seu respeito sinão simples deveres pecuniarios. Sempre os tenho preenchido escrupulozamente, mesmo no meio de minha maior penuria pessoal, ao ponto de estar atrazado hoje de um ano de aluguel de caza, privado de renovar assás a minha roupa, e obrigado a endividar-me com a minha incomparavel Sofia. Tudo isto permite-me deixar que prosiga livremente a comedia que ora começa, sem que nunca me exprobre a mim mesmo as suas consequencias quaisquer.

Essa memoravel carta anunciava tambem que a eterna amiga, cuja perda objetiva era então recente, constituia a minha unica espoza verdadeira, a qual eu nobremente dedicara a grande elaboração que eu começava. Mme. Comte aceitou plenamente esta declaração por um silencio de mais de dois anos. Si alguma vez podia ela projetar seriamente a recuza da pensão, devia ter sido então. Quando consenti, por pura compaixão, em receber as suas cartas e em responder a estas durante

1 O fato a que alude o nosso Mestre aqui foi o seguinte. Alguns membros indignos da Sociedade Pozitivista, aliados e orgãos de Mme. Comte, ouzárão em reunião dessa sociedade censurar Augusto Comte por fazer referencias publicas ao seu amor por Clotilde de Vaux.— M. L.

o primeiro semestre de 1850, reiterei-lhe em primeiro lugar esta expressão formal dos meus sentimentos intimos, e similhante condição de correspondencia foi ainda aceita tacitamente, si bem que com a secreta esperança de a frustar em seguida. Uma de suas cartas anunciou-me desde então, sem nenhum motivo especial, a comedia atual do hospital e da recuza da pensão.

Antes de caraterizar a minha situação domestica, devo indicar-vos um esclarecimento provocado sobre a san teoria do cazamento, distinguindo nele a união legal e a união moral.

A primeira não comporta justa dissolução sinão em cazos extremamente ecepcionais, nos quais não me tenho achado, mas dos quais minha terna e nobre Clotilde oferece o mais tocante exemplo, assás explicado aos nossos confrades. Quanto á união moral, ela póde sempre cessar pela indignidade prolongada de um dos conjuges. Si o laço legal perziste então, mas sem filhos, reduz-se a deveres materiais. Não comporta outra reação moral sinão impôr a castidade aos afetos ecepcionais. A sociedade não póde nem deve exigir nunca que um coração renuncie a dezenvolver-se, só porque o seu surto inicial abortou sem culpa.

De resto, acho-me muito dezinteressado nesta questão geral ; porque entre Mme. Comte e eu não se trata nunca de romper a união moral, pois que esta jamais existiu. Quanto ao laço legal, eu suportarei dignamente todas as consequencias materiais de sua justa perpetuidade. Aceitei escrupulozamente essas reações afetivas, pois que a minha santa paixão permaneceu sempre tão pura quanto profunda. A minha viuvez eterna garante plenamente a perzistencia espontanea de tal condição.

Tudo isso reduz minha explicação atual a indicar

-vos como é que a conduta de Mme. Comte impediu sempre a união moral que eu esperava ver nacer de nossa união legal.

A origem geral desta triste anomalia consiste na natureza muito ecepcional desse tipo anti-feminino.

Sempre dotada de muito espirito e outrora de grande energia, ela é quazi destituida dessa ternura que constitũi o principal atributo de seu sexo. Desde o nosso fatal cazamento de 19 de Fevereiro de 1825, a sua conduta, posto que muito licencioza, nunca indicou, em relação a ninguem, um verdadeiro apego. Os dois outros instintos altruistas, veneração e bondade, lhe são completamente alheios. Apezar de seus ares pozitivistas, a sua natureza permaneceu puramente revolucionaria; o espirito nunca lhe serviu sinão para construir sofismas destinados a justificar inclinações viciozas, e o carater para insurgir-se contra toda regra moral. A sua educação ecepcional não fez sinão dezenvolver essa má organização, dispondo a encontrar por toda parte direitos e em parte alguma deveres. Tal é a anomalia que, conhecida demaziado tarde, fez malograr completamente o generozo calculo de que rezultou o meu deploravel cazamento.

Foi, com efeito, sem amor que eu cometi, aos vinte e sete anos, a minha unica falta irreparavel, que tanto tem pezado sobre toda a minha vida publica. Não me julgando nem belo, nem mesmo agradavel, e atormentado entretanto por uma viva necessidade de afeição, escolhi uma espoza que houvesse de amar-me em virtude de um intimo reconhecimento, fundado nesse cazamento ecepcional, apezar de sermos ambos igualmente pobres. Si esta justa esperança se tivesse realizado, eu sentia-me disposto a apegar-me completamente. O meu

calculo teria sido provavelmente bem sucedido em relação a qualquer outra mulher. Para acabar de caraterizar a minha falta, acrecento, que, consumada sem paixão, ela o foi tambem a despeito de minha familia, cujos preconceitos justamente se opuzerão a ela.

Do outro lado, o calculo foi muito menos nobre, sem ser mais feliz. Mme. Comte esperou sempre transformar-me em machina academica ganhando-lhe titulos, dinheiro, e empregos. Aquela que aparenta querer consagrar a sua velhice ao pozitivismo, contrariou, com todas as suas forças, a sua elaboração inicial. Ela só o aprecia depois da brilhante justiça de que vós fostes dignamente o orgão imortal; si todavia a sua velhacaria inveterada lhe permite ver nele, mesmo hoje, outra coiza que não um novo papel, como outrora a devoção para as de sua laia. Seja como fôr, a sua natureza, destituida de bondade, faz-lhe sempre, nos outros, atribuir a condecendencia á fraqueza. A sua inclinação principal para um dominio completo e grosseiro foi, pois, alimentada, em consequencia de minha generoza conduta, pela esperança de assenhorear-se de um carater que ela apreciava mal. Cada nova concessão não fez sinão agravar esta aberração, que talvez ainda subzista, apezar da experiencia. Isto posto, a auzencia total de principios morais lhe permitiu empregar, como meio habitual de governo, as mais extremas alternativas, amiudo levadas até a dezerção completa, quando eu rezistia aos seus culpozos processos. Si ela apenas houvesse sido impura eu teria talvez perdoado sempre; mas, tendo-se mostrado sem coração e sem delicadeza, tive afinal que desprezar.

Cumpre passar aqui em silencio as fugidas secundarias, limitadas a passar algumas semanas em cazas de

alugar comodos, sob o menor pretexto. Estes cazos serião quazi sem conta, desde o começo do nosso cazamento. Quanto ás separações principais, perzistindo mais tempo e sucitando combinações pecuniarias, a minha carta de 10 de Janeiro de 1847 já vos fez saber que houve tres antes daquela que foi irrevogavel.

A primeira realizou-se em Março de 1826, após um ano de cazamento. Sua reação moral concorreu com um ecesso intelectual para determinar a minha grande molestia cerebral. Conquanto essa mulher incorrigivel nunca tenha querido confessar sinceramente uma culpa grave, atribuo aos remorsos a sua bela conduta de então, no meio de uma situação dificilima. É a unica epoca verdadeiramente honroza de toda a vida de Mme. Comte. A sua primeira separação terminou assim dignamente quando eu recuperei a saude.

Em 1833 teve lugar a segunda, que durou quatro ou cinco mezes, em Paris e na provincia, sem outros motivos reais que não fossem a necessidade de uma liberdade dezenfreada e o despeito de não poder mandar arbitrariamente. Desta vez, si bem que menos afetado, eu fui bastante bom para solicitar o regresso, concedido enfim desdenhozamente.

A terceira separação formal sobreveio, em Maio de 1838, em consequencia de minhas justas repugnancias contra culpozas vizitas. Só durou tres semanas. Mas então nenhum esforço fiz para obter que cessasse. Conquanto eu acolhesse com ecessiva indulgencia a volta espontanea de Mme. Comte, signifiquei-lhe minha rezolução de considerar como irrevogavel toda nova tentativa similhante. Dei mesmo á minha autoridade conjugal uma atitude de firmeza, que essa natureza indiciplinavel devia ter exigido mais cedo, mas que pelo menos

devia ter-lhe anunciado a realidade de tal dispozição.

Após quatro anos de indignas lutas quotidianas, uma conduta inqualificavel impeliu Mme. Comte ao seu quarto e ultimo abandono do teto comum. Durante os seis mezes que precedêrão a sua partida, eu cumpri lealmente o meu dever esforçando-me por demovê-la de tal desfecho, que entretanto se havia tornado indispensavel á minha tranquilidade, unico bem a que aspiravão então as minhas pretenções privadas. Reiterei frequentes vezes minha declaração anterior de que desta vez a volta não seria nunca solicitada, nem mesmo aceita. Mas uma louca prezunção obstou a que estas dignas advertencias fossem atendidas por uma mulher persuadida de que eu não poderia ficar tres mezes sem estar por tudo para terminar o meu izolamento. Esta triste experiencia final oferece um traço carateristico, que vos dará alguma idéia de minha situação incrivel.

Sabeis que eu escrevia então as concluzões gerais que constituírão o nó decizivo de minha obra fundamental, na qual a siencia, completada enfim, adquiria assim a irrevogavel dignidade de uma verdadeira filozofia. Esse trabalho supremo exigia a maior calma moral, para concentrar todas as minhas forças mentais em seu digno acabamento, antes da proxima volta de meu serviço de examinador, que começava sempre a 20 de Julho. Tinha sido pois combinado que Mme. Comte só partiria a 1º de Agosto, afim de que similhante abalo moral não coincidisse com essa grande crize intelectual. No entanto, Mme. Comte quiz, a 15 de Junho, deixar-me imediatamente, afim de, ouzou ela dizer, não perder um bonito apozento, ornado com um jardim comodo. Este dia foi terrivel para mim, e nele senti-me proximo a recahir, em 1842, no medonho epizodio cerebral de 1826,

por um concurso analogo de influencias perturbadoras. Eu só consegui evitar este novo choque recuzando energicamente dar a essa indigna mulher parcela alguma da soma combinada até o dia 1º de Agosto. Então ela esperou o prazo fixado a principio, mas declamando contra a minha *tirania*.

Tal foi, em muitos outros cazos, a conduta daquela a quem tive a desgraça de dar o meu nome. Durante dezesete anos de cohabitação, concebi assim amiudo idéias de suicidio, ás quais eu teria provavelmente sucumbido apezar de meus firmes principios, si a profunda amargura de minha situação domestica não tivesse sido superada pelo sentimento crecente de minha missão social. Os meus trabalhos filozoficos forão notavelmente estorvados por tal situação. Si a minha grande obra me ocupou doze anos, não foi sómente pelas suas dificuldades proprias e meus embaraços materiais. Avalio que as minhas perturbações domesticas influírão nisso por uma boa terça parte. Os meus tres ultimos volumes, que constituem a principal metade dessa obra forão acabados em menos de quatro anos; porque a minha tardia energia, desde 1838, havia tornado o meu interior menos insuportavel. Toda a obra poderia, pois, ter-se terminado em oito anos, em vez de doze, si eu sempre houvesse possuido essa meia tranquilidade. Longe de oferecer-me o apoio domestico que ordinariamente facilita os grandes trabalhos de espirito, o meu interior aprezentou-me sem cessar um obstaculo capital, que não foi o menos dificil a superar. Aquela que hoje afeta apreciar o meu merito filozofico, sentia-o tão pouco em Novembro de 1837, que ela ouzou declarar-me diante de duas testemunhas, das quais uma ainda vive, quanto ela colocava Armand Marrast acima de mim. Depois que este mizeravel ficou

dezacreditado, ela tem negado vivamente essa extranha preferencia. Mas conquanto o odio tivesse inspirado similhante declaração, só a frivolidade podia sugeri-la. Tornada pozitivista na idade em que a Maintenon se fez devota, essa senhora não me ha de achar mais credulo em relação a uma destas conversões do que relativamente á outra. Nunca tendo ela apreciado o meu espirito, exprobro-lhe sobretudo o ter comprehendido ainda menos o meu coração, depois de dezesete anos de vida em comum; ao passo que a minha santa colega julgou-me principalmente sob este aspeto no fim de alguns mezes de relações muito imperfeitas.

Esta sumaria indicação equivale essencialmente á que expuz recentemente aos nossos confrades. Termino assim a penoza explicação tornada indispensavel por uma funesta provocação oriunda de uma van pretenção a impedir-me toda digna expansão publica do meu justo reconhecimeuto filozofico para com a minha angelica Clotilde.

A precioza gratidão pessoal que vos dignais manifestar-me pelo dezenvolvimento moral e religiozo do pozitivismo, ha de extender-se breve até a santa influencia involuntaria que, regenerando o meu coração, me proporcionou o privilegio de uma segunda vida publica. Si, antes de minha grande publicação de Julho, dezejardes conhecer a dedicatoria funebre que, em 1846, esboçou a Religião da Humanidade, poderei vô-la comunicar imediatamente, com o Prefacio carateristico em que a fundamentei recentemente. Este duplo preambulo está, com efeito, já impresso, e mesmo tirado; possuo neste momento um exemplar em folhas. Verieis ahi com que contemplações faço entrever ao publico a minha fatalidade domestica, de que esta carta vos dá en-

fim uma idéia geral. Na minha vida privada nunca odiei a ninguem, mas o conjunto de sua conduta não me permite estimá-la. É verdade que Dante cantou a sua Beatriz sem fazer nenhuma aluzão ao seu proprio cazamento; mas a sua espoza foi irreprehensivel, conquanto pouco simpatica. O meu cazo não é tão favoravel; e entretanto eu guardarei publicamente toda a rezerva possivel ainda mesmo que eu sobreviva á culpada. Si a sua conduta tivesse sido a de Mme. Littré, eu nunca teria amado alhures. Apezar de suas culpas, eu não me acreditava autorizado siquer a isso enquanto ela permanecesse sob o meu teto. Foi sómente dois anos depois de sua dezerção irrevogavel que o meu coração, assim conservado virgem ecepcionalmente até os quarenta e sete anos, procurou as castas emoções que me reanimão ha seis anos, e que a morte tornou em breve mais fixas como mais puras. Mas esta mesma consolação intima, fonte continua dos meus aperfeiçoamentos mais nobres, dispõe-me a esquecer um passado dolorozo, cuja lembrança perturbaria aliás os poucos anos de pleno vigor cerebral que ainda me restão para servir dignamente o Gran-Ser. Eu sinto melhor que o meu querido Dante, que é precizo ter bebido no Letes antes de o fazer no Eunoe. É pois a meu pezar que retraço os meus longos sofrimentos, e espero hoje que será a ultima vez. Já em 1842, eu exprimia ao meu velho amigo quanto achava-me disposto a considerar dahi por diante a minha fatalidade domestica como tendo apenas redundado em aumentar de tres mil francos (reduzidos em seguida a dois mil) as minhas contribuições anuais. Tal foi sobretudo a minha dispozição crecente após a minha regeneração moral. Si a culpada, renunciando a uma concurrencia insenzata, guardar enfim o silencio conve-

niente, ela obterá de mim uma atitude equivalente, temperada até pela solicitude natural que lhe conservareiide longe. Mas, ante novas provocações, o meu profundo amor pela paz não me ha de impedir nunca de sustentar dignamente a guerra, que eu levarei, si fôr precizo, até fazer pronunciar a separação legal, de acordo com o avizo que terminou a minha carta de 18 de Janeiro de 1847.

Todo vosso

AUGUSTO COMTE,

10, rua Monsieur-Le-Prince.

P. S. Autorizo-vos plenamente a fazer ler esta carta por Mme. Comte, si o julgardes conveniente. Mas não quero contudo receber nenhuma recriminação que possa rezultar de similhante comunicação. Trata-se aqui de uma explicação fraternal endereçada ao meu principal colega e de modo algum de inquerito, ou de discussão, que nunca permiti a Mme. Comte, deixando-lhe aliás plena liberdade de expôr o cazo ao seu modo.

Os motivos que levárão o nosso Mestre a anexar esta carta ao seu Testamento, com a *Adição secreta* e outras peças concernentes á sua mulher, achão-se explicados nos seguintes aditamentos feitos ao mesmo Testamento:

SEGUNDA ADIÇÃO

Lunedia 21 de Moizés de 68 (21 de Janeiro de 1856)

Dentre os meus treze executores testamenteiros, [1] cinco rezidem habitualmente em Paris. Dos outros oito,

1 Srs. Audiffrent, De Capellen, barão de W. Constant, Deullin, D. Jozé Segundo Flores, Dr. Eduardo Foley, Hadery, Laffitte, Lonchampt, Magnin. Papot, Dr. Robinet, conde de Stirum.— M. L.

só um acha-se atualmente no centro ocidental. O meu Testamento não pôde até o prezente ser lido sinão destes seis, tendo-o examinado cada um deles cuidadozamente, sem que nenhum o tenha copiado.

Quatro dentr'eles já me manifestárão as impressões que essa leitura lhes cauzou. Uma unica destas comunicações me satisfez plenamente, numa admiravel carta do Sr. Lonchampt, que li na Sociedade Pozitivista no mercuridia 9 de Moizés. Este eminente dicipulo faz sobretudo salientar a imortalidade que essa missão ha de necessariamente proporcionar áqueles que encarreguei dela, quando o meu Testamento se tornar publico, sob um qualquer dos modos indicados.

As tres outras comunicações fizerão-me mais ou menos perceber uma vicioza tendencia a criticar, sem mais utilidade do que competencia, as minhas expressões, e mesmo os meus sentimentos, em relação á minha indigna espoza.

Nenhum testamento seria possivel si os seus executores devessem partilhar das dispozições do testador, ou si este devesse conformar a sua linguagem ao gosto deles. Uma tal missão fica naturalmente limitada ás operações que ela determina, sem que os seus orgãos se tornem nunca responsaveis pelos sentimentos que eles são incapazes de apreciar. Faltando esta rezerva em uns e essa liberdade no outro, o quadro espontaneo da situação derradeira de uma alma degeneraria numa fria comedia. Essa atitude final seria especialmente contraditoria no filozofo que soube, em todo tempo, *viver ás claras*.

Vendo eminentes dicipulos menosprezarem conveniencias tão claras, verifiquei logo que eles sofrião um novo acesso da molestia revolucionaria de que os pozitivis-

tas atuais amiudo são afetados por cauza de sua origem ordinaria. Posto que sejão proclamados completos os que não regeitão nenhum dogma importante, eu só escolhi executores testamenteiros nos quais a regeneração já passou das convicções aos sentimentos. Mas, mesmo nesta elite, a conversão raramente atingiu o seu terceiro e ultimo grau, unico decizivo na pratica, extendendo-se até os habitos, que se conservão as mais das vezes revolucionarios, pelo menos no inicio de cada prova. A vida publica tem-me manifestado frequentemente a dispozição inicial dos meus melhores dicipulos, em toda grave ocurrencia, a dezenvolver contra mim a prezunção e a desconfiança que caraterizão a molestia ocidental. Bastará citar aqui a crize ditatorial de 1851, e, dois anos depois, a instituição do casto preambulo peculiar ao cazamento pozitivista: uma violenta insurreição explodiu, em um e outro cazo, entre aqueles que em breve forão os que melhor se deixárão chamar á ordem. Estes conflitos sempre iminentes rezultão do septicismo de onde partírão quazi todos os meus dicipulos, e constituem a mais doloroza fatalidade da situação sem exemplo em que me acho colocado como regenerador. Ao passo que São Paulo e Mahomet, no meio de lutas encarniçadas, obtiverão devotamentos completos, eu posso, sem ataque exterior, ser, a cada instante, abandonado por todos os meus, em virtude dos habitos devidos ao negativismo primitivo deles.

Eu só superarei esta fatalidade si a longevidade de Fontenelle me permitir um acendente melhor sobre os filhos, verdadeiramente regenerados, dos meus dicipulos atuais, bastante convencidos dos perigos do septicismo para prezervarem dele os seus filhos. Todavia, eu não prezumira que a tendencia insurrecional se extenderia

da vida publica até a vida privada, sobretudo entre os meus executores testamenteiros. O começo do prezente ano ficará tristemente marcado por uma experiencia que mostra quanto, desde o seu ultimo acesso revolucionario, os meus melhores dicipulos têm caminhado pouco no sentido de sua completa regeneração. Cumpre insistir sobre este indicio, relativo á principal origem da lentidão que experimenta o advento da religião universal num meio que lhe não póde rezistir sinão passivamente, por falta de convicções contrarias. Si tal situação não existisse, a unica doutrina completa, concordante, e mesmo oportuna, teria já superado o criminozo silencio de um jornalismo anarchico, si a influencia dos seus melhores apostolos não ficasse paralizada habitualmente pela insubordinação espontanea dos mesmos.

Estes motivos levárão-me a aproveitar um ensejo tão decizivo para assinalar o principal vicio dos pozitivistas atuais, reunindo, hontem Domingo 20 de Moizés, os seis executores testamenteiros agora prezentes em Paris para ouvirem em minha caza as comunicações apropriadas a este cazo. Diretamente destinadas a justificar o meu Testamento, elas devem indiretamente retificar o desvio que as tornou necessarias. A natureza revolucionaria das reclamações já é sensivel na sua frivola incoherencia, que, numa doutrina sempre relativa, transporta o absoluto teologico-metafizico, confunde a vida privada com a vida publica, e a situação tranzitoria com o estado normal. Mas essas reprezentações podem ser julgadas melhor sob o aspeto moral: criticando o testador sem melhorar o testamento, elas me supõe movido, por motivos pessoais, a violar as regras que eu fundei. Posto que a evidente inanidade de tais censuras

não mereça nenhum exame, era suficiente vê-las surgir em dignos dicipulos para sentir a necessidade de explicar-me. Taxado de dureza por verdadeiros amigos, previ que os meus adversarios me acuzarião de crueldade, sobretudo depois de minha morte, si eu não rompesse hoje o generozo silencio que se tem sempre explorado contra mim. Quanto mais se atacava a minha linguagem mais devia eu dezenvolver, em um cazo plenamente decizivo, explicações que eu fui obrigado anteriormente a adiar por falta de oportunidade, apezar dos inconvenientes dessa longa rezerva.

Alem da minha defeza pessoal, inseparavel do meu acendente social, eu devo sobretudo proteger os dois unicos entes que me têm realmente apreciado: a sua caluniadora [1] póde tudo negar e tudo inventar para saciar-se. A medida que os anos se acumulão sobre o tumulo da minha angelica companheira, o estado confuzo das memorias atuais permite atribuir á minha santa paixão a culpoza conduta de minha indigna espoza. A minha incomparavel filha é quem fica mais exposta aos golpes da lingua envenenada que supõe infames motivos aos meus melhores atos e encontra propagadores para todas as suas calunias. Cumpria, pois, defender os meus dois anjos principais, e mesmo a minha veneravel mãi, cuja memoria é habitualmente atacada. Treze anos de paz trouxerão-me a calma que exige este triplice dever; aquela que podia então julgar-se a si propria e arrepender-se nunca soube reconhecer-se nenhuma culpa. A sua atitude atual indica a maneira por que ela interpretará o meu silencio si eu morrer antes dela, segundo a hipoteze peculiar ao meu testamento. Os auxiliares de que ela já está munida se hão de multipli-

1 Madame Comte.— M. L.

car e fortalecer muito pela minha morte, por efeito do conjunto das antipatias que o fundador do pozitivismo deve naturalmente inspirar aos caudilhos da imprensa ocidental.

Todos quantos, temendo a diciplina intelectual, quizerão outrora impedir-me de transformar a siencia em filozofia, agrupárão-se finalmente em torno do principal reprezentante da anarchia academica. [1] O poder oficial de que eles dispunhão e a dependencia em que eu me achava desse poder, dirigírão então a perseguição contra a minha existencia material. Hoje é só a minha reputação, privada e publica, que podem atacar aqueles que, temendo a diciplina moral, querem impedir-me de transformar a filozofia em religião. Estes se agremiarão espontaneamente sob a chefia do escritor acreditado [2] que, tornado o campeão dedicado de minha indigna espoza, é o que reprezenta melhor o conjunto das rezistencias, academicas e revolucionarias, á minha reconstrução do poder espiritual. A sua esteril adezão ao dogma fundamental da religião pozitiva empresta a esse inimigo a aparencia de um amigo, depois do vão *replâtrage*[3] que eu tive a indulgencia de tolerar um ano depois da ruptura deciziva de 1852. Conquanto a sua assistencia provizoria tenha sido sempre mais ruidoza do que eficaz, e apezar de estar ela completamente exhausta, o brilho que ela lançou sobre ele ha de facilitar ataques em que se aparentará respeitar a doutrina criticando o fundador. Eu devia, pois, fazer especialmente sentir aos meus melhores dicipulos quanto a digna subordinação deles se torna indispensavel na segunda luta do poziti-

1 F. Arago.— M. L.

2 E. Littré.— M. L.

3 Reconciliação pouco sincera e passageira.— M. L.

vismo, menos brutal porem mais grave e mais prolongada do que a primeira. [1]

Afim de preencher melhor os diversos deveres peculiares á sessão de hontem, comecei esta expondo as considerações precedentes, que aprezentei como destinadas a ser anexadas ao meu testamento e finalmente publicadas com este. Esse preambulo levou-me a caraterizar o meu passado conjugal, lendo as minhas duas cartas decizivas de 20 de Janeiro de 1847 e de 6 de Cezar de 63 (28 de Abril de 1851), precedidas cada uma da que a provocou por parte da indigna espoza e de seu campeão. A segunda e principal comunicação foi a principio destinada a repelir o ignobil ataque sucitado, em 1851, no seio da Sociedade Pozitivista, por aquelà que queria prohibir-me de proclamar a gratidão devida á minha eterna colega. Para consolidar a explicação, estes dois pares de cartas serão de hoje em diante anexos ao meu testamento como peças justificativas, endereçadas aos treze executores, ao publico e á posteridade.

Uma das tres reprezentações tendo tambem censurado minhas aluzões á minha perseguição politecnica, um esclarecimento ha muito prometido rezultará de uma outra adjunção, comprehendendo as minhas tres cartas oficiais de 1844, que o marechal Soult soube dignamente apreciar.

Graças ao conjunto dessa sessão e dos seus rezultados duraveis, os meus principais dicipulos, e por estes todos os outros, ficarão assás advertidos e preparados para a longa luta que vai começar. Conquanto um nobre silencio deva ser a unica resposta aos ataques habituais da imprensa revolucionaria, sem nunca perturbar

1 Todo este periodo nos enche de admiração pela clarividencia e poder profetico do nosso Mestre.— M. L.

o advento natural da religião universal, tornava-se precizo que, em tempo oportuno, se pudesse dezenganar os que o merecerem.

Relativamente á posteridade, este complemento necessario do meu testamento e a parte correspondente da minha biografia exercerão uma reação duravel carateterizando uma legitima distribuição do elogio e do vituperio. Si a minha memoria deve glorificar alguns tipos femininos, dos quais alguns já prevalecêrão, a apoteoze deles ficará consolidada por uma estigmatização ecepcional que fará sobresahir melhor a minha justiça. Um regimen que deve exaltar o sexo afetivo poderia desviá-lo de aperfeiçoar-se, si a vida do fundador não viesse espontaneamente lembrar até onde podem ir as anomalias femininas. Do mesmo modo, as glorificações masculinas que eu ligar á minha, ganharão com o contraste proveniente das reprovações motivadas. Para consolidar a diciplina universal, importa que exemplos decizivos fação saber aos poderozos que não se póde impunemente atentar contra os eleitos da Humanidade, sobretudo quando estes são amados e servidos por deuzas.

Ao terminar essa sessão, eu anunciei especialmente a existencia de um segredo por tal modo grave que, si eu o divulgasse, a minha indigna espoza seria abandonada até pelo seu principal defensor. A unica confidencia que dele fiz, foi em 1826, sob o sigilo da confissão, ao celebre La Mennais, perante o seu melhor dicipulo o Padre Gerbert, no inicio de minha crize cerebral. Durante o meu discurso de 15 de Dezembro de 1842 no Tribunal de Comercio de Paris, [1] percebi que esse se-

[1] Por ocazião do processo que moveu ao seu editor Bachelier, por haver este inserido, sem siencia sua, no sexto volume do *Curso de filozofia pozitiva*, uma nota relativa a Arago.— M. L

gredo era conhecido de dois chefes revolucionarios que disso falavão, em voz baixa, por traz de mim. Que este conhecimento proviesse do confessor, ou antes das diversas pessoas que o possuírão antes de mim, devi sempre guardar um silencio capaz de neutralizar todos esses ditos. No entanto, a minha generoza rezerva, que eu contava romper para com a minha santa companheira, deve subordinar-se á justa defeza da minha pessoa e dos meus tres anjos. Querendo conservar á desgraçada todas as contemplações compativeis com esse dever, eu só declararei o fatal segredo si a minha morte preceder á dela, e demorarei esta comunicação até o meu ultimo dia. Esta rezolução obrigava-me, na previzão de eventualidades possiveis, a fazer atualmente uma só confidencia; abri-me, pois, no lunedia ultimo 14 de Moizés com a minha consiencioza Sofia, cuja perfeita discrição garanto, mesmo em relação ao seu digno marido.

A concluzão dessa sessão levou-me a prover ao cazo em que as minhas explicações determinassem alguns dos meus executores testamenteiros a recuzar o oficio que lhes propuz. Adverti, pois, que, sem deixar nunca de respeitar, por cauza das intenções, até os escrupulos que me parecessem viciozos, eu estaria sempre pronto a preencher cada lacuna, a medida que sobreviesse. Posto que minhas treze escolhas se tenhão naturalmente dirigido para os meus melhores dicipulos, após quinze mezes de secreta escrutação, lamentei não poder consagrar nessa escolha outros nomes quazi tão dignos de tal honra. Cada vaga permitir-me-á reparar, sem escrupulo, uma omissão que deploro: a raridade dos verdadeiros pozitivistas não me impediria de renovar, si fosse precizo, toda a lista de elite. Si os novos eleitos forem na-

turalmente inferiores aos antigos pela pozição e mesmo pelo talento, eles poderão preencher melhor as condições de confiança e de submissão que devem convir sobretudo a este oficio.

QUARTA ADIÇÃO

Martedia 8 de Aristoteles de 68 (4 de Março de 1856.)

Um dos meus executores testamenteiros, o meu ecelente dicipulo Sr. Dr. Robinet, assinalou-me dignamente, em consequencia de sua recente leitura do meu testamento, a necessidade de uma medida complementar que adotei diretamente e que acabo de executar. Concerne ela ao segredo anunciado no penultimo paragrafo da segunda adição. Segundo as suas criteriozas advertencias, a confidencia que fiz á minha filha adotiva seria, depois de minha morte, insuficiente e mesmo iluzoria, si eu não fizesse dela o objeto atual de um escrito especial, destinado aliás a não ser lido sinão pelos meus executores testamenteiros e sómente quando eu houver cessado de viver. Sem esta confirmação, a declaração verbal da ecelente Sofia não teria bastante autoridade sinão junto dos meus melhores dicipulos. Os nossos inimigos não deixarião de aprezentar o cumprimento desse dever como uma calunia imaginada pela minha filha adotiva. Eles já se têm mostrado tão pouco escrupulozos contra ela que devemos tudo esperar da parte deles para defenderem a minha indigna espoza. Mas a precaução indicada os forçará a voltar contra mim mesmo uma acuzação que desde logo não poderá obter nenhum credito serio.

Uma suspensão imprevista e passageira da minha nova elaboração permitiu-me hontem realizar esse complemento necessario de uma medida que, eu o espero,

nunca precizará ser executada. Sob o titulo: *Adição secreta ao testamento de Augusto Comte*, redigi essa penoza narrativa, encerrada num envelope lacrado com os meus tres selos uzuais, e provido de uma inscrição destinada a impedir toda leitura ilegitima. Antes de fechar esta declaração, li-a completamente á minha filha adotiva, que a reconheceu de plena conformidade com a minha confidencia verbal.

Si eu sobreviver á minha indigna espoza, destruirei essa peça, e o fatal segredo ficará para sempre ignorado, graças á escrupuloza discrição da minha unica depozitaria. No cazo contrario, o zelo e o criterio dos meus executores testamenteiros determinarão o uzo que deverão fazer de similhante declaração para defenderem a minha memoria e a honra dos meus. Afim de completar esta operação, devi consagrar a prezente adição a proclamar os seus motivos, a sua natureza, e a sua realização.

Por tudo quanto acaba de ler-se, fica evidente que as peças justificativas concernentes a Mme. Comte, anexadas pelo nosso Mestre, ao seu testamento, e especialmente a *Adição Secreta*, não tinhão por fim obrigar aquela mulher a *aceitar o testamento*, mas erão apenas destinadas a defender a memoria de Augusto Comte e a reputação dos seus tres anjos custodios contra as calunias de sua mulher. Entretanto mais de um escritor tem repetido que similhantes revelações tiverão por objetivo obrigar Mme. Comte a conformar-se com o testamento. Entre esses escritores destaca-se o Padre Gruber, que vai ao ponto de dizer: « Mais tarde, ele (A. Comte) imaginou um outro expe-

diente para assegurar a execução das suas ultimas vontades. *Fingiu* possuir um segredo por tal fórma grave que, si ele o divulgasse « a sua indigna espoza «seria mesmo abandonada pelo seu principal defensor «(Littré).» [1] E o Sr. Dr. G. Dumas, nos artigos por ele recentemente publicados na *Revue Philosophique* de Paris, reproduz a mesma inverdade, si bem que reconheça o real fundamento das revelações de Aug. Comte sobre a sua mulher.

33. p. 105. (*Então, para abafar o brado da sua consiencia, ela procurou uma mulher segura a cujos cuidados pudesse confiar aquele a quem abandonava; encontrou para isto a espoza de um proletario, Sofia Bliaux*)

É facil reconhecer que toda a sena descrita nas linhas anteriores ás que acima reproduzimos é da pura fantazia do autor, que ao nosso ver, andou mal inspirado, pintando a atitude de Mme. Comte neste seu abandono definitivo do marido com côres simpaticas, tão contrarias ás côres reais. Mas alem disso o autor comete aqui um erro gravissimo numa questão de fato, pela maneira por que explica a entrada

1 R. P Gruber. S. J: *Auguste Comte, fondateur du positivisme, sa vie, sa doctrine*, trad. de l'allemand par M. l'abbé Ph. Mazoyer, etc. Paris, P. Lethielleux, libr. éd. 1892.

Este livro contem muitas outras inverdades graves e insinuações malevolas, alem dos erros e dezacertos que o seu autor comete nos apanhados que dá da doutrina.

de Sofia ao serviço de Augusto Comte e quanto á epoca a que se refere essa entrada. Com efeito, a nobre proletaria entrou para a caza de Augusto Comte, como criada, em 1841. Não podemos precizar a data, mas com certeza só podia ser depois de Julho, pois foi neste mez e ano que Augusto Comte mudou-se para a caza nº 10 da rua Monsieur-Le-Prince.

Sofia Bliaux Thomas naceu em Oissy, perto de Amiens, departamento do Soma, a 10 de Setembro de 1804, sendo filha legitima de Norberto Bliaux e de Maria Francisca Masson, de condição proletaria. Depois da morte do pai, Sofia veio para Paris, onde tinha parentes, procurar colocação. Empregou-se em caza do Sr. Payen, livreiro, que morava no 2º andar da caza nº 18 da rua Francs-Bourgeois Saint-Michel. A 10 de Setembro de 1840 cazou-se com Martin Thomas, empregado numa farmacia vizinha. A ceremonia religioza realizou-se na igreja de Saint-Sulpice e a civil no 11º *arrondissement* ou distrito: de ambas nos trouxe certidão o Sr. Teixeira Mendes.

Da caza Payen passou a servir na caza de Augusto Comte, por diligencia de Mme. Comte, que se dava com aquela familia, mas isto foi em 1841, como dissemos. Já tinha então um filho, Henrique; o segundo, Paulo, naceu em caza de Augusto Comte, em 1848. O marido Martin Thomas, naceu em Bozel, Saboia, a 12 de Outubro de 1804, sendo filho legitimo de João Thomas e de Joana Maria Odry. Depois de

algum tempo deixou o emprego que tinha, e veio morar definitivamente, tambem como famulo, em caza do nosso Mestre.

Sofia nunca mais sahiu da caza de Augusto Comte. Depois da morte deste, e vencidos os primeiros obstaculos levantados por Mme. Comte contra o testamento do Fundador, a sua eminente filha adotiva, de acordo com as ultimas dispozições do grande morto, continuou a habitar no domicilio sagrado, cuja guarda lhe fôra confiada vitaliciamente por aquele testamento. Faleceu a 5 de Dezembro de 1861, e seu marido a 28 de Março de 1867.

Eis aqui o topico da *Circular Anual* (de 10 de Abril de 1862) do Sr. Laffitte, concernente á morte da insigne proletaria, e as palavras pronunciadas pelo Dr. Robinet junto ao seu tumulo, no dia dos funerais:

«A 5 de Dezembro de 1861 faleceu, na idade de cincoenta e oito anos, a Sra. Sofia Thomas, filha adotiva de Augusto Comte, arrebatada em poucos dias por uma febre tifoide verdadeiramente fulminante. Assim dezapareceu, quando podiamos esperar para ela felizes anos, aquela que a posteridade, mais justa do que o triste publico atual, abençoará como tendo sido a consolação do lar domestico de um dos mais eminentes genios que honrárão a Humanidade. De conformidade com os nossos ritos pozitivistas, celebrei, no domingo 29 de Dezembro de 1861, na

séde da religião final, a comemoração funebre dessa mulher tão respeitavel e tão justamente chorada. Reuni os executores testamenteiros de Augusto Comte, e por proposta minha, rezolvemos que um modesto monumento seria erguido á nossa custa sobre o terreno por ela comprado aos pés do tumulo do nosso Mestre. Decidimos, pois, abrir uma subscrição para prover a este fim, e do mesmo modo ás despezas do enterro. A totalidade destes gastos subirá aproximadamente á soma de mil francos. As subscrições são recebidas em caza do Sr. Jozé Lonchampt, rua Boursaut, 15. Todo o mundo apreciará o sentimento delicado e comovente que levou esta nobre proletaria e seu digno marido a comprarem um terreno que lhes permitisse descançar aos pés do grande filozofo que eles amárão, honrárão e servírão, quando tantos outros o desdenhavão ou perseguião. Enfim, o nosso confrade, Sr. Robinet, publicará uma noticia em que será convenientemente apreciada a vida da filha adotiva de Augusto Comte. [1] A nova religião tão profundamente jerarchica, saberá fazer comprehender a imortalidade adquirida pela modesta proletaria que, com tanto devotamento e sagacidade, tinha consagrado a sua existencia á conservação da vida de um nobre genio, tão profundamente comprometida por sofrimentos intimos somados a imensos trabalhos. O nosso con-

1 Este trabalho nunca foi publicado.— M. L.

frade, Sr. J. Lonchampt, continua com uma perseverança e uma dedicação acima de todo elogio, a educação começada já em seguida á morte de Augusto Comte, do joven filho [1] de Sofia Thomas.»

Discurso pronunciado junto ao tumulo de Madame Sofia Thomas, filha adotiva de Augusto Comte,

a 5 de Bichat de 73 (7 de Dezembro de 1861), dia de seus funerais,

PELO DR. ROBINET

Em nome de sua familia e da Sociedade Pozitivista

O Amor por principio,
E a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Meus Senhores e Minhas Senhoras.

A familia pozitivista acaba de passar por uma prova bem doloroza: a morte feriu inopinadamente a filha adotiva de Augusto Comte! Ela sucumbiu após alguns dias de molestia, quando a sua idade e a sua saude parecião prometer ainda dilatados anos á sua familia e aos seus amigos.

Vós todos sentis que esta morte, não é uma morte ordinaria, e Mme. Sofia Thomas achava-se ligada muito

1 Augusto-Paulo Thomas, nacido a 15 de julho de 1848, no domicilio de Augusto Comte. Existe ainda, mas vive afastado do movimento pozitivista, si bem que conservando intacta a sua veneração pelo nosso Mestre e perseverando em sua fé pozitivista. O Sr. Teixeira Mendes, em sua recente viagem a Paris, teve ocazião de travar relações com ele e obter do mesmo informações escritas e verbais sobre a sua egregia mãi. Guardava viva lembrança do nosso Mestre e do tempo em que, ainda menino, habitava com a sua familia na caza do filozofo. Entre outras coizas narrou ele ao nosso confrade que Augusto Comte comprazia-se ás vezes em chamá-lo e fazê-lo recitar uma fabula de Lafontaine, sobretudo a do *Lenhador e a Morte*, de que o nosso Mestre gostava muito.— M. L.

de perto ao Fundador da Religião da Humanidade, para que o seu fim não fira tantos interesses publicos quanto provoca dôres privadas.

Não é possivel pronunciar o seu nome, com efeito, sem recordar o do nosso Mestre, sem lembrar que as mais elevadas especulações filozoficas e sociais, construções teoricas indispensaveis á salvação da Humanidade, forão elaboradas, acabadas, graças á sua proteção benefica. Si o Fundador do Pozitivismo não faltou á sua tarefa; si, apezar dos impedimentos muito numerozos e que terião esgotado outra qualquer energia que não fosse a sua; si, apezar dos dezastres intimos e de uma incessante opressão exterior, ele conseguiu assentar o fundamento da regeneração final, foi porque ele pôde, graças ao apego e ao devotamento de uma mulher do povo, tornar a encontrar um lar, uma familia, o berço do coração, a vida moral de cada dia, a que consola, sustenta, reanima e permite beber até as fezes o calice amiudo tão amargo da vida exterior.

É esta ecelente e digna mulher que nós choramos hoje; trazida para junto do nosso Mestre pelo conjunto dos acazos humanos num momento de crize suprema, [1] ela encontrou em seu nobre coração o caminho do protetorado afetivo que sómente o podia conservar; ela prendeu á vida, pelos laços sagrados da piedade filial, aquele que tantos obstaculos iniquos terião arrancado á existencia. Á força de inocencia, de lealdade, de suave piedade, de devotamento continuo, ela arranjou-lhe um mundo melhor, um meio moral tal como o exigia uma natureza tão grande e tão delicada; ela soube neutralizar por si só, por tezouros de respeitoza bondade, o fel

1 Aluzão á partida de Mme. Comte em Agosto de 1842. Vimos, porem, que Sofia já se achava em caza do nosso Mestre desde o ano anterior.—M.L.

das torturas domesticas, das traições, da indiferença e da ingratidão contemporaneas. Por ela, Augusto Comte, sobretudo depois da perda de sua eterna companheira, pôde viver assás para constituir a sua obra em todos os dezenvolvimentos essenciais.

Foi e será essa a gloria da sua filha adotiva! E este titulo comovedor, que a honra para sempre, é a sua melhor recompensa.

Mas, qualquer que seja sob este aspeto a grandeza de nossa irman, não devemos nunca esquecer as qualidades intimas que servião-lhe de baze, e que derão á sua vida privada tanto merito e encanto. Cada um de nós lembra-se sem duvida das horas passadas em sua afetuoza intimidade; mas sómente os prantos, as saudades, o dezespero de que somos testemunhas dizem quanto ela merecia ser amada.

Ela foi ecelente mãi, terna espoza, amiga devotada; ela levantou-se pelo coração até as mais augustas relações como ás mais generozas e vastas concepções; foi uma providencia real para o regenerador da Humanidade. Que o seu nome seja bemdito, a sua memoria eterna e imitado o seu exemplo!

34. p. 110. (*Foi o que experimentou o filozofo quando um novo e derradeiro amor subjugou e encheu o seu coração*)

Neste ponto e em outros desta biografia, o autor fala da união do nosso Mestre com a sua mulher como tendo sido determinada e mantida pelo *amor*, no sentido especial desta palavra, si bem que mais

adiante diga justamente o contrario. Os fatos e as declarações pozitivas de Augusto Comte provão que esse cazamento foi realizado sem paixão, como já vimos na carta a Littré, de 28 de Abril de 1851. É verdade que numa carta ao seu amigo Tabarié, [1] comunicando a este o seu proximo cazamento, diz, em ultimo lugar, para explicar o seu fatal erro, que está apaixonado (*amoureux*) dessa mulher. Mas isto ele o diz depois de ter exposto longamente ao seu amigo todas as razões de outra ordem, já conhecidas, que o levão a realizar esse infeliz consorcio: «Assim, meu caro amigo, o meu partido está tomado por todas as razões precedentes, ás quais podereis ajuntar, si quizerdes, que estou apaixonado; mas acabais de ver que isto não me impede de analizar.»

Tabarié nunca aprovou o cazamento do seu amigo, e tambem nunca tolerou a Mme. Comte, de quem fazia a pior idéia. Esta divergencia, em que Tabarié se mostrou inflexivel, foi explorada por essa

1 V. esta notavel correspondencia, publicada na *Revue Occidentale*. n. 4 de 1895. Tabarié, de origem protestante, tinha sido condicipulo de Augusto Comte no liceu de Montpellier, de onde tambem era filho, Veio depois para Paris estudar direito. Passou mais tarde a estudar medicina em Montpellier, movido a isso pelo dezejo de tratar de uma irman muito amada, cuja saude era muito precaria. Os seus estudos neste sentido o levárão a inventar a aplicação do ar comprimido no tratamento das molestias dos orgãos respiratorios e de outras afecções em que o aumento da pressão atmosferica póde ser util. Estes estudos forão depois retomados por Paulo Bert. Tabarié, que desde 1852 se fixara em Paris, onde fundou um estabelecimento para o emprego do seu processo curativo, faleceu nesta cidade a 1 de Fevereiro de 1864. A sua viuva ainda vive na capital da França.

mulher, determinando a ruptura de relações entre os dois amigos. Eis aqui o trecho de uma carta carateristica dirigida por Tabarié ao seu amigo, pouco depois de ter este se restabelecido de sua grave molestia cerebral de 1826:

« Saint-André, 18 de Fevereiro de 1827. A vossa carta, meu caro amigo, apezar de me ter sido anunciada, não me cauzou menos prazer. Ela traz a prova mais irrecuzavel do vosso perfeito restabelecimento e dá-me esta doce convicção de que, si a molestia que experimentastes pôde apagar momentaneamente a lembrança do vosso amigo, a saude vô-la restituiu com toda a sua força. Me conheceis assás, meu caro Augusto, para que eu fique dispensado de vos dizer o desgosto que me cauzou o vosso estado. Era um verme roedor que não me largava e não me deixava gozar um só instante de satisfação pura e completa. O pensamento de vossa situação misturava-se por tal fórma a todos os meus pensamentos que ultimamente tive ensejo de exprobar-me a mim mesmo o não saborear sinão a meio a felicidade de vossa cura, quando dela recebi avizo já pelos vossos pais, já pela senhora vossa espoza. Precizei de tempo para afazer-me a uma idéia tão nova e tão delicioza, e é só depois de vossa carta que eu desfrutei todo o valor desse acontecimento. Mas uma outra inquietação sucedeu á primeira, e si estou tranquilo e seguro acerca de vosso fizico, não o estou igualmente a respeito da conservação de vossa amizade. Sim, meu querido Augusto, não posso presentir sem a mais viva dôr o efeito inevitavel que deve ter produzido sobre a nossa amizade uma diferente maneira de ver, que se pronuncia entre nós, acerca da pessoa que parece ser

-vos a mais cara no mundo. Não encetarei sobre este assunto um longo debate, mas não hezitarei tampouco em fazer-vos conhecer a minha opinião em poucas palavras e com uma franqueza da qual aliás nada me fará arrepender.

Vós me fazeis justiça pensando que não me deixei iludir pelas mentiras grosseiras e caluniozas por meio das quais se procurou no principio manchar a reputação de vossa Carolina, [1] mas sem ter dado nunca credito ás fabulas absurdas de que ela foi ocazião, não continúo por isso menos convencido de que o vosso cazamento deve ser considerado como uma das maiores faltas que podieis ter cometido e como uma dessas culpas irreparaveis cujas consequencias hão de pezar sobre toda a vida. É de ver que não entrarei a este respeito em dezenvolvimentos e numa discussão, em que muito me contrariaria convencer-vos, porque, pois que o mal existe, um dos remedios é a propria iluzão que vos faz encarar as coizas de um modo completamente diverso.

Não me peçais, meu caro amigo, mais amplas informações: muito se contem no pouco que acabo de vos dizer. Não mencionarei nenhum fato em apoio do que digo, não procurarei provar-vos que tenho razão. Dezejo, pelo contrario, que julgueis que estou em erro. Mas tambem não tenteis mudar minha opinião. Só a experiencia e o tempo poderão modificá-la. »

Antes de travar conhecimento com a desgraçada que devia ser mais tarde sua espoza, Augusto Comte, na idade de 20 anos, e quando já trabalhava com

1 Tais «mentiras» e «calunias» erão provavelmente simples realidades, que ao proprio Tabarié, apezar de ter perscrutado sagazmente a natureza depravada de Carolina Massin, repugnava acreditar.— M. L.

Saint-Simon, teve uma ligação ilegitima e passageira com uma mulher cazada, ou parecendo tal, de nome Paulina, da qual houve uma filha que faleceu com nove anos, vitima do crup, e em relação á qual o joven filozofo aceitára e cumprira todas as obrigações paternas. Sabemos destes fatos por ele proprio, confirmados depois pela publicação postuma de suas cartas a Valat e a Clotilde.

35. p. 110 (. . . *o Sr. Pierre Laffitte foi desde essa epoca admitido em sua intimidade e honrado por ele com o titulo de amigo*)

Todos os que acompanhão o movimento pozitivista depois da morte do Fundador, e especialmente o nosso, sabem quanto este sofista se revelou indigno desse apreço e dessa confiança, adulterando a doutrina e insurgindo-se contra o seu criador. Cumpre, porem, dizer que o nosso Mestre, antes de morrer, teve ensejo de dezenganar-se sobre o seu falso dicipulo; mas ainda quão longe estava ele de prever a traição desse sofista e a sua natureza moral subalterna! Os males feitos ao pozitivismo por este homem são incalculaveis, e ecedem de muito os que rezultárão da mistificação litreista. Infelizmente, Augusto Comte não deixou em França outro dicipulo capaz de ter impedido este dezastre, ou de ter reparado os seus efeitos.

36. p. 110. (*Augusto Comte utilizou os lazeres que lhe proporcionou o acabamento da sua grande obra, escrevendo o seu* Tratado de geometria analitica, *que viu a luz em 1843, e o seu* Tratado de astronomia popular, *que foi impresso o ano seguinte*)

Estes dois volumes, que se achavão esgotados havia muito, forão ultimamente reimpressos sob o impulso do movimento brazileiro.

A reedição da *Geometria Analitica*, precedida da *Geometria* de Descartes, de acordo com a indicação do Mestre, foi promovida e efetuada por um livreiro desta cidade (F. Briguiet & C[a]), que pediu ao Sr. Teixeira Mendes o encargo de rever todos os calculos e de escrever uma introdução ao estudo do livro,[1] distribuida em separado, duplo trabalho que o nosso confrade levou a cabo com a sua conhecida competencia.

Quanto á *Astronomia Popular*, foi ela reimpressa por nós mesmos, e a revizão tipografica desta nova edição, como a da *Geometria*, foi feita pelo nosso inolvidavel colega Jorge Lagarrigue, em Paris, pouco antes de sua prematura morte.

1 *La Géométrie Analytique d'Auguste Comte. Note sur la place de ce Traité dans l'ensemble de la vie et de l'œuvre du Fondateur de la Religion de l'Humanité,* par R. Teixeira Mendes, vice-directeur de l'Apostolat Positiviste du Brésil. Março 1895. Broch. in-8. de 45 paginas.

37. p. 111. *(Tirárão-lhe no dia 27 de Maio de 1844 as funções de examinador que dependião do voto deles e o substituírão pelo joven sobrinho de um deles)*

Este sobrinho era o famigerado Jozé Bertrand, e o tio, Duhamel, que fôra camarada de Aug. Comte na E. Politecnica, testemunha de seu cazamento, e que ele julgava seu sincero amigo. Mas a preterição que o nosso Mestre sofreu para se dar o lugar ao sobrinho de Duhamel deu-se em 1848. [1] Em 1844 foi substituido por Wantzel, e depois da entrada de Bertrand ainda sofreu duas preterições, sendo preferidos os Srs. Hermitte e Serret. [2]

Os principais membros desta cabala politecnica contra o nosso Mestre, capitaneada então por Arago, forão Liouville, Mathieu, Regnault, alem de Duhamel, já citado.

Bertrand não satisfeito com ter-se prestado a ser instrumento e comparsa no trama urdido contra a pozição material do nosso Mestre, tem-se empenhado, de um certo numero de anos para cá, movido sem duvida pela crecente acendencia, inesperada para ele, do nome de Augusto Comte, em perseguir a memoria do Fundador do pozitivismo, tentando denegrir-lhe a memoria, justificando-se a si e aos

1 Nomeado por Arago, em Abril.— M. L.

2 Nomeados pelo General Lamoricière, em Julho de 1848.— M. L.

socios. O intento tem sido baldado, e os ataques do mesquinho academico só têm conseguido fazer realçar mais a aureola do nosso Mestre e confirmar ponto por ponto tudo quanto se sabe da infame perseguição que lhe movêrão os sientistas da Escola Politecnica. (V. as cartas de Augusto Comte ao Marechal Soult e ao General Lamoricière, anexas ao *Testamento* e mais os recentes folhetos: *Le Positivisme et la pédantocratie algêbrique*, por R. Teixeira Mendes; *Lettre à Mr. J. Bertrand*, por Luiz Lagarrigue, Santiago do Chile; *Auguste Comte et l'Académie des Sciences, Réponse à M. J. Bertrand*, pelo Dr. Audiffrent; *Odios Academicos, apreciação geral do artigo do Sr. Bertrand contra Augusto Comte*, por Miguel Lemos.)

38. p. 112. (*Logo que a penuria de Augusto Comte foi sabida, tres inglezes, os Srs. Grote,*[1] *Molesworth*[2] *e Rankes Currie,*[3] *cedendo ás solicitações de Stuart Mill,*[4] *lhe endereçárão a importancia do ordenado politecnico*)

1 John Grote, o conhecido autor da *Historia da Grecia* (1845-1850), nacido em 1794 e falecido em 1871.— M. L.

2 William Molesworth, politico inglez, naceu em 1810 e faleceu em 1855. De 1842 a 1845 publicou, á sua custa, uma esplendida edição das obras de Hobbes em 26 volumes.— M. L.

3 Sobre este terceiro patrono temporario do nosso Mestre não conseguimos colher nenhuma informação.— M. L.

4 Essas diligencias de Stuart-Mill forão determinadas pelo proprio Augusto Comte, que o encarregou de obter-lhe, entre alguns amigos abastados que já apreciassem suficientemente os seus trabalhos filozoficos, a quantia de seis mil francos, como simples emprestimo, enquanto ele não recuperasse a sua situação anterior.— M. L.

Nas cartas, hoje publicadas, [1] de Augusto Comte, póde-se acompanhar a curta historia deste proteto-rado, e admirar, de um lado, a grandeza e magestade do nosso Mestre, e, do outro lado, a pequenez e estreiteza de Stuart Mill e de seus tres amigos. Sentimos não poder, por falta de tempo, [2] transcrever essas imortais epistolas, sobretudo a de 18 de Dezembro de 1845.

Entretanto, um literato e politiquista inglez, o Sr. John Morley, ouzou taxar de *charlatanismo*, num incompetente artigo que inseriu na *Enciclopedia Britanica*, a atitude assumida e a doutrina sustentada nesse momento por Augusto Comte, em suas cartas a Stuart-Mill. O charlatanismo com certeza está alhures, acompanhado de mais alguma coiza...

Nesta emergencia, Blainville ofereceu tambem, e espontaneamente, a sua bolsa a Augusto Comte, mas não pôde cumprir integralmente a promessa que lhe fizera de emprestar-lhe dois mil francos. V. na obra citada [3] do Dr. Robinet as cartas trocadas por esta ocazião, o que não impediu um moderno biografo [4] de Blainville de levantar a este propozito uma calunioza imputação contra o nosso Mestre.

1 *Lettres d'Auguste Comte à J. Stuart-Mill.* 1 vol. in-8. Ernest Leroux, éd. Paris, 1882.

2 Este volume tem que ficar pronto a 6 de Maio porximo, isto é, dentro de poucos dias.

3 Peças justificativas, p. 154.

4 O Sr. Nicard, cuja obra já mencionamos.

O Dr. Robinet, depois de rebater tais botes, conclûi dignamente: «Julgamo-nos, aliás, obrigados a nos desculpar abertamente, ante a memoria desse grande homem, por termos decido a similhante justificação.»

39. p. 113. (. . . *erão jovens estrangeiros, atrahidos pela sua fama*)

Aproveitamos esta aluzão aos alunos estrangeiros de nosso Mestre para inserir aqui o curiozo artigo que um deles publicou em 1852:

Minhas recordações pessoais de Augusto Comte [1]

Assim como o poeta se aproxima dos Campos Elizios pela porta estreita, assim tambem o autor, procurando dar um ligeiro esboço de um dos maiores intelectos de sua geração, vê-se obrigado a referir-se a algumas circunstancias de sua propria insignificante existencia.

Em 1836, quando o mundo era ainda novo para mim, ou eu para ele algebricamente, pelo menos, é a mesma couza aflito, pela imaginaria insuficiencia do ensino particular na Inglaterra, arranquei a meus pais, á força de

1 Este escrito foi publicado, sem nome de autor, no *Chambers Journal*, n. de 19 de Junho de 1858. Muitos anos depois, o nosso conspicuo confrade de Londres, Sr. Ricardo Congreve, conseguiu saber do editor desse periodico o nome do autor: chamava-se James Hamilton. Nenhum outro dado, porem, póde obter até agora o nosso confrade sobre esse antigo aluno de Augusto Comte.

O original inglez deste artigo foi reproduzido no fim do volume das Cartas dirigidas pelo nosso Mestre ao Sr. H. Hutton, e publicado o ano passado em avulso pelo Sr. Congreve. O Dr. Robinet, no seu livro biografico sobre Augusto Comte, inseriu uma tradução franceza do mesmo escrito.— M. L.

insistentes rogos, licença para ir continuar em Paris meus estudos preparatorios para a universidade. Ali, para cada um dos ramos da educação que me fôra traçada por mão liberal, fui confiado aos primeiros professores da epoca. Muito mais tarde foi que eu soube com quanta dificuldade tinhão sido conseguidas as lições de um destes; mas apezar de ser eu então bem joven não deixei de sentir, confuzamente é verdade, o valor delas. Esse mestre, de quem eu fui o ultimo aluno matematico, era Augusto Comte.

Todos os dias, assim que o relogio do Luxemburgo batia oito horas, quando o fremito da ultima badalada ainda se fazia ouvir, a porta do meu quarto abria-se, e então entrava um homem baixo, um pouco robusto, quazi luzidio por assim dizer, barbeado de fresco, sem nenhum vestigio de suissas ou bigode. Vestia invariavelmente uma roupa do mais imaculado preto, como si fosse a um convite de jantar; a sua gravata branca parecia ter sahido naquele instante das mãos da lavadeira, e o seu chapeu era lustrozo como o pelo de um cavalo de corridas.

Dirigia-se para a cadeira de braços que lhe era destinada e que estava no centro da meza, colocava o seu chapeu no canto da esquerda, a sua boceta de rapé do mesmo lado, e, junto da mão um caderno de papel para seu uzo, e embebendo duas vezes a pena no tinteiro, e levantando-a até a distancia de uma polegada do nariz, para certificar-se de que estava bem molhada, rompia o silencio: « Dissemos que a corda A B, » etc.

Durante tres quartos de hora ele continuava a sua demonstração, escrevendo ao mesmo tempo breves notas para quando eu tivesse que repetir só o problema; em seguida, tomando outro caderno colocado perto de

si, relia a reprodução escrita da lição anterior. Explicava, corrigia, ou comentava até que o relogio batesse 9 horas; então, com o dedo minimo da mão direita, sacudia da cazaca e do colete a chuva de rapé superfluo que tinha cahido sobre eles, metia no bolso a sua boceta, e tomando o chapeu fazia, tão silenciozamente como entrara, a sua sahida pela porta, que eu corria a abrir-lhe. Este homem de poucas palavras era o Aristoteles e o Bacon do seculo XIX.

Assim durante um ano sentei-me diariamente como ouvinte, nem sempre atento, e até o fim tendo apenas uma consiencia confuza do valor dessas lições, cujo alto alcance não posso nunca esquecer, si bem que os angulos e curvas que elas explicavão tenhão ficado para mim por muito tempo depois disso mais insignificantes do que hieroglifos.

É de crer que similhante professor, entrando e sahindo como uma peça de relogio, sem trocar nenhuma das amaveis cortezias da vida, só deveria inspirar um sentimento de repulsão ao seu aluno. Era em vão que eu tentava romper a frieza de nossas relações e estabelecer a pequena palestra preliminar em que outros professores meus se mostravão demaziado propensos a empregar todo o tempo da lição. Ele parecia querer dizer que tinha reunido as suas forças para cumprir um dever dezagradavel, e que ninguem seria capaz de o demover dele. Duas vezes apenas pude obter a prova de que havia qualquer coiza de humano em sua natureza.

Havia já seis semanas que eu estava sob a sua direção e eu perzistia, talvez com mais malicia do que ignorancia, em servir-me, nas minhas redações escritas, do mais abominavel francez antigramatical. Uma manhan ele perdeu a paciencia ante qualquer solecismo mais

chocante do que do costume, e largando a pena sobre a meza, virou-se para mim e disse-me: « Porque teima em escrever similhantes barbarismos? » — « O Sr. sabe que eu sou estrangeiro, respondi; como hei de fazer melhor » ? — « O Sr. póde ao menos fazer melhor do que isto; escreva como fala. » E retomando a pena, corrigiu todos os erros de linguagem. A partir desse dia houve poucos erros gramaticais em minhas redações.

Uma outra vez, e neste cazo menos propozitalmente, provoquei a mesma branda colera. Estudava eu então com muito ardor, ordinariamente treze horas por dia — era uma loucura que expiei amargamente e de que me arrependi depois; raras vezes deitava me antes de meia -noite. Numa escura manhan de inverno, após um trabalho mais aturado do que o habitual, adormeci durante a lição. Não era sem um esforço do ouvido que eu comprehendia o sentido; mas não podia obrigar as minhas palpebras a ficarem abertas. Eu não ouzava levantar -me para dar algumas voltas no quarto, porque isso teria sido uma violação dos nossos habitos. Continuei, pois, sentado, até que o bezouramento da voz e o ruido da pena sobre o papel, acalentando-me docemente, já me achava quazi de todo dormindo, quando de repente uma mudança de tom me acordou, e as palavras: «Então o Sr. está dormindo! », só me derão tempo para ver o meu professor sahir do quarto, enquanto eu tentava em vão aplacá-lo e retê-lo. No dia seguinte ele retomou a lição no ponto em que tinha sido interrompida pela minha soneca; não pronunciou, porem, uma só palavra de censura, assim tambem como nenhuma desculpa foi admitida pelo filozofo ofendido.

A partir desse dia comecei a lhe querer bem. Apezar de frio e abstrato como parecia, o gigante intelec-

tual conquistava quazi imperceptivelmente a mocidade. Eu não podia conhecer e muito menos avaliar a sua grandeza, mas principiei a tomar interesse pela arida siencia que ele me ensinava; e si eu a tivesse continuado a estudar sob a sua direção talvez eu me tivesse tornado um matematico. Tinhão-me ensinado a temer meus mestres mas não a venerá-los; si alguma vez tivera inclinação por alguns, isso fôra em proporção de sua negligencia; e eu sentia-me agora meio inconsientemente, e, sem que pudesse de todo dar-me conta do fato, deslizar para uma especie de afeição pelo menos accessivel e o mais frio de todos eles. Eu era então o rapaz menos ajuizado deste mundo. Não posso, por conseguinte, supôr que esse sentimento fosse devido ao imperio da pura razão sobre o meu espirito. Só posso atribui-lo a uma percepção instintiva da bondade doce que enchia a sua alma.

Voltei para a Inglaterra afim de fazer o meu estagio (keep- halls) e consagrar-me a uma outra ordem de estudos, estigmatizados, creio, pelos meus mestres e pastores como pura ociozidade, porque não se achavão incluidos nos livros deles; e isto foi dois anos antes de voltar outra vez a Paris. Por esse tempo eu havia-me familiarizado com o que tinha aparecido da *Filozofia Pozitiva*. Tinha eu sabido por essas paginas que o meu antigo professor era um grande homem, ainda que dificilmente reconhecido como tal. Eu sentira o contraste entre o seu ardor e o *laissez faire* dos outros, e fazer-lhe uma vizita era um dos primeiros prazeres que eu me havia prometido na capital mais fertil em divertimentos para os jovens vizitantes. Cheio da lembrança das frequentes pitadas que tantas vezes havião atacado os meus musculos esternutatorios, levava-lhe uma boceta de Cum-

mock, com um seixo de Aryrshire na tampa, e regozijava-me por antecipação vendo-a graciozamente aceita· Tomou-a e guardou-a na gaveta de sua meza de escrever, dizendo-me que havia abandonado inteiramente o uzo do rapé. Contou-me que se tinha retirado inteiramente do mundo, para dedicar-se sem distração á politica de sua filozofia; que não lia mais jornais e se privava de toda superfluidade.

Não o tornei mais a ver sinão em 1851. Ele era então o chefe reconhecido de uma escola filozofica, e geralmente afamado, sinão admirado, entre todos os pensadores. Tive alguma dificuldade em achar a sua morada, e foi com o coração a me bater que puxei o cordão da campainha. Um velho gentleman, em robe de chambre, com uma gravata preta em torno do pescoço, abriu a porta. Julguei ter comprehendido mal a indicação do porteiro.

— «O Sr. Comte? » perguntei eu. — «Sou eu, Sr. », respondeu-me.

A mudança do seu aspecto intimidou-me, e foi com vacilação que eu me nomeei; desta vez ele extendeu-me a mão e levou-me para o seu gabinete. Chegando ali foi-me facil notar a profunda transformação que se havia operado em sua fizionomia desde a ultima vez que o vira. Agora recordava-me uma dessas pinturas da Idade-media que reprezentão S. Francisco de Assis cazado com a Pobreza. Havia nos seus traços atenuados uma ternura que se poderia chamar antes idéal do que humana; atravez de seus olhos meio cerrados brilhava uma tal bondade de alma que ficava-se tentado de perguntar si ela não ecedia ainda a sua inteligencia. « — Não vos tinha reconhecido, disse-me ele, abrindo uma gaveta, mas quazi todos os dias penso em vós. Vêde,

ainda tenho a vossa caixa e nela guardo os meus selos, de modo que amiudo me lembro de vós. » Falou-me sem rezervas da honroza pobreza a que a ultima revolução o havia reduzido, privando-o do seu modesto e ultimo emprego, e informou-me sobre a maneira por que o generozo sacrificio de alguns de seus dicipulos o tinha dispensado de prover á sua existencia material.

Honrou-me com uma longa conversação da qual cada palavra enchia-me de crecente espanto. Não era mais o rigido pensador, regular e sem paixões, como um mecanismo; parecia ter recuperado a sua mocidade, e acrecentado alguma coiza ao seu ser primitivo, mas o que isso fôra e como essa mudança se havia produzido, era o que eu então não podia imaginar. Em termos ininteligiveis para mim aludiu ás relações que tinhão dado esse impulso aos seus sentimentos; falou com entuziasmo dos poetas italianos, de Shakespeare, de Milton, cujas obras aprendera a ler nos originais; e, — oh sorpreza ! — tomando de cima da chaminé um pequeno exemplar bem gasto da *Imitação*, disse-me: « Todas as manhans leio algumas paginas deste livro ».

Eu já havia suspeitado que sob a mascara de frieza dos anos passados ocultava-se uma natureza expansiva e ardentes afetos; tinha sabido que uma pequena lembrança que lhe trouxera agradara-lhe tanto, que falando a esse respeito alguns dias depois, os seus olhos ficárão humedecidos; comprehendi, pois, que dentro dele existia uma alma amantissima; e soube agora, por um livro que ele me deu, como ele tinha encontrado e perdido o seu complemento, a sua outra metade, que ele havia procurado durante tanto tempo. A historia do platonico amor ao qual deveu o ultimo dezenvolvimento de seus sentimentos afetivos é uma historia estranha, e a

de sua heroina uma das mais tristes na historia do crime.

Clotilde de Vaux era a mulher de um homem cuja má conduta tinha-lhe acarretado uma condenação a trabalhos forçados a perpetuidade. [1] Si ele não foi o original do *Mestre d'escola* dos *Misterios de Paris*, [2] a sua carreira não foi sinão muito similhante á que o romancista descreveu tão horrorozamente. Essa senhora reunia á juventude e a uma reputação sem macula dispozições poeticas e talentos literarios de ordem elevada. Consumia-se numa melancolica solidão, nem espoza nem viuva, numa situação destituida de esperança e incapaz de esquecimento, quando ela encontrou-se com Augusto Comte, o homem de moral austera e de maneiras rezervadas, atravez das quais ela soube bem distinguir essa secreta atração de que acima falei. Este conhecimento não tardou em transformar-se numa amizade que depressa tornou-se uma paixão absorvente posto que pura. Ela abriu-lhe os tezouros da poezia; ela foi a Beatriz que, dezenvolvendo nele tezouros de afeição, guiou-o pelo mundo ideal de Shakespeare e de Dante:

> « Assim as coizas maiores e mais gloriozas sobre a terra
> podem precizar amiudo o auxilio de uma debil mão. »

Foi uma afeição achada tarde e cedo perdida, porque essa dama morreu na primavera da vida. Mas a sua influencia não devia extinguir-se assim ; a sua imagem acompanhava-o como uma vizão celeste que devia iluminar o resto de seus dias. Imaginou ter entrevisto nela a Humanidade levada a essa maxima perfeição que

1 O autor repete aqui, e até exagerando-a muito, a tradição que corria sobre a criminalidade do marido de Clotilde, e que só agora foi retificada, graças ás pesquizas do Sr. Teixeira Mendes, como se verá adiante, nestas notas.— M. L.

2 Romance de Eugenio Sue.— M. L.

ele acreditava ser o nosso estado final ; uniu-a em suas preces á sua mãi e a uma criada que cuidou dele até o fim.

Para todos aqueles que conhecêrão Augusto Comte na primeira faze de sua vida, não póde haver nada mais sorprehendente do que tudo quanto ele diz sobre elas, no prefacio de sua *Politica Pozitiva*: os reproches que ele se lança a si mesmo pela sua falta de ternura (nunca faltou ao dever) em relação á sua mãi, a sua veneração ilimitada pela sua santa Clotilde, e o seu respeito pela esclarecida ignorancia de sua criada analfabeta, oferecem um estudo psicologico tão curiozo quanto comovente.

No começo de Setembro ultimo fui outra vez a Paris. Logo que arranjei um comodo nesse mesmo bairro estudiozo em que eu o tinha conhecido, dirigi-me para a moradia de meu velho mestre. Era uma tarde de outono quando transpuz o sombrio portão da caza. O porteiro estava sentado na soleira de sua loja, remendando no lusco-fusco umas meias de estambre: «—É aqui que mora o Sr. Comte?» perguntei. — «Sim Sr.», respondeu este homem, sem levantar os olhos de seu trabalho.— «Está ele em caza?» — «Foi enterrado esta tarde.»

Nunca recebi um golpe tão forte ou tão inesperado. O seu temperamento e seus habitos higienicos parecião prometer uma longa carreira; a ultima vez que conversara com ele, ele me havia falado das ocupações que tinha planejado para a sua velhice, quando não fosse mais capaz de trabalho filozofico, porquanto ele havia rigorozamente determinado a epoca em que se retiraria do que ele considerava como o seu apostolado. [1]

. . . .

1 A exemplo do editor francez (V. Dr. Robinet, *Notice biographique sur la vie et l'œuvre d'Auguste Comte*) suprimimos, e a bem do autor, as poucas linhas que se seguem e com as quais termina o seu escrito. Nessas linhas

40. p. 118. (*Augusto Comte achava-se nesta situação quando entreviu um dia, em Outubro de 1844, a irman de um dos seus alunos, a Senhora Clotilde de Vaux*)

Clotilde de Vaux naceu em Paris a 2 de Abril de 1815.[1] Forão seus pais o capitão reformado do exercito francez Jozé Simão Marie, Oficial da Legião de Honra, e Henriqueta Jozefina Ficquelmont, sua espoza, da familia nobre deste nome, cujo maior lustre se rezumiu no Conde de Fiquelmont, que percorreu brilhante carreira politica na Austria.[2]

si bem que proteste não pretender julgar nesse momento o sistema de Augusto Comte, julga-o de fato, e do modo mais infeliz, e até em contradição com o conceito fundamental que dimana do conjunto de suas recordações. Foi isto talvez uma concessão á hipocrizia anglicana.— Augusto Comte não tencionava retirar-se em tempo algum do seu apostolado ou sacerdocio, mas apenas cessar de compôr obras depois de certa epoca.—M. L.

1 Existe uma divergencia quanto a esta data. O assentamento do registro civil refere este nacimento a 2 de Abril, o do batismo indica o dia 3, mas como esta ceremonia só se realizou quando Clotilde já contava nove anos de idade, é de crer que a primeira seja a verdadeira, conquanto Augusto Comte, por informações, naturalmente, da propria Clotilde, indique a segunda. A confuzão ulterior talvez se explique pelo fato de Clotilde ter nacido ás onze horas da noite, e, portanto, quazi ao expirar do dia 2. Seja como fôr, nós continuaremos a adotar o dia 3 de Abril, para os efeitos do nosso culto publico e particular, por ser esta a data inscrita por Augusto Comte em seus livros.

O Sr. Teixeira Mendes nos trouxe ultimamente de Paris as certidões autenticas destes dois registros, e bem assim documentos congeneres relativos ao cazamento e obito de Clotilde; alem dos que dizem respeito a outros fatos de sua vida, especialmente os que concernem ao delito do marido, e á historia de sua familia.

2 É tambem autor do seguinte livro, que possuimos em nossa biblioteca: *Pensées et reflexions morales et politiques du Comte de Ficquelmont,* Mi-

O capitão Marie, nacido em Orleans, a 30 de Julho de 1775, começou como simples soldado voluntario no inicio das guerras da Revolução, e pelos seus brilhantes serviços chegou até o posto de capitão de infantaria, tendo tomado parte em todas as campanhas desde 1792 até 1815. Licenciado a 1° de Setembro de 1815, reformou-se finalmente a 23 de Março de 1816.

A mãi de Clotilde naceu em Paroy (Meurthe) no ano de 1781; era dotada de certo talento literario, tendo publicado alguns trabalhos.

Clotilde de Vaux cazou-se em Méru, a 28 de Setembro de 1835, com Amadeu João Batista Leporquier de Vaux, [3] de familia nobre e importante. Esta união, aconselhada pela familia, foi de mera conveniencia, sem que Clotilde acedesse a ela movida por um afeto especial. Como dote, o marido recebeu o cargo de coletor de rendas de Méru, para o qual fôra nomeado o seu sogro, e que este conseguiu transferir para o genro. A 15 de Junho de 1839, porem, Amadeu de Vaux dezaparecia, abandonando a sua joven espoza. O que se havia passado?

nistre d'Etat en Autriche, précédées d'une notice sur sa vie par M. le Baron de Barante. Paris, Didier et Cie., 1859, 1 vol. in-8.

3 Em alguns documentos este nome está escrito *Devaux*, mas Clotilde assinava *de Vaux*, e assim escreve Augusto Comte. Não havia, pois, motivo para o Dr. Robinet, na ultima edição do seu trabalho biografico, substituir esta fórma por aquela, que outros preferem talvez no mesquinho propozito de insinuarem que Clotilde se arrogava indevidamente o uzo da particula *de*, que é, como se sabe, em França, indicio de linhagem nobre.

Até o ano passado a tradição corrente entre os pozitivistas era que o marido de Clotilde, dominado pela paixão do jogo, tinha sido arrastado por este vicio até o ponto de cometer um homicidio, para conseguir dinheiro. Identificava-se este cazo com o que ela propria descreve na sua novela *Lucie*. O marido auzentara-se, fôra afinal prezo, julgado e condenado a galés perpetuas. Era isto o que se acreditava e repetia. As aluzões de Augusto Comte a este terrivel epizodio indicavão um crime cometido pelo marido de Clotilde, crime que acarretava a sua morte civil. Mas, só agora, graças ás diligencias do Sr. Teixeira Mendes, é que este misterio se desvendou completamente. Com efeito, o nosso confrade, em sua recente viagem a Paris, soube da viuva de Maximilien Marie, o irmão de Clotilde, que o crime de Leporquier de Vaux consistira em dispôr dos dinheiros publicos confiados á sua guarda e de outras quantias pertencentes a varias pessoas a quem se achava ligado por operações financeiras, impelido a isso pela sua paixão do jogo. Cometido o delito, fugiu ele para nunca mais aparecer. Não houve, portanto, processo nem condenação. A familia de Clotilde supoz que ele se suicidara. Em todo cazo não houve mais noticia dele. Estas informações forão inteiramente confirmadas pelas pesquizas a que procedeu o Sr. Teixeira Mendes nos archivos de Bauvais. Entre outros dados que ele ahi encontrou, trouxe-nos

copia da noticia do crime, dada na epoca pelo jornal da localidade (*Journal de l'Oise*, sabado 22 de Junho de 1839):

MÉRU.— O Sr. L. D., coletor, acaba de dezaparecer, deixando um deficit cuja importancia não é possivel apreciar, porque ele queimou antes de partir todos os seus papeis. Entregava-se, dizem, a operações bancarias e muitas pessoas perdem com ele somas importantes; diz-se que existem credores até de 20.000 francos. Era ele agente da Caixa Economica da sucursal de Méru e felizmente pouco tempo antes tinha feito o depozito dos fundos que havia recebido. Novas relações estão sendo preparadas a toda pressa para substituir as que ele destruiu. É de imaginar a inquietação que lança este acontecimento entre os contribuintes que não tiverão o cuidado de conservar os seus recibos e que podem ser procurados pelos tres anos cujos papeis todos ele destruiu.

Um mandado de prizão foi imediatamente lançado pelo juiz de instrução do *arrondissement* contra o criminozo cujos sinais se enviárão a todas as justiças. Acredita-se que ele dirigiu-se para algum porto de mar afim de tentar transportar-se ás ilhas Bourbon ou Mauricia, aonde já viajara antes de obter o emprego de que fez tão condenado uzo. O Sr. L. D. pertence a uma das familias mais consideraveis deste departamento. O seu pai deixou dessas recordações que costumão ser invocadas durante muitas gerações. Por aliança pertence a uma familia não menos honoravel. Alguns dias antes de dezaparecer, mandara sua mulher para a caza de um de seus cunhados, afim de levar a efeito sem testemunhas a sua obra de destruição. Foi sómente depois da fuga que a

infeliz senhora teve conhecimento da situação em que se encontravão os negocios do seu marido.»

É a primeira vez que se publica este rezultado, o mais importante, ao nosso ver, da viagem do Sr. Teixeira Mendes; mas o nosso confrade prepara sobre a historia das vidas de Augusto Comte e de sua eterna companheira um trabalho dezenvolvido, no qual incorporará este e outros rezultados de sua peregrinação aos lugares santos do pozitivismo.

Clotilde de Vaux veio mais tarde para Paris, em companhia de seu irmão, com quem viveu até o cazamento dele em 1844. Quando faleceu, a 5 de Abril de 1846, morava só, á rua Payenne n. 5. [1]

41. p. 119. (*A 28 de Agosto de 1845, na igreja de S. Paulo, á rua de St° Antonio, ele aprezentava com Clotilde na pia batismal o filho mais velho de M. Marie, irmão dela*)

Este sobrinho de Clotilde e afilhado seu e do

1 O registro civil de obito, que é um documento reconstituido pelos assentamentos religiozos, dá o n. 7, mas a certidão da prezença do corpo na igreja Saint-Denis du Saint-Sacrement dá o n. 5. Eis o teor deste documento obtido pelo Sr. Teixeira Mendes: «Je soussigné, vicaire, déclare que le sept avril 1846 a été présenté en l'eglise Saint-Denis du Saint-Sacrement le corps de Charlotte Clotilde Josephine Marie, femme Amédée de Vaux, décédée le cinq avril 1846, à l'âge de trente un ans, rue Payenne n. 5. Furent temoins: Charles François Maximilien Marie; Ange Gabriel Michel Dorferville, chevalier de la Legion d'honneur. Paris, le 13 octobre 1897. (Assinado) (nome ilegivel)».

nosso Mestre chamou-se na pia do batismo Carlos Paulo Augusto Maximiliano Leão, prevalecendo na familia este ultimo nome.

Augusto Comte fazia datar deste batizado a sua união subjetiva com Clotilde, e costumava todas as semanas, no seu trajeto para o cemiterio do Père Lachaise, entrar no templo em que esta cerimonia se realizara para orar alguns momentos. E no seu testamento determinou que o prestito funebre passsasse por essa igreja, diante da qual o estandarte pozitivista deveria ser inclinado em respeitoza saudação.

Leão Marie seguiu a carreira militar e faleceu ha poucos anos no Tonkin, deixando viuva e filhos.

42. p. 137. (*Este partido . . . considera como indispensavel á tranquilidade publica que os depozitarios do poder supremo sejão revogaveis, e, portanto, temporarios*)

Esta concluzão é errada. Os depozitarios atuais do poder publico deverão ser *revogaveis* quando o interesse publico assim o exigir, mas *vitalicios*, enquanto não merecerem a destituição, devidamente pronunciada pelas fórmas estabelecidas na constituição e nas leis.

43. p. 139. (*Esta sociedade publicou diversos escritos, entre os quais destacão-se os que erão relativos á triplice reorganização do governo, do ensino e do trabalho*)

Estes tres preciozos trabalhos publicados pela Sociedade Pozitivista achão-se impressos na *Revue Occidentale*, n.os 5° de 1883, 5° de 1885, e 4° de 1889. Eis aqui os seus titulos:

Rapport à la Societé Positiviste par la Commission chargée d'examiner la question du travail. Paris, Juin 1848.

Rapport à la Societé Positiviste par la Commission chargée d'examiner la nature et le plan du nouveau gouvernement révolutionaire de la République Française. Paris, Août 1848.

Rapport à la Société Positiviste par la Commission chargée d'examiner la nature et le plan de l'Ecole positive destinée surtout à régénérer les médecins. Paris, Mars 1849.

A estes opusculos escritos, por assim dizer, sob o ditado do nosso Mestre, podemos acrecentar os dois seguintes, publicados tambem por ele em nome da Sociedade Pozitivista:

Calendrier Positiviste, ou Système général de commémoration publique, destiné surtout à la transition finale de la grande République Occidentale formée des cinq populations avancées, française, italien-

ne, espagnole, britannique et germanique, toujours solidaires depuis Charlemagne, composé par Auguste Comte et publié au nom de la Société Positiviste. Paris. 1849. (1ª edição do calendario).

Bibliothèque du Prolétaire au XIX siècle, proposée au nom de la Société Positiviste par l'auteur du Système de Philosophie Positive. Paris, 1851. (1ª edição da *Biblioteca pozitivista.)*

O Apelo-programa lançado por Augusto Comte, a 8 de Março de 1848, fundando a Sociedade Pozitivista, foi por nós reimpresso em separado, e constitûi o nº 155 do nosso catalogo.

Depois da morte de Augusto Comte a Sociedade Pozitivista passou a ser prezidida por Fabien Magnin, indicado para isso no Testamento do nosso Mestre. Infelizmente, o novo prezidente deixou-se inteiramente dominar pela influencia cada vez mais pernicioza do Sr. Laffitte, que pouco a pouco foi adulterando o destino dessa sociedade, até transformá-la ultimamente em *Sociedade Pozitivista de Ensino Popular Superior*, assumindo a sua prezidencia, que o Sr. Magnin, hoje falecido, alguns anos atraz tranferira ao Sr. Finance, que rezignou o seu posto em favor do sofista do Colegio de França. A sociedade atual, mais nominal do que real, pois tudo se condensa na pessoa do seu prezidente, só tem sido nas mãos do Sr. Laffitte um de seus eficazes meios de exploração, para com o publico e o governo.

44. p. 141. (*Sem deixar-se deter por este obstaculo, ele rezolveu superá-lo, abordando diretamente os espiritos de elite por meio de livros e cursos publicos*)

Antes de fundar a *Sociedade Pozitivista*, Augusto Comte pensou em fundar uma associação livre para a instrução pozitiva do povo em todo o Ocidente europeu. Lançou neste sentido um apelo, que parece não teve éco, e o projeto malogrou-se por falta naturalmente de cooperadores teoricos e praticos. Esta associação deveria manter cursos publicos e gratuitos sobre as siencias matematicas, inorganicas e biologicas, de um lado, e sobre historia ou sociologia, do outro.

O manifesto a que nos referimos traz a data de 25 de Fevereiro de 1848. Foi reproduzido pelo Dr. Robinet em sua obra já citada, p. 461.

45. p. 141. (*No mez de Julho de 1848 fez ele imprimir o seu Discurso sobre o conjunto do pozitivismo, graças á munificencia dos seus dicipulos de Holanda, os Srs. Conde de Stirum, Capellen e o Barão W. de Rebecque*)

Este trabalho foi depois reproduzido como discurso preliminar no 1° tomo do *Sistema de Politica*

Pozitiva, com algumas variantes secundarias; e reprezenta o dezenvolvimento final, em 1847, do discurso com que todos os anos abria o seu curso de astronomia popular. [1]

Em apendice a este *Discurso* o nosso Mestre publicou um *Apelo ao publico ocidental*, em que, denunciando a perseguição de que era vitima por parte dos sientistas, invocava o auxilio, de um lado, dos que, condenando sinceramente as injustiças por ele sofridas em sua carreira sientifica, reconhecessem a sua aptidão didatica, e, de outro lado, de todos quantos apreciassem verdadeiramente os seus trabalhos sistematicos e, especialmente, dos que reconhecessem o pozitivismo como fornecendo a unica baze normal da regeneração ocidental. Para aqueles como para estes, entendia ele que era um *dever social* impedir que o fundador do pozitivismo sucumbisse á mizeria, a que os seus inimigos o querião reduzir.

Este apelo não foi ouvido, e a extrema situação a que ficou então reduzido o nosso Mestre determinou, sob a sua inspiração, a criação de um subsidio coletivo permanente.

O *Apelo ao publico ocidental* acha-se reproduzido entre as peças justificativas que o Dr. Robinet juntou ao seu livro biografico sobre Augusto Comte.

1 *O Discurso sobre o conjunto do pozitivismo* acha-se hoje traduzido em inglez, alemão e sueco. É nosso intento publicá-lo em portuguez.

46. p. 141. (*O primeiro, com a colaboração dos Srs. Kretzer e Van Hasfelt, tinha publicado, em Abril de 1846, uma tradução holandeza das duas primeiras lições da* Filozofia Pozitiva)

O exemplar deste trabalho [1] que os tradutores oferecêrão a Augusto Comte foi acompanhado da seguinte carta: [2]

Ao Sr. Augusto Comte,

Paris.

Haia, 11 de Abril de 1846.

Senhor.

O estudo de vossas obras, ao mesmo tempo que nos fez apreciar o alto alcance de vosso trabalho e a imensidade da obra a que consagrastes vossa vida, gerou em nós o dezejo de contribuirmos, tanto quanto pudessemos, para a propagação das idéias pozitivas, chamando a atenção dos nossos compatriotas para essa grande obra, pouco conhecida em nossa patria.

Com este fim, acabamos de publicar uma tradução das duas primeiras lições do Curso de Filozofia Pozitiva, sob o titulo de *Bazes gerais da filozofia pozitiva.*

Temos a honra de vos oferecer um exemplar, aqui junto, dessa publicação.

Rogamo-vos que vos digneis considerar esta mani-

1 Copiamos aqui o titulo em holandez: *Algemeene Grondslagen der Stellige Wijsbegeerte*, door Auguste Comte, 'S. Gravenhage. 1846, by Gebroeders Belinfante.

2 Esta carta e mais o prefacio da tradução de que se trata aqui achão-se reproduzidos no livro já citado do Dr. Robinet, 3ª edição, p. 459.

festação como um testemunho da viva admiração que sentimos pelo sucessor de Bacon e de Descartes.

A este propozito, experimentamos a necessidade de dizer-vos que ficamos profundamente aflitos quando soubemos, pelo prefacio pessoal de vossa obra, que a França, posto que constituindo a vanguarda da civilização, ainda não aprecia convenientemente o verdadeiro filozofo dos tempos modernos. Alenta-nos a viva esperança de que, apezar das dificuldades de vossa pozição, podereis preencher a vossa grande missão.

Dignai-vos aceitar, Sr., a homenagem do nosso profundo respeito.

(*Assinados*): O conde Limburg-Stirum, capitão de engenheiros; Kretzer e Van Hasfelt, tenentes de engenheiros.

Esta carta foi recebida por Augusto Comte no dia 15 de Abril de 1846.

47. p. 142. (*Depois disto, por tres anos consecutivos, em 1849, 1850, e 1851, ele expoz publicamente a religião da Humanidade*)

Os programas destes memoraveis cursos achão-se reproduzidos no livro biografico do Dr. Robinet. O local em que forão realizados constituia a antiga sala de Fizica, no 3° andar do n. 8 da rua Massena, atualmente rua Montpensier, perto do Teatro Francez. [1] (Dado extr. da *Revue Occidentale*)

1 Esta sala foi concedida pelo Sr. Bineau, ministro dos Trabalhos Publicos, por influencia de Vieillard, de quem falaremos adiante. A partir, porem, de 1851 não lhe foi possivel conseguir mais nenhum local para as suas predicas.

Estas incomparaveis expozições publicas determinárão a adezão mais ou menos completa á nova doutrina de muitos espiritos distintos, tanto francezes, como estrangeiros. Entre estes citaremos dois brazileiros que tiverão essa felicidade unica: os Srs. Muniz Barreto de Aragão, ex-bibliotecario da Biblioteca da Bahia, falecido ha poucos anos, e a Sra. D. Nizia Floresta Brazileira Augusta, escritora de talento, tambem falecida, que entreteve relações pessoais com o nosso Mestre, cujas cartas á mesma senhora já publicamos anexas á nossa *Circular Anual* de 1887.

48. p. 143. (. . . *foi a partir desse dia que ficou fundado o subsidio, que em breve devia ser o unico apoio da existencia de Augusto Comte, e que devia sobreviver-lhe)*

«Quando em 1848, o autor do *Sistema de filozofia pozitiva* viu-se obrigado a renunciar definitivamente á esperança de rehaver o seu principal oficio na Escola Politecnica, achava-se por assim dizer sem recursos; porque havia quazi inteiramente abandonado o ensino privado da matematica para preencher as suas funções de examinador, e a retribuição que recebia como repetidor de analize estava longe de bastar aos encargos e ás necessidades de

sua situação domestica. Esta pozição era pois afliti-va e dificil, sobretudo si se atender aos lazeres de que precizava o futuro autor da *Politica Pozitiva.* Em resposta ao apelo dirigido por Augusto Comte, em Julho desse mesmo ano, ao publico ocidental, o Sr. Littré tomou então, com os principais pozitivistas que se achavão nesse momento em Paris, a iniciativa de uma subscrição destinada a reparar a iniquidade de que o nosso Mestre fôra vitima e a assegurar-lhe a existencia material que querião destruir. Reproduzimos, no fim deste volume, a circular redigida nessa ocazião e endereçada a todos os que se prezumia interessarem-se pela injusta penuria do filozofo e do homem de bem. [1]

«Posto que instituida e aceita a titulo de reparação pessoal, esta subscrição conservou alguns anos, sob a direção do Sr. Littré, o carater pessoal que as circunstancias lhe havião assinalado. Mas a medida que o pozitivismo aumentava e que o seu fundador se elevava ao papel que devia finalmente caber-lhe, sentiu-se a necessidade de dar um carater mais largo e um destino mais extenso a uma instituição primitivamente surgida de uma situação pessoal. [2]

1 «Peças justificativas, n. 25.»

2 «V. sob o n. 32, a coleção de Circulares anuais dirigidas por Augusto Comte a cada cooperador do *subsidio pozitivista*. Esta leitura é indispensavel para apreciar bem o dezenvolvimento religiozo do pozitivismo.»

Dessas *Circulares Anuais* as igrejas chilena e brazileira publicárão, em

«Desde as suas primeiras circulares, Augusto Comte tinha impresso a esta medida privada um verdadeiro carater social, e deixado entrever a conveniencia de sua transformação ulterior: mas um fato tão significativo quanto inesperado veio em breve confirmá-lo nessa tendencia espontanea. Em vez de ser alimentado por contribuições oriundas do meio em que a expoliação podia ser apreciada, o subsidio pozitivista não se compoz realmente, mesmo em sua origem, sinão de cotizações dimanadas dos que havião abraçado as consequencias sociais ou religiozas do pozitivismo. Homens estranhos ao mundo sientifico propriamente dito forão os unicos a reconhecer a obrigação moral de impedir esta opressão; Augusto Comte ficou assim certo de que era o renovador que se sustentava nele, e que se queria a continuação de sua obra.

«Quando teve lugar, em Novembro de 1851, a sua ultima excluzão politecnica, isto é, quande ele foi despojado do ultimo lugar que ocupava na Escola, o patrocinio que a principio só se tinha instituido temporariamente para ele teve que tornar-se definitivo, e esta necessidade preparou diretamente a transformação da instituição inicial. Foi assim que o subsidio pozitivista, primitivamente destinado a prover, primeiro temporariamente e logo depois de

1886, uma edição especial, por iniciativa de Jorge Lagarrigue, que cobriu á sua custa todas as despezas da impressão.— M. L.

um modo permanente, ao sustento pessoal de Augusto Comte, recebeu por fim como destino, em 1854, o assegurar a formação do novo sacerdocio.» (Dr. Robinet, *loc. cit.* p. 237)

O subsidio pozitivista centralizado até Setembro de 1852 nas mãos de Littré, passou desta data em diante para a direção de Augusto Comte, o que longe de prejudicar esta instituição, deu-lhe pelo contrario, maior alcance social e mais dezenvolvimento.

Depois da morte de Augusto Comte continuou esta subscrição com o fim principal de tornar possivel a execução do Testamento de Augusto Comte. Mas em breve a acendencia nefasta do Sr. Laffitte adulterou o destino desta santa instituição. Áquele destino, o sofista juntou em breve o de seu proprio sustento e o de sua propaganda mistificadora, sem distinção alguma. De modo que á medida que o transviamento e a corrupção desse falso dicipulo afastavão dele os que não se podião conformar com similhante exploração, estes vião-se obrigados a deixar de concorrer para o subsidio fundado por Augusto Comte afim de não sustentar a nefanda obra do Sr. Laffitte. Foi o que nós fizemos, quando nos separamos, em 1883, desse degradado dicipulo, declarando que *voltariamos imediatamente a cumprir esse grato dever, assim que o pudessemos fazer sem que isso aproveitasse ao falso continuador, mediante uma distinção entre as cotizações destinadas á execução do Testa-*

mento do Mestre e as que erão dadas com o fim de auxiliar o Sr. Laffitte e sua obra espuria. [1]

Só recentemente, depois que a maioria dos executores testamenteiros se rezolveu enfim a romper com o Sr. Laffitte e denunciar-lhe as prevaricações e as indignidades, é que pudemos retomar o cumprimento desse dever; porque, de um lado, o Sr. Laffitte declarou extinta a missão dos executores testamenteiros, e, do outro lado, a maioria destes, protestando contra esta ultima infamia, declarou querer manter essa missão e pedia para isso o auxilio material e moral de todos os pozitivistas. [2]

49. p. 145. (*Enfim, no mez de Novembro de 1851, os academicos lhe tirárão o modesto lugar de repetidor na Escola Politecnica, que ele exercia havia quazi vinte anos)*

Á cabala já mencionada em uma nota anterior cumpre agora ajuntar os nomes de Leverrier e de Bomard, que neste ultimo esbulho mostrárão-se dignos socios dos outros. Ainda aqui foi o famige-

1 Apezar desta declaração publica, reiterada mais de uma vez, o Sr. Laffitte, em sua ultima circular anual, ainda tem o dezembaraço de lançar-nos em rosto, com a sua costumada má fé, esta nossa abstenção de concurso ao *seu* subsidio, como uma prova do nosso nacionalismo estreito. Isto foi publicado depois de já termos recomeçado a cooperar para a execução das últimas vontades do nosso Mestre, graças ás circunstancias explicadas no texto acima.

2 V. a *Circular* que os executores testamenteiros dirigírão aos pozitivistas em Agosto de 1895 e a minha *Circular Anual* relativa a 1895.

rado Bertrand quem lucrou com a excluzão do nosso Mestre, apanhando logo o lugar assim vago, circunstancia que ele tem o cuidado de passar em silencio, no seu já citado artigo da *Revue des Deux Mondes*, porque até agora era ignorada do publico, graças ao generozo silencio de Augusto Comte, mas que o nosso confrade Sr. Teixeira Mendes descobriu, com muitos outros dados sobre a perseguição politecnica contra o nosso Mestre, em suas recentes pesquizas nos archivos da Escola Politecnica. Estas pesquizas, infelizmente, não puderão ser completas, porque algumas informações oficiais solicitadas pelo nosso confrade lhe forão negadas pelo Ministro da Guerra francez, por ser o assunto *rezervado*. O Sr. de Rochas, atual administrador [1] daquela Escola, informando, por ordem do Ministro, o requerimento do Sr. Teixeira Mendes, dizia: « Si os direitos do historiador que exigem que a verdade seja patenteada sobrelevão os inconvenientes que possão rezultar de se revelarem rezoluções de que algumas são secretas, e dizem respeito a pessoas das quais uma ainda existe, [2] é a vós, Sr. ministro, que cabe decidir.» O ministro entendeu dever manter o carater rezervado aos documentos em questão, mas não tardará a

1 A Escola Politecnica tem um comandante, um diretor dos estudos e um administrador.

2 Aluzão a Bertrand. O Sr. de Rochas enviou ao ministro a sua informação acompanhada de um exemplar do folheto do Sr. Teixeira Mendes publicado em resposta ao Sr. Bertrand.— M. L.

epoca em que os *interesses da verdade historica* hão de prevalecer, pelo menos neste cazo, sobre todos os Bertrands, vivos ou mortos.

50. p. 147. (*Mas si Augusto Comte aprovou inteiramente o ato de 1851 e o apelo ao povo, que puzerão um paradeiro á dezordem parlamentar, censurou severamente o plebicito de 1852 e o restabelecimento do Imperio*)

«Não tardou, é de crê-lo, em perceber que Luiz Napoleão não era o diretor sociocratico que ele havia esperado, e, logo que formou o seu juizo sobre ele, não cessou de o combater. [1] Foi por intermedio do Sr. Vieillard que o nosso Mestre se esforçou de agir sobre ele e contra ele, para maior vantagem do interesse geral ou republicano.

«Uma fraze da carta deciziva que ele escreveu ao primeiro em 28 de Fevereiro de 1852, e que mostra a maneira por que ele encarava o acontecimento de Dezembro, fará comprehender melhor a sua dispozição de espirito:

« A nossa ultima crize fez, parece-me, passar a « Republica franceza da faze parlamentar, que apenas podia convir a uma revolução negativa, á faze « ditatorial, unica adaptada á revolução pozitiva de « onde rezultará o termo gradual da molestia oci-

1 Isto é, condenar os seus erros, mas não se deve supôr que o nosso Mestre assumiu então ou depois a atitude habitual das opozições.— M. L.

« dental, em virtude de uma conciliação deciziva
« entre a ordem e o progresso. *E ainda que um vi-*
« *ciozo exercicio da ditadura que acaba de surgir,*
« *forçasse a mudar, antes do tempo previsto, o seu*
« *principal orgão,* [1] esta deploravel necessidade não
« restabeleceria realmente o dominio de uma assem-
« bléia qualquer, salvo talvez durante o curto inter-
« valo exigido pelo advento ecepcional de um novo
« ditador. »

« Foi de fato segundo tais vistas que, á medida que o pretendente mostrava-se inclinado a restaurar o Imperio, o prezidente da Sociedade pozitivista tornou-se um de seus adversarios inflexiveis; e depois de haver determinado o Sr. Vieillard, que tinha conservado sobre o seu antigo aluno uma certa influencia, a desviar o principe de seu projeto, mediante conselhos, advertencias, e adjurações apropriadas, intimou-o, em nome das crenças pozitivistas, poi ocazião do voto do Senado sobre o restabelecimento do trono imperial, a dezenvolver publicamente nessa assembléia os motivos de sua opozição a similhante medida, e até a exigir o processo do uzurpador; declarando abertamente e não sem perigo ao honrado senador e á Sociedade pozitivista que, por essa violação do pacto politico, [2] ele mereceria a sorte de

1 Luiz Napoleão. — M L.

2 A linguagem aqui não é pozitivista; não podia ser, portanto, a de Augusto Comte; ele diria, do bem publico.— M. L.

Carlos I. Vieillard, por motivos de toda ordem, publicos e pessoais, não obedeceu á intimação, mas só houve um voto contrario no *senatus-consultus* restabelecendo o imperio: *foi o de Vieillard.*»

A carta de que foi extrahido o trecho acima, foi publicada por Augusto Comte do tomo 3° do seu *Sistema de politica pozitiva*, em 1853, note-se bem. Nessa mesma carta Augusto Comte reclamava completa liberdade para todas as doutrinas compativeis com a ordem material, e em relação aos seus cursos publicos dizia: « Em virtude das garantias decizivas que tenho dado cada vez mais á tranquilidade publica, só a mim compete decidir o que devo dizer e o que devo calar, como anteriormente... Si a ultima crize (o golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851.—M. L.) arrastar o governo a restringir uma expozição cuja economia filozofica e religioza ele é incapaz de apreciar, deverei guardar provizoriamente o mais completo silencio antes do que aceitar uma meia liberdade, que seria mais nociva ao meu poder espiritual do que favoravel á minha propaganda atual. » E aludindo depois á solicitude com que Vieillard lhe perguntara o que é que ele poderia fazer para reparar a espoliação levada ao cabo pelas *coteries* politecnicas, o nosso Mestre respondia « que o unico meio consistiria em propagar entre os conservadores a nobre subscrição publica » que constituia o subsidio pozitivista. E acre-

centava ainda : « A nova assistencia que a ordem ha de receber dos meus trabalhos poderia, é verdade, decidir o governo a compensar enfim a espoliação politecnica que uma legalidade vicioza forçou-o, sob os nossos diversos regimens, a deixar-me sofrer; mas, mesmo neste cazo, eu tenho rezolvido agora não aceitar nunca nenhuma pensão, nem cargo algum oficial, mesmo sientifico. »

Vieillard tinha sido preceptor do principe-prezidente Luiz Bonaparte, e ocupava uma cadeira no senado da Republica quando aquele principe decidiu-se a restabelecer o Imperio.

Vieillard acompanhou a carreira filozofica de Augusto Comte, desde o seu inicio, em 1822 ; era o seu mais antigo adherente. Nunca, porem, contribuiu para o subsidio pozitivista, conduta que o autor desta biografia procura adiante explicar pelo receio de que o seu concurso pudesse ser considerado uma subvenção disfarçada do governo imperial. Mas para evitar esta supozição, teria bastado que a contribuição de Vieillard fosse modica, proporcionada aos seus recursos pessoais. Augusto Comte, por outro lado, assinalando o fato, em uma carta ao Sr. Congreve, assim se exprime, depois de lamentar a morte desse patrono do pozitivismo: «...quoique, par une anomalie que je ne me charge pas d'expliquer, il n'ait jamais souscrit au subside occidental ».

Poucos dados biograficos possuimos sobre Vieillard. Eis o que encontramos sobre ele no Dicionario de Larousse:

« Vieillard (Narcizo) homem politico francez, nacido em Carentan (Mancha) em 1791, falecido em 1857. Sahiu da Escola Politecnica em 1810, com a patente de oficial de artilharia, e fez neste posto as campanhas da Russia (1812), Alemanha (1813) e França (1814.) A quéda do Imperio o determinou a retirar-se á vida privada. A sua dedicação á familia Bonaparte lhe valeu ser escolhido pela rainha Hortensia para preceptor do seu filho mais velho Carlos-Luiz-Napoleão Bonaparte, irmão de Napoleão III. Vieillard voltou para França em 1831, e retirou-se para Normandia. Ahi foi nomeado deputado de Carentan em 1842, apezar dos esforços de Guizot para fazer-lhe perder a sua eleição. Sabia-se que ele era bonapartista, mas nem por isso deixárão de aceitar o seu concurso na coligação dirigida por Odilon Barrot. Em breve alistou-se entre os republicanos, visto como o bonapartismo era então considerado um partido sem futuro. Não foi reeleito em 1846. Depois da revolução de Fevereiro, o governo provizorio nomeou-o comissario no departamento de Mancha. Aproveitou esta situação para fazer-se nomear reprezentante do povo á Constituinte por esse departamento, o segundo numa lista de quinze. Votou com os republicanos moderados e sustentou a politica do general Cavaignac. Depois da derrota deste nas eleições prezidenciais, Vieillard tornou-se de novo bonapartista, e foi reeleito á Assembléia legislativa. Desde então passou por ser um dos conselheiros intimos de Luiz Bonaparte que o encarregou, dizem, de varias missões importantes, e de quem ele era em

França um dos agentes mais ativos antes de sua eleição. Vieillard foi um dos homens de confiança do prezidente e seu intermediario junto de diversos personagens consideraveis dos partidos monarchicos. Contribuiu com todo o seu esforço para o exito da emboscada de 2 de Dezembro e continuou a viver na domesticidade do principe tornado imperador. Atribuiu-se á sua intervenção pessoal a dezerção do Sr. Billaut, ao qual, em 1852, foi encarregado de oferecer, segundo se diz, o ministerio do interior.

« Vieillard fez parte da primeira promoção de senadores. A partir desse momento, retirou-se pouco a pouco da sena politica. Morreu completamente esquecido.»

Nota-se neste artigo uma apreciação bastante parcial, e nele nada se diz das relações de Vieillard com o pozitivismo, assim como passa-se em completo silencio a conduta de Vieillard, unico senador que votou contra o restabelecimento do Imperio. Vê-se, pois, que a biografia de Vieillard, como tantas outras, está ainda por fazer, e que só o pozitivismo poderá operar convenientemente essa especie de restauração de um homem que, no dizer do articulista do Larousse, morreu completamente esquecido, mas que resurge cada vez mais, como muitos outros, aos clarões projetados pela aureola crecente do nosso Mestre.

Quanto ao juizo de Augusto Comte sobre Vieillard ei-lo aqui extrahido de uma de suas cartas a Mr. Henry Hutton : «A morte imprevista do senador Vieillard privou-me subitamente do meu adherente

mais antigo, o unico que havia dignamente acompanhado o conjunto de minha carreira, desde o meu opusculo fundamental de 1822. Tão reto de espirito como de coração, sem ser, sob este ou aquele aspeto, um homem verdadeiramente eminente, ele pecou sobretudo por uma insuficiente energia, que o impediu de fazer todo o bem que dezejava e que a sua elevada pozição final teria realmente permitido. No entanto, alem do meu desgosto pessoal, a sua perda feriu-me como gravemente deploravel para todos os verdadeiros pozitivistas, sobretudo francezes, que não tardarão em sentir a lacuna que ele nos deixa, apezar de sua imperfeita conversão, demaziado saliente na inconsequencia funebre de um conservador inhumado como um revolucionario. » (Carta de 11 de Carlos Magno de 69).

Estas palavras finais aludem á dispozição ultima de Vieillard determinando que o seu enterro fosse puramente civil. Eis o que a este propozito escreveu ainda o nosso Mestre a D. Nizia Brazileira: « Felicitando-me, como vós, pelo seu ato final de firmeza filozofica e civica, lamento que esse ato não tenha produzido sinão uma manifestação puramente negativa, pouco conforme ao verdadeiro carater do seculo dezenove. Si eu houvesse sido consultado a esse respeito, talvez tivesse obtido demonstrações mais nobres e mais decizivas, mediante as quais um verdadeiro conservador não correria o risco de ser

injustamente classificado entre os revolucionarios. A falta de dignidade de similhante prestito fez-me sentir especialmente que o culto mais caduco é praticamente preferivel á auzencia de todo culto.» (Carta de 4 de S. Paulo de 69).

51. p. 154. (*Durante os cinco anos que Augusto Comte consagrou á sua principal obra e aos opusculos que a completão . . .*)

Os opusculos aqui indicados são o *Catecismo Pozitivista* e o *Apelo aos Conservadores*.

O primeiro foi composto entre o 2° e o 3° tomo do *Sistema de Politica Pozitiva* e publicado nesse intervalo, em Outubro de 1852. É escrito em fórma de um dialogo entre uma mulher (Clotilde de Vaux) e um Sacerdote da Humanidade (Augusto Comte); e contem o magistral rezumo da religião universal. Este incomparavel opusculo acha-se já traduzido em inglez, [1] italiano, alemão, espanhol, [2] alem da versão portugueza feita por nós, de que já publicamos segunda edição.

O *Apelo aos Conservadores* foi publicado em Agosto de 1855, depois de concluida a *Politica Pozitiva*. Tem por fim aprezentar aos estadistas atuais o pozitivismo no que este póde ser aproveitado por eles, afim de dirigirem a tranzição que nos separa

1 Esta tradução conta hoje tres edições.— M. L.

2 Esta versão é, infelizmente, pessima.

do estado normal. Dele existe uma tradução ingleza, e alem da portugueza que publicaremos breve, está prestes a sahir do prélo uma tradução espanhola devida a um correligionario nosso da Republica Argentina, o Sr. Victoria.

A *Politica Pozitiva* (4 vols. in-8°) foi tambem traduzida em inglez por R. Congreve e outros.

52. p. 154. (*Esse preciozo trabalho foi devido a uma mulher de alto merito, Miss Martineau*)

Miss Martineau naceu em Norwich (Norfolk), no ano de 1802, e faleceu em 1876. É autora de muitos trabalhos de imaginação, de historia, e de economia politica.

Como diz o nosso autor, ela ofereceu a Augusto Comte metade dos lucros da publicação do seu rezumo inglez do *Curso de Filozofia Pozitiva.* O nosso Mestre recuzou a principio, em virtude de sua rezolução anterior de não aceitar para si nenhum provento rezultante de seus livros; mas depois, á vista da insistencia de Miss Martineau, aceitou o oferecimento para aplicá-lo á publicação das suas outras obras, isto é, em beneficio do *fundo tipografico pozitivista* por ele fundado.

Littré inseriu no seu livro tres admiraveis cartas de Augusto Comte a esta senhora, nas quais este manifesta com entuziasmo a aprovação que lhe merece

o seu trabalho da tradução e condensação. Sabe-se aliás que o Fundador recomendava de preferencia a leitura do rezumo de Miss Martineau, e que na *Biblioteca Pozitivista* o substituiu ao seu proprio *Sistema de Filozofia Pozitiva*. (V. a *Quinta Circular Anual*, de 22 de Janeiro de 1854).

O trabalho de Miss Martineau, publicado em 1853,[1] foi traduzido em francez em 1871. Achando -se esgotada havia muito esta versão, um livreiro do Rio de Janeiro, sob o impulso do nosso movimento pozitivista, emprehendeu reeditá-la, o que, com efeito, levou a cabo em 1894,[1] ornando-a com um belo retrato de Augusto Comte e precedendo-a de duas das cartas que o nosso Mestre dirigiu á autora. Infelizmente, o tradutor francez entendeu que ao ceder á recomendação do editor, inserindo estes documentos, devia excluir a terceira carta e fazer córtes nas duas que reproduziu. Estes córtes se aplicárão aos trechos em que Augusto Comte recomenda as suas ultimas obras e suas concepções religiozas, (*Politica Pozitiva* e *Catecismo Pozitivista*) e áqueles em que ele expõe os motivos por que não póde aceitar nenhum lucro pecuniario proveniente de suas publicações.

1 Hoje o original inglez conta tres edições, excluindo a ultima, feita pelo Sr. Harrison, que deve ser afastada para preferir-se a da primeira caza editora .

2 La *Philosophie Positive d'Auguste Comte* condensée par Miss Harriet Martineau, traduite de l'anglais par Ch. Avezac-Lavigne. Deuxième édition, 2 vol. 1894.

Em sua *Autobiografia* Miss Martineau se exprime com entuziasmo acerca da grandeza de Comte, de sua sensibilidade filozofica e de seu zelo pelo bem da especie humana. «Muitas paginas de minha tradução escrevi-as, diz ela, com os olhos razos de lagrimas, e ainda que houvesse de viver mais vinte anos nunca passaria momentos tão deliciozos». [1]

Seja como fôr, Miss Martineau não foi alem dessa simpatia, e nunca adheriu ao pozitivismo.

53. p. 155. (*Accessivel a todos, respondia a todas as cartas que recebia, entretinha longamente todos os vizitantes que a sua fama lhe atrahia, etc.*)

«Um regimen austero e laboriozo assegurava o dezenvolvimento crecente dessa vida toda espiritual. Augusto Comte levantava-se invariavelmente ás cinco horas da manhan e deitava-se ás dez; o seu dia abria-se e encerrava-se pela prece, que era para ele a hora do completo recolhimento e da maior elevação, da mais terna expansão afetiva, das melhores inspirações e dos maiores pensamentos. Com eceção de um dia, [2] regularmente consagrado, cada semana, a uma correspondencia muito ativa, o fundador do pozitivismo dedicava todas as manhans e todas as tardes ao trabalho constante de meditação, de es-

1 Extr. da *Revue Occidentale*, Discurso do Sr. Descours, n. 2. 1898.—M. L.

2 Todos os jovedias.— M. L.

tudo ou de redação, exigido pela elaboração de suas obras. Afóra o mercuridia, em que ele prezidia a Sociedade Pozitivista, todas as suas noites (das sete ás nove horas) erão destinadas a receber, e bem assim a tarde do domingo, com o fim especial de facilitar o acesso junto dele aos proletarios. A tarde de mercuridia era igualmente subtrahida ao trabalho para fazer uma vizita hebdomadaria ao tumulo de Clotilde de Vaux.

« Muito tempo antes de conhecer a sua amiga, Augusto Comte havia espontaneamente renunciado ás superfluidades nutritivas que reprezentão tão grande papel na existencia atual, ao café, ao fumo, e depois ao vinho; e o contato dessa nobre dama tinha-lhe trazido, alem disso, a mais importante de todas as purificações. Sob o aspeto espiritual, ele havia renunciado bem cedo ás leituras criticas e dispersivas que oferece a imprensa contemporanea, sobretudo periodica, para entregar-se á leitura habitual das obras-primas esteticas. Consagrava todos os dias um tempo variavel a estas salutares leituras, e retomava, entre outras, todos os anos, numa ordem constante, a contemplação das maiores obras poeticas, as de Homero, de Dante e de Kempis. Enquanto a sua alma só cuidava das cogitações mais elevadas e puras, o seu corpo ficava reduzido ao mais estrito necessario: duas refeições por dia sustentavão a sua atividade; a primeira compunha-se simplesmente de

leite, [1] e a segunda, mais substancial, [2] bem que rigorozamente medida, terminava-se por uma pratica tocante: Augusto Comte substituia a sobre-meza por um pedaço de pão que ele comia pensando nos homens, ainda tão numerozos, infelizmente! aos quais nem mesmo um trabalho ecessivo póde assegurar sempre uma reparação nutritiva tão indispensavel quanto legitima.» (Dr. Robinet, *loc. cit.*, p. 252)

54. p. 156. (*Mas o Fundador devia exercer cada vez mais o governo espiritual, etc.)*

«... Augusto Comte fez generozos esforços para arrancar a politica atual do empirismo que a domina, para fazê-la entrar na senda normal e definitiva. Dirigindo-se ao mesmo tempo a todos os elementos politicos de nossa sociedade, ora aos conservadores, ora aos revolucionarios, ora aos governos e ora aos governados, esforçou-se ele sempre por determiná-los a instituirem o prezente tendo em vista o futuro, segundo os principios e pelos meios que recomenda o conhecimento das leis proprias á ordem e ao progresso da Humanidade. A sua solicitude, porem, não ficou reduzida a sucitar a instituição do regimen final no Ocidente europeu, mas tentou tambem preparar a extensão dessa politica regenerada ao resto

1 Uma «copioza sopa de leite», diz ele em uma de suas cartas a Edger: ás 10 horas da manhan.— M. L.

2 Cem gramas de carne e um prato de legumes.—M. L.

do sistema humano, agindo sobre os chefes respetivos dos povos que devem servir de intermediarios a essa nobre transmissão. Assim, ao passo que na carta ao senador Vieillard indicava a conduta dos verdadeiros conservadores, as que ele escreveu aos Srs. Barbès e Blanqui, [1] achando-se estes na prizão, fixavão a marcha das aspirações progressistas; conselhos importantes, endereçados aos povos e aos governos, [2] fazião luminozamente sobresahir as verdadeiras condições da conciliação fundamental entre a ordem e o progresso; um eminente opusculo, cujo objetivo geral era fazer penetrar a religião demonstrada entre os conservadores dignos deste nome, era especialmente destinado a fornecer principios de conduta ao partido que deve dirigir a politica ocidental até a instalação da tranzição sistematica [3]... O manifesto ao tzar, [4] a carta a Reschid-Pachá, [5] vinhão assentar as bazes teoricas sobre as quais dois grandes imperios devem fundar a sua regeneração interior e repartir suas relações exteriores entre o Ocidente e o Oriente. Enfim, um passo da mais ele-

1 Estas duas peças ainda não forão publicadas.— M. L.

2 «V. os prefacios dos tomos II, III e IV da *Politica Pozitiva*, e os *Conselhos urgentes* dirigidos a todos os republicanos francezes. Peças justificativas n. 30, § A e B . . .»

3 «*Apelo aos Conservadores*, Paris, Agosto 1855.»

4 «*Carta a S. M. o Tzar Nicolau*, tomo III da *Pol. Poz.* p. XXIX e seguintes do apendice ao prefacio.»

5 «*Carta a S. E. Reschid-Pachá*, ex-gran-vizir do Imperio Otomano, *ibidem*, p. XLVII e seguintes do apendice ao prefacio.»

République Occidentale.

Ordre et Progrès. — Vivre pour autrui.

Conseils urgents,

adressés, par le Fondateur de la Religion de l'Humanité, à tous les vrais républicains français.

1° Réduire leur devise à Liberté et Fraternité.

2° consacrant, au nom de leur cause, et même complétant, la récente abolition du régime parlementaire en France,

Fonder leur gouvernement sur une dictature sagement énergique, mais purement pratique;

Dont le caractère toujours progressif soit garanti par une pleine et inviolable liberté d'exposition et de discussion.

3° Exclure de tous les offices vraiment politiques, même gratuits, quiconque y participa depuis le 24 Février 1848.

Paris, le 4 Aristote 65 (Mardi 1er Mars 1853),

Auguste Comte

auteur du Système de philosophie positive, du Système de politique positive et du Catéchisme positiviste.

(10, rue Monsieur-le-Prince.)

Fac-simile de um original de Augusto Comte.

vada importancia era levado a efeito por um joven aspirante ao sacerdocio pozitivista, o Sr. Sabatier, em virtude de uma formal delegação do fundador da religião universal. [1] O sacerdote do novo culto mandava dizer ao chefe de uma das ordens religiozas que mais têm contribuido para a perzistencia do antigo (o Padre Bex, geral dos Jezuitas), que se associasse de Roma a ele, para obter a *abolição do orçamento ecleziastico* e concorrer assim para favorecer o livre advento da nova espiritualidade, e para colocar a antiga nas condições de independencia e de moralidade necessarias á sua transformação pozitiva ou á sua digna extinção.» (Dr. Robinet, *loc. cit.* p. 243)

55. p. 159. *Capitulo Setimo:*

Alem da epigrafe que se lê no começo deste capitulo, existe mais a seguinte na copia mss. já citada: « *Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generatione, et laudum ejus annunciabit Ecclesia* ».

56. p. 159. (*Foi no mez de Dezembro de 1855 que, depois de pôr os seus papeis em ordem ... ele escreveu o seu testamento*)

1 Sobre esta tentativa vejão-se as interessantes cartas de Augusto Comte a Sabatier (*Revue Occidentale,* n. 4 de 1886). Sabatier é autor de uma brochura intitulada *Programa de educação pozitiva. Das escolas comunais.* (Paris, 1872). Ignoramos o destino deste moço, que parece faleceu pouco depois da data deste opusculo, unica manifestação que conhecemos dele, alem do que é relativo á sua missão junto ao Geral dos Jezuitas.— M. L.

«O testamento de Augusto Comte comprehende sete divizões principais, adições, uma nota secreta e peças justificativas.

«De um modo geral, tem por objeto dezenvolver as tres dispozições fundamentais aprezentadas em 1854, na invocação final que corôa o *Sistema de politica pozitiva*, e indicar os meios adequados a assegurar sua execução. Eis aqui o texto dessas tres dispozições:

«1.° O conjunto de meus adherentes continuará
« a anuidade vitalicia de dois mil francos, [1] indicada
« em minha quarta circular, afim de que eu cumpra
« até o seu termo natural a obrigação que rezultou,
« desde a minha mocidade, da minha unica falta ver-
« dadeiramente grave;

« 2.° Uma anuidade vitalicia de 1,500 francos
« será consagrada pelo reconhecimento dos verda-
« deiros crentes á filha adotiva que me dedicou ha
« treze anos a sua incomparavel assistencia;

« 3.° Esta eminente proletaria guardará para o
« meu sucessor, no seu estado atual, a expensas da
« igreja universal, o santo domicilio onde surgiu e
« realizou-se a evolução religioza do pozitivismo,
« cujos ritos sagrados continuarão a ser celebrados
« ahi até o advento de um templo especial.»

« A primeira parte do testamento, A, institûi o

1 A pensão de Mme. Comte.— M. L.

corpo de treze orgãos a cuja fidelidade é confiada a sua execução.

« Estes treze mandatarios são escolhidos por Augusto Comte entre os seus dicipulos ocidentais, teoricos e praticos. O Sr. Pierre Laffitte, diretor atual do pozitivismo, [1] e que vivia então havia já quartoze anos na intimidade do testador, é nomeado prezidente perpetuo deste corpo, definitivamente composto dos Srs. Audiffrent, doutor em medicina, ex-aluno da Escola Politecnica; de Capellen, adido militar da Holanda em Paris; o Barão Wilhelm de Constant de Rebecque, oficial da marinha holandeza; Deullin, banqueiro; D. Jozé Segundo Florez, homem de letras; Foley, doutor em medicina, ex-aluno da Escola Politecnica, ex-oficial de marinha; Augusto Hadery, proprietario lavrador; Pierre Laffitte, professor de matematica (prezidente); Jozé Lonchampt, associado de agente de cambio, ex-aluno da Escola Politecnica; Fabien Magnin, operario marceneiro; Papot, professor de matematica; Robinet, doutor em medicina; o Conde van Limburg-Stirum, oficial do corpo de engenheiros holandez. [2]

1 Este titulo é o que o Sr. Laffitte tomou para si *depois da morte* de Augusto Comte e sem nenhuma previa indicação do Mestre para isso, e até pelo contrario, como veremos adiante.—M. L.

2 Desta lista só existem hoje como executores testamenteiros, alem do Sr. Laffitte, os Srs. Dr. Robinet, D. J. S. Florez, Dr. Audiffrent; os mais ferão substituidos por outros, ou por terem morrido ou por terem rezignado o encargo.— M. L.

« Na segunda parte do seu testamento, secção B, Augusto Comte explica a natureza e as condições de similhante ato. Irrevogavelmente ligado pelo imprudente e demaziado generozo contrato que ele havia subscrito por ocazião do seu cazamento, era-lhe vedado fazer dahi por diante qualquer legado, pois que ninguem póde dispôr duas vezes de uma mesma coiza. [1] Mas como desde a sua eliminação da Escola Politecnica, o subsidio pozitivista tinha-se tornado a origem unica em que ele pôde haurir os meios com que perfazer a anuidade de 2.000 francos, que voluntariamente tinha constituido á sua espoza, no momento em que ela se separou dele, Augusto Comte pensava que assegurando a essa mulher, depois da propria morte, a continuação desta pensão, obteria dela, em troca dessa medida, a execução das suas outras vontades, de onde a possibilidade de testar ainda, apezar do contrato inicial.

« A terceira parte do testamento, C, contem recomendações relativas á inhumação : recuza de toda entrevista ou ceremonia teologica, quer antes, quer depois do momento supremo; prohibição motivada de toda investigação anatomica, como de toda operação de embalsamamento ; dezignação do lugar de

1 Alem de uma plena comunhão de bens atuais e futuros reversiveis ao sobrevivente, a sua inexperiencia e generozidade tinhão-lhe feito consagrar legalmente uma ficção, por demais uzada em nossos dias, reconhecendo áquela com quem cazava, uma trazida de 20.000 francos, quazi vinte vezes superior á totalidade do que ela possuia. »

sepultura; indicação sobre a marcha e a compozição do cortejo funebre, do qual erão formalmente excluidos tres falsos dicipulos [1] e todo concurso individual ou coletivo dimanado da viuva ou da Escola Politecnica. Seguem-se depois algumas indicações concernentes ao enterro, á inhumação propriamente dita, e á ereção do tumulo.

« A quarta parte, secção D, refere-se ao pagamento das dividas, tanto privadas como publicas, que o fundador do pozitivismo teve que contrahir em consequencia da pobreza em que foi deixado pelos contemporaneos [2] . . .

« Quanto ás dividas publicas, rezultavão elas das despezas de impressão de diversas obras, que Augusto Comte não tinha podido ainda liquidar com o produto da venda, no momento de sua morte. Demais, nestas dividas cumpre incluir a soma não orçada destinada á publicação de um volume postumo, de que encarrega os seus testamenteiros, e que deverá conter, alem de tudo quanto restar de sua *Sinteze Subjetiva*, o seu proprio testamento, as suas preces quotidianas, as suas confissões anuais e a sua correspondencia

1 Belpaume, operario sapateiro; Leblais, literato, auxiliar de Littré; Pascal, estudante de matematica, mais tarde doutor em medicina: tres agentes de Mme. Comte e propagadores de suas calunias.— M. L.

2 As dividas particulares constavão de 1000 francos emprestados pelo Sr. Captier, a 26 de Março de 1846, e de 600 francos oferecidos por Sofia e seu marido, em 20 de Outubro de 1848. Augusto Comte mandava ajuntar a estas somas os juros de 5 por cento ao ano.—M. L.

com Clotilde de Vaux [1] e bem assim a publicação de sua correspondencia geral. [2] Enfim, a estas diversas obrigações cumpre ajuntar os encargos mais duradouros de que ficava onerado o orçamento da nova Igreja, a saber: *pensão á sua viuva*, a anuidade vitalicia á sua filha adotiva, e a conservação do seu domicilio como séde religioza do pozitivismo.

« A quinta secção, E, contem, alem de dezenvolvimentos relativos ás tres dispozições anteriores, recomendações concernentes aos compromissos tomados pelo fundador do pozitivismo de concorrer pessoalmente com 100 francos por ano para o sustento do clero catolico, logo que fosse obtida a supressão geral dos diversos orçamentos teoricos [3] . . .

« Depois destas dispozições gerais, vem a notificação dos legados particulares deixados por Augusto Comte aos diversos membros de sua familia natural ou adotiva, e bem assim a alguns de seus

1 Este volume só foi publicado em 1884, e já conta segunda edição (1896).— M. L.

2 Este volume geral não foi até aqui organizado, mas depois da morte do Mestre tem sido publicado grande numero de correspondencias com varios: *Cartas a Stuart Mill, a Valat, a Congreve, a Hutton, a Fisher, a A. Ellis, a H. Edger, a Etex*, etc.; alem de grande numero de cartas insertas pelo Sr. Laffitte em sua *Revue Occidentale*, e das que forão incluidas por Littré em seu nefando livro.— M. L.

3 Seguindo o exemplo e as recomendações do nosso Mestre, tambem nós oferecemos um modesto tributo anual para o sustento do nosso clero catolico após a separação da Igreja do Estado em nossa Patria. Mas o prelado que então regia a dioceze da Capital Federal agradeceu e recuzou a oferta, sem declinar, porem, os motivos por que não a aceitava. (V.a minha *Duodecima Circular Anual*, relativa a 1892). — M. L.

dicipulos. Lega o seu busto a seu respeitavel pai; o seu retrato litografado a Mlle. Alice Comte, sua irman; lega entre outros á sua filha adotiva Mme. Sofia Thomas o retrato de Mme. de Vaux, a quem ele nesta ocazião chama *a nossa Clotilde*; enfim, ele deixa livros ou objetos consagrados pelo seu uzo pessoal aos seus dicipulos mais intimos. Salvo estes desvios especiais, tudo quanto no momento de sua morte fôr encontrado em seu domicilio, moveis, livros quadros, cartas. manuscritos, etc., pertencem aos seus sucessores sacerdotais, e devem ser ahi conservados a expensas da Igreja pozitivista. Facil é sentir quanto o carater social destas dispozições aumentava o valor e obrigava ao respeito da sua herança!

« A sexta secção do testamento, F, encerra recomendações tendo relação com os interesses publicos do pozitivismo e a sua direção geral. Oferece algumas indicações relativas á compozição do novo sacerdocio; contem a nomeação de um sucessor perpetuo como prezidente da Sociedade pozitivista; enfim, algumas dispozições relativas á formação do *Comitê Ocidental* e a algumas outras funções publicas.

« No ultimo paragrafo, G, o testador rezume, sob o ponto de vista filozofico e moral, a natureza e o conjunto das emoções sucitadas nele pela realização deste ato supremo que o dispõe a abordar melhor a sua grande elaboração final, a *Sinteze Subjetiva.*

« Começado no domingo 21 de Frederico de 67

(25 de Novembro de 1855), o testamento de Augusto Comte, inteiramente escrito pelo seu punho, foi terminado no jovedia 11 de Bichat (13 de Dezembro de 1855), assinado por ele como fundador da Religião da Humanidade e revestido do seu selo sacerdotal.

« As *adições*, todas posteriores a esta data, forão escritas a medida que novas indicações se oferecião. Quatro são relativas a outros legados particulares; duas encerrão modificações secundarias; uma outra exclûi ainda do prestito funebre um falso dicipulo, [1] já privado de toda comparticipação no subsidio sacerdotal; enfim, as duas ultimas expõe: uma, um projeto tendente a assegurar aos executores testamenteiros a propriedade das obras de Augusto Comte; a outra, um incidente que deu lugar ás explicações que ele entendeu dever fornecer, no domingo 20 de Moizés de 68 (20 de Janeiro de 1856) sobre os seus infortunios domesticos e sobre o ostracismo de que foi objeto por parte dos academicos.

« As *peças justificativas* do Testamento são cartas relativas aos dois assuntos precedentes; juntamente com a *nota secreta*, elas fornecem para aqueles que disso houverem mistér, todos os elementos da justificação de Augusto Comte.

« Tal é o conjunto deste testamento que, nas circunstancias dificeis em que foi composto, atesta em seu autor tanta sabiduria quanta justiça e

1 Celestin de Blignières, de quem falaremos adiante.— M. L.

Fac-similes dos sinetes uzados por Augusto Comte.

Indicação para achar-se, no Cemiterio do Padre Lachaise de Paris, os tumulos sagrados do pozitivismo.

magnanimidade.» (Dr. Robinet, *loc. cit.*, p. 255).

Indicando o conteudo da sexta secção, F, vimos que o Dr. Robinet assim enumera os diversos assuntos ahi tratados: 1°, Indicações relativas á compozição do novo sacerdocio; 2°, Nomeação de um sucessor perpetuo para a prezidencia da Sociedade Pozitivista; 3°, Dezignações relativas á formação do Comitê Ocidental; 4°, Dezignações relativas a outras funções publicas.

Convem oferecer aqui mais pormenores sobre estes quatro pontos:

1. Alude aos Srs. Laffitte e Florez, como podendo desde já lhes ser atribuida uma anuidade vitalicia proveniente do subsidio pozitivista; ao primeiro, de carater sacerdotal; ao segundo, apostolica. Lembra em seguida as provas enciclopedicas a que deverão ser submetidos os sacerdotes e vigarios (sete tézes impressas sobre as sete siencias fundamentais). E conquanto atualmente só julgue capazes desta candidatura aos Srs. Laffitte e Papot, parece-lhe que breve os Srs. Audiffrent e Foley poderão pretendê-la. Declara depois que si os Srs. Robinet e Bazalgette (medicos) lh'o pedissem, ele não hezitaria em dispensá-los da téze matematica e mesmo das tres seguintes (astronomica, fizica, e chimica). Enfim, considera o Sr. Fisher como um digno aspirante ao sacerdocio. [1]

1 O Sr. Fisher morreu moço, sem realizar as esperanças do nosso Mestre.

2. Nomeia para sucedê-lo perpetuamente na prezidencia da Sociedade Pozitivista a Fabien Magnin, operario marceneiro, que de fato assumiu esse cargo depois da morte de Augusto Comte, transferindo-o, em 1880, ao Sr. Finance, que, como já vimos, renunciou-o depois em beneficio do Sr. Laffitte. Magnin faleceu em 1884.

3. O *Comitê Ocidental*, ideado já por Augusto Comte ao terminar o seu *Curso de Filozofia Pozitiva*, devia ser uma corporação consultiva, destinada a auxiliar o sumo-pontifice na instalação geral do pozitivismo. Compôr-se-ia de reprezentantes da França e das outras nações ocidentais, em numero proporcional á importancia de cada um destes elementos. Até o momento em que escreve o seu testamento só tinha encontrado apenas um terço dos membros que esse comitê deve contar, e erão: os Srs. Laffitte, Magnin, Hadery, Deullin e Lonchampt, pela França; o Conde de Stirum, pela Holanda; J. S. Florez, pela Espanha; o Barão de Ribbentrop, pela Prussia; enfim, os Srs. R. Congreve, H. Edger e J. Fisher, pela Inglaterra.

4. As funções publicas a que se refere aqui o nosso Mestre são o governo da França. Augusto Comte, em previzão de morte prematura, indica ao ditador francez a formação, em tempo oportuno, da ditadura pozitivista, correspondente á terceira faze da tranzição organica, com os seguintes membros:

Magnin, governador das Finanças, Hadery, governador do Interior, e Deullin, governador do Exterior.

Vimos que Augusto Comte escolheu para prezidente dos seus testamenteiros ao Sr. P. Laffitte. Eis as proprias palavras do Mestre: « Entre os meus executores testamenteiros, escolho para reprezentar o conjunto deles e prezidir as operações coletivas, ao Sr. Laffitte, com quem estou, desde o ano 1844, em intimidade continua. Conquanto as eminentes qualidades do seu coração e do seu espirito *se achem alteradas pela insuficiencia do seu carater*, espero que ele será, em virtude de sua digna preparação, o primeiro dicipulo a quem conferirei o sacerdocio da Humanidade.» Isto foi escrito em 1855, e, como se acaba de verificar, o nosso Mestre não faz a este propozito nenhuma aluzão quanto á eventualidade de ser sucedido por esse dicipulo. Entretanto, essa esperança ele a havia abrigado anteriormente, como o patenteia o seguinte topico de sua *Confissão Anual* de 27 de Maio de 1850: « Pouco tempo depois da nossa ultima conversação, uma feliz correspondencia permitiu-me esperar enfim um verdadeiro sucessor no mais eminente dos meus jovens dicipulos, honrado já com a minha confiança pessoal, e ao qual devi o anuncio espontaneo de nossa santa comunhão de ataude. Si bem que a sua energia seja insuficiente, ele reune por tal fórma todas as outras condições

essenciais, que eu conto com a sua digna substituição num meio tornado menos hostil, em que o seu espirito e o seu coração concorrem aliás em fazer-lhe cultivar suficientemente as qualidades que lhe faltão.»

Mas já no ano seguinte, esta esperança estava dissipada: «Durante esse mesmo mez, escreve o nosso Mestre na *Confissão Anual* de 1851, tive finalmente que retirar as esperanças prematuras que eu te exprimia sobre a futura transformação do meu joven amigo em meu digno sucessor. A insuficiencia que eu te anunciava no seu carater é realmente assás profunda para lhe interdizer similhante porvir, apezar do eminente concurso do seu coração com o seu espirito. Receio que esta unica lacuna fundamental o retenha sempre entre os apostolos vulgares, si bem que ele reconheça lealmente a sua falta de energia e talvez de perseverança.»

Á vista disto não devemos, portanto, estranhar que Augusto Comte, ao escrever mais tarde o seu Testamento, não cogitasse desse dicipulo para seu sucessor. Mas vimos que nesse documento o nosso Mestre ainda formava um elevado conceito do seu espirito e do seu coração. Hoje, porem, sabemos que Augusto Comte acabou por dezenganar-se de todo do Sr. Laffitte, exprimindo-se assim a seu respeito, nos seus ultimos dias, segundo o testemunho do Dr. Audiffrent: «Destituido de veneração e de iniciativa,

ele nunca passará de um *diletante*, tendo escaçamente a energia bastante para ganhar a sua vida.»

Morto o nosso Mestre, o seu testamento não foi aceito por sua viuva que, associada a Littré, requereu aos tribunais francezes a sua anulação como denotando estar louco o seu autor. Mas, antes de decidir-se o pleito, fazendo valer os seus direitos legais, fez leilão do espolio de Augusto Comte, sendo tudo resgatado pelos seus dicipulos, que assim conseguírão conservar o santo domicilio tal como o nosso Mestre o deixara. O processo movido por Mme. Comte só teve andamento em 1870 e todo este intervalo de tempo (13 anos!) foi ativamente empregado pelo par Carolina Massin-Littré em preparar a opinião publica, e, portanto, a sentença da justiça franceza, no sentido que dezejavão. Foi então que o afamado dicionarista publicou o seu infame livro sobre, ou antes, contra Augusto Comte, livro hoje julgado como merece por todos, incluzive os inimigos do nosso Mestre. Tais esforços, apezar de incessantes, forão baldados: os tribunais francezes reconhecêrão valido o testamento no que ele não feria os direitos da viuva, e declarárão que nele não havia indicios de ser obra de um louco. Os documentos relativos a este processo achão-se hoje publicados, [1] e a historia desta perseguição postuma, que não tem outra que se lhe compare no pa-

1 V. as Circulares Anuais do Sr. Laffitte (de 1858 a 1871), e a *Revue Occidentale*, ns. 4 e 5 de 1895.

ssado, tem sido escrita mais de uma vez, por amigos e adversarios. [1]

57. p. 162 (*No mez de Novembro de 1856 publicou o primeiro tomo dessa terceira obra* (a Sinteze Subjetiva) *consagrado á logica*)

« A *Sinteze Subjetiva*, ou sistema das concepções proprias ao estado normal da Humanidade, é o ultimo esforço da ação filozofica deste grande homem. Rezultante de todos os trabalhos anteriores, este novo tratado foi começado pelo fundador da religião universal nas dispozições especiais em que o colocara a instituição recente de seu testamento. E é de alguma sorte do seio do tumulo que ele devia formular para a posteridade os seus ultimos pensamentos sobre o exercicio normal e definitivo da vida humana. Esta obra final, cuja promessa fôra feita no opusculo inicial de 1822 e depois renovada na concluzão do *Curso de filozofia pozitiva*, devia comprehender tres trabalhos sucessivos intimamente ligados entre si: o *Sistema de logica pozitiva*, ou Tratado de filozofia matematica; o *Sistema de moral pozitiva*, ou Tratado da educação universal; o *Sistema de industria pozitiva*, ou Tratado da ação total da Humanidade sobre o planeta...

« Este nobre voto não foi realizado, pois que

1 V. a obra já citada do Dr. Robinet, 2ª e 3ª edições, e o livro do Sr. Poëy: *M. Littré et Auguste Comte*. Paris, 1879.

uma morte para sempre deploravel feriu o filozofo no momento em que ia abordar o Tratado de moral pozitiva. O primeiro tomo da *Sinteze Subjetiva* foi, pois, o unico terminadc.» (Dr. Robinet, *loc. cit.*, p. 259)

O primeiro termo da *Sinteze Subjetiva* foi dedicado, como já foi dito, a Daniel Encontre. Esta obra acha-se atualmente esgotada, e póde-se dizer que foi o Brazil que consumiu quazi toda a edição, graças á propagação desse livro em nossa patria sob o impulso dos cursos matematicos do Sr. Teixeira Mendes.

A introdução e concluzão forão traduzidas separadamente, em inglez, pelo Sr. R. Congreve.

O segundo termo da *Sinteze Subjetiva*, ou Tratado de moral, devia constar de dois tomos versando respetivamente sobre a moral teorica e a moral pratica. Esta obra, de que apenas ficou o plano manuscrito, [1] seria dedicada á egregia Mãi do Fundador.

Do terceiro termo da *Sinteze Subjetiva*, ou Tratado de industria pozitiva, nada ficou, salvo algumas indicações gerais e um tocante projeto de dedicatoria ao digno industrial que Augusto Comte costumava chamar o *grande Ternaux*.

Terminado este imenso labor, era intenção do nosso Mestre escrever a sua biografia e a de sua eterna companheira, e finalmente um poema da Humanidade, em treze cantos.

1 V. o livro já citado do Dr. Robinet, p. 49 e 50, 3ª edição.

58. p. 163. *(Um dos dicipulos sobre o qual o Fundador perzistia em fundar grandes esperanças . . . descomediu-se ao ponto de não reconhecer mais a autoridade do Mestre)*

Este infeliz foi o Sr. Celestino de Blignières, que ainda existe. Tendo escrito uma pretendida *Expozição abreviada e popular da filozofia e da religião pozitivas* (Paris, 1857), foi esta reprovada pelo nosso Mestre, o que provocou da parte do autor uma revolta tão insolente quanto estulta. Numa carta que dirigiu ao nosso Mestre, por essa ocazião, ouzou dizer-lhe: «Vós preferirieis que o pozitivismo ficasse, durante a vossa vida, obscuro e ignorado, a que ele se torne conhecido por outra pena que não seja a vossa.»

Este dolorozo incidente determinou uma grave perturbação na saude do Fundador, que acabava de ser profundamente abalado pela morte do senador Vieillard. Que a revolta do Sr. Blignières provocou a molestia de Augusto Comte, não póde ser posto em duvida, pois temos a esse respeito, o proprio testemunho deste: «Devido á ignobil conduta de um falso dicipulo, diz ele em uma carta ao Sr. Congreve, a minha molestia me proporciona uma compensação precioza, manifestando os sentimentos de dedicação e veneração que até aqui tinhão ficado latentes nos melhores pozitivistas, aos quais não falta assim sinão uma fraternidade mutua maior». (Ultima carta, de 28 de Dante de 69 (12 de Agosto de 1857).

As dispozições irreverentes e hostis de Blignières erão, porem, anteriores á publicação do seu condenado livro, e devidas á influencia da camarilha Littré, como o constata o nosso Mestre em uma de suas cartas a Hutton (p. 109).

A propozito deste cazo o nosso Mestre escrevia o seguinte ao Sr. Congreve : « Segundo a triste experiencia recentemente realizada, o publico de elite deve de hoje em diante conservar-se de alcatéia contra a hipocrizia pozitivista, cujo surto vai tornar-se breve iminente. Os necios são os unicos hoje que se deixão iludir pela hipocrizia teologica (ou *cant*), e mesmo, pelo menos em França, pela hipocrizia metafizica, pois que os doutores em nivelamento têm sido demaziado experimentados para que possão tornar a encontrar sucessos serios. Não é assím com a hipocrizia pozitivista, fundada na nova giria sentimental e religioza que a sinteze universal ha de acreditar em breve ; vós sabeis com que deploravel facilidade os mais vulgares *roués* podem já falá-la sem ser imediatamente desmascarados. » (Carta de 22 de Carlos Magno de 69).

59. p. 165. (*Nas proximidades do momento supremo, ele comprazia-se em voltar-se para as mais longinquas recordações da sua infancia e da sua cidade natal*)

A copia mss. que possuimos acrecenta aqui o

seguinte : « Durante a convalecencia do Mestre, ouzei propôr-lhe passar algum tempo no campo, em caza de minha mãi, em Chartrettes, perto de Melun. — « Obrigado, disse-me Augusto Comte, com efuzão, obrigado, meu caro dicipulo, mas a minha vida é austera ; todos os meus instantes devem ser consagrados ao acabamento da minha obra ».

A mesma coiza dizia o nosso Mestre em sua ultima carta a Mr. Henry Hutton : « Quanto ás banais recomendações de viagens e estadas no campo, já transmiti ao Sr. Robinet as explicações especiais que me impõe uma lei escrupuloza de não deixar nunca Paris até a inteira terminação de minha *Sinteze subjetiva* ».

60. p. 165. (*No entanto todo perigo iminente parecia afastado, qnando, a 5 de Setembro de 1857, uma nova crize o arrebatou de subito*)

Convalecente ainda do abalo fizico produzido pela morte de Vieillard, achava-se o nosso Mestre em via de restabelecimento, mas num grau extremo de fraqueza. Foi nestas condições, a 13 de Junho, que teve lugar a agressão brutal do Sr. Blignières, que o feriu mortalmente.

Augusto Comte instituiu ele proprio o regimen perfeitamente adaptado aos seus incomodos. Em meiado de Julho, estava bastante melhor, limitando

-se a uma alimentação puramente lactea. Inesperadamente, a 26 de Julho, teve um vomito sanguineo consideravel, depois do qual o doente sentiu-se muito aliviado ; não experimentando em seguida sinão uma grande fraqueza, atribuivel á prolongada dieta, ele julgou esta crize como salutar. Esforçou-se por ir reparando gradualmente as forças perdidas, mas sem empregar ao mesmo tempo nenhuma medicação ativa. Aparentemente, a melhoria era sensivel, mas desde os ultimos dias de Julho suspeitou-se a formação de um derramamento serozo abdominal, e dahi por diante o ventre e as partes inferiores do corpo infiltrárão-se sucessivamente, até que uma nova hemorragia gastrica poz um termo a tantos sofrimentos.

O Dr. Robinet, cujas palavras não fizemos sinão rezumir, discute longamente a molestia do nosso Mestre, e refutando a opinião de outros (Littré e consocios) que sustentavão que Augusto Comte tinha sucumbido a um cancro nas vias digestivas, [1] conclûi deste modo:

« Augusto Comte sucumbiu, pois, ás consequencias de uma molestia aguda, que tudo autoriza a considerar, na origem, como uma itericia idiopatica ou essencial, afecção primeiro cerebral, e logo depois corporal, e finalmente incuravel, em virtude das

1 Estes amigos de Blignières preferião atribuir a morte de Augusto Comte a uma afecção organica para libertar aquele de sua tremenda resdonsabilidade.— M. L.

dispozições anteriores do doente.» E este estado, segundo ele, determinou a formação de uma ulcera simples (ulcus rotondum) do estomago, a qual deve ser considerada, não como a molestia originaria, mas como uma consequencia dela. Em abono de sua opinião, o Dr. Robinet transcreve, nas peças justificativas do seu livro, a resposta do cirurgião Cruveilhier a uma consulta sua sobre a molestia do nosso Mestre.

E depois de rebater as imputações atiradas contra os medicos ouvidos pelo nosso Mestre, o Dr. Robinet prosegue:

«Mas pouco é ter reduzido similhantes imputações; devo sobretudo insistir sobre a elevada iniciativa que tomou Augusto Comte conservando a direção geral do seu tratamento. A grandeza de similhante rezolução devia, com efeito, escapar a homens excluzivamente preocupados de encontrar em sua conduta motivos de vituperio ou de ridiculo, e não era a eles que competia assinalar essa grandeza á atenção publica.

« Aqui, como em tudo o mais, o fundador do pozitivismo quiz fornecer um tipo da conduta humana regenerada, um exemplo antecipado da existencia moral. Coube-lhe, por conseguinte, nesta grave conjuntura aplicar corajozamente, por sua conta e risco, as regras morais que hão de prevalecer no futuro.

Sob este novo ponto de vista, a molestia sendo sempre individual, e não concordando suficientemente com os tipos abstratos construidos pela razão teorica, o doente permanece o melhor juiz de sua situação. É o que formulou o nosso Mestre, durante a sua molestia, neste importante aforismo: *A medicina aprezenta um vicio logico essencial, pois que está reduzida a recorrer a processos gerais em cazos especiais.* Portanto, todo doente que possûi os conhecimentos biologicos indispensaveis, si conserva, no meio de sua perturbação patologica, a sua inteligencia e a sua energia, deve sempre poder instituir ele proprio o conjunto do tratamento que lhe convem, fornecer as indicações principais de seu mal e não recorrer ao medico propriamente dito sinão para obter informações mais exatas sobre o valor dos sintomas, ou sobre o emprego particular dos meios. Foi o que fez Augusto Comte: conservou até o fim a instituição, a superintendencia e a *responsabilidade* do seu tratamento, e só pediu conselhos medicos para precizar a significação de certas manifestações patologicas ou de algumas aplicações terapeuticas. [1]

Que conduta mais firme, mais digna, mais conforme aos seus principios, e ao mesmo tempo mais prudente e mais avizada, podia ele ter? Ninguem contestará, creio eu, a competencia biologica do autor

1 Em uma de suas cartas a D. Nizia Brazileira, Augusto Comte fundamenta esta sua conduta.— M. L.

da teoria pozitiva da natureza humana? Ninguem contestará tambem a sua lucidez constante e a sua inquebrantavel energia durante a longa molestia que o levou ao tumulo? O que havia então de mais racional e acertado do que a sua recuza de recorrer ao empirismo medico tão frequentemente incapaz de justificar as suas prescrições, e ao qual, cumpre reconhecê-lo, os revezes não faltão? Em que peze, pois, ás sucetibilidades pedantescas, libertando-se desta ultima tutela provizoria, como já se libertara da teologia, da metafizica, e mesmo da siencia, isto é, *conservando de cada uma delas tudo quanto podia ser incorporado ao pozitivismo*, Augusto Comte procedeu normalmente e como um verdadeiro mestre!... Deverião vê-lo de preferencia abdicar, nesta circunstancia suprema, o seu genio, a sua coragem, para entregar tremente a estranhos, talvez incompetentes, o cuidado de sua existencia ameaçada?...

« Si, no correr de toda a sua vida, o fundador do pozitivismo tinha patenteado a mais constante energia, o exemplo que ele deu durante a sua ultima provação veio coroar dignamente a sua carreira. Por todo o tempo que separou as duas hematemezes, isto é, de 26 de Julho a 4 e 5 de Setembro, periodo tão cheio de sofrimentos, ele patenteou uma paciencia e uma força d'alma incomparaveis. Tambem então pôde mostrar-se em toda a sua extensão o carinho da familia proletaria que se tinha votado á sua

assistencia domestica, e cujo devotamento atingiu nesta ocazião a mais tocante e viva expressão.

« Convencido da necessidade de seus ultimos trabalhos, Augusto Comte queria viver ainda, não para ele mas para outrem, para os contemporaneos e para os decendentes, para terminar a *Sinteze subjetiva* e sobretudo o Tratado de Moral, enfim para assegurar mais vigorozamente a ação da nova doutrina pela escolha e instalação de seu sucessor religiozo. Nada de tão grande como a luta que ele sustentou então; e deve-se admitir, como ficou dito, que foi essa força de vontade que lhe permitiu rezistir por tanto tempo. Dominando a dôr, insensivel a todos os achaques, julgando com sangue frio o perigo da situação, ele pôde ficar impassivel diante da morte, cheio de serenidade moral, de vigor intelectual, de confiança e de firmeza. Tais forão o seu heroismo e a sua fé, até o momento em que uma segunda hematemeze veio anunciar-lhe que lhe cumpria recolher-se e deixar a vida. Esta mascula intrepidez, esta completa abnegação pessoal, proporcionárão aos seus ultimos momentos uma paz profunda, que nunca consentiu que a sua grande alma fraqueasse sob o pezo das fatalidades corporais.

« Nos ultimos dias de Agosto, e mesmo no começo de Setembro, o estado de Augusto Comte tinha ficado estacionario, as forças fizicas, ecitadas, supridas pela sua energia moral, parecião reanimar

-se; e conquanto a infiltração progredisse nas partes inferiores, o apetite e as digestões se mantinhão ainda. O doente não guardava mais o leito, mesmo á noite, preferindo extender-se num canapé. O seu sono era raro, entrecortado, e a locomoção ainda mais dificil. Augusto Comte passava a vida em alternativas de descanço acordado e de lenta deambulação pelo seu apozento. Repartia o tempo entre as suas meditações habituais, a sua correspondencia intima e suas vizitas familiares; entretinha-se amiudo com a sua filha adotiva e seu ecelente marido, cuja assistencia se lhe tornava cada vez mais indispensavel; enfim, ele encontrava nas expansões do seu culto privado o alivio e o repouzo. Eu o vizitava tanto quanto m'o permitião o meu afastamento [1] e as exigencias de minha profissão, e a lembrança de nossa ultima conversação não se apagará jamais.

« Por ocazião de nossa entrevista anterior, tendo ele percebido que eu não participava de sua firmeza, convidara-me a desvendar-lhe o fundo de meu pensamento sobre a sua situação, e a coragem faltou-me para formular similhante confissão em sua prezença. Respondi, pois, de um modo evazivo; mas sentindo logo depois a gravidade de similhante dissimulação, escrevi-lhe, com toda a cautela possivel, dizendo-lhe quanto a sua pozição me parecia atualmente dezesperada. »

1 O Dr. Robinet rezidia então em La-Ferté-sous-Jouarre.—M. L.

Desta carta, da qual o Dr. Robinet só transcreve em seguida ao que fica dito o trecho final, trouxe-nos uma copia o Sr. Teixeira Mendes, dada pelo proprio autor. Ei-la:

Meu caro e venerado Pai.

Não tendo tido a coragem de vos dizer hontem tudo quanto eu pensava, devo vô-lo escrever hoje.

Dignai-vos perdoar-me, em primeiro lugar, o profundo dezacordo que reina entre nós quanto ao julgamento de vosso estado atual; como a vossa salvação poderia talvez depender disso, não devo hezitar mais tempo em vô-lo confessar.

Não! meu caro e bem amado Mestre, eu não posso, apezar da autoridade de vossa palavra, apezar dos ardentes dezejos de meu coração, persuadir-me que entrais em convalecença, nem que a vossa situação tenha deixado de oferecer gravidade.

A minha inteligencia é bem fraca, certamente, para julgar similhantes fenomenos, e a insuficiencia das teorias medicas quazi que não permite apreciar um organismo tão elevado como o vosso; mas os conhecimentos, mesmo empiricos, que posso ter, aumentão-me todos os dias o temor de que a vossa incomparavel coragem não vos deixe numa fatal segurança.

Ah! existem dezordens vegetativas que a alma mais poderoza não póde dissipar, e temo que não percais um tempo preciozo confiando a vossa cura unicamente aos cuidados higienicos.

A exalação seroza (quer seja devida á simples fraqueza dos solidos e ao depauperamento dos liquidos, ou a qualquer engorgitamento viceral que põe obstaculo a circulação venoza do abdomen) faz em vós progressos

alarmantes: o edema torna-se anazarca; o ventre acha -se distendido ao ponto de recalcar o diafragma e de dificultar a respiração; em breve uma puncção será talvez o unico meio de vos aliviar, si não houver nenhuma evacuação provocada ou espontanea....

Conjuro-vos, ó nobre e preciozo mortal, em nome da Humanidade, que espera de vós os mais eminentes serviços; em nome de todos os que vos amão e vos venerão como o maior e o mais augusto dentre os homens, reconhecei o perigo em que estais e aceitai as medidas de salvação que todos vos propõe.

É indispensavel, urgente, que um pratico eminente vele pela vossa conservação, que ele siga diariamente o estado do mal e lhe dê o remedio em tempo oportuno. Aquele que Blainville considerava como o mais adiantado, seria sem duvida tambem o mais capaz de cortar o nó de uma situação que nos enche de dôr e pavor.

Perdoai, caro e venerado Mestre, um passo tão ouzado: mas não acredito que seja conveniente enganar um doente tal como vós. Este triste expediente, recurso das almas fracas, é indigno dos grandes corações; e si, cada mortal, antes de restituir á terra os seus orgãos corporais, deve se recolher religiozamente e rezumir no canto do cisne uma existencia que termina, quanto este grande pensamento da morte não deverá ser familiar e estar prezente ás meditações diarias do filozofo e do sacerdote, para quem a passagem para a imortalidade deve ser ainda um ato de dedicação e de ensino social.

Adeus, meu caro e augusto Pai, que esta carta vos pareça o que ela é no meu pensamento mais intimo: o cumprimento de um dolorozo dever.

Respeito e dedicação.

(*Assinado*): ROBINET.

La-Ferté-sous-Jouarre, 31 de Agosto de 1857.

Retomemos agora a narrativa do Dr. Robinet onde a deixamos:

« Quando me aproximei dele, Augusto Comte falou-me desta carta, que de modo algum o havia abalado. Exprobrou-me paternalmente a *minha fraqueza*, e lembrou-me que medicamente ele havia feito tudo o que era razoavel para afastar a morte; ao passo que, pelo seu testamento, tinha providenciado, no que dependia dele, sobre as consequencias de similhante acontecimento; que á vista disto cumpria esperar com calma o desfecho natural de uma luta muito aflitiva, é verdade, mas da qual não dezesperara ainda de triunfar. Falou-me em seguida de uma entrevista muito recente que a sua longanimidade habitual não pudera recuzar ás instancias de Littré, e disse-me todo o desgosto que lhe cauzara essa lamentavel vizita. Atravez das admoestações, objeções e criticas que tinhão enchido a conversação deste, ele sentira a profunda animozidade, o odio que esse ex-dicipulo nutria contra ele, e rezolvera nunca mais tornar a vê-lo.

« Deixando então as preocupações do prezente, a sua confabulação dirigiu-se para as esperanças do futuro; falou-me do grande trabalho que estava terminando e dos projetos por ele concebidos para apressar o advento do pozitivismo. Em seguida, abandonando o ardor habitual de suas expansões familiares,

ergueu a conversação ás mais altas regiões da ação religioza, contemplando em nossos decendentes regenerados tudo quanto o seu genio havia imaginado para a grandeza e melhoramento do homem. Tal o tinha eu visto nos seus maiores dias, no tempo de suas predicas filozoficas do Palais-Cardinal, no fogo de suas mais nobres aspirações, tal eu o revia então. O ardor e a magestade de sua alma inflamavão o seu olhar, transfiguravão-lhe os traços e a voz! Em vez de um moribundo, eu tinha diante de mim o fundador do pozitivismo tão cheio de grandeza e força como eu o pudera ter encontrado em qualquer outra circunstancia. Com um sentimento indizivel de entuziasmo e de dôr, de confiança e de dezespero, beijei respeitozamente suas mãos emagrecidas; era a ultima vez que eu devia ouvir a sua palavra!... Retirei-me atonito, com o coração despedaçado, pelo espetaculo de sua decadencia fizica, exaltado pelo poder de sua natureza moral, hezitando entre a realidade corporal e o explendor cerebral. Sem duvida, eu não esperava mais que o seu organismo exhausto pudesse triunfar das dezordens que o minavão, mas deixei-me dominar pelo pensamento que uma alma tão poderoza talvez pudesse sustentar algum tempo ainda os seus instrumentos debilitados.

«O dia 4 de Setembro foi passavel. Augusto Comte pôde tomar algumas dispozições de administração domestica, e regular a sua despeza com a ordem

carateristica que ele introduzia em tudo. Mas na refeição da tarde o apetite faltou, o doente experimentava um mal-estar geral, não costumado, tristeza e presentimentos involuntarios; viu-se obrigado a recuzar o alimento e a deitar-se no seu leito de repouzo. Ás nove horas da noite a dezordem aumentou e aprezentou todos os sinais de uma hemorragia interna. Com efeito, Augusto Comte tendo-se levantado para procurar algum alivio, expeliu logo pela boca uma pequena porção de sangue. Este fato mergulhou na consternação a familia proletaria que, noite e dia, velava sobre ele. Esta quiz logo mandar-me chamar, mas o nosso Mestre, por um deploravel ecesso de altruismo, e para evitar todo incomodo, preferiu que se esperasse o dia.

«Ás quatro horas da manhan, sentindo-se melhor, exigiu que os *seus filhos*, que tanto tempo havia que quazi não dormião, fossem descançar um pouco. Retirárão-se, mas velárão junto da porta do apozento em vez de se irem deitar. Pelas cinco horas da manhan, tendo eles ouvido um ruido, entrárão e encontrárão o seu caro doente extendido sem forças e sem movimeoto junto do altar de seu culto privado. Quando oferecia á sua nobre padroeira os ultimos atos de sua gratidão, o melhor e o mais profundo de seu coração, tinha sido surprehendido e derrubado por um novo vomito sanguineo.

«— O Sr. Robinet tinha razão, meus filhos

« (murmurou ele com voz extinta), é precizo avizá « -lo: mas fazei-o de modo a não assustá-lo.»

« Em seguida mandou que o deitassem ao longo de um tapete, com a cabeça reclinada sobre um travesseiro, diante do canapé onde passara a maior parte de sua molestia; e, dezejando recolher-se, pediu aos seus filhos que se afastassem, fazendo-se amarrar ao braço o cordão de uma campainha, afim de chamar si fosse necessario. Ás sete horas chamou para pedir um pouco d'agua: — « Eis ahi, disse ele a Sofia, como ficarei no tumulo.» Permaneceu sem esforço na mesma atitude até o meio-dia, fazendo-se então levar para a cama, afim de ahi esperar estoicamente pela morte. Como recuzasse ser carregado, e seu quarto ficasse bastante afastado, esta translação foi longa e dificil, tão peado e desfalecido se achava! «Como estou fraco, meus filhos!» forão as unicas palavras que ele pronunciou.

« Depois de se ter deitado, teve um pouco de agitação, alguns movimentos automaticos; pediu de beber amiudo e exprimiu varias vezes o pezar de não me ver chegar. Enfim, pelas tres horas, quiz falar ao Sr. Lonchampt; o nosso confrade tinha vindo já pela manhan, e me preveniu imediatamente pelo telegrafo. A fatalidade, porem, quiz que eu estivesse auzente de caza por motivo do meu serviço profissional, e este impedimento deixar-me-á eterna magua...

«Quando o Sr. Lonchampt voltou, erão quatro horas: Augusto Comte achava-se mergulhado num abatimento do qual só sahia, por intervalos, para lançar um olhar extinto sobre o ramalhete de flores artificiais, obra e mimo de Clotilde de Vaux, colocado em frente ao seu leito. Este sinal de vida foi o ultimo! Privados do seu ecitante normal, todas as funções desse grande organismo ião extinguir-se uma a uma, lenta e socegadamente: as mais elevadas primeiro, os sentidos, o movimento, o pensamento, a afeição; depois as mais elementares, as que servem de baze indispensavel aos nossos melhores atributos.

«Quando cheguei, o doente acabava de cahir num sopôr profundo. O seu olhar era fixo, a sua fizionomia calma e imponente: um sorrizo de rezignação e da paz interior animava ainda o seu rosto, misturando-se, porem, a esse sorrizo uma cruciante expressão de pezar! A imobilidade da morte apoderara-se dele. A respiração muito irregular, era apenas sensivel; o pulso, intermitente e mesquinho, anunciava o desfecho da luta. Os filhos adotivos de Augusto Comte, assistidos pelo Sr. Lonchampt, velavão em silencio á sua cabeceira; esperavão o seu *acordar!* Tive que desvanecer essa ultima iluzão e espedaçar esses corações tão profundamente afeiçoados ao melhor e ao maior dos homens, anunciando que essa calma enganadora não era sinão uma irrevo-

gavel agonia, o preludio inexoravel da morte! Palavras crueis e cujo efeito completo só poderão comprehender aqueles que perdêrão os seus entes mais caros. Nós confundiamos a nossa dôr, as nossas lagrimas e soluços á cabeceira do pai bem-amado, quando os gritos dilacerantes da infeliz Sofia anunciárão que o fundador da Religião da Humanidade acabava de dar o seu ultimo suspiro (sabado, 5 de Setembro de 1857, ás seis horas e meia da tarde).

« Passou-se a noite nas mais tristes emoções, a velar junto do leito funebre, a tomar as medidas exigidas pelo fatal acontecimento. Os dias 6 e 7 de Setembro forão empregados em preparativos funerarios, sob a direção do Sr. Lonchampt, e da maneira mais conforme ás recomendações do finado. O seu corpo, que até então ficara no seu leito mortuario, foi respeitozamente prezervado de toda investigação anatomica, como de toda operação de embalsamamento, e só foi envolvido no sudario e encerrado no ataúde quando os progressos da decompozição atestárão de modo absoluto a morte. [1] Aqueles dentre os dicipulos de Augusto Comte que tinhão vindo reunir-se aos seus filhos adotivos para velar perto do corpo, efetuárão com eles este piedozo dever.

1 O nosso Mestre, em seu testamento, recomendou que o seu corpo permanecesse no leito, como o de um simples doente, até que a putrefação, « unico sinal certo de morte », fosse pronunciada. — M. L.

«Em obediencia ao voto que ele havia formulado para o cazo em que não pudesse obter a comunhão de sepultura [1], o que ele considerava como a sua melhor recompensa, o fundador do pozitivismo foi colocado no seu feretro com a mão direita sobre o coração, segurando nela a medalha que Clotilde de Vaux lhe havia oferecido, guarnecida de seus cabelos, chamando-a de *don de coração.*

«Na falta do ataúde conjugal, um simples cenotafio, com a inscrição seguinte: *Clotilde de Vaux, eterna companheira de Augusto Comte, nacida a 3 de Abril de1815, em Paris, e falecida a* 5 *de Abril de 1846, em Paris*, foi colocado no caixão com outro emblema consagrando um voto filial e uma saudade bem tocante, assim expressos: *Á digna mãi de Augusto Comte, Rozalia Boyer, nacida a 28 de Janeiro de 1764, em Jonquières (Hérault), e falecida a 3 de Março de 1837, em Montpellier.*

« Os funerais tiverão lugar no dia 8 de Setembro: eles forão o que devião ser, simples, tocantes, respeitozos. Devido ao afastamento da maior parte dos pozitivistas (alguns entretanto tinhão acudido de bem longe) o cortejo foi pouco numerozo. Alguns vizinhos e convidados reunírão-se aos dicipulos propriamente ditos e marchavão nesta ordem: Srs. Fabien Magnin, Augusto Hadery, Martin Thomas e Robinet; seguião-se os executores testamenteiros,

1 Com Clotilde de Vaux.— M. L.

depois os membros da Sociedade Pozitivista, e enfim os assistentes estranhos. Algumas senhoras [1] acompanhavão, no carro de luto, [2] a filha adotiva de Augusto Comte, e partilhavão a sua dôr.

« O prestito dirigiu-se para o cemiterio do Padre Lachaise, escolhido pelo nosso Mestre como lugar de sepultura ; e, segundo o seu voto, ao passar pela rua de Santo Antonio, deteve-se alguns instantes diante da igreja de S. Paulo para consagrar uma piedoza lembrança. [3] No campo santo, o corpo foi depozitado numa cripta provizoria, onde devia esperar o tumulo definitivo. No meio da emoção geral, algumas palavras de pezar e de glorificação forão pronunciadas, [4] e os dicipulos do fundador da religião universal se dispersárão depois de terem deposto sobre o seu tumulo e o de sua eterna companheira a homenagem funebre da veneração que lhes votavão. » (Dr. Robinet, *loc. cit.*, p. 276).

1 Estas senhoras reduzião-se a uma irman de Sofia, a Mme. Robinet e á nossa compatriota D. Nizia Brazileira. (Informação prestada pelo Sr. Paulo Thomas ao Sr. Teixeira Mendes, e confirmada de antemão, na parte que diz respeito a D. Nizia, por uma carta desta a seu filho, e cujo original possuimos.— M. L.

2 Em Paris os enterros são geralmente acompanhados a pé, salvo as senhoras da familia do finado que costumão ir numas carruagens especiais, todas guarnecidas exteriormente de preto, chamadas « voitures de deuil ».— M. L.

3 Já vimos que foi neste templo que, a 28 de Agosto de 1845, Augusto Comte e Clotilde de Vaux forão padrinhos do filho primogenito de Maximiliano Marie.— M. L.

4 Pelo Dr. Robinet, que as reproduziu no seu livro biografico.— M. L.

ERRATA

Antes de ler, corrigir, entre outros, os erros seguintes:

p. 11,	linha 10,	em vez de	*afastada*	ler *afastado*
p. 16,	» 19,	» » »	*armas*	» *alunos*
p. 69,	» 2,	» » »	*dezapareceu*	» *desvaneceu-se*
p. 97,	» 11,	» » »	*oito*	» *vinte*
p. 98,	» 23,	» » »	*nossas*	» *suas*
p. 112,	» 26,	» » »	*Rankes*	» *Raikes*
p. 135,	» 18,	» » »	*ao*	» *aos*
p. 135,	» 19,	» » »	*grande*	» *grandes*
p. 135,	» 19,	» » »	*problema*	» *problemas*
p. 138,	» 17,	» » »	*publica*	» *interior*
p. 147,	» 26,	» » »	*descançava*	» *descançavão*
p. 196,	» 11,	» » »	*1712*	» *1777*
p. 301,	» 4,	acrecentar depois das aspas: (Dr. Robinet, *loc. cit.* p. 245)		

Em alguns exemplares restabelecer, á pagina 328, do seguinte modo, a fraze alhi citada de Blignières a Augusto Comte: «Vós preferirieis que o pozitivismo ficasse, durante a vossa vida, obscuro e ignorado, a que ele se torne conhecido por outra pena que não seja a vossa».

Lonchampt

Epitome da vida e dos escritos de Augusto Comte